

BESTSELLER
INTERNACIONAL

ELOISA JAMES

O Beijo Encantado

*Ela não acredita em contos de fadas...
nem em felizes para sempre*

· ROMANCE ·

Star Books Digital



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Créditos

A presente obra é disponibilizada por [Star Books Digital](#), com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Digitalização

Star Books Digital

The logo for Star Books Digital features the text "Star Books Digital" in a large, bold, black serif font. Below the text, there is a stylized graphic element consisting of a teal-colored bracket-like shape that curves upwards at both ends, with a small purple square and a small pink square positioned to its right.

Este livro é dedicado à memória de minha mãe, Carol Bly. Ela não se interessava muito pelo gênero do romance — ou era o que dizia. Mas liamos, a mim e à minha irmã, contos de fadas, muitas, muitas vezes, fascinando-nos com príncipes que entravam de rompante montados em corcéis brancos e princesas cujo cabelo louro se transformava em escadas. Ofereceu-me os meus primeiros exemplares de Ana dos Cabelos Ruivos, Mulherzinhas e Orgulho e Preconceito. Em suma, mãe, a culpa é toda sua!

“Uma das luzes mais brilhantes do nosso gênero.
A sua escrita é verdadeiramente magnífica.”

Teresa Medeiros

“Escreve com uma cativante mistura de
charme, estilo e graça,
que deixa sempre a leitora a suspirar
e a sorrir e a apaixonar-se.”

Julia Quinn

“Um romance que brilha com a
deliciosa sensualidade
e o humor travesso de Eloisa James.”

Chicago Tribune

Prólogo

Era uma vez, não assim há muito tempo...

Esta história começa com uma carruagem que nunca foi uma abóbora, embora fugisse à meia-noite; uma madrinha que perdeu o rasto da sua pupila, embora não tivesse varinha de condão, e várias pretensas ratazanas que secretamente teriam gostado de andar de libré.

E, claro, também há uma menina, embora não soubesse dançar nem quisesse casar com um príncipe.

Mas, na verdade, começa com as ratazanas.

Andavam incontroláveis; toda a gente o dizia. Mrs. Swallow, a governanta, arreliaava-se regularmente por causa disso.

— Não suporto a maneira como essas pestezinhas roem um par de sapatos quando uma pessoa não olhando — disse ela ao mordomo, uma boa alma que dá pelo nome de Mr. Cherryderry.

— Compreendo muito bem o que dizendo — respondeu-lhe ele com uma veemência na voz que era raro ela ouvir.

— Não as suporto. Aqueles focinhos espetados e aquele latir de noite e...

— A maneira como elas comem! — interrompeu Mrs. Swallow.
— Da mesa, dos próprios pratos!

— É mesmo dos pratos — disse-lhe Cherryderry. — Vi com os meus próprios olhos, Mistress Swallow, vi, pois! Da mão da própria Mistress Daltry!

O gritinho de Mrs. Swallow podia ter sido ouvido na sala de estar... Só que as ratazanas estavam fazendo tal algazarra que ninguém nessa sala poderia ouvir o que quer que fosse.

Casa Yarrow,

Residência de Mrs. Mariana Daltry, da sua filha Victoria, e de Miss Katherine Daltry.

Miss Katherine Daltry, conhecida praticamente por toda a gente como Kate, desceu do cavalo a ferver de raiva.

Deve dizer-se que esse estado não lhe era estranho. Antes de o pai morrer, sete anos atrás, sentia-se por vezes irritada com a nova madrasta. Mas só depois de ele ter partido e de a nova Mrs. Daltry — que mantivera esse apelido durante uns escassos meses — começar a dar ordens é que Kate aprendeu realmente o significado de raiva.

A raiva estava a ver os arrendatários da propriedade a serem obrigados a pagar a renda a dobrar, ou a deixar as casas em que tinham vivido toda a sua vida. A raiva estava a ver as colheitas a definharem e as sebes a crescerem demais porque a madrasta dava com relutância o dinheiro necessário para manter a propriedade. A raiva estava a ver o dinheiro do pai a ser esbanjado em vestidos e chapéus novos e coisas supérfluas... Tantas que a madrasta e a meia-irmã não arranjavam dias suficientes no ano para usá-las todas.

Raiva.

Eram os olhares compadecidos que recebia de conhecidos que já não a encontravam ao jantar. Era a ser relegada para um quarto no sótão, com móveis decadentes que anunciavam o valor relativo que ela tinha entre os residentes na casa. Era a aversão por você própria pelo fato de não conseguir abandonar a casa e resignar-se com isso. Era raiva alimentada por humilhação e desespero e pela certeza absoluta de que o pai devia estar a dar voltas no túmulo.

Subiu pesadamente as escadas da frente arregaçando as mangas para a batalha, como o pai teria dito.

— Olá, Cherryderry — disse ela, quando o seu querido velho mordomo abriu a porta. — Agora faz de lacaio?

— Ela Própria mandou os lacaios a Londres chamar um médico — disse Cherryderry. — Para ser exato, dois médicos.

— Esta tendo uma crise, não?

Kate tirou as luvas com muito cuidado uma vez que o cabedal estava a separar-se do forro em volta do pulso. Houvera tempos em que podia realmente ter-se interrogado se a madrastra (conhecida entre o pessoal como Ela Própria) fingia estar doente, mas agora já não. Não, depois de tantos anos de alarmes falsos e vozes a gritarem a meio da noite sobre ataques... Que em geral acabavam por ser indigestão.

Embora, como Cherryderry comentara uma vez, uma pessoa possa ter esperança.

— Desta vez não se trata de Ela Própria. É do rosto de Miss Victoria, acho eu.

— A dentada?

Ele acenou com a cabeça.

— Fazendo descair o lábio, disse-nos a criada dela esta manhã. Também tem um inchaço nesse sítio.

Apesar de se sentir amarga, Kate teve um acesso de compaixão. A pobre Victoria não tinha muito a seu favor para além de um rosto bonita e de vestidos ainda mais bonitos; o coração da sua meia-irmã ficaria despedaçado se ela ficasse desfigurada para sempre.

— Tenho de falar com Ela Própria sobre a mulher do vigário — disse ela, entregando a peliça a Cherryderry. — Ou melhor, sobre a mulher do antigo vigário. Depois da morte dele, mudei a família para a casa mais afastada.

— Caso infeliz — disse o mordomo. — Especialmente num vigário. Parece que um vigário não devia pôr termo à vida.

— Deixou-a com quatro filhos — disse Kate.

— Repare bem, não é fácil para um homem ultrapassar a perda de um membro.

— Bem, agora os filhos têm de ultrapassar a perda dele — disse ela com frieza. — Já para não mencionar o fato de a minha madraستا ter mandado ontem uma ordem de despejo à viúva.

Cherryderry franziu a sobrancelha.

— Ela Própria diz que a menina tem de ir jantar com elas esta noite.

Kate parou a meio da escada.

— Ela disse o quê?

— Que a menina tem de ir jantar com elas hoje à noite. E Lorde Dimsdale vem jantar.

— Deve estar a brincar, Cherryderry.

Mas o mordomo abanou a cabeça.

— Ela disse isso. E mais, concluiu que as ratazanas de Miss Victoria também têm de ir, mas por qualquer razão exilou-as para o quarto da menina.

Kate fechou os olhos por um momento. Um dia que tinha começado mal só estava a piorar. Detestava a matilha dos cãesinhos da meia-irmã, afetuosamente, ou não tão afetuosamente, conhecidos por toda a gente como as ratazanas. Também detestava Algernon Bennett, Lorde Dimsdale, o noivo da meia-irmã. Sorria com demasiada facilidade. E odiava ainda mais a ideia de se sentar a jantar em família.

Em geral, conseguia esquecer-se de que em tempos fora a dona da casa. Afinal, a mãe tinha estado acamada anos a fio antes de morrer e doente durante a maior parte da vida de Kate, que crescera sentando-se em frente do pai à mesa da sala de jantar, tratando das ementas com Mrs. Swallow, a governanta... Tinha esperado debutar, e casar, e criar os seus filhos precisamente nesta casa.

Mas isso fora antes de o pai morrer e de ela se tornar uma

criada para todo o serviço, vivendo nas águas-furtadas.

E agora tinha de ir jantar, com um vestido fora de moda, e aturar os gracejos dengosos de Lorde Dimsdale? Por quê?

Correu pela escada acima com um pressentimento revoltante no estômago. A madrasta de Kate estava sentada ao toucador, examinando a tez. A luz do entardecer batia-lhe no ombro, iluminando lhe o cabelo. Tinha um brilho, aquele cabelo, uma tonalidade de um amarelo feroz como se os fios do cabelo fossem feitos de minerais.

Vestia um roupão com um corpete pregueado de rede lilás, apanhado sob os seios com uma fita que descia até ao chão. Era encantador... Para uma debutante.

Mas Mariana não suportava o fato de já não estar na casa dos trinta. Na verdade, nunca aceitara realmente a perda dos vinte. E por isso vestia-se de modo a criar uma aproximação de Mariana-nos-Vinte. Havia, porém, uma coisa que tinha de dizer-se a favor da madrasta de Kate. Tinha uma coragem temerária, uma espécie de desrespeito feroz pelas convenções que regiam o envelhecer das mulheres.

Mas, evidentemente, se o vestuário de Mariana era a expressão exterior da sua ambição, era também o refúgio dos falhados, pois até então nenhuma mulher na casa dos quarenta conseguira parecer ter vinte anos e um vestido deliciosamente sensual não podia restituir a juventude.

— Deduzo que terminaste as tuas andanças entre os teus amigos e te deste ao trabalho de vir para casa — comentou Mariana num tom ácido.

Kate deu uma olhadela em torno do boudoir da madrasta e decidiu tirar um pilha de roupa de cima daquilo que, quase tinha a certeza, era um banco. O quarto estava atulhado com montes de algodões leves e sedas ornadas de lantejoulas; encontravam-se atirados em pilhas por cima das cadeiras. Ou pelo menos se

presumia que eram cadeiras.

O quarto parecia uma paisagem de neve pastel com montanhas macias de tecido aqui e ali.

— Que estás fazendo? — perguntou à madrastra quando Kate levantou os vestidos.

— A sentar-me — respondeu Kate, deixando cair à roupa no chão.

A madrastra deu um salto, largando um guincho.

— Não trates os meus vestidos dessa maneira, menina estúpida! Os de cima foram entregues apenas há um ou dois dias e são esplendorosos. Obrigó-te a passar a noite a engomá-los se tiverem a mais pequena ruga, mesmo a mais ínfima.

— Eu não engomo — disse Kate. — Lembra-se? Pus uma marca de queimadura num vestido há três anos.

— Ah, a seda crua persa! — gritou a madrastra, juntando as mãos com força como uma Lady Macbeth ameninada. — Tenho-a guardada... Ali. — Apontou com um dedo comprido para um canto onde um monte altíssimo de tecido estava a meio caminho do teto. — Hei de mandar modificá-lo um destes dias.

Recostou-se confortavelmente.

Com cuidado, Kate afastou um pouco o montão de vestidos aos seus pés.

— Tenho de lhe falar sobre os Crabtrees.

— Meu Deus; espero que tenhas conseguido correr com essa mulher pela porta fora

— disse Mariana, acendendo uma cigarrilha. — Sabes, o maldito do advogado vem aqui na próxima semana para avaliar o modo como estou a administrar a propriedade. Se ele vê aquela imundície de cabana, nunca mais se cala. No último trimestre fartou-se de arengar até eu pensar que ia morrer de aborrecimento.

— É de a sua responsabilidade manter as casas em bom estado

de conservação — disse Kate, levantando-se para abrir uma janela.

Mariana brandiu a cigarrilha desdenhosamente.

— Disparate. Essa gente vive nas minhas terras praticamente a troco de nada. O mínimo que pode fazer é manter as casas em bom estado. Essa Crabtree vive numa pocilga. Passei por lá outro dia e fiquei positivamente horrorizada.

Kate sentou-se e deixou os olhos vaguearem pelo quarto. Uma pocilga de quarto. Mas pouco depois compreendeu que Mariana não reparara no seu insulto silencioso, visto que abrira um frasquinho e estava a pintar os lábios de um tom de cobre escuro.

— Desde que o marido morreu — disse Kate -, Mistress Crabtree está exausta e receosa. A casa não é uma pocilga; está simplesmente desorganizada. Não pode despejá-la. Ela não tem para onde ir.

— Disparate — respondeu Mariana, inclinando-se mais para o espelho para examinar os lábios. — Tenho a certeza de que ela tem um refúgio bem planejado. Outro homem, muito provavelmente. Já lá vai mais de um ano desde que o Crabtree se matou; nesta altura ela já deve ter outro em vista. Vais ver.

Falar com a madrasta, na opinião de Kate, era como urinar num anexo escuro como breu. Não se conseguia imaginar o que dali podia sair, mas sabia-se que não se iria gostar.

— Isso é cruel — continuou ela, tentando proferir as palavras de modo a soarem como a voz da autoridade.

— Eles têm de se ir embora — afirmou Mariana. — Não suporto mandriões. Fiz uma viagem excepcional até ao presbitério, sabes, na manhã a seguir ao marido dela se atirar da ponte. Para apresentar as minhas condolências.

Mariana preferia evitar todas as pessoas que trabalhavam na propriedade ou na aldeia, exceto nas raras ocasiões em que desenvolvia um gosto súbito por se armar em senhora do solar. Nessas alturas, vestia um fato de passeio extravagantemente

calculado para ofender as gentes do campo, apeava-se da carruagem e decifrava nas expressões assustadas dos seus inquilinos o seu caráter indolente e néscio. Por fim, dava ordens a Kate para correr com eles das suas casas.

Felizmente, passada uma semana, mais ou menos, esquecia essa exigência.

— Essa mulher, a Crabtree, estava deitada no sofá a chorar. Os filhos por toda a sala, uma quantidade abominável de filhos, e ali estava ela, os ombros a abanar como uma má atriz. A chorar. Se calhar devia juntar-se a um teatro ambulante — sugeriu Mariana. — Ela até é atraente.

— Ela...

Mariana interrompeu.

— Não suporto mandriões. Achas que me deitei para aí a chorar depois da morte do meu primeiro marido, o coronel? Viste-me derramar uma lágrima quando o teu pai morreu, apesar de termos desfrutado apenas de uns meses de felicidade matrimonial?

Kate não vira quaisquer lágrimas, mas Mariana não precisava de confirmação da parte dela.

— Embora Mistress Crabtree possa não ter a sua força, tem quatro filhos pequenos e nós temos alguma responsabilidade em relação a eles...

— Estou entediada com o assunto e, além disso, preciso falar contigo sobre uma coisa importante. Hoje à noite, Lorde Dimsdale vem aqui jantar e tu vais juntar-te a nós. — Mariana soprou uma baforada de fumo. Parecia nevoeiro a escapar-se de um pequeno tubo de cobre.

— Foi o que disse o Cherryderry. Porquê?

Ela e a madrasta tinham, havia muito, prescindido de amenidades. Odiavam-se mutuamente e Kate não conseguia imaginar porque é que a sua presença era requerida à mesa.

— Vais conhecer os parentes do Dimsdale dentro de dias. — Mariana deu outra passa na cigarrilha. — Graças a Deus, és mais magra do que a Victoria. Podemos mandar apertar os vestidos dela com muita facilidade. Seria mais difícil se fosse ao contrário.

— Que esta dizendo? Não posso imaginar que Lorde Dimsdale tenha o mais leve interesse em comer uma refeição comigo, nem em apresentar-me aos seus parentes, e o sentimento é mútuo.

Antes de Mariana poder esclarecer o seu pedido, a porta abriu-se de par em par.

— O creme não esta funcionando — lamentou-se Victoria, correndo para a mãe. Nem sequer viu Kate, apenas caiu de joelhos e enterrou o rosto no colo da mãe.

No mesmo instante, Mariana pousou a cigarrilha e lançou os braços em redor dos ombros da filha.

— Pronto pequenina — trauteou ela. — É claro que o creme vai resultar. Só precisamos de lhe dar um pouco mais de tempo. Prometo-te, a mãe promete-te, que vai resultar. O teu rosto vai ficar tão belo como sempre. E, por via das dúvidas, mandei buscar a Londres dois dos melhores médicos.

Kate começou a sentir um ligeiro interesse pelo assunto.

— Que espécie de creme estás a usar?

Mariana lançou lhe um olhar antipático.

— Nada de que tenhas ouvido falar. E feito de pérolas esmagadas, entre outras coisas. Funciona às mil maravilhas com todos os tipos de imperfeições faciais. Eu própria o uso diariamente.

— Olha para o meu lábio, Kate! — disse Victoria, atirando a cabeça para trás. — Estou arruinada para sempre. — Os olhos cintilavam lhe das lágrimas.

O seu lábio inferior tinha realmente um aspeto assustador. Havia um estranho inchaço arroxeado em volta do local que sugeria

infecção e a boca tinha uma ligeira, mas nítida, inclinação para o lado.

Kate levantou-se e foi ver mais de perto.

— O doutor Busby já viu isto?

— Veio aqui ontem, mas ele é um velho idiota — comentou Mariana. — Não se podia esperar que compreendesse como isto é importante. Não tinha uma única poção útil ou um creme para nos dar. Nada!

Kate virou o rosto de Victoria para o lado de modo a que a luz incidisse sobre ele.

— Acho que a dentada está infetada — disse. — Tem a certeza de que este creme é higiénico?

— Estás a pôr em causa o meu bom senso? — gritou Mariana, levantando-se.

— Absolutamente — retorquiu Kate. — Se a Victoria ficar com a boca deformada porque a senhora lhe espalhou por cima um remédio de charlatão que lhe impingiram em Londres, quero que fique bem claro que a culpa é sua.

— Sua nojenta insolente! — exclamou Mariana, dando um passo em frente.

Mas Victoria estendeu um braço.

— Mãe, pare. Kate, pensas mesmo que há qualquer problema com o creme? O meu lábio está latejando horrivelmente.

Victoria era uma menina incrivelmente bonita com uma pele linda e, olhos grandes e, meigos que pareciam sempre um pouco orvalhados, como se ela tivesse acabado de derramar uma lágrima sentimental, ou estivesse quase a fazê-lo. Uma vez que ela derramava lágrimas, sentimentais ou outras, ao longo do dia, isto fazia sentido. Agora duas lágrimas rolavam lhe pelo rosto abaixo.

— Acho que deves ter uma infecção dentro da ferida — explicou Kate, franzindo a sobrancelha. — O teu lábio sarou depressa, mas...

— Pressionou suavemente e Victoria deu um grito. — Vai ter de ser lancetado.

— Nunca! — rosnou Mariana.

— Não posso permitir que me corte o rosto — disse Victoria, tremendo dos pés à cabeça.

— Mas não queres ficar com uma deformação — disse Kate, treinando a voz para que parecesse paciente.

Victoria pestanejou ao pensar nisso.

— Nada vai acontecer até os médicos de Londres chegar — declarou Mariana, sentando-se. Tinha um entusiasmo selvático por qualquer pessoa, e qualquer coisa, de Londres. Kate suspeitava que isso foses o resultado de uma infância passada no campo, mas, uma vez que Mariana nunca deixava escapar uma única alusão ao seu passado, era difícil ter a certeza.

— Bem, esperemos que eles cheguem depressa — desejou Kate, interrogando-se se um lábio infetado criaria qualquer risco de infecção no sangue. Provavelmente não... — Porque quer que eu vá ao vosso jantar, Mariana?

— Por causa do meu lábio, claro — disse Victoria, fungando como um porquinho.

— Por causa do teu lábio — repetiu Kate.

— Eu não posso ir fazer a visita, pois não? — acrescentou Victoria, com uma falta de clareza rostocterística, se bem que irritante.

— A sua irmã tinha de ir fazer uma visita muito importante a um membro da família de Lorde Dimsdale daqui a poucos dias — acrescentou Mariana. — Se não andasses tão ocupada a calcorrear a propriedade ouvindo as choradeiras de mulheres incapazes, lembravas-te disso. É um príncipe. Um príncipe!

Kate deixou-se cair de novo em cima do banco e olhou para as suas duas parentas. Mariana era dura e brilhante como uma moeda

nova de centavo. Pelo contrário, as feições de Victoria eram imprecisas e indistintas. Tinha o cabelo de uma cor rosada deliciosamente pálida, algo entre louro e ruivo, e insinuantemente encaracolado em torno do rosto. O cabelo de Mariana possuía a perfeição cortante de alguém cuja criada passava três horas com um ferro de frisar para conseguir exatamente o aspeto que ela queria.

— Não consigo perceber o que é que o adiamento da visita tem que ver comigo — disse Kate, — embora sinta muito a sua decepção, Victoria.

E sentia mesmo. Ainda que detestasse a madrasta, nunca sentira o mesmo ódio pela meia-irmã. Por um lado, Victoria tinha uma maneira de ser demasiado delicada para desagradar a alguém. Por outro, Kate não conseguia evitar gostar dela. Se Kate tinha recebido muitos maus tratos de Mariana, o tipo de afeto que a madrasta dispensava à filha era, na opinião de Kate, quase pior.

— Bem — disse Victoria com dificuldade, sentando-se num monte de vestidos aproximadamente da altura de um banco, — tens de ser eu. Demorei algum tempo a perceber, mas a mãe tem tudo engenhosamente planejado. E tenho a certeza de que o meu querido Algie vai concordar.

— Eu não poderia ser tu, o que quer que isso signifique — disse Kate categoricamente.

— Podes, sim — disse Mariana. Tinha terminado a sua cigarrilha e estava a acender outra na primeira. — E vais ser — acrescentou.

— Não, não vou. Ainda que não tenha a mais pequena ideia do que estão a dizer. Ser a Victoria em que contexto? E com quem?

— Com o príncipe do Dimsdale, claro! — rematou Mariana, fitando-a através de uma ténue névoa de fumo. — Não ouviste?

— Quer que finja que sou a Victoria? Em frente de um príncipe? Que príncipe?

— Ao princípio também não percebi — disse Victoria, passando

o dedo sobre o lábio ferido. — Sabes, antes de o Algie poder casar comigo, precisamos da aprovação de uns parentes dele.

— O príncipe — acrescentou Mariana.

— Ele é príncipe de um pequeno país atrás do sol-posto, é o que diz o Algie. Mas é o único representante da família da mãe do Algie que vive em Inglaterra e ela não liberta a herança dele sem a aprovação do príncipe. O testamento do pai dele — confidenciou Victoria — é terrivelmente injusto. Se o Algie casar antes dos trinta anos, sem a aprovação da mãe, perde parte da herança e ele ainda nem sequer tem vinte!

Uma cláusula muito inteligente por parte do pai Dimsdale, na opinião de Kate. Por aquilo que ela vira, Dimsdale Júnior estava tão preparado para gerir bens como as ratazanas para aprenderem música coral. Não que isso fosse da sua conta.

— Os médicos vão observar-te amanhã de manhã — disse ela a Victoria — e depois vais ver o príncipe. Como o gato a olhar para a rainha.

— Ela não pode ir assim — ripostou Mariana com aspereza. Era a primeira vez que Kate lhe ouvia aquela farpa de repugnância aplicada à filha.

Victoria virou a cabeça e olhou para a mãe, mas não disse nada.

— Claro que pode — afirmou Kate. — Isto parece um jogo de doidos. Ninguém vai acreditar, nem por um momento, que eu sou a Victoria. E, se acreditassem, não acham que mais tarde se haveriam de lembrar? Que acontece se este príncipe se levanta durante a cerimónia na igreja, alegando que a noiva não é a noiva que ele conheceu?

— Isso não vai acontecer porque, quanto mais não seja, a Victoria vai casar logo a seguir, com uma licença paroquial — explicou Mariana. — Esta é a primeira vez que o Dimsdale é convidado para o castelo e não podemos perder a oportunidade. Sua Majestade vai organizar um baile para celebrar o seu noivado e

tu irás como Victoria.

— Porque não adiam a vossa visita e vão depois do baile?

— Porque eu tenho de me casar — disse Victoria abruptamente.

O coração de Kate caiu-lhe aos pés.

— Tens de te casar?

Victoria acenou com a cabeça. Kate olhou para a madrasta, que encolheu os ombros.

— Ela está comprometida. Há três meses.

— Por amor de Cristo — exclamou Kate. — Você mal conheces o Dimsdale, Victoria!

— Eu amo o Algie — disse Victoria, os seus grandes olhos honestos. — Eu nem sequer quis debutar, depois de tê-lo visto na Abadia de Westminster naquele domingo de março, mas a mãe obrigou-me.

— Março — comentou Kate. — Conheceste-o em março e estamos em junho. Diz-me que o querido Algie te propôs casamento, oh, digamos, há três meses, logo depois de te teres apaixonado, e tu guardaste segredo?

Victoria deu uma risadinha.

— Sabes exatamente quando ele me propôs casamento, Kate! Foste a primeira pessoa a quem contei depois da mãe. Foi só há duas semanas.

As rugas entre o nariz e a boca de Mariana não conseguiam ser disfarçadas por um creme milagroso feito de pérolas esmagadas.

— O Dimsdale tardou ligeiramente nas suas atenções.

— Não tardou nas suas atenções — comentou Kate. — Parece ter sido extraordinariamente precoce nesse aspeto.

Mariana lançou lhe um olhar de desagrado.

— Lorde Dimsdale, muito convenientemente, propôs-lhe casamento depois de compreender a situação.

— Eu, se fosse a você, matava esse homem — sugeriu Kate.

— Matavas? — Esboçou um sorriso estranho. — Sempre foste idiota. O visconde tem um título e uma fortuna aconchegante mal lhe deite a mão. Está completamente apaixonado pela sua irmã e está determinado a casar com ela.

— Afortunado — comentou Kate. Olhou para trás, para Victoria. Ela estava constantemente a tocar no lábio ao de leve. — Disse-lhe que contratasse uma dama de companhia, Mariana. Ela podia ter arranjado quem quisesse.

Mariana voltou-se novamente para o espelho sem um comentário. Na verdade, provavelmente Victoria não era para um homem qualquer. Era demasiado delicada, demasiado semelhante a um pudim empapado. Chorava demasiado.

Embora fosse incrivelmente bonita e, ao que parece fértil. A fertilidade era sempre uma coisa boa numa mulher. Bastava ver como o seu próprio pai tinha desesperado com a falta de um filho. A incapacidade da mãe para ter mais filhos conduziu, aparentemente, ao casamento dele apenas duas semanas depois da morte da mulher... Devia estar extremamente ansioso por começar uma nova família.

Presumivelmente, pensou que Mariana era tão fértil como a filha provava agora ser. De qualquer modo, morreu antes de testar a premissa.

— Então, pedindo que visite o príncipe e finja ser a Victoria — disse Kate.

— Não estou a pedir-te — disse Mariana imediatamente. — Estou a mandar-te.

— Oh, mãe — exclamou Victoria. — Por favor, Kate. Por favor. Eu quero casar com o Algie. E, na realidade, preciso mesmo de... Eu não percebi e, bem... — Alisou o vestido. — Não quero que toda a gente saiba do bebê. E o Algie também não.

Claro que Victoria não tinha percebido que trazia no ventre

uma criança. Já seria uma surpresa para Kate se a meia-irmã tivesse compreendido o ato da concepção, quanto mais as consequências dele!

— Está a pedir-me — disse Kate à madrasta, ignorando Victoria temporariamente. — Porque, embora pudesse obrigar-me a entrar na carruagem com Lorde Dimsdale, não poderia certamente controlar o que eu diria quando encontrasse o príncipe. Mariana arreganhou os dentes, ameaçadora.

— Mais relevante ainda — continuou Kate — é o fato de a Victoria ter feito apenas há uns meses uma apresentação à sociedade que foi muito notada. Seguramente as pessoas que estavam no baile devem ter falado com ela... Ou pelo menos devem tê-la visto?

— É por isso que eu te mando a você e não a qualquer menina que pudesse encontrar na rua — disse Mariana com a sua habitual cortesia.

— Vais ter os meus cãezinhos contigo — disse Victoria. — Eles tornaram-me famosa, por isso toda a gente vai pensar que tu és eu. — E depois, como se tivesse acabado de se lembrar, outra grande lágrima rolou pelo rosto abaixo. — Embora a mãe diga que eu tenho de me desfazer deles.

— Ao que parece, estão no meu quarto — comentou Kate.

— Agora são teus — disse Mariana. — Pelo menos para a visita. Depois disso... — Interrompeu lançando um olhar à filha. — Damo-los a órfãos que os mereçam.

— As pobres criancinhas hão de gostar deles — disse Victoria vagamente, ignorando o fato de os ditos órfãos poderem não gostar de ser mordidos pelos seus novos animais de estimação.

— Quem iria comigo como dama de companhia? — perguntou Kate, pondo de lado, temporariamente, a questão das ratazanas de Victoria.

— Não precisas de nenhuma — concluiu Mariana com uma

farpa de desprezo —, do modo como andas para aí no campo, sozinha.

— Pena não ter a Victoria comigo — retorquiu Kate. — Teria assegurado que o Dimsdale não a tratava como uma vulgar rameira.

— Oh, suponho que preservaste a sua virtude — disse Mariana com aspereza. — Que te faça bom proveito. Não precisas de te preocupar com o fato de o Dimsdale ter atacado esse ativo poeirento; ele está apaixonado pela Victoria.

— Está sim — disse Victoria, a fungar. — E eu também o amo. — Rolou outra lágrima pelo rosto abaixo.

Kate suspirou.

— Se eu fingir que sou a Victoria vai ser um escândalo se aparecer numa carruagem sozinha com o Dimsdale, e o escândalo não fica ligado a mim, mas à Victoria. Em suma, ninguém ficará surpreendido quando o filho dela aparecer num prazo abreviado depois do casamento.

Houve um momento de silêncio.

— Muito bem — disse Mariana. — Eu acompanharia a Victoria, claro, mas não posso deixá-la, dado o seu precário estado de saúde. Podes levar a Rosalie contigo.

— Uma criada? Dá-me uma criada como dama de companhia?

— Qual é o problema? — perguntou Mariana. — Ela pode sentar-se entre vocês para o caso de tu perderes a cabeça e te atirares ao Lorde Dimsdale. Também terás a criada das ratazanas, claro.

— Os cães da Victoria têm uma criada para eles?

— A Mary Lá de Baixo — disse Victoria. — Ela limpa os fogões de sala, mas também lhes dá banho todos os dias e escova-os. Os animais de estimação — acrescentou Victoria

— são uma responsabilidade.

— Não vou levar a Mary comigo — afirmou Kate. — Como

diabo é que espera que Mistress Swallow se avenha sem ela?

Mariana limitou-se a encolher os ombros.

— Isto não vai resultar — afirmou Kate, tentando desviar a conversa para qualquer direção mais sensata. — Nós nem sequer somos parecidas.

— É claro que são! — disse Mariana com aspereza.

— Não, de fato não somos — confirmou Victoria. — Eu... Bem, pareço-me comigo e com a Kate, bem... — Atrapalhou-se e parou.

— O que a Victoria esta tentando dizer é que é extraordinariamente bela — disse Kate, sentindo o coração como uma pedrinha no peito — e eu não. Junte isso ao fato de sermos meias-irmãs ligadas apenas pelo casamento e não há mais semelhança entre nós do que entre quaisquer duas mulheres inglesas vistas juntas.

— Têm a mesma cor de cabelo — disse Mariana, dando uma passa na cigarrilha.

— Temos? — perguntou Victoria, duvidosa.

Na realidade, Mariana tinha provavelmente razão. Mas o cabelo de Victoria estava cortado em lindos caracóis à volta da cabeça, num estilo mais moderno, e preso com uma fita delicada. Kate escovava o dela de manhã, enrolava-o e prendia-o, liso, à cabeça. Não tinha tempo para toaletes meticulosas. Mais precisamente, não tinha tempo para quaisquer toaletes.

— Está louca — disse Kate, olhando para a madrasta. — Não pode fazer-me passar pela sua filha.

Agora, Victoria estava a franzir a sobrancelha.

— Acho que ela tem razão, mãe. Eu não estava a pensar.

Mariana tinha um tipo de olhar firme que Kate sabia, devido a uma longa experiência, que indicava verdadeira cólera. Mas, por uma vez, ficou bastante perplexa relativamente ao motivo.

— A Kate é mais alta do que eu — disse Victoria, contando

pelos dedos. — Tem o cabelo um pouco mais amarelado, já para não dizer mais comprido, e nós não temos, de modo nenhum, a mesma aparência. Mesmo que ela vestisse a minha roupa...

— Ela é sua irmã — disse Mariana, a boca apertada, como se a boquilha de cobre tivesse sido achatada.

— É minha meia-irmã — corrigiu Kate pacientemente. — O fato de a Mariana ter casado com o meu pai não faz de nós parentes de sangue, e o seu primeiro marido...

— Ela é sua irmã.

Castelo Pomeroy Lancashire

— Vossa Alteza.

O príncipe em questão, cujo nome próprio era Gabriel Albrecht-Frederick William von Aschenberg de Warl-Marburg-Baalsfeld, ergueu os olhos e viu o seu mordomo, Berwick, com uma salva na mão.

— Tenho este unguentário feito em pedaços, Wick. Diz lá depressa.

— Unguentário — disse Wick com desagrado. — Faz lembrar um objeto salaz que se poderia comprar em Paris. Na parte imprópria de Paris — acrescentou.

— Poupa-me com os teus trocadilhos — respondeu Gabriel.

— Este frasco especial foi feito para os mortos, não para os vivos. Continha seis pequenos ossos para jogar o jogo das pedrinhas e foi encontrado na sepultura de uma criança.

Wick inclinou-se e fitou os pedaços de barro espalhados em cima da secretária.

— Onde estão os ossos?

— O ossudo do Biggitstiff deitou-os fora. De fato, também deitou fora este frasquinho, uma vez que a criança era pobre e ele só está interessado em pilhar os túmulos de reis. Estou a tentar ver se consigo perceber como é que a tampa, que eu não tenho, estava posta. Acho que havia rebites de bronze presos a estas duas peças. — Apontou. — E os rebites foram consertados pelo menos uma vez antes de o unguentário ter sido posto no túmulo, vês?

Wick olhou para os pedaços.

— Precisa ser consertado outra vez. Porque te estás a ralar?

— Os pais desta criança não tiveram nada para lhe dar para levar para o mundo dos mortos a não ser estes ossos — explicou Gabriel, pegando na lupa. — Porque é que essa prenda não deve ser honrada da mesma maneira que o ouro vistoso de que o Biggitstiff anda a procura?

— Chegou uma mensagem da delegação da princesa Tatiana — informou Wick, aparentemente aceitando o édito de Gabriel em relação aos ossos. — Está agora na Bélgica e vai chegar à data prevista. Recebemos umas duzentas confirmações para o baile do teu noivado, entre as quais a do teu sobrinho, Algernon Bennett, Lorde Dimsdale. Na verdade, o visconde vai chegar antes do baile, segundo parece.

— Traz o Velo de Ouro? — O sobrinho de Gabriel, de quem ele se lembrava vagamente como um rapaz de rabo gordo, tinha ficado noivo de uma das herdeiras mais ricas de Inglaterra.

— Sua Senhoria vem acompanhado da noiva, Miss Victoria Daltry — disse Wick, olhando para as suas notas.

— É difícil acreditar que o Dimsdale possa ter ganhado um prémio desses; se calhar ela tem sardas ou é estrábica — deduziu Gabriel, alinhando cuidadosamente os pedaços de barro para poder determinar de onde saíam os rebites.

Wick abanou a cabeça.

— Na sua apresentação à sociedade, esta primavera, Miss Daltry foi considerada uma das mulheres mais belas no mercado de matrimónios. — Estavam em Inglaterra há questão de meses, mas ele já tinha um bom domínio dos mexericos relevantes entre a aristocracia. — A adoração dela pelo noivo foi também universalmente notada — acrescentou.

— Ela não me conhece — disse Gabriel indolentemente. — Se calhar devia surripiá-la antes de a minha noiva chegar. Um Velo de Ouro inglês em troca de um russo. O meu inglês é muito melhor que o meu russo.

Wick não disse uma palavra, apenas olhou lentamente do cabelo de Gabriel até aos seus pés. Gabriel sabia o que Wick estava a ver. Cabelo preto puxado para trás a partir do bico de viúva, sobrancelhas que se reduziam a pontos sobre os olhos de um modo que assustava algumas mulheres, a sombra de uma barba que parecia nunca desaparecer.

Algo na sua expressão afugentava as mulheres delicadas, as que pensavam acariciar e enrolar o cabelo dele em volta dos dedos depois do sexo.

— Claro que podias tentar — comentou Wick. — Mas espero que estejas muito ocupado a tentar cativar a sua própria noiva.

Não foi o seu melhor insulto, mas foi bastante bom.

— Pões isso nuns termos que parece que a Tatiana vai fugir a sete pés quando me puser à vista em cima.

Gabriel sabia muito bem que o brilho de ferocidade dos seus olhos assustava as senhoras que estavam mais habituadas a cães de colo. Mas, apesar disso, ainda tinha de conhecer a mulher cujos olhos não revelassem uma ligeira abertura, uma centelha de felicidade, perante a perspectiva de conhecer um príncipe. Gostavam de ter essa experiência, de conhecer um príncipe.

No entanto, esta era a primeira vez que tentaria cativar uma esposa e não uma amante. Tinha de se presumir que as mulheres levavam esse assunto mais a sério do que uma ida para a cama ocasional.

Soou-lhe uma maldição na cabeça, mas morreu antes de lhe chegar aos lábios. Virou-se para o frasquinho que estava à sua frente.

Casa Yarrow

Houve um momento de silêncio gélido na sala, como o silêncio que se segue a um tiro de espingarda quando os caçadores estão na floresta.

Victoria não disse nada. Kate observou os seus olhos meigos, atordoados, e viu que a afirmação da mãe lhe passara a voar sobre a cabeça.

— A Victoria é minha irmã — repetiu Kate.

— Sim, portanto, raios partam, bem podes lá ir e garantir que o casamento dela se realize antes de ficar destruída. Porque ela é sua irmã.

Uma palpitaçãozinha de alívio correu através das veias de Kate. Ela deve ter percebido mal, ela...

— Ela é sua meia-irmã, mas irmã de sangue — esclareceu Mariana, a voz a ranger.

— Mas... Ela tem... — Kate virou-se para Victoria. — Que idade tens?

— Você sabe a minha idade — disse Victoria, fungando um pouco enquanto esfregava o lábio inferior. — Sou quase exatamente cinco anos mais nova que tu.

— Tens dezoito — afirmou Kate. Tinha o coração a bater com força dentro do peito.

— O que faz de você uma madurona de vinte e três anos — comentou Mariana, divertida. — Ou talvez vinte e quatro. Na sua idade, é fácil esquecer.

— O seu marido, o coronel...

Mariana encolheu os ombros.

Kate deu consigo com dificuldade em respirar. Parecia-lhe que a sua vida toda estava a desenrolarem-se à sua frente, todas as perguntas que nunca soubera que tinha parfazendo. O choque quando o pai chegara a casa, apenas duas semanas depois do funeral da mãe, e dissera que estava a planejar casar-se com uma licença especial.

A mãe de cama todos aqueles anos, e o pai enfiando a cabeça no quarto, de vez em quando, para dizer coisas alegres e lançar beijos na sua direção, mas sem nunca se sentar ao lado da mulher.

Porque aparentemente tinha andado a esgueirar-se para se sentar com Mariana.

— Sinto que está escapando me qualquer coisa — disse Victoria, olhando de uma para a outra. — Vais chorar Kate?

Kate retraiu-se. Nunca tinha chorado desde o funeral do pai.

— Claro que não! — respondeu asperamente.

Houve outro baque de silêncio no quarto.

— Porque não faz as honras? — perguntou Kate por fim, olhando para a madrasta.

— Estou ansiosa por saber os pormenores.

— Os pormenores não são da sua conta — declarou Mariana. Depois se voltou para Victoria. — Ouve querida, lembras-te que nós nos encontrávamos com o adorável Victor mesmo antes de virmos viver para esta casa?

Victor? Kate nunca imaginara, nem por momentos, que o nome do pai tivesse qualquer ligação com o da meia-irmã.

— Sim — concordou Victoria. — Encontrávamo-nos com ele.

— Isso acontecia porque a sua mãe era amante dele — disse Kate. — Deduzo que ele visitou a vossa casa pelo menos onze anos antes de a minha mãe morrer. Havia mesmo um coronel? A Victoria é filha ilegítima? — perguntou a Mariana.

— Isso não interessa — afirmou Mariana friamente. — Eu posso

sustentá-la.

Kate sabia-o. O seu adorado, louco, pai deixara tudo à mulher... E Mariana transformara-o num doce dote para Victoria e queria lá saber se a propriedade precisava do dinheiro. Agora era tudo de Victoria.

Que não só estava grávida como era ilegítima. Uma pessoa era levada a pensar que o coronel, o suposto primeiro marido de Mariana, nunca tinha existido.

Mariana levantou-se e apagou a cigarrilha num prato a transbordar de pontas meio fumadas.

— Estou incrivelmente chocada pelo fato de vocês as duas não terem saltado a abraçar-se num exagero de entusiasmo de meninas. Mas, uma vez que não o fizeram, eu despacho já isto. Você vai ao Castelo Pomeroy, Katherine, porque a sua irmã está grávida e precisa da aprovação do príncipe. Vestes-te como a sua irmã, levas o raio dos rafeiros contigo e vais conseguir que isto resulte.

O olhar de Mariana era duro e mais fatigado do que o habitual.

— Nesse caso, vai manter os Crabtrees na casa deles — afirmou Kate.

A madrasta encolheu os ombros. De qualquer maneira, ela estava-se nas tintas, percebeu Kate. Ela tinha atirado os Crabtrees para esta situação para o caso de o argumento das relações de sangue falhar.

— Chamei o mesmo homem que cortou o cabelo à Victoria — disse Mariana rapidamente. — Estará aqui amanhã de manhã para cortar essa podridão toda que tens na cabeça. Vêm também três costureiras. Vais precisar de vinte vestidos modificados, pelo menos.

— Vais ficar no castelo três ou quatro dias — disse Victoria.

Levantou-se e, pela primeira vez, Kate percebeu que a irmã ia realmente ter um filho. Havia algo de ligeiramente desengonçado

na maneira como se movia.

— Lamento — disse Victoria, avançando até ficar em frente da irmã.

— Não há nada que tenhas de lamentar — interpôs Mariana.

— Há, sim — insistiu ela. — Lamento que o nosso pai fosse o gênero de homem que era. Não lamento que ele tenha casado com a minha mãe, mas... Lamento tudo isto. Lamento o que deves pensar dele agora.

Kate não queria pensar no pai. Tinha tentado não pensar nele nos últimos sete anos, desde a sua morte. Era demasiado doloroso pensar no modo como ele se ria e no modo como ficava junto a lareira a contar-lhe histórias divertidas de Londres, a luz refletida do fogo a cintilar no seu copo de vinho.

E agora havia uma razão completamente nova para não pensar nele.

Retribuiu delicadamente o abraço de Victoria, depois se soltou e voltou-se para Mariana.

— Porque tenho eu de ir ao jantar logo à noite?

— Lorde Dimsdale tem certas dúvidas de que vocês as duas sejam suficientemente parecidas para enganarem alguém que possa ter conhecido a sua irmã.

— Mas o meu cabelo...

— Não é o cabelo — disse a madrasta. — Vamos enfiar-te um vestido decente e já vais ver as pareenças. A Victoria é conhecida pela sua beleza, pelos seus cães e pelos seus sapatos de vidro. Desde que não dê à sua língua grosseira, passas.

— Que diabo é um sapato de vidro? — perguntou Kate.

— Oh, são maravilhosos! — exclamou Victoria, apertando as mãos. — Fui eu que os pus na moda esta estação, Kate, e depois toda a gente começou a usá-los.

— Os teus pés são mais ou menos do mesmo tamanho — disse

Mariana. — Vão servir-te.

Kate olhou para baixo, para o seu vestido cinzento e gasto, depois levantou os olhos para a madrastra.

— Que teria feito se o meu pai tivesse vivido mais tempo? Se eu tivesse sido apresentada à sociedade quando devia ter sido e as pessoas reconhecessem a semelhança entre mim e a Victoria?

— Não me preocupe com isso — disse Mariana com um dos seus encolher de ombros.

— Porque não? Não haveria o risco de alguém nos ter visto juntas e desconfiar?

— Ela é cinco anos, mais nova que tu. Teria a mantido na escola até tu te casares.

— Eu poderia não ter agradado. Poderia não ter arranjado marido. O meu pai teria...

Um sorriso contorceu o canto dos lábios de Mariana.

— Oh, terias agradado, sim. Nunca te vês ao espelho?

Kate fitou-a. Claro que se via ao espelho. Via as suas feições perfeitamente regulares devolverem-lhe o olhar. Não via os olhos orvalhados de Victoria, nem os seus caracóis claros, nem o seu sorriso encantador, porque não tinha nada disso.

— És uma idiota chapada — disse Mariana, estendendo a mão para a cigareira e depois largando-a outra vez. — Estou a fumar demasiado, o que é inteiramente culpa tua. Por amor de Deus, enfia um vestido decente logo à noite, às oito horas. O melhor é ires ter imediatamente com a criada da Victoria; não estás bem nem para limpar a lareira com esse trapo que tens vestido.

— Mas eu não quero que o Algie veja o meu lábio assim — disse Victoria a fungar.

— Vou dar ordens ao Cherryderry para pôr um único candelabro na mesa — apaziguou a mãe. — O Dimsdale nem conseguirá ver uma ratazana se ela saltar para cima do prato à sua

frente.

Portanto, tudo voltou às ratazanas, o que foi adequado, pois foi assim que a história começou.

Kate sabia muito bem que o pessoal estava do lado dela. Não conseguiam evitá-lo; estava instilado até a medula nos melhores criados. Estavam preparados para servir damas e cavalheiros e não gente da sua própria classe. Obviamente tinham percebido que as origens de Mariana não eram finas. Por seu lado, Kate imaginara que a madrasta era filha de alguma lojista que casara com um coronel. Não pensara que ela era...

O que era.

Uma mulher perdida. A amante do pai. Uma rameira, por outras palavras.

Não admira que a pobre Victoria fique grávida. A mãe dificilmente estaria à altura de orientá-la quanto ao período fértil. Por essa razão, Kate não estava inteiramente segura de como se comportar na sociedade elegante. Tinha apenas doze anos quando a mãe ficou acamada e dezesseis quando ela acabou por morrer e o pai voltou a casar. Embora tivesse aprendido a usar os talheres, escapavam-lhe as nuances mais delicadas do comportamento no seio da sociedade elegante.

Tinha tido um ano de aprendizagem de dança, mas parecia que tudo isso acontecera numa outra vida. Não haveria regras para se falar com príncipes, por exemplo? Seria preciso sair da sala a recuar depois de falar com um? Ou essa seria uma regra que se aplicava apenas a reis e rainhas?

Encontrou a criada de Victoria, Rosalie, no quarto de vestir daquela. Anos antes, esse quarto fora designado para hóspedes, mas a dada altura Victoria tinha acumulado tantos vestidos e elas não tinham visitas — que fora transformado num guarda-vestidos.

Kate olhou em volta com certa curiosidade. O quarto estava forrado de armários de cerejeira manifestamente atulhados de

vestidos. Debruns de renda e cantos de tecido bordado saíam de gavetas meio abertas. O quarto cheirava a rosas e a linho fresco.

— O Cherryderry falou-me do jantar desta noite e de as costureiras virem amanhã — disse Rosalie — e estive a ver todos os vestidos de Miss Victoria. — Não devia ter sido tarefa fácil, dado que Victoria tinha mais metade que a mãe, embora estivessem melhor arrumados. — Acho que devia vestir este hoje à noite, uma vez que só precisa de um ou dois pontos à volta do corpete.

Pegou num vestido de seda rosa pálido. Não era particularmente decotado, mas parecia ser justo até mesmo abaixo do peito, enquanto a saia exterior era puxada para cima em cachos e folhos, revelando um interior rosa-escuro.

Kate esticou um dedo. O pai tinha morrido antes de terem começado as visitas a modistas a fim de prepararem um guarda-vestidos para a sua apresentação à sociedade.

Ela tinha passado diretamente dos pretos fúnebres para cambraias grossas que refletiam a alteração da sua posição em casa.

— Couleur de rosette — disse Rosalie energicamente. — Acho que lhe realça o cabelo às mil maravilhas. A menina não precisa de espartilho porque é muito esguia. Começou a desabotoá-la, mas Kate afastou-lhe as mãos.

— Por favor, permita que eu... — começou Rosalie. Kate abanou a cabeça.

— Eu me visto sozinha há anos, Rosalie. Podes ajudar-me a vestir esse vestido, se for preciso, mas eu própria dispo a minha roupa.

E despiu-se, não deixando nada vestido além de uma velha chemise. Na realidade, tinha uns espartilhos, mas eram demasiado desconfortáveis para usar, pois ela andava a cavalo todos os dias.

Rosalie não disse uma palavra, olhando apenas para a chemise puída e para o modo como Kate a tinha cerzido (não muito bem) e para o seu tamanho (demasiado curta).

— Mister Daltry... — disse a criada e parou.

— Dando voltas no túmulo, et cetera — concluiu Kate. — Vamos lá continuar com isto, Rosalie.

Assim, a criada começou a tirar-lhe os ganchos, estalando a língua como alguém a contar moedas.

— Nunca pensei que tivesse este cabelo todo! — disse finalmente, depois de lhe ter tirado os ganchos do cabelo e desenredado todas as madeixas.

— Não gosto de tê-lo solto, numa confusão — explicou Kate. — Atrapalha-me quando estou a trabalhar.

— Não devia trabalhar! — exclamou Rosalie. — Não está certo, nada disto, e vê-la com essa chemise que mais parece um esfregão da louça. Eu não sabia. — Pousou a escova e abriu uma gaveta funda. Lá dentro havia pilhas de chemises imaculadamente brancas.

Rosalie agarrou numa.

— Miss Victoria nem sequer vai dar por isso, não que ela se importasse, porque não é como a mãe. Gosta de chemises de seda — disse a criada, puxando bruscamente a chemise de Kate pela cabeça e atirando-a para o lado. — Eu prefiro um bom algodão, porque o suor mancha horripelantemente as de seda. Mas lá está, no final de contas, se uma mulher não se veste convenientemente até aos ossos não é uma senhora.

A chemise era guarnecida com uma renda requintada e assentou no corpo de Kate como uma nuvem translúcida.

Se o pai tivesse vivido mais tempo e se ela tivesse sido apresentada à sociedade, teria usado sempre roupa como esta e não roupa coçada, gasta, em cinzentos e azuis sóbrios que a faziam parecer à parenta pobre que era.

A mãe deixara-lhe uma espécie de pequeno dote, mas, sem a hipótese de conhecer homens elegíveis, isso não tinha qualquer

interesse. Durante anos, tinha dito a você própria que devia sair de casa, ir para Londres, arranjar trabalho como preceptora... Qualquer coisa para fugir. Mas isso significava abandonar os inquilinos e os criados à supervisão desleixada e insensível de Mariana.

Portanto, não se tinha ido embora.

Uma hora mais tarde, o seu cabelo estava encaracolado e ondulado e levantado para cima numa aproximação ao de Victoria. O rosto estava polvilhado com pó de arroz, para melhor se aproximar do aspeto paparicado da pele da irmã; ela estava envolta em rosa pálido e os lábios pintados a condizer.

Ficou frente ao espelho aguardando um momento de identificação surpreendida. Para perceber que realmente se parecia com Victoria, que também ela seria considerada uma grande beleza.

Não só não se parecia com a irmã, como também só um cego a consideraria uma beleza. Tinha uma figura demasiado angulosa e o vestido pendia-lhe dos ombros de uma forma estranha.

Rosalie puxou uma manga com os dedos.

— A menina é mais larga nos braços do que Miss Victoria — murmurou.

Kate baixou os olhos para os seus membros infratores e percebeu imediatamente qual era o problema. Passava pelo menos duas ou três horas por dia a cavalo, tentando gerir a propriedade do mesmo modo que o bailio do pai fazia antes de a madrasta o ter corrido de casa. Tinha os braços musculados e ligeiramente bronzeados do sol. Não conseguia imaginar outras jovens a enfrentar esse problema particular.

E mais, as suas maçãs do rosto eram demasiado pronunciadas, as sobrancelhas demasiado duras.

— Eu não pareço a Victoria — disse ela, de um modo um pouco soturno.

Esperara vagamente que roupa à moda a transformasse, tornando-a tão bela como a irmã. Uma mulher que toda a alta sociedade iria considerar um diamante.

Parecia mais uma pedra granítica do que um diamante. Como ela própria.

— Este estilo não lhe fica bem — admitiu Rosalie. — Cor-de-rosa não foi uma boa ideia. Precisa de cores ousadas, provavelmente.

— Você sabe por que tenho eu de parecer a Victoria, não sabe?

Kate sabia perfeitamente que Cherryderry a tinha seguido pela escada acima e se tinha posicionado à porta do quarto de dormir da madrastra, determinado a ouvir a conversa toda.

Rosalie assumiu um ar afetado.

— Nada que eu não devesse saber, espero.

— Tenho de acompanhar Lorde Dimsdale numa visita ao Castelo Pomeroy e preciso fazer crer a toda a gente que sou a Victoria.

Os olhos da criada encontraram os dela no espelho.

— Não vai resultar — comentou Kate, aceitando o fato. — Ela é demasiado bonita.

— A menina também é bonita — disse Rosalie energicamente.

— Mas de uma forma diferente. A minha boca é grande demais, e quando emagreci eu tanto?

— Desde que o seu pai morreu e a menina começou fazendo o trabalho de dez pessoas. Miss Victoria, que Deus a abençoe, é mole como as papas, mas ela é mesmo assim, não é?

Kate olhou para o tecido pregueado sobre o peito. Ou melhor, sobre o sítio onde o peito devia estar.

— Não podemos fazer nada em relação ao meu peito, Rosalie?

Com este vestido, nem parece que tenho peito.

Rosalie agarrou com os dedos o tecido a mais.

— Tem um peitinho bonito, Miss Kate. Não se preocupe. Com este vestido não posso fazer muito por ele, mas hei de arranjar outros que resultem melhor. Deus seja louvado,

Miss Victoria tem mais vestidos nos seus aposentos do que teria uma modista ao fim de um ano de trabalho.

Um momento mais tarde, tinha enfiado duas meias enroladas na parte da frente da chemise de Kate e pronto, já estava.

Era estranho como as suas feições semelhantes resultavam num aspeto tão diferente do de Victoria. Claro, era cinco anos mais velha. Toda cheia de folhos e encaracolada e pintada, parecia uma virgem desesperada a envelhecer.

O pânico era uma sensação nova. Não lhe tendo sido nunca oferecida à oportunidade de se vestir como uma senhora, pelo menos durante anos, Kate esquecera-se de que os seus anos casadouros estavam a passar.

Ifazendo vinte e quatro, daí a umas semanas e sentia-se velha como uma viúva. Porque não se apercebera de que já não era roliça nem atraente nem deliciosa? Quando é que a amargura entrara na sua corrente sanguínea e... Á transformara de uma jovem menina noutra coisa qualquer?

— Isto não vai resultar — disse abruptamente. — Não tenho a mais pequena parecença com uma jovem debutante que tomou de assalto a alta sociedade.

— É uma questão de usar a roupa adequada — respondeu Rosalie. — A menina não fica lá muito bem com este vestido. Mas vou arranjar-lhe um melhor.

Kate não podifazendo muito mais do que acenar com a cabeça. Ela tinha pensado...

Bem, não tinha pensado muito nisso. Mas sabia que queria

casar e ter filhos seus. Uma pontada aguda de pânico subiu-lhe à garganta. E se já fosse demasiado velha? E se nunca...

Afastou o pensamento.

Faria esta visita por Victoria, por amor à irmã recém-descoberta. Depois disso, iria embora, partiria para Londres e aplicaria a sua modesta herança, o dinheiro que a mãe lhe deixara, numa licença de casamento.

Há anos que as mulheres faziam isso e ela podia fazê-lo também.

Endireitou os ombros. Desde que o pai morrera, tinha aprendido o que era sentir-se humilhada: enfiar as mãos onde não se vissem quando encontrava pessoas conhecidas com receio que elas reparassem nos seus dedos vermelhos. Levar as botas bem junto à ilharga do cavalo para ninguém ver os sítios puídos. Fingir que deixou o chapéu em casa, vezes sem conta.

Esta era apenas uma nova espécie de humilhação — vestir-se como uma menina enquanto se sentia uma velha. Havia de sobreviver.

Quando Kate se escapuliu para o quarto, horas mais tarde, estava exausta. Levantara-se às cinco da manhã para durante três horas fazer contas, depois, as oito, estava montada num cavalo... Para não falar na luta emocional provocada pelas fascinantes revelações do dia. Ao jantar, Mariana estivera desabrida até com o visconde e Victoria tinha chorado baixinho ao longo de três pratos.

E agora os cães — as ratazanas — estavam à espera dela, sentados num pequeno semicírculo.

Não havia acessório mais à moda do que um cãozinho e Victoria e Mariana, com a sua rosto característica crença de que ter vinte e três vestidos de baile era melhor do que ter um, haviam adquirido não um cãozinho, mas três.

Três malteses pequenos, sedosos, com um latir irritante.

Eram absurdamente pequenos, mais pequenos do que a maioria dos gatos. E tinham uma espécie de subtileza elegante que ela achava uma afronta. Se alguma vez tivesse um cão, queria que fosse um dos cães de orelhas pendentes e sorriso aberto que corriam aqui para fora a saudá-la quando ela parava junto às casas das terras de Mariana.

Um cão que ladrasse em vez de latir.

Embora nesse momento não estivessem a latir. Quando ela entrou no seu pequeno quarto, levantaram-se numa ondinha e rodearam-lhe os tornozelos numa explosão de caudas ondulantes e de corpos quentes. Provavelmente sentiam-se sozinhos. Antes da dentada, estavam sempre ao lado de Victoria. Talvez estivessem com fome. Ou pior, podiam precisar ir fazer uma visita ao jardim. Se ao menos ela tivesse uma campainha no quarto... Mas pessoas do seu estatuto não precisavam chamar criados.

— Eu acho — disse ela lentamente, pensando nas escadas e nas

pernas doridas — que tenho de os levar lá fora.

De fato, devia estar grata por eles não terem urinado no seu quarto; era tão pequeno, e a única janela tão alta, que o cheiro iria manter-se um mês ou mais.

Levou uns minutos a perceber como haveria de prendê-los pelas suas coleiras ornadas de joias, mais a mais tendo eles começado a latir, a saltar e a tentar lambe o rosto. Era difícil não desistir.

Desceu penosamente as escadas das traseiras que conduziam ao seu quarto, os seus passos secundados pelas patinhas das ratazanas a esgaravatar. Estava tão cansada que nem sequer conseguia lembrar-se dos nomes delas, embora se recordasse que eram todos aliterativos, talvez Fairy e Flower.

— Que comem eles? — perguntou há Cherryderry alguns minutos depois.

Ele tinha sido muito gentil acompanhando-a ao quintal e mostrando-lhe a zona vedada para uso dos cães.

— Eu mandei o Richard ao seu quarto há cerca de uma hora. Ele deu-lhes de comer e trouxe-os a passear. Admito que não gosto destes animais, mas eles não são perigosos — disse ele, observando-os. — Na realidade, a culpa não é deles.

Estavam amontoados uns em cima dos outros, um aglomerado de caudas empenachadas e focinhos pontiagudos.

— O Caesar não tinha intenção de morder Miss Victoria — continuou. — Não tem de recear que ele lhe morda.

— Caesar? Eu pensava que eles tinham todos; nomes de flores.

— Isso é parte dos problemas deles — disse Cherryderry. — Miss Victoria nunca se decidiu bem quanto a nomes para eles. Mudava-os todas as semanas, mais ou menos. Começaram por ser Ferdinand, Felicity e Frederick. Atualmente são Coco, Caesar e Chester. Antes disso, foram Mopsie, Maria e qualquer outra coisa.

O cão principal — vê aquele ligeiramente maior? Esse é o Caesar. Os outros dois são o Coco e o Chester, embora o Chester nunca tenha aprendido a responder a outro nome que não seja Frederick ou Freddie.

— Porque é que o Caesar mordeu a Victoria, afinal? Nunca me lembrei de perguntar.

— Estava a dar-lhe de comer da própria boca.

— Quê?

— Segurando um pedaço de carne entre os lábios e encorajando-o a tirar-lhe. Disparate meter-se entre um cão e a sua carne.

Kate arrepiou-se.

— Isso é nojento.

— A princesa Carlota tinha ensinado os seus cães fazendo o mesmo, segundo o que se diz — explicou Cherryderry. — A princesa tem muita responsabilidade nisso.

— Então como os mantenho sossegados de noite? — perguntou Kate, ansiando por ir para a cama.

— Basta tratá-los como cães, com respeito, mas com firmeza. Miss Victoria cometeu o erro de pensar que eles eram bebés e depois ficava aborrecida e mandava-os aqui para baixo, para a cozinha, sempre que se portavam mal, por isso nunca aprenderam. Eu vou dar-lhe um saquinho de restos de queijo. Dê-lhes um bocadinho todas as vezes que fizerem qualquer coisa bem e eles hão de portar-se na perfeição.

De regresso ao quarto, Kate percebeu que os cães tinham as suas próprias personalidades. Caesar era invulgarmente estúpido. Parecia achar-se muito grande: andava por ali a rondar e dava pulos e passava o tempo a prometer atacar qualquer pessoa que entrasse no quarto. De fato, fazia-lhe lembrar um general imperial; o nome assentava-lhe muito bem.

Frederick sentia-se sozinho, ou pelo menos era o que ela suspeitava quando ele saltava para cima da cama, lhe lambia o joelho e abanava a cauda como um louco.

Depois lhe lançava um olhar dramaticamente implorativo, seguido logo de uma cambalhota de costas com as pernas no ar. Em suma, era um tonto e Freddie assentava-lhe melhor que Frederick.

Coco dava todos os sinais de ser excepcionalmente vaidosa. Victoria colara-lhe minúsculas pedras preciosas brilhantes no pelo à volta do pescoço e, em vez de tentar arrancá-las, como faria qualquer rafeiro que se prezasse, Coco sentava-se com as patas perfeitamente alinhadas e o focinho no ar. Não mostrava qualquer sinal de querer aproximar-se da cama de Kate, mas instalava-se elegantemente numa almofada de veludo que tinha aparecido no chão do quarto de Kate juntamente com uma vasilha com água.

Kate puxou Freddie para fora da cama e pô-lo no chão, mas ele voltou a saltar lá para cima de imediato. E ela estava demasiado cansada, demasiado estafada, parfazendo o que quer que fosse em relação a isso.

Por isso, ficou ali um bocadinho a pensar no pai, pequenas palpitações de raiva a percorrerem o corpo. Como pudera ter feito uma coisa daquelas? Devia ter amado Mariana; de outro modo, porque casaria com a amante?

Foi bom ela nunca ter sido apresentada à sociedade. Sabia pouco da sociedade, era um fato, mas sabia que ninguém iria aproximar-se de uma jovem cuja madrasta era uma mulher de má reputação, apesar de Mariana ter realmente casado com o seu protetor.

E, no entanto, Mariana e Victoria tinham simplesmente partido para Londres, aberto a casa de cidade do pai e instalado Victoria como uma jovem herdeira muito bela.

Ora ali estava uma lição, pensou sonolenta.

Na manhã seguinte, coiffeur francês e os dois médicos de Londres chegaram juntos na manhã seguinte, um preparado para cortar o cabelo de Kate e os outros para lancetarem o lábio de Victoria. As duas irmãs recusaram. Mariana ficou histérica, brandindo a cigarrilha em volta da cabeça e berrando como uma peixeira.

Mas a sessão com Rosalie na tarde anterior tinha esclarecido o espírito de Kate.

Não estava a ficar mais jovem e a sua única coroa de glória era o cabelo. Já era demasiado magra, quase esquelética. O seu rosto podia ter um aspeto ainda pior sem os seus montes de cabelo.

— Recuso! — declarou ela, erguendo a voz acima dos soluços de Victoria.

O estranho é que raramente recusara alguma coisa. Brigara com a madrasta com unhas e dentes nos últimos sete anos: brigara quando ela despediu o ecónomo da casa e mandou Kate fazer as compras em vez dele; brigara quando ela correu com o bailio e atirou com os livros a Kate, dizendo-lhe que tratasse deles de noite.

Mas nunca recusar fazendo o que quer que fosse. Levara para cima os livros da propriedade, e as contas, e a gestão geral, dissera adeus à sua preceptora, a várias criadas, ao bailio e ao ecónomo da casa.

Achou muito irónico que a vaidade fosse a questão em relação à qual descobrira a sua coragem.

— Não farei isso — repetiu ela, vezes sem conta.

Monsieur Bernier ergueu as mãos, declarando com um sotaque francês rolando que um corte inteligente a faria parecer dez anos mais nova e (insinuava) a mademoiselle precisava de cada um desses dez anos.

Kate endureceu o coração.

— Fico grata pela sua opinião, monsieur, mas não.

— Vais estragar tudo — gritou Mariana, a voz a cambalear até a beira do frenesim e inversamente. — Vais estragar tudo. A sua irmã não vai conseguir casar e terá o seu filho fora do matrimónio.

Kate viu os olhos de Monsieur Bernier abrirem-se e lançou lhe um olhar. Sete anos de gestão da propriedade tinham-lhe dado um olhar incisivo muito eficaz; ele encolheu-se.

— Não há problema, mãe — atalhou Victoria a fungar -, a Kate terá simplesmente de usar uma cabeleira e pronto. Sentirá calor, mas trata-se de uns dias apenas.

— Cabeleira — exclamou Mariana, com uma espécie de arquejo abafado.

— Tenho cabeleiras de todas as cores para darem com os meus vestidos — lembrou Victoria. — Se a Rosalie entrançar todas as manhãs o cabelo da Kate e depois o prender com ganchos para o achatar, ficará perfeitamente à moda e toda a gente irá simplesmente pensar que eu adoro a minha cabeleira.

— Certo — disse Mariana, dando uma passa forte na cigarrilha.

— Até te dou a minha peruca circassiana — disse Victoria. Kate franziu o nariz.

— Não, é encantadora, uma elegante cabeleira azul pálido que fica lindamente com vestidos azuis ou verdes. Mais, tenho uma fita com joias para usar com ela, que ajudará a mantê-la na sua cabeça.

— Muito bem — concordou Mariana. — Agora os médicos vão lancetar o teu lábio, Victoria, e não quero ouvir mais nada de nenhuma de vocês o resto do dia.

Victoria gritou e chorou, mas finalmente o terrível feito terminou.

Mariana recolheu ao leito com uma dor de cabeça; Victoria recolheu ao leito com um ataque de choro; Kate levou os cães

consigo e foi visitar os Crabtrees.

Castelo Pomeroy

— Então que se passa com o leão? — perguntou Gabriel a Wick, caminhando depressa através do pátio exterior em direção ao jardim zoológico improvisado que ornamentava o muro das traseiras.

— Não faço à mínima ideia. Parece que não consegue parar de vomitar — respondeu Wick.

— Coitadinho — disse Gabriel ao chegar à jaula do leão.

O animal estava agachado contra o muro das traseiras, os flancos a arfarem penosamente. Gabriel tinha-o havia uns meses apenas, mas os seus olhos eram habitualmente cheios de luz, como se ansiasse por saltar da jaula e comer uma pessoa que ali estivesse.

Agora já não tinha esse aspeto. Os olhos eram vidrados e infelizes. Se fosse um cavalo, ele teria...

— Ainda não tem idade para morrer — disse Wick, como se tivesse ouvido o pensamento de Gabriel.

— O Augustus disse-me que não duraria mais de um ano.

— O grão-duque já não queria a sua coleção de animais selvagens, por isso pode ter exagerado na idade do animal.

— O leão tem só cinco anos e devia viver muitos mais, creio eu.

— Como estão os outros? — Gabriel passou pela jaula do outros, e dirigiu-se à do elefante, encontrando Lyssa a balançar brandamente na jaula. Tinha um temperamento doce; quando avistou, soprou alguma palha de um modo sociável. — Que esta macaca esta fazendo ali dentro com ela?

— Ficaram amigas durante a travessia do oceano — explicou Wick. — Parecem mais felizes juntas.

Gabriel aproximou-se e espreitou a macaca.

— Diabos me levem se eu sei de que espécie é. Você sabe?

— Segundo creio; chamam-lhe macaca de bolso. Foi um paxá que a deu ao grão-duque.

— E o elefante veio com esse rajá da Índia, não foi? Gostava que as pessoas deixassem de dar animais de presente. Este pátio fede.

Wick fungou alto.

— Isso é verdade. Podíamos mudá-los para os jardins atrás do labirinto de sebe.

— A Lyssa ficaria triste ali sozinha. Acho que não podemos deixá-la sair da jaula de vez em quando, pois não?

— Posso averiguar se podemos construir uma vedação no pomar — sugeriu Wick. Gabriel voltou a olhar por momentos para aquele par improvável. A macaca estava sentada na cabeça do elefante, acariciando uma enorme orelha com os seus dedos de aspeto nodoso.

— Conseguiste encontrar alguém para tratar dos animais que saiba realmente alguma coisa sobre elefantes e outros do gênero?

— Não — disse Wick. — Tentamos aliciar um homem do Circo Peterman, mas ele recusou-se a deixar os leões dele.

— Não podemos ter os leões do Peterman com o nosso pobre doente. — Voltou à primeira jaula. — Que diabo se passará com ele, Wick?

— O príncipe Ferdinand sugeriu que ele pode estar habituado a uma dieta de carne humana, mas eu achei melhor ignorar as implicações desse comentário.

— Em vez disso, com que estamos a alimentá-lo?

— Com bifés de vaca — disse Wick. — Bem bom.

— Talvez seja demasiado pesado. Que come o meu tio depois de uma noite má?

— Sopa.

— Experimenta isso.

Wick ergueu uma sobrancelha, mas acenou com a cabeça.

— Relativamente a esse assunto adorável, onde está o meu tio?

— Esta manhã Sua Alteza Real esta trabalhando na batalha de Crecy. Requisitou a pocilga, que felizmente está livre de ocupantes, e chamou-lhe o Museu Imperial da Guerra. Quarenta ou cinquenta garrafas de leite representam os vários regimentos e os seus comandantes. A sua exposição — acrescentou Wick — é muito popular entre os filhos dos criados.

— Então está feliz — concluiu Gabriel. — Suponho...

Foi interrompido quando um homem alto com pernas de cegonha entrou no pátio a passo rápido. Tinha o cabelo parecido com lanugem de cardo, espetado e ondulava ligeiramente de cada vez que ele se movia.

— Falai no mal... — disse Gabriel, fazendo uma reverência.

— Igualmente, querido rapaz — proferiu vagamente o seu tio, o príncipe Ferdinand Barlukova. — Igualmente. Viste o meu pobre cão em algum sítio?

Wick deslocou-se um pouco para trás do ombro de Gabriel e disse baixinho:

— Pensa-se que o leão o comeu.

— Pelo e tudo?

— Isso pode explicar a situação precária em que o animal está.

— Não vi o seu cão — disse Gabriel ao tio.

— Ainda ontem comeu um prato cheio de maçãs bravas em vinagre — disse o príncipe Ferdinand, com um ar um pouco oroso. Tenho-o a dieta de conservas em vinagre, tudo em vinagre. Acho que é muito melhor para a sua digestão.

— As maçãs em vinagre podem não ter caído bem ao cão ou,

indiretamente, ao leão.

— Se calhar, fugiu — disse Gabriel, virando-se para o grande arco que conduzia ao pátio interior. — Pode não ter apreciado as suas inovações dietéticas.

— O meu cão adora comida em conserva de vinagre — afirmou Ferdinand. — Adora especialmente tomates em vinagre.

— Na próxima vez, tente peixe em vinagre.

Pelo canto do olho, Gabriel viu duas tias a aproximarem-se, no seu passeio lá por fora, agitando os dedos na direção dele e sorrindo maliciosamente. Começou a andar mais depressa, evitando o filho da cozinheira no último minuto, entrando finalmente nos seus aposentos a passo largo, com a sensação de ter escapado por pouco.

O problema de ter um castelo era que se enchia de gente. E era tudo gente sua, de uma maneira ou de outra: os seus parentes, o seu leão, o seu elefante, os seus criados... Até o cão comedor de conservas de vinagre era responsabilidade sua, embora tudo indicasse que podia ter fugido para o grande terreno de caçadas no céu. Provavelmente agradecido.

— Vou pegar numa espingarda e vou lá para fora à procura de pássaros — disse ao criado, um homem sinistro chamado Pole, que tinha sido corrido da corte do irmão porque sabia demasiado sobre as tendências sexuais de cada cortesão.

— Excelente — respondeu Pole, tirando para fora um casaco e umas calças de montar. — Era bom para o jovem Alfred ir apanhar ar. Mister Berwick está ensinando o serviço à la française e ele está dedicando-se a isso a sério. Serve para trazer os pássaros.

— Muito bem.

— Posso sugerir que convide o Ilustre Buckingham Toloose para o acompanhar? — acrescentou Pole, colocando um par de meias, lavadas precisamente paralelas às calças.

— Quem diabo é esse?

— Chegou ontem, com uma nota da rainha Carlota. Conhecê-lo esta noite, mas presumo que a refeição vai ser em famille, considerando a chegada iminente do seu sobrinho. Portanto, seria delicado cumprimentar o cavalheiro agora.

— E de que gênero é ele?

— Diria que é de uma natureza proselítica...

— Oh, não — exclamou Gabriel. — A corte do meu irmão foi infestada de tipos religiosos. Não quero aqui nenhum desses. Você não queres isso, Pole. Se eu me transformar no meu irmão, tu e o leão; ficam lá fora ao frio.

Pole sorriu de um modo levemente indiferente, como se lhe tivessem contado uma piada extremamente indelicada.

— Tenho fé que Vossa Alteza não sucumbirá aos deleites de um pregador errante, como sucedeu com Sua Majestade o grão-duque Augustus. Mister Toloose faz prosélitos numa arena diferente. Já avisei todas as criadas mais novas para se manterem afastadas da ala leste. Ele tem um modo muito divertido de conseguir o que quer; esta manhã esteve a aplicá-lo à princesa Maria-Therese, mas calculo que ela não se comoveu.

Veio à mente de Gabriel a sua carrancuda tia sexagenária, tão robusta e ética como um barco construído na Alemanha.

— Penso que tens razão — concordou. — E que procura Mister Toloose na minha casa?

— A minha ideia é que ele se encontra retirado no campo por causa de dívidas que tem em Londres — observou Pole. — As meias dele são muito interessantes, laranja brilhante, com relógios, e o casaco vale mais do que uma esmeralda de tamanho médio.

Se Pole o dizia, era verdade. Pole sabia tudo sobre esmeraldas.

— Muito bem — disse Gabriel. — Diz ao Berwick que eu estou na sala de armas e envia uma nota ao Toloose a solicitar a sua

companhia. Creio que o meu tio também gostaria de ir.

Lá em baixo, na sala de armas, pôs-se a polir o cano da Hass. Era uma bela peça, uma das únicas espingardas de ar comprimido que ele vira com sete estrias no calibre, permitindo um homem mudar num instante de caça ao veado para caça a faisões.

A espingarda alemã de ar comprimido era tudo o que a vida não era: lindamente desenhada, supérflua, decorativa. Na realidade, não lhe interessava caçar nada além de aves de caça e coelhos. Mas isso não significava que menosprezasse a beleza de uma Hass, o seu cano gravado com o brasão do Ducado de Warl-Marburg-Baalsfeld.

O brasão do seu irmão mais velho, para ser exato.

Uma sensação de alívio, tão velha que parecia tão familiar como os seus pelos da barba pela manhã, atingiu-lhe a área do coração. Concluía, anos atrás, que era muito melhor ser príncipe do que grão-duque.

Apesar de Gabriel pensar que o irmão mais velho era um tipo seco e chato, tinha pena dele. Não era tarefa agradável governar um pequeno principado, especialmente tendo em conta os três irmãos que ficavam entre Gabriel e Augustus, pensando cada um destes, até certo ponto, que também gostariam de ter uma coroa.

E, se não uma coroa, uma herdeira. Recebera uma carta uns dias antes dando a entender que Rupert, o mais bem-parecido dos irmãos, andava a entreter-se com a irmã de Napoleão.

A sua boca ficou mais tensa. Se Augustus não tivesse endoidecido há uns meses, Gabriel estaria em Tunis naquele preciso momento, a discutir com o seu velho professor Biggitstiff por causa da escavação da lendária cidade de Cartago.

Não estaria sentado num castelo úmido, num lamaçal de chuva de verão, rodeado de familiares idosos e cortesãos cheios de dívidas... Estaria a transpirar ao sol, assegurando-se de que a escavação não se transformaria numa pilhagem gananciosa da história.

Gabriel baixou os olhos e descobriu que estava a polir o cano da Hass com tanta força que era bem capaz de obliterar o brasão do ducado.

Maldito Augustus e malditas as suas ideias. Gabriel estava prestes a partir para Tunis quando o fervor religioso do irmão se incendiou, inspirando o grão-duque a expulsar da sua corte todos aqueles que considerava corruptos, fracos, inábeis ou loucos.

Em suma, praticamente toda a gente, e tudo para salvar a alminha farisaica de Augustus.

Um a um, cada um dos seus irmãos mais velhos tinha recusado interceder, ou porque bajulava Augustus, ou (como Rupert) porque se estava nas tintas.

Finalmente sobrou para Gabriel. Podia aceitar um castelo desolado em Londres, suficientemente grande para alojar todos os que tinham sido julgados demasiado imperfeitos para honrar a corte de Augustus, ou podia partir para Tunis sem olhar para trás.

Tirar da ideia Wick e Ferdinand e o cão comedor de conservas de vinagre e o resto deles todos.

Não podia fazê-lo.

Portanto... Chuva em vez de um sol ofuscante. Uma noiva a vir da Rússia, com um dote para sustentar o castelo. E um castelo cheio de celerados e desadaptados, em vez do sítio arqueológico cheio de pedras fragmentadas e pedaços de estatuária que podia ter sido, uma eternidade antes, a magnífica cidade de Cartago.

Não que ele acreditasse que era Cartago. Tinha conseguido a custo garantir a participação na escavação porque não acreditava em Dido, a famosa rainha de Cartago, e, já agora, nem sequer na existência da cidade. Era tudo um mito inventado por Virgílio.

E agora Biggitstiff estava em Tunis, a rir-se à gargalhada e a etiquetar metade das pedras no campo Cartago. Raios, a esta altura já ele teria identificado a suposta pira funerária de Dido. O próximo passo seria artigos a relatar em pormenor nas descuidadas

suposições e o seu ainda mais descuidado trabalho de campo. O maxilar de Gabriel cerrou-se ante tal pensamento.

Mas não tinha escolha, na realidade não tinha. Ele não era Augustus, com os seus princípios religiosos sem o fermento do humor. Não conseguia ver todas as pessoas com quem crescera, desde o tio demente até ao bobo da corte do pai (com setenta e cinco anos, pelo menos) serem postas na rua porque Augustus considerava que eles podiam manchar o halo.

A única coisa que podifazendo era rezar para que a noiva que Augustus lhe escolhera

— provavelmente pia e com suíças, tão virtuosa como virginal
— tivesse determinação suficiente para governar o castelo para ele poder partir para Cartago.

Na realidade, não lhe interessava quem ela era desde que conseguisse gerir o castelo na sua ausência. Boa na cama seria ótimo; boa a obedecer era uma necessidade.

Inclinou-se sobre a Hass.

Depois de quatro horas passadas na carruagem com Lorde Dimsdale, Kate concluiu que a coisa mais interessante em Algernon era o fato de usar um corpete. Nunca sonhara que os homens usassem espartilhos.

— Apertam-me — confessou Algernon. — Mas uma pessoa tem de sofrer para ser elegante; é o que diz o meu criado de quarto.

Como Kate detestava sofrer, estava muito contente pelo fato de as costureiras não terem tido tempo de modificar um dos fatos de viagem de Victoria ao ponto de causar apertos elegantes. O que envergava assentava confortavelmente, em molhos, em volta da sua cintura.

— Os chumaços não ajudam — disse Algernon, rabugento.

— Onde é que tem chumaços? — perguntou Kate, olhando-o. Ele inchou o peito e encolheu a cintura de modo a elfazendo uma ideia.

— Todos os fatos são enchumaçados hoje em dia — disse ele, evitando os pormenores. — De qualquer modo, não quero que pense que eu normalmente discutiria uma coisa destas consigo, só que faz parte da minha família. Bem, quase minha família. Importa-se se eu começar já a chamar-lhe Victoria? Não sou muito bom com nomes e não quero ficar confuso. Não sou munuando estiver com outras pessoas.

— De modo nenhum — assegurou-lhe Kate. — Como o trata a minha irmã.

— Oh por Algie — disse ele, animando-se. — Devifazendo o mesmo É uma das coisas que eu aprecio na Victoria. Nunca está com cerimónias... Começou a chamar-me Algernon imediatamente depois de me conhecer, e depois o abreviou para Algie. Foi assim que eu soube — acrescentou, um tanto misteriosamente.

— Soube o quê?

— Soube que ela era a mulher para mim. Estava destinado, na verdade. Sentimos uma admirável familiaridade e ambos percebemos.

Estava destinado devido à falta de uma preceptora, na opinião de Kate. As intimidades sedutoras de Victoria — verbais ou outras — eram resultado de uma orientação inadequada. Até apostava que Mariana encorajara várias inconveniências.

Kate preferia matar-se a casar com Algie, mas percebia porque é que Victoria o adorava. Ele tinha um calor, uma espécie de doçura na boca e nos olhos que era um antídoto apaziguador para a amargura de Mariana.

— Eu só quero chegar ao castelo — disse ele, irritado. O seu colarinho era tão alto que estava a esfolar as orelhas, reparou Kate. Ela, por sua vez, estava recostada no assento almofadado da carruagem, tão confortável que mal se podia mexer.

Normalmente, a esta hora do dia, já teria andado a cavalo muitas horas.

— Está preocupado por ir encontrar-se com o seu tio? — perguntou ela.

— Porque havia de estar? Ele é de um lugarzinho atrasado, chamam-lhe lá um principado, mas em Inglaterra não passaria de um pequeno condado. Decididamente, nunca um reino. Não percebo porque tem um título. É absurdo.

— Creio que existem muitos principados pequenos no continente — disse Kate, com uma ponta de dúvida. Mariana não tinha fé em jornais, e a escolaridade de Kate, se assim se pode chamar, fizera-se à custa de roubar livros da biblioteca do pai, não que a madrasta tivesse alguma vez dado pela falta deles.

— Eu tencionava apenas apresentá-la e depois podíamos partir na manhã seguinte, mas o príncipe insistiu para que a Victoria estivesse no baile. Muito clara, a carta dele. Suponho que está

preocupado a pensar que não é capaz de encher o salão de baile. — Olhou-a. — A minha mãe suspeita que ele possa tentar seduzi-la, Victoria.

— Não a mim — corrigiu-o Kate. — A minha meia-irmã.

— Isso foi uma coisa inesperada — comentou Algie, melancolicamente. — Devo dizer que pensava que o coronel existia. Nem podia acreditar quando Mistress Daltry me contou a verdade ontem à noite. Só de olhar para ela não se sabe, pois não? Se a minha mãe vier alguma vez a descobrir, explode.

Kate pensava que uma pessoa saberia só de olhar para a madrastra, mas assentiu com a cabeça, por algum vago sentido de lealdade familiar.

— Não há qualquer motivo para a sua mãe vir alguma vez a descobrir a verdade. Eu certamente não direi a ninguém.

— De qualquer modo, eu amo a Victoria e tenho de casar com ela, e a minha mãe quer que eu tenha a aprovação do príncipe e pronto.

Kate deu uma palmadinha de aprovação no joelho de Algie. Deve ter sido difícil pôr numa ordem lógica tantos pensamentos e ela não queria de modo nenhum desconsiderar o seu sucesso. Era interessante ver o medo saudável que ele tinha da mãe; isso podia explicar a razão pela qual a exigência de Mariana, ele casar com Victoria, tivesse dado frutos imediatamente.

— Nesta altura devíamos estar a entrar na propriedade dele — disse Algie. — O homem tem uma enorme quantidade de terras em Lancashire, sabe. O meu pai pensava que era abominável ceder boa terra inglesa a um estrangeiro. Apesar de ter ido para Oxford e tudo isso, o príncipe ainda tem sangue estrangeiro.

— Como o Algie — salientou Kate. — É parente dele pelo lado da sua mãe, não?

— Bem, a minha mãe... — disse Algie, deixando a voz enfraquecer. Aparentemente, não considerava que o sangue dela

tivesse contaminação estrangeira. — Sabe o que eu quero dizer.

— Esteve alguma vez com o príncipe?

— Uma vez ou duas, quando era pequeno. É uma treta, isto de ele ser meu tio. Não é muito mais velho do que eu: talvez dez anos ou um pouco mais. Por isso, porque hei de ser obrigado fazendo desfilar a minha noiva à sua frente? Não é como se ele fosse rei. Não passa de um mero príncipe.

— Vai acabar num instante — sossegou Kate.

— Ele está desesperado por arranjar dinheiro, claro — contou Algie. — Ouvi dizer que a noiva é...

Mas qualquer que fosse o rumor que ele estava prestes a comunicar perdeu-se num alvoroço de barulho. Subitamente o cocheiro deu um berro e guinou a carruagem para a direita; as rodas guincharam quando atravessaram a estrada a oscilar; os cães perderam o fôlego a exprimirem as suas opiniões. Felizmente, o veículo parou sem se virar e a segunda carruagem (que transportava malas, Rosalie e o criado de quarto de Algie) conseguiu evitar chocar com eles.

Algie puxou para baixo o colete, que subira naquela agitação.

— É melhor ir ver o que se passou. Isto exige um homem — disse ele, não parecendo nem um dia mais velho que os seus dezoito anos. — A Victoria fica aqui, que é mais seguro. Não tenho qualquer dúvida de que temos um problema com o eixo ou qualquer coisa parecida.

Kate deixou-o sair da carruagem e depois endireitou o chapéu de viagem e seguiu-o. Lá fora, encontrou o moço de estrebaria a acalmar os cavalos, enquanto Algie se inclinava tanto que ela pensou que as orelhas lhe tocavam nos joelhos.

Um homem, que tinha de ser o príncipe, estava sentado num grande corcel castanho e por momentos ela apenas conseguiu ver a sua silhueta escura contra o sol. Teve uma impressão confusa do seu movimento e força, facilmente controlados: corpo agressivo,

com ombros largos e coxas musculadas.

Levou a mão aos olhos para os proteger do sol precisamente quando ele saltou do cavalo. O cabelo escuro esvoaçava lhe em volta dos ombros como se ele fosse um dos atores que atravessavam a vila para representar o rei Ricardo ou Macbeth.

Os olhos adaptaram-se à luz e ela alterou essa ideia. Não era nenhum Macbeth... Era mais o rei das fadas, o próprio Oberon, olhos com uma inclinação ligeira, travessa, apenas com uma sugestão de exotismo. O seu sangue estrangeiro, nas palavras de Algie.

Tinha certo sotaque, um delicioso sotaque esfumado que condizia com os olhos e o cabelo farto, e havia mais qualquer coisa nele, qualquer coisa mais viva, mais poderosa e arrogante, do que nos ingleses descorados que ela encontrava todos os dias.

Percebeu que ficara de boca aberta e fechou-a rapidamente. Graças a Deus, ele não reparara nela.

O servilismo manifestava-se provavelmente diante do príncipe a toda a hora. Sua Alteza estava calmamente a baixar a cabeça a Algie. O seu séquito desmontara e estava em volta dele. O homem à sua esquerda era precisamente como Kate imaginava que devia ser um cortesão, todo cheio de caracóis e colorido como um pavão. Até havia um rapaz de libré vermelha. Aparentemente, andavam a caça, numa caçada real.

Depois, ele reparou nela.

Observou-a friamente como se ela fosse uma leiteira à beira da estrada. Não houve qualquer centelha de interesse nos olhos do homem, apenas um cálculo altivo, como se ela se tivesse oferecido para lhe vender leite e ele tivesse visto que estava coalhado.

Como se ele estivesse a despir-lhe mentalmente o fato de montar, demasiado grande, e a olhar para as meias enroladas dentro do corpete de Kate.

Ela inclinou a cabeça uns milímetros. Maldita fosse se, se

precipitasse fazendo uma reverência, ali, na poeira da estrada, a um príncipe cuja presunção importava mais do que as suas maneiras.

Ele não reagiu. Não baixou a cabeça, não sorriu, apenas desviou o olhar e voltou para o cavalo, montou-o e afastou-se. As costas dele eram ainda mais largas do que ela a princípio pensara, mais largas do que as do ferreiro da aldeia, mais largas do que...

Nunca na vida conhecera alguém tão malcriado, e isso incluía o ferreiro, que muitas vezes andava bêbado e, por isso, tinha desculpa.

Algie estava a falar com o lacaio num tom brusco, mandando-o abrir a porta da carruagem e depressa.

— Claro que não foi culpa do príncipe o fato de os nossos cavalos se assustarem com o seu grupo — disse ele. — Agora levamos de volta à estrada e vê se te despachas.

— Caesar! — chamou Kate. O cãozinho estava entretido a rosar aos cascos de um cavalo que podia esmagar lhe a cabeça com um movimento impaciente. — Anda aqui!

Algie fez sinal a um lacaio, mas Kate deteve-o.

— O Caesar tem de aprender a obedecer — disse ela, puxando do seu saco de queijo. Freddie e Coco colaram-se lhe às saias, portando-se como os porquinhos esfomeados que eram. Deu um pedaço de queijo a cada um e fez-lhes uma festinha e depois, de repente, Caesar percebeu o que se estava a passar.

— Anda aqui! — voltou ela a chamar.

Ele obedeceu e ela deu-lhe um pedaço de queijo.

— Que trabalho enfadonho — notou Algie.

— Sim — concordou Kate, suspirando.

— Mas parece que estão realmente menos barulhentos. Receio que a Victoria seja demasiado branda. Veja só o que aconteceu ao seu pobre lábio.

Uma vez sentados, Algie disse, um tanto desnecessariamente:

— Aquele era o meu tio. O príncipe. — O seu tom era reverente e abafado.

— Tinha ar de príncipe — concordou Kate.

— É capaz de imaginar o que Sua Alteza diria do passado da Victoria? — Parecia apavorado com esse pensamento.

— Gostava de saber como será a noiva dele — comentou Kate, relembrando a silhueta do príncipe recortada contra o sol. Era o gênero de homem que casaria com uma resplandecente princesa de um país estrangeiro, uma mulher envolta em fios de pérolas e diamantes.

— As mulheres russas têm cabelo escuro — explicou Algie, tentando mostrar que sabia do que estava a falar. — Podia tê-la apresentado, mas pensei que era melhor ele não reparar em você até... — Fez um gesto com a mão. — Sabe, até mudar de roupa.

Tanto quanto Kate podia dizer, ele não se importara nada que Kate não fosse tão bonita como Victoria até essa altura.

— Lamento — disse-lhe ela.

Ele concentrou-se, pestanejando um pouco.

— O quê?

— Não dá tanto prazer levar-me pelo braço como à Victoria. O príncipe teria seguramente reparado como ela é bonita.

Algie era demasiado novo para fingir.

— Bem gostava que ela aqui estivesse — respondeu. — Mas provavelmente é melhor assim, por que... Que aconteceria se ela o visse e concluísse... — A voz enfraqueceu lhe.

— A Victoria adora-o — disse-lhe Kate, sentindo-se muito satisfeita consigo própria por ter suprimido o impulso de acrescentar grande idiota. Estavam bem um para o outro,

Victoria e Algie: ambos confusos e doces e apavorados por qualquer pessoa com duas ideias que fizessem sentido. — E, lembre-se, o príncipe nunca na vida casaria com uma pessoa como a

Victoria. Penso que é excessivamente arrogante até para a filha de um duque quanto mais para alguém como a minha meia-irmã.

Caesar rosnou pela janela a uma carruagem que ia a passar.

— Vai para o chão — ordenou-lhe severamente, e ele saltou para o chão. Mas Freddie pôs as patas da frente no assento e ganiu baixinho, por isso ela deixou-o saltar lá para cima e sentar-se ao lado dela. Recostou contra ela o seu corpinho trémulo e depois deixou-se cair com o queixo no seu colo.

— Ah, isso não é justo — salientou Algie.

— A vida não é justa — disse Kate. — O Freddie esta sendo recompensado por não ladrar.

— Ele é brilhante — disse Algie, um tanto inesperadamente.

Kate baixou os olhos para Freddie que decididamente não era brilhante.

— Quer dizer, o príncipe. A minha mãe disse que ele se formou em Oxford. Eu nem sequer me incomodei a ir para a universidade. Mas ele obteve um alto grau em história antiga. Ou qualquer coisa parecida.

O príncipe não tinha apenas arrogância e sangue real e um casaco de montar verdadeiramente belo, mas teria miolos?

Muito provavelmente não. Não eram todos aqueles príncipes consanguíneos?

— Se calhar dá a todos os príncipes um grau importante apenas por honrarem a universidade — salientou-a. — Afinal, que mais podiam dizer? Peço muita desculpa Vossa Alteza, mas o senhor é estúpido que nem uma porta, por isso não posso dar-lhe um grau?

À medida que rolavam as últimas milhas até ao castelo, ela ia alimentando cuidadosamente aquela ponta de desrespeito por um homem cujo cabelo lhe ondeava impetuosamente em volta dos ombros, que passava o tempo a andar por ali às voltas acompanhado de cortesãos perfumados e que não se dera ao

trabalho de a cumprimentar.

Considerou-a indigna de atenção, o que era humilhante, mas não exatamente inesperado. Ela era indigna da sua atenção.

De fato, olhando agora para trás, era quase divertido pensar na maneira como ele a fitara. Ela tinha apenas de sobreviver aos próximos dias. Depois, podia pegar na roupa acabada de modificar e ir para Londres e encontrar exatamente o tipo de homem que queria.

Via-o na sua imaginação. Não queria um homem como aquele príncipe; o que ela queria era alguém mais como o fidalgo rural Mamluks, cuja propriedade ficava nas imediações da Casa Yarrow. Era um homem adorável que era louco pela mulher. Tinham nove filhos. Era isso que ela queria. Alguém honesto e verdadeiro, decente e gentil até a medula.

A ideia fê-la sorrir, o que chamou a atenção de Algie.

— Viu o colete que Mister Toloose tinha vestido? Era aquele alto, com o fato às riscas.

— Obviamente, Algie estava a sentir alguma ansiedade.

— O seu é muito elegante — assegurou-lhe ela.

Algie olhou para o seu peito enchumaçado.

— Eu achava que sim, quer dizer, acho que sim. Mas aquele colete...

Tinha ambos, encontrado algo para desejar.

Ate não sabia muito de castelos; só tinha visto gravuras num dos livros do pai. Pensava que o Castelo Pomeroy teria franjas e folhos etéreos, torrezinhas esbeltas, um grande edifício de tijolo cor-de-rosa ao sol poente.

Afinal, era robusto e masculino, com o aspeto agressivo de uma fortaleza militar. Os dois torreões eram redondos e atarracados. Não tinha nada de poético. Eriçava-se, com as suas paredes grossas e autoritárias, como um vigia corpulento a repreender alguém.

A carruagem desceu um caminho de gravilha, passou por um arco de pedra e entrou num pátio. A porta abriu-se e Kate apeou-se, aceitando a mão de um dos lacaios de Mariana, e descobriu que o pátio tinha tanta gente que se sentiu tentada a virar-se e a espreitar para baixo da carruagem a ver se tinham acidentalmente atropelado alguém.

Uma torrente confusa de pessoas fazia uma grande algazarra por toda a parte, dirigindo-se a corredores em arco que existiam em todos os lados. Enquanto ela observava, uma carroça puxada por um burro, com uma pilha de sacos de roupa, por pouco não atropelou um homem com um pau, do qual estavam suspensos pelo menos dez peixes, destinados às cozinhas, sem dúvida. Seguia-o um homem que levava uma grade de galinhas vivas, as cabeças espetadas entre as ripas. Dois rapazes transportavam ramos de rosas maiores do que as suas cabeças e escaparam por pouco a ficar encharcados quando uma criada atirou com algo que só se podia esperar não fosse nada pior do que água suja.

Lacaios do castelo, envergando librés elegantes e sóbrias, conduziram-nos rapidamente sobre o empedrado e através de uma segunda arcada para um segundo pátio... Onde tudo era diferente. Esse era um espaço tranquilo, belo, como se o castelo repelisse ferozmente os que estavam fora dos muros, mas recebesse com

solenidade os seus próprios ocupantes.

Os últimos raios de sol atingiram os olhos de Kate e encandearam-nos, fazendo as janelas parecer ouro derretido e as pessoas que deambulavam pelo pátio interior elementos residentes na corte francesa: belos, descontraídos, nobres.

O castelo era sóbrio por fora e regado a champanhe por dentro.

Ela sentiu um acesso de puro pavor. Que diabo estava ela fazendo, apeando-se de uma carruagem com um fato de viagem que lhe assentava mal, fingindo ser...

Olhou para Algie e viu ansiedade tensa nos seus olhos e percebeu que ele também não pertencia ali: que este ajuntamento de pessoas aos gritos umas com as outras em francês e alemão; tão cuidadosamente elegantes e descuidadamente belas, era mais do que ele alguma vez experiêcia.

E ele era da família dela ou iria ser em breve.

— Está com um esplêndido aspeto — disse-lhe calorosamente.

— Veja só como aquele cavalheiro tem um traje tão fora de moda.

De fato, ela não tinha uma ideia real daquilo que era moda e do que não era, mas acertou. O homem em questão quase não tinha colarinho, enquanto Algie tinha três.

Ele seguiu lhe o olhar e imediatamente se animou.

— Meu Deus, olhe só para aqueles botões — notou.

Foram saudados por um tal Mr. Berwick, que se apresentou como o mordomo do castelo. Anunciou que acompanharia pessoalmente Kate, levando atrás Rosalie, a um quarto na ala ocidental do castelo, e entregou Algie e o criado aos cuidados de um lacaio.

Caminharam ao longo de corredores compridos, silenciosos, iluminados pelos olhos fundos de seteiras abertas para o exterior, e depois através de uma sala com uma tapeçaria puída,

representando dois cavaleiros montados nos seus cavalos.

Tudo fascinava Kate. Como se mantinha o castelo quente no inverno quando a maioria das janelas exteriores pareciam não ter vidro? E que acontecia quando a chuva corria através dessas fendas estreitas como devia suceder por vezes? Parou por um momento e espreitou por uma das pequenas aberturas que davam para o pátio.

Descobriu, para seu deleite, caleiras engenhosas construídas para escoar a água. A parede era extremamente grossa, pelo menos do comprimento do seu braço.

Berwick tinha esperado por ela.

— Estava apenas a investigar as caleiras — disse ela.

— São inclinadas para reduzir a pressão do vento — explicou-lhe ele, pondo-se de novo a caminho. — A ala ocidental é já ali à frente. Esta é a galeria principal. Todos os quartos desta ala partem deste vestíbulo; o seu é o segundo a partir do fim, à esquerda. Deilhe um quarto de frente para o pátio, porque, mesmo com este tempo clemente, os que dão lá para fora podem ser um pouco frios de noite.

A galeria era interrompida a intervalos irregulares por portas, de cada lado das quais saíam pilastras. Depois de uma olhadela, Kate largou a rir; no cimo de cada pilastra havia um querubim frívolo, risonho. E eram todos diferentes. Num dos lados da sua porta, havia uma criança travessa, com pétalas de flores no cabelo e, no outro, um padrezinho colérico com asas engomadas em vez de colarinho branco.

Kate estava no meio do corredor e virou-se para se assegurar de que vira todos. Finalmente, voltou a olhar em frente e viu Berwick pacientemente à espera, nada aborrecido.

— Como diabo aconteceu isto? — perguntou ela.

— Tanto quanto sei um jovem filho da família Pomeroy viajou nos anos mil e quinhentos para Itália e ficou apaixonado pelos escultores italianos. Por isso, roubou um e trouxe o pobre homem

para aqui. O escultor ficou tão irritado com o seu rapto que transformou toda a gente da casa em querubins e, quando acabou, fugiu num barril de manteiga e nunca mais ninguém ouviu falar dele.

— Raptou um escultor? — perguntou Kate, fascinada.

Berwick confirmou com a cabeça.

— Este é o seu aposento, Miss Daltry. Por favor, não hesite em tocar se houver alguma coisa que possamos fazer para melhorar o seu conforto.

E mostrou-lhe onde estava o cordão da campainha para chamar Rosalie e como a tina de estanho estava inteligentemente escondida debaixo da cama alta.

Lançou um olhar em redor do quarto, franziu a sobrancelha para uma jarra de rosas como que a dizer-lhes que não murchassem e retirou-se.

— Oh, menina — disse Rosalie -, não demoramos uma hora a chegar aqui? E a pedra fria passou mesmo através dos meus sapatos. Meu Deus, como eu detestaria viver aqui.

— A sério? — surpreendeu-se Kate. — Mas é tão interessante. E como viver num conto de fadas.

— Não num conto de fadas de que eu gostasse — comentou Rosalie. — A casa deve ser horrivelmente úmida no inverno, toque só na pedra junto à janela. Uffi. E acho que também deve cheirar mal quando chove. Prefiro a Casa Yarrow, com revestimento de madeira para conservar uma pessoa quente e uma casa de banho decente. Adoro ter uma casa de banho.

— Mas este é o tipo de casa que as pessoas cometiam crimes para construir — disse Kate, um tanto sonhadora. — Gostava de saber como era a família Pomeroy. Do que vi num retrato pelo qual passamos, os homens tinham lábios superiores grandes e olhos de falcão. Se calhar foi esse o homem que roubou o escultor italiano.

— Não é uma coisa bonita de se fazer — afirmou Rosalie.

— Embora uma vez eu tenha visto na feira um italiano que era tão pequeno que provavelmente caberia com facilidade num barril de manteiga. Então, quando acha que os lacaios vão trazer as suas malas para cima? Acho que o quarto tem guarda-vestidos suficientes para a roupa de Miss Victoria e isso dá jeito.

Mas Berwick era extremamente eficiente; ouviu-se uma pancadinha rápida na porta e por ela entrou uma fila de lacaios transportando as malas, assim como jarros de água quente, prontas a serem despejados na tina de estanho.

Uns minutos mais tarde, Kate instalou-se dentro dessa banheira com um suspiro de pura alegria. No fim de contas, tinha feito menos nesse dia do que durante anos, desde que a sua situação não era do gênero de deixar uma pessoa descansar ao domingo, nem mesmo no dia de Natal, na verdade. Mas, de qualquer modo, era tão desgastante viajar de carruagem como andar a cavalo.

— Não quero apressá-la, Miss Katherine — disse Rosalie um tempo depois -, mas Mister Berwick disse que, quando a campainha tocar, tem de descer todas aquelas escadas até a sala de estar prateada, onde quer que isso seja, embora eu creia que deixou um lacaio para lhe indicar o caminho. No entanto, estou preocupada com o modo como este vestido vai assentar.

Assim, Kate saiu relutantemente da banheira, embora não permitisse a Rosalie que a limpasse.

— Não sou nenhuma criança — disse ela, positivamente a lutar com a criada pela posse da toalha. — Eu faço isto sozinha.

— Não é próprio — disse Rosalie, cedendo.

— Porque raio é que não é? — perguntou Kate. — Porque é que uma senhora não há de limpar o seu próprio corpo? Se queres a minha opinião, a impropriedade está em ter alguém a tocar-nos o corpo todo.

— Tem apenas de o aceitar — explicou Rosalie. — As senhoras

não se limpam. Nunca.

— Deus do céu! — exclamou Kate com um suspiro. — Suponho que é demasiado tarde para eu tentar tornar-me uma senhora. Nesta altura, seria preciso uma varinha de condão.

— A menina é uma senhora — respondeu Rosalie energicamente. — Está-lhe no sangue. — Entrançou o cabelo de Kate e prendeu-lhe uma cabeleira frisada, de um delicado tom lilás, com uma travessa ornada de joias para a manter no lugar.

O vestido era creme e todo coberto de bordados de pérolas. Rosalie cosera-lhe bolsos no peito e enchera-os de montinhos de cera, de modo que Kate parecia miraculosamente dotada à frente.

— Não está muito mal — concluiu Kate, vendo-se ao espelho.

— Como pode dizer uma coisa dessas? — perguntou Rosalie. — A menina está maravilhosa. Lindíssima!

Kate virou-se de lado. O vestido estava apanhado sob os seios proeminentes (de cera) e o tecido caía levemente até ao chão, apenas com as pontas dos sapatos de noite a verem-se. Também eles eram bordados a pérolas.

— Eu preferia que calçasse uns sapatos de vidro — disse Rosalie, quase de você para você

—, mas dão só para uma noite e este é apenas um jantar de família. Não vão inspecionar lhe os pés.

Kate virou-se de frente para o espelho e esforçou-se por ter um olhar crítico.

— Pareço a minha madrasta — disse finalmente.

— Não parece nada!

— Parece que estou a tentar ser jovem. Virginal.

— Bem, mas... — Rosalie parou. — A menina não é nenhuma carcaça velha! Devia...

— Não — disse Kate liminarmente. — Parece que já passei a

idade de corar, o que é verdade. Nem sequer me importo com, mas não quero parecer que estou a fingir. Percebes o que eu quero dizer, Rosalie? Da maneira que a minha madrasta finge ter trinta anos.

— Fala como se fosse alguma bruxa velha! — protestou Rosalie
— Não tem mais de quê, vinte anos?

— Vinte e três — rematou Kate. — E estou cansada. Suponho que algumas mulheres de vinte e três anos fariam isto com toda a facilidade, mas eu não sou uma dessas. Eu tenho um aspeto... Inadequado.

— Bem, menina — disse Rosalie -, uma das costureiras passou quatro horas a modificar esse vestido e eu mesma modelei os montinhos de cera, e é isso que tem vestido.

Kate deu-lhe um abraço rápido.

— Estou a ser uma besta e peço desculpa. Também não interessa, pois não? Só preciso sorrir como uma idiota para o príncipe para que ele aprove o casamento da Victoria.

— E ir ao baile — lembrou Rosalie. — Eu trouxe três vestidos de baile, mas ainda não tinha...

— Discutimos isso quando chegar à altura — disse Kate com firmeza. Já tinha decidido que não haveria seios de cera no baile. Mas porque havia de dar a Rosalie uma noite de insónias com essa preocupação?

— Conheci o Velo de Ouro do Dimsdale esta tarde — disse Gabriel a Wick imediatamente antes da refeição da noite — e podemos pôr de parte a ideia de trocar o meu Velo russo pelo inglês dele.

— A sério? — O mordomo arrebitou uma sobrancelha. — Depois de conhecer o teu estimado parente, não posso deixar de pensar que a jovem senhora pode sucumbir aos teus encantos, embora estejam diminuídos.

Gabriel lançou lhe um sorriso trocista.

— Não estou assim tão desesperado. O meu tio quase chocou contra a carruagem deles porque pensou que tinha ouvido o cão dele a ladrar. Os latidos vinham de um bando de rafeiros do tamanho de pulgas. E o Velo era tão pouco atraente como os seus cães: pomposamente vestida, excessivamente ousada com os olhos e excessivamente esquelética. Tenho critérios mínimos, mas tenho-os.

— Eu gosto dela — disse Wick amavelmente. — E só tem três cães.

— São daqueles que andam a roda e mordem as próprias caudas. Que era o que eu faria se tivesse de passar muito tempo com ela. Olhou para mim como se eu fosse um infame banqueiro. Acho que não gostou do meu cabelo.

Wick fez um sorriso largo.

— Agora já estamos fazendo progressos. Não te agradou, pois não?

— Nada.

— Bem, tens de aguentar o jantar com ela, porque eu pula à sua direita e nesta altura não vou trocar os lugares. Ponho-os a jantar na

sala de pequeno-almoço e o resto da horda na sala de jantar. Há mais gente a chegar amanhã, por isso tenho de mudar as refeições para o salão grande.

— Não te importas de fazer tudo isto, pois não? — perguntou Gabriel, olhando para o rapaz que ele conhecera toda a vida, agora já homem.

— Fui feito para isto.

— Bem, estou contente por ter um castelo para tu andares a vadiar por aí.

— Devias estar contente por você — salientou Wick.

— Não estou — disse Gabriel. — Mas tenho orgulho fraterno no fato de ter poupado o Augustus a ter de te ver.

— Não foi muito amável da parte do grão-duque — disse Wick, servindo-se de um pequeno copo de brande e emborcando-o. — Expulsar os seus próprios irmãos daquela maneira.

— O Augustus preferiu esquecer que o nosso pai deixou tantas moedas falsificadas com o seu próprio rosto em Marburgo.

— Eu não me pareço com o Augustus — esclareceu Wick, revoltado.

— Isso é porque ele é parecido com a minha mãe, enquanto nós os dois saímos ao velho demónio.

A mãe de Wick era lavadeira e a de Gabriel grã-duquesa, mas a diferença nunca incomodou muito qualquer deles. Nasceram apenas com uns dias de diferença e o pai levava prontamente Wick para o quarto das crianças para ser criado com os seus filhos legítimos, já para não falar demais um bando de outros meios-irmãos variados.

— Ele era um tipo sensato — disse Wick. — Sempre gostei do nosso pai.

— Vimo-lo o suficiente para o julgar? — perguntou Gabriel.

— Olha, dá-me um pouco desse brande.

Wick estendeu-lhe um copo.

— Vimo-lo na conta certa, diria eu. Vê o que aconteceu ao Augustus, depois de ter de passar os dias todos com ele.

Era verdade. Gabriel e Wick partilhavam a convicção profunda de que serem o último filho e filho ilegítimo era destinos muito melhores do que qualquer coisa mais próxima da coroa.

— Eu sei por que estás a matutar na noiva do Dimsdale — disse Wick. — É porque estás nervoso devido à chegada iminente da sua.

— Ela parece uma megera impertinente — comentou Gabriel.

— Admito, causou-me apreensões em relação à Tatiana.

— Eu sei — concordou Wick, — queres uma boa na cama e boa a obedecer.

— Até parece que andas a procura de algo diferente — ironizou Gabriel, picado por qualquer coisa na voz de Wick.

— Eu não ando a procura de mulher — disse Wick. — Mas, se andasse, não havia de a querer boa a obedecer.

— Por quê?

— Aborreço-me facilmente.

— Não me importaria com um pouco de impertinência — disse Gabriel. — Mas o Velo não tem presença. Dei conta disso, embora ela estivesse entrouxada num fato de viagem felpudo. Não tem ar de ter piada.

— Não se espera que as esposas tenham piada — respondeu Wick, pousando o copo e endireitando a gravata branca. — São horas de descer e de convencer toda a gente a ir para os lugares respectivos. A cozinheira que trouxemos para aqui está ameaçando ir embora. Além disso, tive de contratar mais três criadas de fora. Graças a Deus, a sua noiva vem a caminho; acho que não podemos dar-nos ao luxo de outro evento assim.

— Temos dinheiro suficiente sem ela — disse Gabriel, picado.

— Mais ou menos. Tenho o mau pressentimento que as reparações fazendo neste castelo não vão ficar baratas.

Depois de Wick sair, Gabriel sentou-se um bocado a olhar para a secretária. Estava-se incalculavelmente melhor em Inglaterra do que em Marburgo. Aí ele corria constantemente o perigo de ser arrastado para algum tipo de intriga política ou de alguma das outras frivolidades militares que mantinham brilhantes os olhos dos irmãos.

Era uma maravilha ter um castelo. Era mesmo.

Sem dar por isso, agarrou no exemplar de Antiquidades Jónicas que tinha chegado dois dias atrás e começou a lê-lo. Outra vez. O que era um disparate porque ele tinha esse número da revista todo memorizado.

Claro que não podia fugir para Tunis. Tentou forçar o espírito a voltar ao presente. Tinha de ir para os seus aposentos e submeter-se aos cuidados de Pole, vestir um casaco para a noite e cumprimentar o seu absurdo sobrinho. Devia estar feliz por ter uma propriedade e poder albergar o jardim zoológico, e tio, tias, meio-irmão ilegítimo, o bobo da corte...

Se ao menos conseguisse parar de sonhar que estava no calor de Tunis, descobrindo, ele próprio, se aquela escavação continha realmente os restos da cidade de Dido. Tinha adorado a história de Cartago quando era miúdo, sentindo-se arrebatado pela determinação de Enéias, navegando para longe a fim de fundar Roma, deixando Dido para trás, e vivendo mais tarde com um sentimento de culpa, depois de ela se ter atirado para uma pira funerária.

As Antiquidades Jónicas iriam sair outra vez dentro de uns meros... Vinte e três dias. Levantou-se suspirando.

Horas de jantar.

— Vamos comer com a família — disse Algie nervosamente. — Em família, é como se diz.

— En famille — corrigiu-o Kate.

— Suponho que essa é a língua que falam lá em Marburgo. Provavelmente não vou perceber uma palavra.

— Na verdade, é francês — disse Kate.

— Francês? Aprendi isso em Eton. — Houve uma pausa. — Mais ou menos... Acha que é o que falam à mesa?

— Eu traduzo, se for preciso — tranquilizou Kate, pensando que era bom ter vindo ela em vez de Victoria, que não falava uma palavra de francês. Felizmente, ela tinha aprendido a língua antes de o pai morrer. — Sabe alguma coisa sobre o círculo pessoal do príncipe?

Mas Algie não sabia nada sobre a família da mãe e, ao que parecia, nunca se tinha preocupado em perguntar.

A refeição foi servida numa sala encantadora que, embora Berwick se lhe referisse como a pequena sala de pequeno-almoço, era maior do que qualquer quarto da Casa Yarrow.

O próprio príncipe sentou-se à cabeceira da mesa, claro. Envergava um casaco para a noite num tom de azul muito escuro por cima de um colete violeta com botões dourados.

De fato, a cabeleira dela e o colete dariam muito bem um com o outro.

Tudo considerado tinha um aspeto magnífico e ultrajantemente caro. E aborrecido. Não se teria importado de o observar de longe, mas de fato Kate sentia-se apavorada por se encontrar sentada à direita do príncipe. Sentiu-se numa névoa de embaraço, agudamente consciente do seu colar de diamantes e da sua fita

incrustada de diamantes. Estava provocantemente vestida como a filha de um cidadão rico, impondo-se no grupo na esperança de arranjar um marido rico.

O que, recordava a você própria, ela não era. O meu pai era o filho mais novo de um conde. Um conde. E não interessava o fato de o pai ter morrido sem lhe deixar um dote, ou de ter casado com uma mulher de má fama, ou de ter...

Ou de todas as outras maneiras como o pai a desiludira. Sangue é sangue. Sou neta de um conde, disse de você para você.

Posto isto, levantou o queixo e endireitou os ombros. O príncipe estava a falar com uma senhora corpulenta, à sua esquerda, que discursava com profunda seriedade sobre...

Qualquer coisa. Kate esforçou-se por ouvir e descobriu que a senhora falava alemão e ele respondia em francês. O cavalheiro à direita dela estava ocupado, por isso ela mordiscava o peixe e escutava as respostas em francês do príncipe.

A senhora disse qualquer coisa; o príncipe caracterizou o comentário dela como um tiro no escuro. A senhora respondeu; o príncipe desatou a falar alemão, por isso, Kate observou-o através das pestanas uma vez que não percebia o suficiente para bisbilhotar a conversa.

A primeira coisa que se observava nele era que se tratava de um príncipe. Estava-lhe estampado no rosto. Não podia chamar-lhe mera arrogância, pensou, catalogando a linha dura do seu maxilar.

Achou que tinha mais que ver com o modo como ele parecia liderar tão facilmente, como se nunca tivesse visto no mundo nada que não pudesse ter se pedisse. Refletiu nisso por momentos. Um príncipe nunca teria feito nenhuma das coisas que ela fizera nos últimos anos. Aquela vez que ajudara ao nascimento de um bezerro veio-lhe à ideia como uma tarefa particularmente malcheirosa e desagradável.

Um príncipe não teria três cãezinhos fechados no seu quarto

neste preciso momento. Um príncipe...

Comeu mais um pouco de peixe.

— Em que está pensando?

A sua voz era como veludo, enfática e profunda.

— Estou a contemplar o peixe — explicou Kate, com falta de honestidade.

E ele sabia-o. Havia um demónio naqueles olhos e eles registraram a sua mentira.

— Diria — disse ele — que está pensando em mim.

Tudo o que nela havia de inglês ergueu-se em protesto contra a sua insolência, contra a ousadia de dizer uma coisa daquelas.

— Se isso o faz mais feliz — respondeu ela docemente —, na realidade estava.

— Agora parece o meu mordomo a falar.

— Ah, o Berwick é inglês, não é?

Isso lhe despertou interesse.

— Acontece que o Berwick cresceu comigo e toda a vida o conheci. Mas, se fosse inglês, que denotaria isso?

Kate encolheu os ombros.

— Nós nunca perguntamos às pessoas se estão a pensar em nós.

— Porque não? Já que é incapaz de perguntar, eu estava a pensar em você.

— Deveras. — Kate pronunciou a palavra com a mesma indiferença com que se dirigia ao padeiro depois de ele cobrar a mais pelos pães.

— A sua cabeleira — continuou ele, com outro daqueles perversos sorrisos oblíquos.

— Nunca tinha visto uma cabeleira roxa.

— Não deve ir a Londres com frequência — retorquiu ela. — Ou a Paris. As cabeleiras pintadas estão na moda.

— Acho que a preferia sem cabeleira.

Kate disse a você própria que devia manter-se calada, mas simplesmente não conseguiu.

— Não consigo imaginar porque pensa que as suas preferências têm algum interesse quando se trata do meu penteado. Isso seria tão estranho como assumir que eu tenho interesse no seu cabelo.

— E tem?

A presunção do homem não tinha limites! Kate sentiu toda a irritação dos despojados. Apenas por ser príncipe, parecia assumir que toda a gente estava fascinada por ele.

— Não — disse ela categoricamente. — O seu cabelo é apenas... Cabelo. — Olhou para ele. — Bastante despenteado e ligeiramente comprido, mas tem de se dar desculpa a um homem que obviamente não tem qualquer interesse pela moda e que não viaja para Londres.

Ele riu-se, e até o seu riso tinha um som ligeiramente exótico, tal como a sua pronúncia.

— Eu tive a impressão, no nosso primeiro encontro, que não lhe agradei. Tendo esgotado o assunto do nosso respectivo cabelo, Miss Daltry, posso perguntar o que esta achando de Lancashire?

— Parece muito bonito — disse Kate. E depois, antes de parar, perguntou: — Quais são as diferenças em relação à Marburgo?

Ele sorriu claro. Ela tinha feito o que era de esperar e virara a conversa para ele, deixando uma sombra de desprezo insinuar-se no olhar, duvidando embora de que ele a notasse. Os homens como ele não reconheciam o desdém que lhes era dirigido.

— Isto aqui é mais verde — explicou ele. — Ocorreu-me, enquanto andava lá fora a cavalo, que o campo inglês é o contrário das pessoas inglesas, na realidade.

— Como assim? — Alguém lhe tirara o peixe quando não estava a olhar e substituíra-o por outro prato, o que a fez suspeitar que este fosse um desses jantares que apenas conhecia de leituras, com vinte e quatro pratos e quinze coisas doces para terminar. Uma mesa real, na verdade.

— Os ingleses são tão contidos na sua fertilidade — disse ele, sorrindo-lhe. — Enquanto as plantas estão toda a rebentar com fervor reprodutivo.

Kate ficou de boca aberta.

— O senhor não devia... Não devia falar dessas coisas comigo.

— Como esta conversa é instrutiva para mim! Ao que parece, a natureza enquadra-se na mesma categoria que o cabelo: não pode ser discutida à hora da refeição em Inglaterra.

— Em Marburgo discute fertilidade com jovens senhoras? — perguntou ela, mantendo a voz bastante baixa para o caso de a viúva corpulenta em frente dela ouvir a pergunta.

— Oh, todos os géneros de fertilidade — proferiu-o. — Uma corte pura e simplesmente fervilha de paixão, sabe. Na maioria dos casos de muito curta duração, mas muito mais intensa dada a sua brevidade. Embora a corte do meu irmão, neste momento, não.

Sem querer, Kate estava fascinada.

— Porque não? O grão-duque reprimiu a sua corte de alguma forma? O senhor parece tão... — Controlou-se mais uma vez. Não lhe competia qualificar homens daquela espécie.

— Como gostaria de saber o que pareço ser. Mas, receando que me corte a palavra, direi apenas que no ano passado o meu irmão acolheu um pregador desesperadamente piedoso na sua corte e, em cerca de uma ou duas semanas, o homem tinha convencido a maior parte da corte a desistir de quaisquer folguedos não aprovados pela Igreja.

— Calculo que o senhor tenha sido a exceção — disse ela. E

depois percebeu que lhe tinha dado uma oportunidade de falar novamente sobre você próprio. Deve ser uma dádiva oferecida a príncipes: atrair todas as conversas para a sua própria esfera.

— Revelei-me impermeável à retórica do frade Prance — disse com um largo sorriso.

— Foi muito triste, particularmente quando se tornou evidente que o meu irmão Augustus pensava que as ideias do frade eram, digamos, inspiradas por Deus.

— O que recomendou o frade Prance para substituir os folguedos?

— Ele andava especialmente perturbado com aquilo que designou como traição de camisa, que, essencialmente, era qualquer coisa que mulheres e homens pudessem querer fazer juntos. Assim, colocou um quadro na sala de estar com uma espécie de sistema de pontos. A recompensa, como era natural, era a vida eterna.

Kate ficou a pensar nisso enquanto comia o seu veado.

— Já ouvi retórica desse gênero vinda do púlpito.

— Sim, mas os padres são normalmente tão vagos... Uma referência aqui ou ali a portas do céu e talvez a nuvens. O frade Prance tinha a coragem das suas convicções; as suas promessas eram muito explícitas. Além disso, o seu sistema de pontos permitia a uma pessoa ganhar pequenas recompensas memorizando partes da Bíblia.

— E essas recompensas seriam?

— O direito a usar túnicas de seda fiada em vez de brancas, simples, era uma das preferidas entre as mulheres. De fato, a questão da moda era uma tentação irresistível para aquelas que, de outro modo, poderiam sentir-se inclinadas a descreer. Tornou-se uma autêntica competição na corte, exacerbada apenas quando ele concordava em dar pontos extras a quem recitasse os seus versos em público.

— Eu estou a treinar os meus cães com um sistema parecido — comentou Kate. — Claro que estou a utilizar queijo em vez do céu como à recompensa suprema, mas para eles é provavelmente a mesma coisa.

— Bem, possivelmente é por isso que fui um falhanço. Detesto queijo.

Outra vez ele, pensou Kate. Comeu mais um pouco em vez de voltar ao assunto favorito dele.

— Não está curiosa relativamente aos meus falhanços particulares? — insistiu ele.

— Não tenho a noite toda — respondeu ela, obsequiando-o com um sorriso. — Se não se importasse muito, preferia ouvi-lo falar mais da corte do seu irmão. Toda a gente se submeteu fervorosamente ao sistema?

— Tentaram depois de Augustus apresentar um interesse ardente. E essa a natureza de uma corte.

— Parece cansativo.

— A devoção recém-adquirida de Augustus foi um choque, admito. Mas veja como resultou tão bem: expulsou da sua corte todos aqueles que não conseguiram revelar o necessário entusiasmo pelo esquema e foi assim que eu acabei aqui.

— A sua corte funciona com os mesmos princípios?

— A minha? Eu não tenho corte.

Ela olhou em volta.

— Paredes altas de pedra e tapeçarias que devem remontar aos tempos da própria rainha Isabel. Pátio encantador. Montes de criados. Ora, eu creio que estou num castelo! — Considerando ter dado as suas razões, sorriu ao lacaio que estava à sua direita.

— Sim, terminei o veado, obrigada.

— Um castelo não é a mesma coisa que uma corte — comentou o príncipe.

— Meu Deus, Vossa Alteza! — disse ela com doçura. — Claro que tem razão, Vossa Alteza.

Foi realmente divertido ver o maxilar dele, ficar um pouco rígido. Pobre príncipe...

Obviamente tão habituado a que as pessoas lhe beijassem os pés que nem conseguia apreciar brincadeiras.

— Uma corte serve um objetivo útil — salientou-o. — O rei ou grão-duque, como é o caso de meu irmão, governa as suas. Eu não governo nenhuma, Miss Daltry. Portanto, isto não é uma corte.

— Então tem sorte a dobrar. Não precisa de se preocupar nada se é útil ou não — respondeu ela.

— Suponho que diria que não sou?

— O senhor foi o próprio a dizer que era um príncipe sem súbditos — salientou-a. — Claro que não é útil, mas isso não é falha sua. É uma questão de nascimento, e o seu nascimento, Vossa Alteza, significa que nunca precisa ser útil. Ou de questionar o valor de mercado de qualquer coisa, o que eu ainda consideraria uma herança melhor.

— Acredita que um príncipe é alguém que não sabe o preço de nada?

Havia algo no seu sorriso, algo um pouco sinistro e sardónico, que levou Kate a interrogar-se se estaria a exceder-se, mostrando-se demasiado esperta.

— Calculo — disse mais delicadamente — que saiba o valor de muitas coisas, se não os seus preços.

Ele olhou-a por um momento e depois se inclinou um bocadinho mais para perto dela.

— Eu realmente ouvi dizer que o preço de uma mulher, minha querida Miss Daltry, é superior ao dos rubis. Ou esse era o preço de uma boa mulher? Que pena o frade Prance não estar aqui para resolver a questão.

— Era, na verdade, o de uma boa mulher — disse-lhe ela.

O príncipe sorriu-lhe, o sorriso premeditado, tigrino, que provavelmente utilizava para seduzir senhoras caprichosas.

— E a Miss Daltry é uma boa mulher?

Ela devolveu-lhe o obséquio, dirigindo-lhe o sorriso meigo que se dirige a uma criança iludida. E, para o caso de ele não perceber completamente, deu-lhe umas palmadinhas no braço.

— Se não leva a mal um conselho, nunca se pede a uma senhora que fixe o seu próprio preço. Se tiver de perguntar, a resposta é sempre mais do que aquilo que pode despende.

O homem idoso que estava à sua direita virou a cabeça nesse momento.

— Conte-me mais coisas sobre o seu museu da guerra — pediu Kate. — Sempre achei que as garrafas de leite eram extraordinariamente versáteis. Não, não, não esta interrompendo nada. Sua Alteza e eu estamos a aborrecer-nos estupidamente.

Gabriel sentiu vontade de dar uma gargalhada quando olhou para a parte de trás da cabeça de Miss Daltry. Foi castigo por pensar que todas as mulheres querem ser princesas. Ou que qualquer mulher inglesa gostaria dele simplesmente por ele ser príncipe.

Esta inglesa concluíra em segundos que ele era um cretino convencido. Vira-o nos seus olhos, no modo como olhava para baixo, ao longo do seu narizinho direito.

Se calhar o seu nariz era um pouco comprido demais. Não lhe tinham dito que a noiva de Dimsdale era de uma beleza arrebatadora? Ele achava que não era. Tinha sombras azuis escuras sob os olhos, por um lado. As mulheres belas deviam ter uma pele cintilante da cor de flores de pessegueiro.

Uma senhora da corte teria depilado as sobrancelhas até ficarem a alturas etéreas...

As dela desenhavam traços sobre os olhos, realçando-os. Olhos

extraordinários; tinha de dizer. Ficavam bem com aquela tola cabeleira roxa que ela usava.

Outra questão: de que cor seria o cabelo dela por baixo daquela cabeleira? As sobrancelhas sugeriam um castanho quente, talvez arruivado. Talvez tivesse um daqueles penteados curtos que ele odiava, mas que bem podia imaginar nela. Acentuar as maçãs do rosto e...

Percebeu que a tia estava a aclarar a garganta de um modo horroroso. Que diabo estava ele fazendo? Presumivelmente Wick tinha razão, ele estava a ficar obcecado com a noiva do sobrinho simplesmente por ter pavor da sua.

Tatiana provavelmente tinha um nariz pequeno, perfeito, e olhos doces que o olhariam com aprovação.

A ideia veio-lhe à mente sem mais nem menos: Miss Daltry era o epítome de boa na cama.

Mas boa a obedecer?

Virou-se para a tia com um enorme sorriso. Nunca.

— Está mesmo a planejar ir para a cama? — perguntou Algie, quando o grupo passou, finalmente, a uma sala de estar. — Sei que não tem saído muito, mas é escandalosamente cedo.

Não ter saído muito era uma maneira simpática de resumir a vida de Kate em casa de Mariana.

— O Algie fica — disse ela. — Quanto menos eu estiver com pessoas melhor. Ao que parece, Mister Toloose conheceu a Victoria na primavera passada. Tivemos sorte por não ter ficado ofendido quando eu o ignorei acidentalmente há bocadinho.

Algie encolheu os ombros.

— Devia sorrir a toda a gente, na verdade. O importante é que o príncipe parece estar razoavelmente satisfeito consigo. Quem haveria de pensar que ia aqui estar tanta gente? Lorde Hinkle acabou de me dizer que a alta sociedade está morrendo de

curiosidade acerca do meu tio.

A maneira como ele disse o meu tio era totalmente diferente agora, depois de ter conhecido o homem em questão. Kate tinha a firme impressão de que Algie irifazendo da sua relação com a realeza o assunto de muitos jantares, por muitos anos.

— Vemo-nos amanhã de manhã — respondeu ela, virando-se para a porta da sala de estar. A sala estava agora apinhada, e o ar cheio com o clamor de quinze conversas simultâneas.

Kate estava quase à porta quando uma mulher singular lhe impediu a passagem. Tinha provavelmente quarenta anos e era assombrosa em termos de opulência e luxo. Ao contrário de muitas mulheres na sala, não tinha o cabelo cortado; em vez de o ter curto, tinha-o apanhado na cima da cabeça e depois empoadado de cor de morango. Colidia loucamente com os seus olhos azuis-escuros, mas, de qualquer modo, o efeito era maravilhoso.

— A menina! — exclamou ela.

Kate estava a tentar deslizar para o lado, mas, ante esta ordem, parou.

— Conheço-a.

Não conseguiu dizer: Deve conhecer a minha irmã, por isso afivelou um sorriso bastante tolo e disse:

— Oh, claro, como está?

— Não a conheço desse modo — retorquiu a mulher impacientemente, brandindo no ar um leque ornado de joias. — Ora, quem é a menina? Quem é?

Kate fez uma reverência.

— Sou Miss...

— Claro! E a imagem chapada de Victor. O demónio em pessoa era o que ele era. — Mas disse-o com afeto. — Tem o nariz e os olhos dele.

— Conhecia o meu pai? — perguntou Kate, gaguejando um pouco.

— Muito bem — disse a mulher, sorrindo. Era o tipo de sorriso que não se esperaria de uma senhora tão obviamente de boas famílias. — E chama-se Katherine. Como sei eu isso, poderá perguntar?

Kate compreendeu subitamente, com uma sensação de alarme, que qualquer pessoa podia ouvir a conversa.

— Na realidade — começou ela, mas foi interrompida.

— Porque sou sua madrinha, é por isso! Meu Deus foi há uma eternidade. Espantoso como os anos passam. Eras apenas uma coisinha minúscula, a última vez que te vi, toda bochechinhas rechonchudas e orelhas grandes. — Observou-a mais de perto. — Olha para você, agora. Exatamente como o teu pai, embora essa cabeleira não te favoreça nada, querida, se não levas a mal que te diga. Tens a sorte de ter os olhos dele; por amor de Deus, não os associes a uma cabeleira roxa.

Kate sentiu um pequeno rubor a subir-lhe pelo pescoço acima, mas a madrinha — a madrinha dela? — não estava a inspecioná-la.

— E esse enchumaço aí à frente também não te favorece nada. E demasiado grande. Parece que tens dois sacos de enchidos pendurados do pescoço.

O rubor subiu-lhe até as orelhas.

— Ia agora mesmo deitar-me — apressou-se Kate, fazendo nova reverência. — Se me dá licença.

— Ofendi-te, não? Pareces um pouco febril. Ora, isso era uma coisa que o Victor controlava: o seu mau humor. Não controlava mais nada, mas nunca vi saltar-lhe a tampa mesmo quando estava com os copos.

Kate pestanejou. Saltar-lhe a...

— Ofendi-te outra vez — disse a madrinha com satisfação. — Anda daí, então. Vamos para os meus aposentos. O mordomo pôs-me numa das torres e é absolutamente celestial, como estar nas nuvens, se não fossem os pombos a defecar nas janelas.

— Mas... Eu não... Como se chama? — perguntou Kate, por fim. Ela ergueu uma sobrancelha delineada na perfeição.

— O teu pai nunca te falou de mim?

— Receio que tenha morrido antes de ter tido oportunidade.

— Velho imbecil — disse ela. — Jurou-me que havia de te contar tudo a meu respeito. Conto-te a história toda, mas não aqui. Este castelo está apinhado de pessoas que anseiam por má-língua, inventando-a o mais depressa que podem. Não há necessidade de deitar achas para a fogueira.

Kate manteve-se firme.

— E a senhora é?

— Lady Wrothe, embora possas também tratar-me por Henry, que é diminutivo de Henrietta. O Leominster, meu marido, está ali a embebedar-se com o príncipe de Wurttemberg. É que o pobre Leo não consegue deixar um copo de brande passar perto dele. — Estendeu a mão e agarrou o pulso de Kate.

— Chega de apresentações; vamos.

Rebocou Kate pela escada acima, ao longo de corredores, subindo mais escadas e finalmente para o quarto dela; empurrou-a para cima da cama e tirou-lhe a cabeleira.

— Tens o cabelo do Victor. Es uma beleza, não és?

Kate sentiu-se como se um remoinho tivesse surgido de nenhures, á tivesse levantado no ar e depositado no quarto da torre.

— Conheceu bem o meu pai?

— Quase casei com ele — disse Lady Wrothe de imediato.

— Só que nunca me pediu. Ainda me lembro do meu primeiro encontro com o teu pai. Foi no Teatro Fortune, durante o intervalo de Otelo. Soube no mesmo instante que gostaria de representar a Desdémona para este Mouro.

— A minha mãe estava lá? — perguntou Kate, sentindo um impulso de lealdade pela pobre mãe, que parecia ter sido ignorada não só por Mariana, mas também por Lady Wrothe.

— Não, não, ele ainda não a conhecia.

— Oh! — disse Kate, sentindo-se melhor.

— Tivemos um namoro delicioso — confidenciou Lady Wrothe, com um ar um pouco sonhador. — Mas a sua mãe já andava de olho nele e daí a uns meses o pai dela, o teu avô tinha pescado o Victor como uma truta meio morta. O Victor era extraordinariamente pobre — explicou.

— Oh! — exclamou novamente Kate.

— Felizmente para ele, era um raio de homem muito bonito, todo aquele cabelo escuro brilhante, e os teus olhos, e depois as maçãs do rosto... Se as coisas tivessem sido diferentes, teria casado com ele num ai.

Kate acenou com a cabeça.

— Claro, ele teria sido infiel e depois eu teria dado um tiro nas partes íntimas — explicou Lady Wrothe, pensativa, — portanto, ainda bem que não casei.

Da boca de Kate escapou uma risadinha. Era feio rir-se, manifestamente feio, quando estava a ouvir histórias da infidelidade desenfreada do pai.

— Ele, pura e simplesmente, não conseguia evitá-lo. Alguns homens são assim. Suponho que estiveste com o príncipe? É um deles. Nenhuma mulher será capaz de manter esse homem em casa e, embora seja uma delícia entretermo-nos com eles, é melhor evitá-los. Fui casada três vezes, querida, portanto sei.

— Então o meu padrinho deve ter morrido — deduziu Kate. — Lamento a sua perda.

— Já foi há muito tempo — disse Lady Wrothe. Depois, lançou a Kate um sorriso enviesado, secreto. — Eu e o teu pai... Ele...

— Tiveram um caso — concluiu Kate, resignada.

— Oh, não. Talvez tivesse sido melhor para ambos se tivéssemos tido. Éramos jovens e tolos quando nos conhecemos, o que significa que era tudo conversa de amor e rosas, não de cama. E

o Victor não podia casar comigo porque o meu dote não era suficientemente grande.

Quanto mais sabia sobre o pai, tanto menos gostava do que ouvia.

— Os clássicos Romeu e Julieta — disse Lady Wrothe, — mas sem apunhalamentos e veneno, muito obrigada. Em vez disso, o teu pai simplesmente casou com a sua mãe e esse foi o fim da história.

— Também a conhecia?

Lady Wrothe sentou-se no banco em frente do toucador pelo que Kate não conseguia ver-lhe os olhos.

— Tua mãe não tinha sido suficientemente forte para ter Aia temporada normal na alta sociedade, por isso só a conheci no teu batizado.

— Interrogo-me como é que a minha mãe e o meu pai conseguiram conhecer-se, se a minha mãe se encontrava acamada com tanta frequência — admitiu Kate.

— Oh, não se conheceram. Ela viu-o a passar no Hyde Park e quis saber o seu nome. A partir daqui o pai dela encarregou-se do resto.

Kate ficou ainda mais deprimida com esta revelação.

— E, claro, eu também me casei — disse Lady Wrothe, virando-se, a balançar, para ficar outra vez de frente para Kate.

— Não podes pensar que foram só desgostos. Apaixonei-me pelo meu marido e admito que o Victor apaixonou-se pela sua mãe. Ao longo dos anos, fomo-nos vendo ocasionalmente. Não, apresso-me a acrescentar, de uma forma clandestina de qualquer tipo.

Kate acenou com a cabeça.

— Uns anos mais tarde; dei comigo a dançar com ele no Vauxhall. Eu tinha acabado de perder outro filho, nunca fui capaz de gerar um bebê. Fartei-me de chorar no ombro dele.

Kate teria feito umas festinhas na mão, mas Lady Wrothe não

era o gênero de mulher que uma pessoa consolasse desse modo.

— Quando dei por mim, o Victor tinha conseguido que eu e o meu primeiro marido fôssemos os teus padrinhos.

Kate sorriu debilmente.

— Apeteceu-me matá-lo. Oh, fizemos a cerimónia, claro. Como é que podíamos não fazendo? Mas eu fiquei muito zangada com a sua cegueira, por ele pensar que ser madrinha da filha que teve com a sua mãe podia de qualquer modo compensar-me dos meus filhos perdidos. Logo a filha dele.

— O meu pai não era muito sensível — admitiu Kate, lembrando-se de como ele estava contente quando lhe disse que ia levar para casa uma madrasta, numa altura em que ela ainda chorava a morte da mãe. — Mas foi, com certeza, com boa intenção?

— Claro... Mas nessa altura eu estava tão destroçada com a perda de outro bebê que nem percebi. Acho que me esforcei por te esquecer depois da cerimónia. De fato, num ataque de capricho, fingi que não existias. Mas estás aqui!

O que recordou Kate da sua situação.

— Na verdade, não estou aqui como eu própria — confessou.

— A sério? — Lady Wrothe olhou para a sua imagem no espelho e depois empoou o nariz pensativamente. — Tomara eu também não estar. Às vezes fico tão farta do Leo. Gostava de ser outra pessoa qualquer, embora, se isso significasse ter de usar uma cabeleira roxa, pudesse repensá-lo.

— A cabeleira roxa faz parte disso — explicou Kate. — Estou aqui como a minha meia-irmã Victoria, que... — e ela desembuchou a história toda, em grande medida porque Lady Wrothe não parecia no mínimo compadecida, mas apenas acenava com a cabeça e dizia coisas como Victor, que malandro, num tom que parecia transmitir não um juízo, mas apenas um fato.

Resumiu muito bem a situação:

— Então neste momento estás fazendo de Victoria, que está noiva de um cretino chamado Algernon, que te arrastou para aqui porque precisa da bênção do tio para o casamento, que tem de se realizar porque a Victoria é tão cabeça no ar como a mãe.

— Isso fá-la parecer uma rameira — protestou Kate. — E ela não é, está apenas apaixonada.

— Apaixonada — disse Lady Wrothe, com enfado. — Por amor de Deus, nunca te apaixonas antes de te casares. É muito complicado e tem consequências horrorosas. A única vez que eu me apaixonei fora do casamento foi pelo teu pai e foi porque não consegui evitar, embora tivesse lutado contra isso com unhas e dentes.

Kate sorriu.

— Não estou a planejar apaixonar-me, Lady Wrothe.

— Henry.

— Não posso tratá-la por Henry — protestou Kate.

— Porque não? Porque sou demasiado velha?

— Não... Bem...

— Sou suficientemente velha para exigir o nome que prefiro — disse ela, brandindo no ar uma mão incrustada de diamantes.

— Esquece esta conversa de amor; é um monte de disparates. Gostava que o Leo e eu tivéssemos passado esta temporada em Londres e não no Continente. Teria conhecido as tuas parentas promíscuas e exigido saber onde estava a minha afilhada. De qualquer maneira, a verdadeira questão é com quem é que tu deves casar. Depois de acabares esta charadazinha, claro.

Kate sentiu um grande alívio no peito. Havia qualquer coisa de especial em Henry: era toda ela, curvas opulentas com uma grande extensão de peito branco, mas os seus grandes olhos azuis eram firmes. Podia-se confiar nela.

— Não vais chorar, pois não? — perguntou Henry, parecendo

desconfiada. — Não suporto lágrimas.

— Não — confirmou Kate.

— Então, com quem queres casar? Julgo que não estás a planejar roubar o Algernon à sua irmã. Não parece ser grande negócio.

— Eu sei perfeitamente com quem gostaria de casar — retorquiu Kate prontamente.

— Quer dizer, não sei precisamente com quem, mas sei com que gênero de homem. Alguém como o meu pai, mas não, se compreende o que quero dizer. Ele não parava muito em casa e eu preferia alguém que goste do campo. Eu adorava a nossa casa de campo. É linda e exatamente do tamanho ideal, suficientemente grande para muitas crianças.

— Queres o teu pai, mas sem o pendor infiel — concluiu Henry, indo direto ao âmago da questão. — O Victor tinha uma propriedade razoável, graças ao dote da sua mãe, mas nada...

— É precisamente do tamanho adequado para mim — interrompeu Kate. — Não quero casar com um conde ou alguém desse gênero. Um fidalgo rural seria ótimo. Ou até um comerciante que se tivesse mudado para o campo.

— Nenhuma afilhada minha casa com um comerciante — declarou Henry. — Por amor de Deus, menina, tu és neta de um conde. E a sua mãe não era nenhuma companhia, embora não pudesse sair da cama. Era uma senhora e tu também és.

Kate não era uma senhora havia muitos anos, desde que o pai morrera e Mariana a mudara para o sótão. Sentiu a garganta apertar-se.

— Desculpe — disse ela. — Vou chorar.

— Ah, bem, acontece aos melhores — disse filosoficamente Henry. Levantou-se e dirigiu-se a uma pequena salva de prata e encheu copos com um licor pálido. — Eu chorei que nem uma

madalena depois do teu batizado. Estava tão convencida que devias ter sido minha filha, sabes.

— A sério?

Kate limpou as lágrimas e tentou concentrar-se.

— Depois disso, voltei às costas ao Victor e nunca mais lhe falei.

— Acrescentou, um pouco rispidamente. — No entanto, nunca deixei de pensar nele. Um demónio era o que ele era.

— Lamento — disse Kate. — Realmente, ele não tinha bom carácter moral, como se vê. Preferia que o meu marido fosse muito diferente nesse ponto.

— Toma, bebe o teu licor — sugeriu Henry, bebendo o seu de um trago. — Levo-o comigo para toda a parte porque é o único género de bebida de que o Leo não gosta, por isso há uma hipótese de eu ainda ter algum no dia seguinte.

Kate bebeu o seu em pequenos goles. Sabia a limão, feroz e cruel para o nariz.

— Limoncello — disse Henry com satisfação. — Não é brilhante? Soube dele por um homem que conheci uma vez em Sorrento, Lorde Manin. A ele, deixei-o para trás, mas desde então tenho trazido sempre limoncello comigo. Então, queres um homem com uma propriedade razoável e um bom carácter. Não deve haver grande problema. Eu própria também estive inclinada para isso, embora deva admitir que escolha homens com bastante mais do que uma propriedade razoável. Contudo, se for preciso fazer investigações, faço-as eu própria. Desse modo, sei que ninguém se magoa.

Kate bebeu mais um gole do seu limoncello e deu consigo a sorrir para a madrinha. Era muito divertida e franca.

— Eu não tenho dote — advertiu ela. — Quer dizer, tenho um pequeno pé-de-meia que me foi deixado pela minha mãe, mas não é nada de especial.

Henry pousou o copo vazio.

— Isso não parece justo, Katherine. Es Katherine? Por qualquer razão, o nome não te assenta bem, como Victoria também não te assentaria.

— O meu pai chamava-me Kate.

— Brilhante. Claro. Então que disparate é esse em relação ao teu dote, e já que estamos a falar nisso, que te aconteceu? Acabei de fazer as contas e tu deves ter pelo menos vinte e três anos, portanto, porque não estás arrumada ainda, com dois ou três fedelhos aos berros em cima dos joelhos? Os teus desejos são muito modestos e tu és bonita.

Kate acabou a sua bebida.

— Como lhe disse, o meu pai voltou a casar, mas morreu pouco tempo depois. E deixou o dinheiro todo à nova mulher.

— Isso é mesmo o tipo de estupidez que o Victor teria feito. Provavelmente, nem se lembrou de fazer um testamento. Mas os seus bens eram uns vinténs... Nada que se compare com os da sua mãe.

Kate ficou de boca aberta.

— Quê?

Henry esboçou uma espécie de sorriso sonolento, mas os olhos brilharam.

— Ele nunca te contou?

— Contou-me o quê?

— A sua mãe recebeu uma grande herança. O teu avô queria-a casada, de modo que comprou o teu pai e ele... Bem, receio bem que o Victor quisesse o dinheiro dela.

— Ele deve tê-lo gasto — disse Kate, desvalorizando. — Porque eu tenho apenas uma renda muito pequena da minha mãe. Se ele não o gastou, gastou-o a minha madrasta.

— Não sei — disse Henry, com hesitação. — Como deitou ela a mão a esse dinheiro? Lembro-me vagamente de ouvir o Victor queixar-se de que não podia tocar-lhe. Tenho de pedir ao Leo que investigue isso.

— Mesmo que a Mariana se tenha apropriado dele ilicitamente — disse Kate — eu não podifazendo nada. Não gosto dela, mas...

— Bem — disse Henry, interrompendo-a. — Não interessa.

— Não?

— O teu pai deu-te a mim, Kate. E embora, nessa altura, eu não tenha ficado grata com o presente, agora sinto as coisas de outra maneira. — Henry estendeu a mão e pô-la na face de Kate, apenas por um segundo. — Gostaria de tentar ser uma madrinha decente para você, se não te importas.

A visão de Kate toldou-se outra vez.

— Seria uma grande honra para mim.

— Ótimo! — disse ela, levantando-se. — Agora tens de te ir embora depressa, porque eu descobri que, se não durmo o meu sono de beleza, de manhã estou uma autêntica besta. Não há nada de mal nisso, mas como o Leo está lá em baixo a beber brande, já seríamos dois. E isso é dois a mais do que este castelo aguenta.

Kate pôs-se de pé também e depois hesitou por um segundo.

— Anda aqui — disse Henry bruscamente e estendeu os braços.

A mãe de Kate era magríssima e cheirava a limão; Henry era cheia de curvas e cheirava a perfume francês.

Mas, pela primeira vez desde que a mãe morrera, Kate sentiu-se segura.

Quando Kate chegou ao quarto, olhou para o cordão da campainha com que havia de chamar Rosalie para a preparar para se deitar, mas não sentia o mínimo sono.

Saltavam-lhe imagens à mente, memórias do rosto melancólico da mãe ao ver o pai, da cortesia delicada do pai ante a sua mulher. Seria possível que ainda estivesse apaixonado por Henry? Ou teria apaixonado depois por Mariana?

Sentia o coração destroçado entre a tristeza da mãe e a de Henry, entre o romance de um amor jovem e a irritação pelo fato de o pai se ter deixado comprar.

Por fim, decidiu levar os cães a passear. Acalmou Caesar olhando-o fixamente e depois deu-lhe um pedaço de queijo quando ele parou de ladrar.

A grande sala de estar estava ainda resplandecente de luz quando ela entrou no pátio interior, os cães à frente, a puxarem. Caminhou na outra direção, tropeçando nas pedras da calçada.

O pátio exterior estava mal iluminado, mas parecia ter uma série de jaulas grandes alinhadas contra o muro. Os cães puxavam as trelas com toda a força, por isso ela lembrou-se do conselho de Cherryderry e parou até eles acalmarem. Depois, deu-lhes uma rodada de queijo e, desta vez, ficaram muito educadamente ao lado dela.

— Se, se portarem bem — disse-lhes amanhã os levo comigo.

Tinha de o fazer, de qualquer modo; Victoria transportava aqueles cães consigo para toda a parte e Mariana considerava os cães como parte do seu disfarce.

Todos eles levantaram os olhos no momento em que ela falou. Estava a começar a gostar um bocadinho deles, especialmente de Freddie. Esse tinha medo de tudo, desde uma mosca fortuita até

uma sombra escura, mas a coragem não é uma virtude que se exija aos cães. Mais, era muito agradável dormir com ele.

As jaulas eram assustadoramente grandes. A luz que vinha da única lanterna, pendurada de um gancho no muro, não atravessava as grades. Os cães pararam longe da primeira jaula, farejando firmemente o recinto escuro. Kate espreitou lá para dentro, mas não conseguiu ver nada. No entanto, havia um cheiro bastante intenso.

— Que raio é que um príncipe poderá ter dentro de uma jaula? — perguntou ela em voz alta. Caesar soltou um leve latido como resposta, mas manteve os olhos fixos na jaula. Freddie estava encolhido contra a perna dela, não revelando qualquer interesse em saber mais nada. Ela estendeu a mão para a lanterna... Quando uma mão maior apareceu por cima da sua e apanhou-a primeiro.

— Quem é... Oh! — Engoliu a palavra num guincho. Era o próprio príncipe, com um aspecto ainda mais melancólico e contemplativo à luz vacilante da lanterna. O cabelo desalinhado saía-lhe da fita e a boca tinha um ar arrogante. Lábios finos, disse ela de você para você, levantando o queixo. Toda a gente sabia que os membros da realeza eram todos parentes entre você.

— Tenho um leão nesta jaula — explicou o príncipe com toda a naturalidade. — Ali está um elefante, fêmea, com a companheira, uma macaca. E ali havia uma avestruz, mas mudámo-la para os pomares juntamente com umas cabras dos Himalaias.

Levantou a lanterna e Kate viu um vulto a dormir ao fundo da jaula. Quando a luz incidiu sobre ele, abriu-se um olho desdenhoso e o leão bocejou, deixando ver filas de dentes com um aspeto eficiente.

— Dentes não é, realmente, a palavra adequada àquilo — observou.

— Presas — disse o príncipe com satisfação.

O leão voltou a fechar os olhos, como se os seus observadores fossem demasiado enfadonhos para serem contemplados. Kate

percebeu que Freddie estava a tremer encostado ao seu tornozelo e que até Caesar tinha ido para trás dela, mostrando o primeiro sinal de inteligência autêntica que exibira desde que o conheceria.

— É melhor manter esses cães fora da jaula — observou o príncipe. — O leão, ontem, vomitou todo o dia, depois de ter comido o cão do meu tio.

— Não era o cão que come comida em vinagre? — perguntou Kate. — Que pena. O seu tio disse-me, na sala de estar, que está muito convencido que o cão vai voltar em breve.

— A menina voltava, com aquela dieta?

— Não me faria saltar para dentro da jaula do leão — salientou ela.

— Duvido que alguma coisa a fizesse ser tão temerária.

Esse era o tipo de comentário que ela odiava porque implicava algo sobre a sua personalidade, mas exatamente o quê? Seguramente, não ia pedir esclarecimentos ao próprio príncipe mandão, por isso caminhou em direção à jaula do elefante.

Ele seguiu-a com a lanterna.

— O elefante chama-se Lyssa. É demasiado grande para a jaula, por isso estamos fazendo-lhe um cercado no pomar. Mas se o pomos lá, a macaca pode fugir.

A macaca estava a dormir aos pés do elefante, um braço comprido arqueado em volta da sua perna.

— Duvido. A mim, parece-me amor.

— Se é amor, eu não quero ter nada que ver com isso — disse o príncipe e os olhos sorriam.

— Eu sei o que quer dizer — ripostou Kate, deixando escapar uma risadinha. — Nunca me apanhará a dormir aos pés de ninguém.

— E eu a pensar que estava desesperadamente apaixonada pelo meu sobrinho — ironizou o príncipe.

— Claro que estou — respondeu Kate, não soando sincera nem aos seus próprios ouvidos.

— Ah! — disse o príncipe. — Eu não queria meter o pobre do Algernon na cerca do pomar e esperar que a presença dele a mantivesse lá dentro.

Ele era terrivelmente atraente quando não estava a espumar numa atitude de príncipe, mas a rir-se.

— O Algie nunca permitiria que o pusessem a pastar — afirmou ela, tentando pensar numa rabecada grandiosa.

Mas ele interrompeu-a.

— Toloose diz que a menina esteve doente. Que aconteceu?

Por um momento, a mente de Kate ficou confusa, mas depois se lembrou do rosto docemente rechonchuda de Victoria e das suas próprias maçãs de rosto angulosas.

— Nada de especial — disse com desenvoltura.

— Não esteve à beira da morte?

— Não estive assim tão mal — disse ela bruscamente. Ele levantou-lhe o queixo e estudou-o.

— Olheiras, rosto magro, algum cansaço em você. Não está com bom aspeto. Ela estreitou os olhos.

— Para membro da realeza, o senhor é tremendamente descortês. Esperava que o tivessem ensinado a ser diplomático em todas as circunstâncias.

Ele encolheu os ombros.

— Deve ser a sua beleza. Fez surgir um raro momento de verdade em mim.

— Sorte a minha — retorquiu ela, zangada. — Escapou à diplomacia mesmo a tempo de me dizer como estou horrorosa.

Ele pôs um dedo sobre os lábios e ela calou-se.

Era como se, de súbito, o tivesse visto novamente pela primeira

vez: toda aquela energia irrequieta e sensualidade cintilante aliadas a ombros enormes e uma boca caprichosa.

— A menina, Miss Daltry, esta dizendo disparates e sabe-o muito bem. Só posso imaginar como seria com um pouco mais de carne em cima dos ossos, mas é muito atraente.

O dedo dele afastou-se e ela sentiu a boca a desenhar um sorriso, como uma criança quezilenta acalmada com um bombom. Ele estava encostado à jaula, com um ar de satisfação consigo próprio, como se tivesse acabado de resolver mais um problemazinho.

— Que está aqui fazendo no escuro? — perguntou ela. — Não quer voltar para dentro e ser bajulado mais um pouco? A vida é tão curta.

Houve um minuto de silêncio depois de ela ter feito esta afirmação terrivelmente mal-educada. Depois ele disse muito devagar:

— Na verdade, vim aqui fora ver se o leão ainda estava a vomitar bocados de cão em vinagre. E os ingleses, que eu saiba, não bajulam. — Afastou-se para pendurar a lanterna, pelo que a sua voz saiu de uma mancha de escuridão. — Como conheceu o meu sobrinho, se não leva a mal que pergunte?

— Conhecemo-nos numa catedral e apaixonámo-nos imediatamente — disse Kate, depois de uma pausa de segundos na qual espremeu os miolos para se lembrar da história.

— Apaixonada — comentou o príncipe. — Pelo Dimsdale. A quem se refere afetuosamente por Algie, já reparei. Como se fosse um ente desprezível.

— Sim — afirmou Kate. — Apaixonada.

— Se soubesse o que é o amor, certamente que não iria casar com o meu sobrinho.

— Eu amo o Algie — repetiu ela.

— Vai comê-lo vivo antes de ele ter vinte anos — disse ele, sem emoção. — Sabe que ele é mais novo do que a menina, não sabe? Ele ainda está muito verde, pobre visconde. Embora talvez a menina goste assim.

— O senhor é um homem odioso — acusou Kate, matizando a voz com a dose certa de desdém frio. — Estou contente por você, porque o seu noivado foi uma questão de alianças imperiais, pois duvido que, sozinho, pudesse apanhar uma mulher.

O que era uma mentira abominável, porque não conseguia imaginar uma mulher que não rastejasse para casar com ele. Exceto ela, claro.

Foi-se embora, depois se virou e disse acidamente:

— Vossa Alteza.

Houve um acesso de movimento e um braço envolveu a cintura por trás. Ele era quente e incrivelmente grande e ela ouvia-lhe o coração a bater. Cheirava maravilhosamente, como uma fogueira à noite; fumarento e selvagem e para lá de qualquer limite.

— Diga isso outra vez — instigou ele, a respiração a tocar o pescoço dela.

— Deixe-me ir — exigiu ela com firmeza, lutando contra o impulso do seu corpo de repousar contra o dele, virar o queixo, convidar... A um beijo? Nunca fora beijada e não pretendia que o seu primeiro beijo fosse dado por um príncipe arrogante e rebelde que estava irritado porque ela não o bajulava.

A sua voz foi uma súplica ardente, esfumada:

— Só quero sentir o seu gosto, Miss Victoria Daltry.

Os lábios roçaram-lhe o pescoço e ela sentiu um arrepio pela espinha abaixo.

Com um gesto rápido, levantou o salto pontiagudo e cheio de joias e pisou com força no sítio onde pensava que o pé dele tinha de estar, contorcendo-se e afastando-se dele.

Tinham-se aproximado da parede o suficiente para ela poder vê-lo à luz que vinha das janelas.

— O senhor é um cretino — explodiu ela através dos dentes cerrados.

— Tinha de ser tão violenta? Estes são os meus sapatos preferidos — comentou-o. — E acho que não sou sempre um cretino.

Ela recuou mais uns passos.

— Ainda que eu possa ter piedade de você pelos seus raciocínios defeituosos, tem tantos outros atributos que infundem piedade que não me importo.

— Se eu sou um cretino — disse ele, — que é que isso faz de você?

— Desinteressada — concluiu ela liminarmente.

— Uma viborazinha intratável — respondeu ele.

Tinha os olhos semicerrados e, pela primeira vez desde que o conhecera, parecia zangado. Contra todas as probabilidades, o ar dele fê-la rir-se.

— Parece um merceeiro cujo lote diário de batatas não chegou.

— Batatas — surpreendeu-se ele. — Compara-se com uma batata?

— Repare, não pode andar a beijar senhoras inglesas sempre que lhe apeteça — censurou-a. — Anda Caesar! Volta aqui. — Aparentemente, Caesar tinha percebido que o leão estava a dormir e tinha começado outra vez a farejar as grades da jaula. — Não quero que te transformes na ceia do leão.

— Porque é que não posso?

Caíra-lhe uma madeixa para cima dos olhos e ela teve de admitir que ele parecesse o tipo de homem que podia beijar quem quer que lhe apeteça. Tinha um ar explosivo e tremendamente sensual e perigoso.

A avaliação que Henry fizera dele veio-lhe à mente nesse preciso momento: era exatamente como o pai dela, o gênero de homem que nunca seria fiel.

O sorriso de Kate tornou-se agridoce.

— Porque o senhor não pode ter todas as mulheres — explicou ela tentando dizê-lo de forma gentil. — Por amor de Deus, os príncipes são todos assim?

Ele aproximou-se e ela olhou-o, mas ele pareceu mais curioso do que sensual.

— Não pode dizer-me que uma mulher entra simplesmente numa corte real em Marburgo, ou seja, lá qual for o sítio de onde o senhor é, e espera ser beijada por qualquer príncipe que lhe apareça à frente.

— Claro que não!

— Bem, então porque raio é que pensa que eu estou disponível para beijar?

— Para ser franco, porque está aqui, no escuro — disse ele.

Era uma observação razoável.

— Só estou aqui por causa dos meus cães — respondeu ela, à defesa.

— Esteve a falar comigo durante bastante tempo. Não tem nenhuma dama de companhia consigo. O Wick disse-me que veio apenas com uma criada para cuidar de você.

Maldita Mariana que correu com a preceptora lá de casa.

— Eu teria trazido a minha criada comigo, para baixo, mas ela está com indigestão — explicou Kate.

— Acho que se esqueceu de a chamar. Garanto-lhe que as jovens senhoras da corte nunca se esquecem das criadas e nunca estão sozinhas — afirmou ele. — Viajam juntas, como bandos de estorninhos. Ou matilhas de cães — acrescentou, quando Caesar rosnou ao leão.

Ela não podia explicar que a sua preceptora tinha sido despedida um dia depois de o pai morrer e, conseqüentemente, ela nunca aprendera a viajar em bando.

— Devia ter vindo acompanhada pela minha criada — disse ela, — mas o senhor não pode assumir que todas as mulheres desejam beijá-lo.

Ele fitou-a.

— Esta é uma conversa ridícula — murmurou. — Caesar, vem aqui! São horas de ir embora.

O cão ficou junto à jaula, a rosnar.

— Animal absurdo — comentou-a, levantando-o do chão.

— Pensei — disse o príncipe — que podia seduzi-la.

Ela virou-se, de boca aberta.

— Não pode andar por aí a tentar seduzir jovens senhoras! — aconselhou ela, com voz aguda.

— Se eu não estivesse noivo, consideraria casar consigo.

Kate soltou uma risadinha.

— Podia considerar essa hipótese da mesma maneira que consideraria um caso de sarampo. Não, não o faria, e não devia dar a entender que sim.

Ele deu um passo e fitou-a com os seus olhos de meia-noite. Alguma parte indistinta da sua mente registrou que os lábios dele não eram nada finos. Precisamente o contrário, na verdade.

— Eu sou uma víbora, lembra-se? — a recordou. — Olhe que esta fazendo? O senhor é um príncipe. Isto é uma conversa extremamente indecorosa e não devia tentar tê-la com outras donzelas, se não será obrigado a casar com alguma, provavelmente na ponta do cano de uma pistola de duelo empunhada pelo pai dela.

— O seu pai? — perguntou ele, olhando-a ainda.

— O meu pai morreu — disse ela, sentindo uma palpitação estranha no coração. — Mas o senhor e ele têm bastante em comum e receio que isso me tenha dado imunidade aos seus encantos particulares.

— Para não mencionar o fato de estar apaixonada pelo meu sobrinho. O seu pai queria que casasse com ele?

— O meu pai morreu há anos. Não é para aqui chamado. De qualquer modo, o senhor está louco. Não podia casar comigo e é pouco gentil da sua parte dar-me esperanças. E se eu acreditasse em você? Vai casar com uma princesa russa, ao que dizem.

— É verdade que eu preciso casar com uma herdeira rica — concordou o príncipe despreocupadamente. — A menina é-o, afinal. Não quero necessariamente uma bem relacionada. Só quero uma rica. — Os olhos dele percorreram lhe o peito. — Boa na cama.

Kate levantou Caesar um pouco mais, de modo que o cão quase tapou os seus seios de cera.

— Esta é a conversa mais indecorosa que alguma vez tive na minha vida — observou.

— Deve ser a sua idade que inspira o meu indecoro — sugeriu-o. — Já tive muitas conversas indecorosas, embora, tenha de admiti-lo, não com donzelas casadouras.

Ela sentiu isto como uma ferroada, apesar de não ter percebido bem se ele estava a insinuar que ela era nova ou velha.

— Então, confessa frequentemente que deseja casar com uma mulher pelo seu dinheiro?

— Geralmente falamos de outros desejos.

— Imagino — murmurou ela. — Isto foi absolutamente fascinante. Portanto, para que saiba, não estou disponível para casar. E também não sou rica.

Enterrou a memória da crença de Henry no seu mítico dote. Era demasiado fantástico para ser verdade.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não é? O Dimsdale sabe disso? O Wick pensa que a menina tem uma bela herança.

— Claro — sussurrou ela. — O Algie ama-me, de qualquer modo.

— Interessante. O meu sobrinho parece ser do gênero de colocar a adoração num segundo lugar muito afastado da política monetária.

— Ao contrário de você, que, ao que parece, á colocaria no fim da lista — disse ela, concordando com ele, em silêncio, sobre Algie.

— Como a menina — disse ele alegremente.

— Isso significa que posso passear os meus cães sem medo de que me salte em cima em algum canto escuro? — perguntou ela, voltando a pôr Caesar no chão.

— Poderia pensar isso — disse ele. — Mas... A menina é extraordinariamente bela.

E, enquanto Kate ainda estava a registrar este comentário, ele envolveu-a nos braços, de um modo formal, e baixou a cabeça em direção à dela.

E depois já não era formal/profissional. Toda aquela energia irrequieta, selvática, que ela sentia nele, derramou-se no seu beijo, num pedido que ela não tivesse esperança de recusar. Pensava que beijar era roçar os lábios, mas isto... Era saborear e sentir. Ele era como seda e fogo.

Sabia a fogo. Entregou-se ao beijo, abriu a boca, sentindo um tremor a descer-lhe de novo pelas costas. Ele murmurou-lhe qualquer coisa na boca, algo quente e doce. Ela lembrava-se vagamente de que queria dar-lhe uma lição, ensinar-lhe a não beijar qualquer senhora que conhecesse.

Devia dar-lhe um estalo.

Mas, nesse caso, ele poderia afastar os lábios ou a grande mão

da sua cintura, ou...

Foi só o instinto de sobrevivência que a salvou. O beijo começara com um pedido, mas estava a transformar-se rapidamente numa súplica e, apesar de ela ser inexperiente, todo o seu corpo estava a responder afirmativamente.

Contudo, uma vozinha fria lá no interior da sua cabeça fez-lhe lembrar quem era exatamente e quem estava a beijar.

Recuou; ele resistiu por um segundo, um glorioso segundo ardente, e depois tudo acabou.

O seu primeiro pensamento foi completamente irrelevante: que nunca notara como as pestanas dele eram espessas. O segundo foi que mais não fizera do que alimentar a sua presunção absurda e agora ele pensaria que era irresistível até para mulheres inglesas.

Naquela fração de segundo, inspirou-se em anos de compostura refinada na presença de Mariana. Abriu a boca para dizer qualquer coisa que diminuísse a autoestima dele, mas ele falou primeiro.

— Oh, raios! — exclamou e houve como que uma espécie de fome rouca na sua voz que transmitia autenticidade —, gostava que a menina fosse a minha noiva russa.

E, sem mais, a irritação dela com o seu pomposo ser principesco abandonou-a e começou a gorgolejar de riso.

— O senhor é... — Parou. Queria mesmo felicitá-lo, contribuir para o seu amor-próprio já de você monumental?

Era mais que justo.

Inclinou-se para frente e roçou os lábios nos dele.

— Se o dinheiro pudesse comprar lábios assim, gostava de ser uma herdeira rica. Iria mesmo ao ponto — acrescentou — de desejar ter linhagem de princesa.

As mãos dele ergueram-se e, em concha, seguraram-lhe o rosto.

— Tenho de á saborear outra vez — exigiu ele, com uma estranha espécie de gemido na voz.

Estavam a pensar as mesmas coisas, admitiu ela, aturdida, sobre saborear, mas ela estava a saborear, e ele sabia a mel escuro e a algo mais suave e mais selvático, algo que a fazia tremer e...

E depois ele afastou-a.

— O senhor é perigoso — disse ela lentamente.

O sorriso dele indicou-lhe que tinha dito algo errado, que tinha voltado a alimentar aquele amor-próprio monumental.

— Príncipes — disse ela com um suspiro. — Suponho que afinal tem mesmo alguma utilidade.

Aquilo magoou e ela notou-o com satisfação, porque os joelhos lhe tremiam e as... As pernas...

— Não — disse ele, com um pouco de aspereza. — Tenho pouca utilidade, garanto-lhe. Agora, a não ser que queira ser beijada novamente, não volte a aparecer sem dama de companhia.

Na manhã seguinte, Kate levou os cães para baixo, para um passeio a pé, desta vez acompanhada de Rosalie. Pouco passava do despontar do dia, mas ela estava habituada a acordar cedo e não lhe apetecia dormir até tarde mesmo quando Freddie gania e tentava esconder-se debaixo dos cobertores. No momento em que abriu os olhos lembrou-se da noite anterior... E foi tudo.

— Venham — disse-lhes ela. — Vão sair sem trela. Vamos visitar o leão à luz do dia; se não se portarem bem, ele engole-os, portanto, lembrem-se bem disso.

O pátio ecoava de vazio quando ela e Rosalie caminhavam pelo empedrado. Na noite anterior tinha sido um recinto quente, macio. Esta manhã parecia ter séculos de existência, ser frio e capaz de existir muito para além das suas vidas. Kate estremeceu e andou um pouco mais depressa.

O leão estava acordado. Bocejou quando os viu e avançou pesadamente para elas. Kate recuou um passo respeitoso.

Era muito mais felpudo do que ela pensava. Tinha uma vaga ideia de que os leões eram lustrosos, mas este leão parecia consumido pelo tempo, como um tapete de lareira muito gasta. Lançou um olhar enjoado e caminhou até a parte de trás da jaula, virou-se e avançou de novo, abanando a juba como se a cabeça fosse demasiado pesada.

— Oh, menina! — guinchou Rosalie.

Caesar tinha dado um salto para frente e pôs-se a cheirar as grades. Kate deu um estalo com os dedos e ele recuou pelo que ela lhe deu um bocadinho de queijo.

— Os criados andam todos a falar desse leão — disse Rosalie.

— O bicho comeu metade dos animais de estimação da casa, dizem. Teremos sorte se sairmos daqui com os três cães.

— Espero que apanhe primeiro o Caesar — disse Kate cruelmente.

O leão aproximou-se das grades e olhou para os cães com um ar esfomeado, por isso ela atirou-lhe um pedaço de queijo. Ele cheirou-o desdenhosamente, mas comeu-o todo.

— Esse animal causa-me arrepios — disse Rosalie. — Olhe para o Freddie. Está morto de medo. Vamos visitar o elefante. Anda Freddie, vamos fugir deste gato malvado.

Dobrou a esquina, dirigindo-se para as outras jaulas, mas Kate ficou onde estava olhando para o leão encarcerado.

— Bom dia, Miss Daltry — disse uma voz junto ao seu ombro.

Virou-se e viu o mordomo do príncipe a sorrir-lhe.

— Bom dia, Mister Berwick — saudou-a. — Acho que devemos ser as únicas pessoas acordadas em todo o castelo.

— Vim ver como é que o leão se esta aguentando. Parece melhor.

Não parecia estar com pressa, por isso Kate aventurou-se fazendo-lhe uma pergunta.

— Importava-se se lhe perguntasse alguns pormenores sobre o castelo?

— De modo nenhum — respondeu ele, encostando-se às grades da jaula.

— A noite passada, eu calculei que devem consumir pelo menos duzentas velas de cera por semana. O castelo tem o seu próprio fabricante de velas? Sei que devem ter um padeiro, mas como é em relação a todo o outro tipo de coisas que norixialmente se encontram numa aldeia, por exemplo, uma oficina de ferreiro?

Berwick envergava uma linda libré com botões de alamares e colarinho alto. Parecia exatamente o criado mais distinto, mas, apenas por um momento, os seus olhos fitaram-na, cintilantes, e ela sentiu...

Absurdo. Que o conhecia ou pelo menos que tinha falado com ele.

— O castelo tem o seu próprio fabrico de velas — respondeu. — Mas calculou mal as velas, Miss Daltry. Numa semana normal, tenho mais de trezentas velas acesas em todo o castelo e também usamos candeeiros de torcida em alguns quartos. Com o baile, claro, encomendei bastante mais para ter a certeza de que os candelabros estão completamente iluminados até ao amanhecer.

— Fascinante — comentou Kate. — E criados? Quantos há, ao todo?

Ele parou um momento, obviamente fazendo contas.

— Contratei quatro e despedi um, portanto, com um ganho líquido de três, empregamos atualmente cento e trinta e sete dentro do castelo e em redor dele.

— E a maior parte dos rendimentos vem de rendas? — perguntou ela antes de pensar. Depois, corou. — Peço muita desculpa; foi uma pergunta extremamente inconveniente.

Ele ergueu uma sobancelha.

— Os ingleses fazem mais cerimónia do que nós em relação a questões de dinheiro. O castelo está rodeado de quintas, claro, e elas geram rendas que sustentam minimamente o castelo. O príncipe considera que não são suficientes, atendendo à quantidade de pessoas que aqui vive.

Kate sentiu o rubor subir-lhe às faces.

— Não queria de maneira nenhuma inquirir sobre a situação financeira do príncipe!

— Porque não? — disse ele, encolhendo os ombros. — Príncipes sem um tostão são às dúzias em Marburgo, garanto-lhe.

O príncipe Gabriel é único pelo fato de ter um castelo para gerir.

O cabelo de Berwick estava apanhado atrás, num correto rabo-

de-cavalo, mas, quando encolheu os ombros, parte dele caiu-lhe para a testa.

Então, como se lhe aparecesse um espelho à frente, ela viu o rosto do príncipe... No de Berwick. Moldado no mesmo molde, por assim dizer. Faces gêmeas de duas moedas.

Ficou de boca aberta.

O olhar do mordomo cruzou-se com o dela e diagnosticou claramente o seu ar atordoado. O seu sorriso oblíquo era uma cópia precisa do padrão.

— Hum — disse Kate, refazendo-se.

— Hoje vamos ter um piquenique ao ar livre, nos jardins atrás do castelo — informou Berwick, sem pestanejar. — Várias senhoras exprimiram interesse em ver o resto do jardim zoológico, que fica por trás do labirinto de sebe. Andar de barco no lago também pode ser muito agradável.

O leão tinha ido dormir outra vez.

— Não acha que aquele animal precisa de uma jaula maior? — perguntou ela. A consciência de que Berwick devia estar intimamente relacionado com o príncipe fez dele alguém com quem lhe era mais fácil falar.

— De que tamanho aconselharia?

— Bem, pense nas pocilgas. Consegue pôr uma porca grande com todos os seus porquinhos numa cerca de dois por dois, mas creio que a maioria dos camponeses, acha que é preferível um espaço maior. Este leão tem menos espaço do que um porco. Isso não está certo.

Levantou os olhos para Berwick e viu que ele estava a pestanejar, olhando para ela de um modo perplexo.

— Eu não devia saber o tamanho do curral de uma porca — disse ela, com um suspiro.

— Quem é que diz o que uma pessoa deve ou não deve saber?

— murmurou Berwick. — Mas admito que as poucas senhoras inglesas que conheci durante o tempo que passei em Oxford pareciam achar indelicado um tremendo número de assuntos.

— Oh, também estive em Oxford? — perguntou ela. — Ou estive lá como acompanhante do príncipe?

— Como a minha pessoa — disse Berwick alegremente. — E a minha pessoa acompanha o príncipe, portanto, foi muito bom para ambos. Eu estudei filosofia e ele estudou história e ambos estudamos mulheres. Éramos muito novos, compreende.

Kate dirigiu-lhe um sorriso largo.

— A filosofia ajuda-o nas suas atuais funções?

— Nem faz ideia — respondeu Berwick. — Recorro diariamente ao raciocínio filosófico quando as coisas se tornam difíceis.

— Questões de precedência e coisas do gênero?

— Os parentes do príncipe — disse ele com alguma veemência — são uma gente indomável. Conheceu Mister Tippet ontem à noite?

Kate franziu a sobancelha.

— Bastante pálido e um pouco gordo?

— Esse mesmo. Mister Tippet faz leituras e é muito ligado a uma das tias de Sua Alteza. Talvez se lembre da princesa Sophonisba pelo seu fraquinho por plumas.

Kate recordou-se de uma mulher de olhar feroz com o peito como um arado.

— Que bom ela ter alguém que leia para ela — disse, educadamente.

— Tippet lê as mãos. Ou é o que ele diz — acrescentou Berwick, com um elegante toque de dúvida. — De qualquer modo, esta ficando doido com o príncipe Ferdinand, que exige que ele lhe leia a mão vezes sem conta, à espera de obter uma resposta melhor.

— A ideia de que a palma da mão pode mudar a qualquer momento parece invalidar toda a ideia — observou Kate.

— Mister Tippet já informou o príncipe de que ele vai casar com uma senhora de cabelo escuro e viver até aos cento e doze anos, e de uma série de outras sortes interessantes, mas nenhuma delas é suficientemente boa.

— Então o senhor recorre à sua prática filosófica para gerir os tormentos do seu... — E ela conteve-se. Se o príncipe Ferdinand era na realidade parente de Berwick ou não, não era da sua conta.

— Exatamente — disse ele suavemente. — Miss Daltry, eu posso dizer-lhe que é uma jovem extraordinária?

— Ah, bem — disse ela, e depois, compreendendo que gostava realmente dele, — os membros da realeza não são os únicos que têm famílias estranhas, sabe.

Ele acenou com a cabeça, os olhos pousados pensativamente nela. Nesse momento, Rosalie voltou do outro lado da esquina.

— Tem de vir ver o elefante, Miss Katherine — exclamou ela, não reparando que estava a dizer o nome errado. — Tem uma macaquinha muito querida agarrada à perna. Nunca vi nada tão amoroso na minha vida.

— A macaca é a favorita do castelo — comentou Berwick.

Kate olhou para ele a ver se tinha topado o erro de Rosalie, mas ele não deu qualquer sinal disso.

Caesar, que revelara um cuidado adequado perto do leão, não teve esse bom senso quando se tratou do elefante. Precipitou-se por entre as grades da jaula, latindo loucamente, a tentar apanhar a macaca.

O elefante ficou inquieto e começou a balançar para trás e para frente.

— Os elefantes não gostam de ratos e este cão não é muito maior — observou Berwick, parecendo completamente

despreocupado. — Pode pôr a pata em cima.

— Caesar! — gritou Kate. — Por favor, sai daí!

Agitou desesperadamente um pedaço de queijo. Mas Caesar era tão imbecil quanto corajoso e parecia pensar que o rabo da macaca iria cair-lhe na boca se lhe ladrasse suficientemente alto.

Berwick suspirou.

— Com licença, minhas senhoras.

Abriu uma caixinha que estava atada à jaula, tirou de lá uma chave e abriu a porta. Um passo dentro da jaula e apanhou Caesar.

— Tenho de o trazer à trela — disse Kate. — Acho que ele é muito atrevido. Não tem miolos.

— nenhuns?

Kate abanou a cabeça.

— Absolutamente nenhuns que eu consiga descobrir. Às vezes é assim. Berwick ergueu uma sobrancelha.

Ela sorriu-lhe, como se estivesse em casa gracejando com Cherryderry.

— Ele é macho. Já reparei que às vezes os miolos ficam pura e simplesmente fora da embalagem.

Ela e Rosalie saíram do pátio ao som da gargalhada do mordomo.

O piquenique e o passeio de barco realizaram-se ao fim da tarde, nos jardins que se estendiam por trás do castelo. Os jardins tinham um traçado muito formal, prolongando-se a partir da base de um amplo lance de degraus de mármore branco. Havia um labirinto de sebe, e um lago com cisnes, e tudo o que se podia imaginar que o jardim de um castelo digno devia ter, incluindo uma orquestra a arranhar qualquer coisa num terraço de mármore.

Kate usava uma cabeleira cor de cereja para condizer com o vestido, uma túnica deliciosa com saias exteriores em tom de cereja, cortada atrás para deixar ver duas camadas, uma de um cereja mais pálido e a outra creme. Teve uma pequena discussão com Rosalie sobre os montinhos de cera, mas a criada insistira que o vestido cereja ficaria desacreditado pelas formas naturais de Kate. Ou, com maior rigor, pela sua falta de formas.

— Podem derreter-se e depois que seria de mim? E se eu ficar com calor e eles mudarem de forma? E depois?

— Não fique com calor — dissera Rosalie com uma lógica irrepreensível.

Algie e Kate caminharam sem pressa até ao cimo do longo lance de escadas que conduzia ao jardim e pararam.

A orquestra estava a tocar algo delicioso, talvez uma valsa. Ela tinha ouvido falar de valsas e da sua influência decadente nos dançarinos. A música fê-la desejar apanhar as saias e dançar.

— Gostava de saber como é que eles mantêm aquelas fontes a funcionar — comentou Algie.

A água irrompia no ar saindo das bocas de enormes monstros marinhos de pedra.

— Podia perguntar a Mister Berwick — sugeriu Kate. — Acho que ele sabe imenso sobre o castelo.

— Não vou, seguramente, ter uma conversa com um criado — disse Algie, horrorizado. — Por amor de Deus, Kate, lembre-se de que é a Victoria, está bem? A minha mulher nunca se rebaixaria desse modo.

— Se quer saber uma coisa, porque não perguntar? — retorquiu Kate. — Eu acho que esta sendo esnobe, Algie. O príncipe não vai ser capaz de responder à sua pergunta.

— Como se eu lhe perguntasse! — exclamou Algie, sentindo-se outra vez insultado. Kate suspirou e começou a descer as escadas. Havia mais pessoas nos jardins do que às que tinha visto nas salas de estar no dia anterior; aparentemente, os hóspedes já estavam a chegar para o baile.

— Não me deixe sozinha, Algie — disse ela ao seu noivo amuado. — É muito provável que eu veja pessoas que a Victoria conhece. Vou sorrir a toda a gente, mas o

Algie tem de tratar das apresentações.

Algie lançou lhe um olhar rápido e disse:

— Hoje se parece mais com a Victoria, o que é uma sorte. — Depois, subitamente consciente de um pormenor crucial: — Onde é que estão os cães?

— Deixei-os com a Rosalie — disse ela. — Pensei...

— Não, tem de os ter consigo — disse Algie, estalando os dedos para um laçao de um modo que Kate considerou desprezível. — A Victoria leva-os para toda a parte; é a assinatura dela. Vá buscar os cães ao quarto de Miss Daltry — ordenou ao laçao. — E despache-se. Nós esperamos aqui.

A espera deu a Kate à oportunidade de descobrir exatamente onde estava o príncipe. Não era difícil encontrá-lo, pois estava rodeado de um autêntico canteiro de jovens senhoras e envergava um fato de seda amarelo baço. Pelo menos sabia em que direção não ir.

— Olhe só para aquilo — indicou Algie, com uma voz reverente.

— O quê? — perguntou Kate, fingindo que tinha estado a examinar o lago.

— O casaco de Mister Toloose tem cinco costuras nas costas em vez de três. — Puxou a sua própria manga.

— Acho notável que consiga ver daqui um pormenor tão diminuto — observou Kate e depois, virando-se para o jovem laçao: — Obrigada! Foi muito amável da sua parte. — Lançou a cada um dos cães, sucessivamente, um olhar severo. — Caesar, nada de ladrar! Coco mantém-te longe da água. E Freddie... — Parou e olhou para as orelhinhas sedosas e os olhos doces de Freddie. Ele estava tão contente por vê-la. — Bem, tu estás perfeito tal como estás. Venham lá.

Desceram a escada todos juntos, Algie à frente, e ela estava tão ocupada a felicitar os cães por não esticarem as trelas que não se apercebeu de que o príncipe se tinha desembaraçado do seu círculo de admiradoras e estava ao fundo das escadas, à espera deles para os cumprimentar.

— Miss Daltry — disse solenemente, como se a noite anterior nunca tivesse existido.

— Vossa Alteza — respondeu ela, fazendo uma profunda reverência.

— Sobrinho — disse ele, voltando-se para Algie.

Obviamente, Algie debatia-se com a questão do que havia de dizer em resposta; finalmente desembuchou:

— Vossa Alteza, Tio — e fez uma reverência tão profunda que o nariz provavelmente roçou-lhe os calções.

— Insisto que venha comigo dar uma volta de barco — disse o príncipe, levando aos lábios a mão de Kate.

De fato, não era justo para o resto da raça humana que um príncipe tivesse uns olhos assim. Mais exatamente, não era justo

para a raça feminina.

— Talvez vá, noutra altura — disse ela, retirando a mão.

— Agora — disse ele, arrastando-a sobre o relvado sem voltar a olhar para Algie.

— Que esta fazendo? — sussurrou ela, tentando impedir que as trelas dos cães se lhe enredassem nas saias.

— A levá-la para o lago, claro.

Uns meros segundos mais tarde, estavam numa das extremidades de um barco comprido, com uma forma semelhante à de um feijão verde, com um lacaio a impelir o barco com uma vara na outra extremidade.

— O Algie, quer dizer, o meu querido noivo, não vai gostar disto — disse ela, sem saber se ela poderia tirar as luvas e deixar deslizar as mãos na água. Era tão bela, transparente e azul-escuro.

— Sim, tire-as — disse o príncipe, adivinhando-lhe o pensamento. — Estamos suficientemente longe para ninguém ver.

— Que diabo quer ao trazer-me neste barco? — perguntou ela, embora tenha mesmo tirado a luva direita.

— Sabe de que está aquele grupo de mulheres além a falar? — perguntou ele, espetando o queixo na direção da nuvem fofa de sedas e cetins na qual ela o espiara pouco antes.

— Não. Tome... — Estendeu-lhe a trela de Caesar. — É capaz de tomar conta dele? Com o Freddie não há problema, e a Coco porta-se realmente muito bem, mas não me surpreenderá nada que o Caesar caia à água se vir um peixe.

— Não gosto de cães — disse o príncipe, olhando com desprezo para a cauda felpuda de Caesar.

— Eu também não — disse ela, alegremente, recordando-se depois de quem fingia ser. — Exceto dos meus queridos cãezinhos, claro.

— Aquelas mulheres estão a falar da maneira extraordinária

como a menina mudou desde a última vez que a viram em Londres, há dois meses — disse o príncipe, encostando-se para trás e fitando-a com um brilho perverso nos olhos. — Segundo aquilo que todas dizem, a menina era muito mais atraente há apenas uns meses, cheia em todos os sítios certos, et cetera.

— Que grosseiro — comentou Kate. — É muito mesquinho da parte delas serem tão críticas depois da minha doença. Muita amabilidade a sua em avisar-me.

— Então, quem é a menina? — perguntou o príncipe, inclinando-se para frente.

— Olhe, acho que vi um peixe, ali mesmo!

— Não é Miss Victoria Daltry. — Estendeu a mão e pegou na dela, virando-a. Passou-lhe o polegar devagar sobre a palma da mão e ela levantou os olhos, que encontraram os dele.

— Calos. A menina bonita da sociedade não teria calos. Nem depois de uma doença.

— Bem — começou Kate, e depois parou.

— Deixe-me adivinhar — disse o príncipe, com o gênero de sorriso tentador que realmente devia ser proibido. — Eu e o Wick estivemos a discutir esse assunto detalhadamente ao início da tarde.

— Wick?

— O meu irmão Berwick. Ele diz que a menina descobriu que ele é meu irmão.

— Desconfiei... — começou Kate.

— Eu desconfio o mesmo — disse o príncipe, triunfante. — Em suma, não é a Victoria Daltry. É um rebento ilegítimo da família, que, por qualquer razão desconhecida, substituiu a Victoria, explicando assim muitos mistérios: as suas mãos, a sua apatia tanto em relação aos seus cães como em relação ao imbecil do pobre do meu sobrinho, a sua falta de parecenças com a roliça e empoadada

Victoria e os seus conhecimentos quanto à área suficiente para o curral de uma porca.

— Roliça e empoada? — repetiu Kate, interrogando-se desesperadamente sobre o que dizer. Afirmar o seu nascimento legítimo parecia bastante idiota, dadas as circunstâncias.

— Uma das jovens senhoras de língua mais afiada exprimiu pesar pelo fato de um médico a ter, com certeza, obrigado a passar algum tempo ao sol, pois tinha uma pele extremamente bela.

— Estava a distraí-lo, com esperança de que não reparasse no seu pé defeituoso.

— Pode ser — disse o príncipe, com um louco sorriso rasgado.

— Vejo que esta achando muita graça a tudo isto — retorquiu ela, zangada.

— Bem, a menina é da família — disse ele. — Quer dizer, depois de o Algernon ter casado com a indubitavelmente deliciosa Victoria, fará parte da minha família alargada.

— Não vai ser adorável? — ironizou Kate, apanhando um lírio de água. Lançou um olhar furtivo ao lacaio que estava em pé à popa do barco, mas ele parecia distraído, a evitar os outros barcos que se atravessavam temerariamente no lago. — Parente de um príncipe. Está na minha lista de coisas a conseguir na vida, garanto-lhe.

— É como na minha terra natal, onde, asseguro-lhe, metade da população é aparentada comigo por via legítima ou ilegítima — disse o príncipe. — Então como é o seu nome? Wick pensou que podia ser Katherine, mas não tinha a certeza.

Então Berwick tinha ouvido o deslize de Rosalie.

— Katherine — admitiu. — Embora geralmente as pessoas me tratem por Kate.

— Gabriel — disse ele.

— Embora geralmente as pessoas o tratem por Vossa Alteza — salientou ela — e o mesmo farei eu.

— Ninguém pode ouvir-nos aqui. — Encostou-se para trás parecendo muito feliz e ela compreendeu, com um sobressalto, que, pela primeira vez, ele não estava a olhar para ela com ar trocista. — Que aconteceu à roliça e empoadada Victoria?

— O Caesar mordeu lhe — disse Kate.

Ele olhou para Caesar, que estava em pé, com as patas da frente na borda do barco, observando a água avidamente para o caso de ver alguma razão para a atacar.

— Pode parecer manso, mas tem um lado feroz — acrescentou ela.

— Empurro-o borda fora? — perguntou Gabriel, de modo prestável. — Com esse pelo todo, afundava-se como uma pedra. Embora não tão depressa como esse pequenino. Essas joias estão coladas ao pelo?

— Não são verdadeiras. São de vidro.

Gabriel inclinou-se e examinou Coco mais de perto.

— Na realidade, são safiras astéricas. Embora, como príncipe, possa não saber o seu preço, posso dizer-lhe que o valor desse cão, incluindo as joias, é aproximadamente o mesmo de uma pequena casa nas imediações desta propriedade.

Kate olhou para Coco com algum desalento.

— Não admira que tenha tanto orgulho, em você própria.

— Sim, ela é como uma dessas bailarinas de circo que transportam um dote no umbigo — disse Gabriel. — Obviamente, perdi uma experiência pôr a Victoria não poder vir. Eu e ela teríamos tanto para conversar.

— Também enfeita os seus cães?

— Não tenho cães, mas estou disposto a considerar o leão como substituto.

— O seu leão está desesperado por ter uma jaula maior — comentou Kate, franzindo a sobrancelha.

— Meu Deus — disse o príncipe indolentemente —, receio que estejamos a atrair muita atenção.

Kate ergueu os olhos e viu que o lago estava positivamente atravancado de barcos, que, na sua maioria, pareciam estar cheios de aristocratas a esticarem o pescoço em direção ao barco do príncipe.

— Raios partam — murmurou ela. Sacudiu a água da mão, mas não tinha nada a que a limpar. — Tem um lenço? — perguntou.

— Não — disse o príncipe, parecendo divertido.

— Suponho que tem criados que andam com essas coisas para o caso de espirrar — disse ela.

— A menina também não tem lenço — respondeu ele.

— Não tenho espaço; a minha bolsinha está cheia de queijo.

— Eu achei que tinha um cheiro interessante! A maioria das senhoras tem um cheiro bastante francês.

— Enquanto eu cheiro a leitaria — disse ela, resignada. — A que cheiram as senhoras francesas?

— A flores — disse ele, sorrindo. — Ou a suor. Tudo depende.

Kate não estava, de fato, a ouvir. Não podia limpar a mão à seda cor de cereja do vestido porque a manchava.

— Não olhe — disse-lhe ela, e puxou rapidamente para cima a seda cor de cereja, e as duas camadas de seda de baixo, até chegar ao linho delicado da sua chemise.

Ele olhou.

Claro que olhou.

Ela sentiu os olhos dele e olhou para cima. Ele tinha um sorrisinho muito estranho.

— Não devia! — disse ela, puxando as saias sobre o tornozelo.

Ele chegou-se para frente.

— Gosto dos seus sapatos.

Também eram de seda cor de cereja, com saltos baixos e absolutamente irresistíveis.

— Obrigada — disse ela, serenamente. Tinha quase a certeza de que um cavalheiro não devia ver os tornozelos de uma senhora, mas certamente os sapatos são para ser admirados?

Ele pegou-lhe na mão, ainda sem luva, e levou-a aos lábios. Os olhos cintilaram para ela, uma espécie de convite louco, uma tentação.

— Embora não tanto como os seus tornozelos. Tornozelos assim...

— Não passam de tornozelos — respondeu ela.

— Sim, mas uma mulher não devia nunca deixar um homem ver-lhe os tornozelos.

— Eu sei — disse ela, retirando a mão. — Não fui criada numa capoeira, sabe.

Os olhos dele riam-se agora, mas havia neles um ardor malicioso, um calor que lhe fazia o estômago enovelar-se com... Qualquer coisa.

— Uma mulher não devia nunca deixar um homem ver-lhe os tornozelos — repetiu ele — porque, se eles forem tão bem feitos, tão maravilhosamente feitos como o seu isso lhe diz muito. — Virou-lhe a mão e colocou a palma contra os seus lábios apenas por uma fração de segundo.

— Sobre quê? — perguntou ela, incapaz de se conter. Ele inclinou-se para frente.

— Sobre o resto do corpo de uma mulher. A curva de um tornozelo fala da curva de uma cintura, da curva da coxa de uma mulher, da inclinação das suas costas... De outros sítios também. — Os seus olhos demoraram-se sobre o peito dela.

Antes que pudesse conter-se, Kate deixou escapar uma risadinha. Bateu com a mão nos lábios.

— Está a rir-se do meu cumprimento? — O seu rosto estava completamente indecifrável.

— Desculpe — disse ela, mas não era capaz de se conter. — Suponho que estou.

— Por quê?

Kate endireitou as costas, o que fez a cera que estava encostada ao seu peito projetar-se para frente.

Ele ficou com um ar perplexo.

— Sabia que o Algie enchumaça o peito? O senhor também?

Olhou para o casaco dele e percebeu que não. O seu peito era duas vezes mais largo do que o de Algie, mas era puro músculo.

— Não.

— O Algie também tem enchumaço pequenos cosidos às pernas dos calções — disse ela, pacientemente.

— Ele tinha um rabo muito gordo; deve ter perdido toda aquela carne de qualquer maneira — disse o príncipe. — Que é que isso... Oh!

Os olhos dele fixaram-se no peito. Ela dirigiu-lhe um grande sorriso.

— Um aviso, Vossa Alteza: eu não consideraria que a curva de um tornozelo fosse uma previsão plenamente fidedigna das curvas de uma mulher.

Ele ergueu os olhos do seu peito e, para surpresa dela, sorriu com aquela faísca feroz de desejo nos olhos, aquela que a fazia sentir-se instantaneamente excitada.

— Não faça isso — disse ela abruptamente. — Parece um velho babado.

— A menina praticamente deu-me instruções para olhar para os seus seios.

— Aquilo para que está olhando só nominalmente corresponde

ao rótulo — salientou-

a.

Ele riu-se.

— Pode haver qualquer tipo de enchumaço por baixo, Kate, mas o que eu vejo é absolutamente apetecível, delicioso, macio...

Kate não conseguiu evitar sorrir.

— Sabe, lá por eu não ser a Victoria, não significa que esteja disponível para ser seduzida.

— Eu sei — disse ele, sentando-se para trás. — Também não estou a seduzi-la.

— Fico contente por saber — disse Kate. — De outro modo, podia estar muito confusa. Sendo o senhor príncipe e tudo, e à espera que as mulheres lhe caíssem nos braços. Podia concluir que eu era leiteira, considerando o meu adorável perfume de fromage.

Ele riu-se.

— Cheguei a ponderar roubá-la ao Dimsdale, mas isso foi quando a menina era a Victoria, com o dinheiro todo para esbanjar com os cães.

— Porque precisa de uma herdeira rica? — perguntou ela. — O Berwick...

— Wick — interrompeu-o.

— O Wick deu a entender que o castelo podia ser capaz de se sustentar a você próprio.

— De uma forma forreta que faria as minhas tias infelizes. Nunca se pode ter demasiado dinheiro.

Kate olhou-o. Eram agora quatro horas e os raios do Sol incidiam dourados, sobre o lago. O cabelo de Gabriel estava a soltar-se da fita e uma ou duas madeixas encaracolavam-se contra a face. Era arrogante, e régio, e estava absolutamente triunfante por ter descoberto o segredo dela.

Não parecia ávido. Apenas arrogante.

O silêncio dela parecia picá-lo e ele disse:

— O dinheiro pode comprar a liberdade.

— Liberdade — ecoou ela. — Liberdade de quê? O senhor não é o leão...

— Oh, por amor de Deus, cale-se lá com o leão — disse ele rispidamente.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Nunca falei assim com ninguém — disse ele, com o doce arrependimento de um menino.

— Obviamente, eu faço vir à tona o pior que há em você.

— Sim, vamos atribuir-lhe, a você, a culpa disso. De qualquer modo, eu gostaria de ter o dinheiro suficiente para poder deixar a minha mulher aqui, a tomar conta disto, com todas as tias e tios e o leão e tudo e ir-me embora.

— Ir-se embora? Para onde? Outra vez para Marburgo?

— Não!

— Então?

— Já ouviu falar de Dido e Enéias?

Ela abanou a cabeça.

— São figuras históricas ou literárias? Tenho de admitir que seja escandalosamente inculta. Sei falar um pouco de francês e li a maior parte de Shakespeare, mas, de resto, sou uma ignorante.

— Que por acaso sabe o tamanho do curral de uma porca — disse ele, com olhos pensativos.

— Sim, estou cheia de conhecimentos encantadores desse tipo — concordou ela. — Então e Dido? Tem um nome muito pouco atraente, devo dizer.

— Era rainha de Cartago. Apaixonou-se por Enéias, mas ele estava destinado pelos deuses a continuar a sua viagem e a fundar a

cidade de Roma... E assim fez. E ela lançou-se para uma pira funerária, cheia de desgosto, quando ele partiu.

Parou.

— Ela imolou-se pelo fogo por amor?

Ele assentiu com a cabeça.

— Ficção — declarou Kate. — Nenhuma mulher seria alguma vez tão estúpida. Acha que o laçao consideraria impróprio o senhor abotoar-me a luva? Receio não ser capaz de abotoar sozinha todos estes botões.

— O problema não é o laçao, são as pessoas que estão; nos outros barcos. E melhor sentar-se ao meu lado para eu poder fazer isso sem que ninguém veja.

Ela chegou-se para o lado direito do banco.

Assim, Kate levantou-se e depois se virou rapidamente e sentou-se ao lado dele. Ele era muito grande e a perna pressionava-lhe a sua. Ela sentiu o rubor subir-lhe às faces.

Aquela faísca voltou aos olhos do príncipe.

— Bem? — disse. — Vamos lá à luva.

Relutantemente, Kate virou a mão direita. Os minúsculos botões de pérolas da luva passavam-lhe do cotovelo. O príncipe inclinou-se sobre o braço dela. O seu cabelo não era tão escuro como ela pensara. Era castanho, raiado com fios mais claros, da cor de terra que foi revolvida para ser sulcada.

Uma comparação não muito romântica, agora que pensava nisso.

— Sabe — disse ele, apertando-lhe a última pérola —, as senhoras nunca se sentam ao lado de cavalheiros.

— Nem de príncipes?

— Só se estiverem à espera de se tornarem princesas.

— Eu não estou — disse ela rapidamente. Ficou contente por

ouvir na sua voz um tom de verdade.

— Eu sei — disse o príncipe. — Kate, não é?

— Sim, Vossa Alteza.

— Gabriel. Não quer saber mais sobre Dido?

— Não particularmente. Parece uma mulher extraordinariamente tonta.

— Dido era uma figura literária — disse ele, ignorando a resposta dela. — Mas pode bem ter sido também histórica. E neste preciso momento um antigo professor meu, o Biggitstiff, está escavando uma cidade antiga que pode ter sido a sua cidade de Cartago.

Se tinha havido um tom de verdade na voz dela quando falou de casamento, houve um tom de verdadeiro anseio na dele quando se referiu a Cartago.

— Bem, então vá — disse ela, espantada.

— Não posso. Tenho este castelo.

— E depois?

— A menina não compreende. Quando o meu irmão Augustus limpou os estábulos, metaforicamente, mandou embora toda a gente que ele considerava ser menos que temente a Deus.

— Incluindo o leão e o elefante? — perguntou Kate. — Compreenderia se ele se referisse à Coco, porque, obviamente, ela não adora quaisquer deuses, mas o elefante? E a macaca?

— Acho que isso foi só porque a mulher estava farta do cheiro. Mas todos os outros...

Lá vieram eles, de malas e bagagens, para ficarem ao meu cuidado.

— Quer dizer que vai casar com uma princesa russa para poder sustentá-los a todos?

— Sim — disse ele abruptamente. — Não só o seu dote é

essencial, como também posso deixá-la aqui a gerir o castelo.

Kate levantou-se com um movimento rápido e voltou a sentar-se à frente dele.

— Acho que devíamos ir para terra — sugeriu-a. E depois: — Quero apenas ter a certeza de que o compreendo. Está a planejar casar-se para poder sustentar os seus múltiplos familiares e depois deixa logo a sua mulher encarregada deles todos e parte para Cartago, onde quer que isso seja? Calculo que não seja em Lancashire, porque as mulheres inglesas nunca, nem mesmo na literatura, se imolam pelo fogo por amor.

— Fala como se isso fosse um grande egoísmo — disse ele, com certa alegria, — mas é isso o casamento, não é? — Acenou ao laçao e com um gesto indicou a margem. — Afinal, ela vai ganhar o meu título. E, com o meu inestimável dom para descobrir o valor das coisas, posso dizer-lhe que o valor de ser princesa é alto. Devido a tudo aquilo por que a menina não revela qualquer interesse.

— Não posso acreditar que tenha pensado em seduzir a Victoria, arrancando-a mesmo aos braços do noivo — disse Kate. — Ela está terrivelmente apaixonada pelo Algie, sabe, e ele é seu sobrinho.

— Sim, mas é tão difícil sentir lealdade por ele — disse o príncipe com pesar. — Apesar de eu achar, agora que a conheci, que devia.

— Eu não tenho qualquer parentesco com o Algie.

— Mas se a minha suposição sobre a sua ascendência estiver certa, é cunhada dele, ou vai ser — observou ele.

— Então vai aprovar o casamento? — perguntou ela, decidindo não comentar a questão da sua ascendência. — O Algie vai ficar muito feliz. Se estiver de acordo, partiremos esta tarde, porque com todas as senhoras que repararam na minha menos que agradável figura, esta é uma visita que me dá cabo dos nervos.

— Não.

Ela pestanejou ao olhá-lo. Estavam agora a deslizar para a margem, o barco a bater contra o rebordo de mármore do lago, e ela pensou que talvez o tivesse ouvido mal.

— Disse que não?

— Vai ficar para o meu baile.

Cruzou os braços e assumiu um ar obstinado.

— Não seja absurdo. Alguém pode perceber que eu não sou a Victoria e, agora que o senhor sabe a verdade, não há nenhuma razão para aqui ficar.

— Vai ficar porque eu quero que fique.

— Pode dizer o que quiser — disse ela abruptamente, — mas...

Ele saltou para a margem e segurou-lhe na mão. Ela saiu do barco, a espumar, e ele disse-lhe ao ouvido:

— O Dimsdale nunca se atravessará no meu caminho, Kate.

Era evidente que ele tinha razão, raios o partissem. Ela virou-se e agradeceu ao laçao que estava a entregar-lhe os cães.

— Bem — disse ela. — Despache-se e seja um príncipe agora, Vossa Alteza.

— Venha dançar — disse ele, estendendo a mão.

— Deve estar louco. Caesar porta-te bem!

Um dos cisnes estava a nadar perigosamente perto da margem, pelo menos do ponto de vista de Caesar. Felizmente nenhum deles tinha nadado até ao barco para os saudar.

— Venha — disse ele.

— Vossa Alteza...

— Chame-me Gabriel! — Disse-o entre dentes cerrados. Kate lançou um olhar aos seus olhos ferozes e rolou os dela.

— Gabriel — disse ela, com um meio sussurro. — Eu sou a leiteira, lembra-se? Só tive uma preceptora durante três ou quatro anos e não tenho a certeza se ainda me lembro de como se dança.

Seguramente não quero andar por aí aos tropeções à frente dos conhecidos da Victoria.

— Que tencionfazer no baile?

— Vou enrolar um lenço à volta do tornozelo e fingir que o Caesar me fez tropeçar.

— Esse bode expiatório estava a esticar a trela como o monstrinho que era. — Caesar!

O cão virou-se e olhou para ela, por isso ela mandou-o sentar e depois o recompensou com um pedacinho de queijo que tirou da bolsinha.

— Vossa Alteza — disse Wick, aparecendo à frente deles. — Miss Daltry. — Não era imaginação sua o fato de ele ter dado ao nome dela uma ênfase levemente maliciosa. — Detesto interrompê-lo, Vossa Alteza, mas a condessa Dagobert chegou e quer cumprimentá-lo.

— Espere aqui — disse Gabriel a Kate, afastando-se sem olhar para trás.

— Que se lixe! — murmurou Kate. — Venham lá, cães.

Partiu na direção oposta, Coco correndo à frente. As safiras coladas ao pelo do cão captavam o sol poente e faziam parecer que tinha um halo cintilante em torno do pescoço.

Ali estava o dinheiro que devia ter ido para a reparação dos telhados das casas, pensou Kate para consigo. E o seu dote. Não acreditava nem por um momento que Mariana não lhe tivesse deitado a mão.

Tirara-lhe... E colara-o a um cão.

Kate ouviu alguém a grasnar o seu nome — o seu nome verdadeiro, não Victoria — e virou-se, vendo Lady Wrothe a acenar da orla do labirinto. Henry envergava um vestido de dia loucamente à moda, às riscas violetas e verdes, com uma pequena gola de tufos engomados a orlar o corpete. Quando Kate se aproximou, viu que era bom; aquela gola existir porque, caso contrário, os seios de Henry ficariam completamente expostos ao ar.

— Querida! — chamou Henry. — Vem aqui imediatamente... Que diabo andas fazendo no lago a divertir-te com esse príncipe? O palerminha do teu noivo anda por aí às voltas como um cão que perdeu o osso e isso, mais do que qualquer outra coisa, convenceu-os a todos de que tu és realmente a promíscua da sua irmã. É claro que pensam que o príncipe esta tentando roubar-te a virtude.

— Chiu — disse Kate. — Alguém pode ouvi-la!

— Aqui não se ouve absolutamente nada — tranquilizou Henry. — Não reparaste? Acho que é por causa desta água toda. Estava desesperadamente a tentar ouvir Lady Bantam a discutir com o marido, mas não consegui ouvir mais do que uns insultos sobre a barba dela e a banana mole dele, como se nós não soubéssemos já disso.

— Ela tem mesmo barba? — perguntou Kate. — Anda lá, Caesar. Vamos por aqui.

— Cães — disse Henry, reparando neles pela primeira vez. — Diz-me que fazem parte do disfarce, querida, porque eu não suporto os bichos. Recuso-me a tê-los em Londres quando vieres viver comigo.

— São da Victoria — disse Kate.

— Não! — guinchou Henry. — Esqueci-me dos animais que tentaram arrancar com os dentes o nariz da sua irmã! — Olhou para

baixo, horrorizada. — Eu tenho um punhal com joias, sabes. Posso dar-te para poderes defender-te de um ataque súbito. Geralmente espeto-o no peito para chamar a atenção, mas a ponta é muito afiada.

Freddie estava a olhar para Kate com a sua habitual expressão de completa adoração.

— Este é o Freddie — disse Kate — e aquele com as joias é a Coco. E o Caesar é aquele sujeito brigão que está ali. — Caesar estava a rosnar a um pardal, presumivelmente para manter o treino.

— Bem — disse Henry, depois de uns momentos a observá-los, — eles não têm ar de animais ferozes. Gosto bastante daquele. — Apontou para Coco. — A cadela tem carisma. Parece que sabe quanto vale e acredita, querida, esse é o mais importante trunfo de uma mulher.

— A Coco é extremamente vaidosa — disse Kate, a rir.

— Vaidade é sinónimo de confiança — respondeu Henry, agitando o leque no ar. — Não há nada que mais seduza um homem. Ela está enfeitada com joias ou com vidro?

— Com joias — respondeu Kate.

— E pertence ao próprio colchão de penas, a Mariana? Estranhamente, parece que temos mais em comum do que apenas o teu pai. Gosto da ideia de um cão adornado com joias. Talvez arranje um daqueles grandes cães russos, daqueles que a nobreza por lá tem, e o encha todo de esmeraldas. Não era lindo?

— Vamos para o labirinto — sugeriu Kate, querendo ficar fora do alcance dos ouvidos do grupo. Dirigiu-se para a entrada.

— Não é preciso ser-se assim tão ativo — disse Henry. — Só estava aqui para não apanhar sol. Os meus saltos são extraordinariamente altos e não foram concebidos para andar aí pelo mato.

— Parecem muito desconfortáveis.

— Mas deixam ver os meus tornozelos. É absolutamente horrível envelhecer, por isso uma pessoa tem de tirar o maior partido possível daquilo que não muda.

— Os tornozelos?

— E os seios — disse Henry, assentindo com a cabeça. — Acho que se teriam transformado em laranjas descaídas se eu tivesse tido a sorte de ter um filho. Não tive bebês, por isso ainda tenho um peito fabuloso, enquanto as minhas amigas estão engelhadas como ameixas velhas.

— Eu nem sequer tenho peito — lamentou Kate. — Para o caso de ficar a pensar, isto é cera.

— Tal como eu salientei ontem à noite, são demasiado grandes para a sua figura. Os meus, em grande parte, também são cera, claro. Chamo-lhes os meus amigos de peito. — Tinha uma maneira de rir encantadoramente travessa. — De qualquer modo, no que diz respeito aos homens, o que interessa é o que se vê aqui em cima. Bem, eu encontrei o homem perfeito para você.

Kate parou.

— Encontrou?

— Sim, não fui brilhante? É um primo em segundo grau do lado do meu segundo marido, Bartholomew, mas também está ligado de uma maneira qualquer com o Leo que, diga-se de passagem, já está bêbado que nem um cacho. Eu arrumei-o num desses barcos e disse ao lacaio que não o trouxesse para terra firme antes da hora do jantar. Dessa maneira, deverá ter o equilíbrio suficiente para me levar a jantar.

— Isso a incomoda? — perguntou Kate.

— Não particularmente — disse Henry. — Eu sabia que ele não era perfeito quando casei com ele, mas é perfeito quanto baste. Bebe um bocadinho demais, mas até ao momento — lançou a Kate um olhar atrevido — consegue cumprir quando necessário.

Kate soltou um risinho.

— Bem, graças a Deus, percebes uma piada. Uma pessoa nunca sabe, com virgens.

— Não tenho estado muito protegida nos últimos anos — confessou Kate.

— Não te preocupes com isso — disse Henry. — Desde que não sejas tão tola como a sua irmã, não há necessidade de te atormentares por causa de um pouco de liberdade antes do casamento. Basta guinchares bem alto na noite do teu casamento e o teu marido nunca vai saber.

— Oh! Eu não quis dizer isso — protestou Kate.

Henry encolheu os ombros.

— É chique ser-se donzela quando se está noiva, mas, na realidade, se apostasses o bolo de noiva na maioria das núpcias da alta sociedade, haveria muito champanhe e nenhum bolo.

Kate ficou a refletir naquilo. A mãe dizia-lhe com carinho que a virtude de uma mulher era o seu único bem verdadeiro. Seguramente, Henry tinha uma opinião diferente.

— Não gostaria de acabar como a minha irmã.

— A Victoria é um caso à parte apenas pelo fato de a mãe ser tão idiota que não lhe ensinou nada sobre bebés — censurou Henry. — Por outro lado, bem vistas às coisas, safou-se muito bem. Esse seu jovem extravagante tem um belo património. E está, com certeza, apaixonado por ela.

— O Algie não propôs casamento até a minha madrasta o encostar à parede e lhe falar do bebê.

— A sua irmã foi uma idiota ao dar-lhe o que ele queria sem primeiro ter recebido uma proposta, mas acontece que conseguiu, de qualquer forma, prendê-lo.

— Com a minha sorte, dava comigo na situação da Mariana, a criar um filho no campo, fingindo ter por marido um coronel morto

— observou Kate.

— Você tens uma sorte maravilhosa — disse Henry, cheia de vigor. — Tens-me a mim. Informe-me o Dimsdale a uns minutos de que te tinha reconhecido e ele pregou-me um sermão sobre quão maravilhosa era a sua Victoria. Receio que não chegues aos calcanhares da noiva dele, querida. Ele está todo irritado por tu teres andado no lago a denegrir a reputação da sua futura esposa. Devias dormir com o lindo príncipe só para irritares o homem.

— Isso é ir um pouco longe demais apenas para aborrecer o meu cunhado.

— Bem, não podes fazer crer que fosse trabalho de escravo — disse Henry. — O homem cintila como um dia quente em Paris.

— Demasiado — concordou Kate. — Ele passa o tempo a dizer que não está seduzindo-me, mas...

— É evidente que está — disse Henry — E porque é que não havia de estar? Afinal, ele é um príncipe.

— Isso não lhe dá o direito de dormir com quem quer que se lhe achesse no caminho — protestou Kate. — Caesar, sai daí!

Por qualquer razão, tinham passado para o outro lado do labirinto sem encontrar o centro e foram dar com o resto do jardim zoológico. Havia um curral cheio de cabras peludas e malcheirosas e outro que tinha uma avestruz.

— Olha só para aquela ave — disse Henry. — Com aquele pescoço parece um homem baixo a esticar o pescoço para olhar para dentro do corpete de alguém. Temos mesmo de voltar para o lago e ver se encontramos o marido que te arranjei.

— Como é que ele se chama? — perguntou Kate, dando um puxão brusco à trela de Caesar. — Anda aqui, bichinho miserável.

— O teu futuro marido? Dante. Porque é que não soltas esse cão? A avestruz está com um olho nele, vê? E provavelmente como aquelas cobras, as que engolem coelhos. O Caesar podia servir-lhe

de alimento durante uns dias.

— O Caesar pode não ser adorável, mas comecei a gostar bastante dele — respondeu Kate, com esperança que, dizendo-o em voz alta, passasse a ser verdade.

— Bem, nesse caso — disse Henry com uma voz arrastada, deixando bem claro que topara a mentira —, porque é que não me deixas levar o das joias um bocadinho e tu arrastas contigo Caesar, o Leão. Eu abomino cães, claro, mas talvez esse outro seja aceitável.

Assim, Kate entregou-lhe Coco. Encontraram algumas pessoas no caminho de regresso através do labirinto, mas Henry apresentou Kate — como Victoria — com um ar tão esmagador de familiaridade que ninguém ousou dizer uma palavra sobre a sua miraculosa perda de peso.

— Como pode apresentar-me ao seu primo? — perguntou Kate.
— Terá de me chamar Victoria e isso não pode ser.

— Oh, dizemos-lhe a verdade — explicou Henry. — E fazemo-lo pensar que precisamos da ajuda dele. Ele é do gênero de não poder resistir à oportunidade de saltar em teu socorro. Não vai aprovar, não completamente, porque, querida, tu disseste que querias alguém que nunca seja infiel. O Dante nem sequer fazia batota no jogo das castanhas quando era rapaz. E não penses que é italiano por causa do seu nome exótico; ele devia ter-se chamado John, ou qualquer coisa assim, porque não é nada espalhafatoso.

Uma imagem do príncipe irrequieto e esplendoroso veio à memória de Kate e, ela afastou-a.

— Parece perfeito — disse ela com firmeza. — Não quero ninguém espalhafatoso.

— Também não precisa de dinheiro, portanto, não tens de te preocupar se é um caçador de fortunas.

— Não estou preocupada, porque tenho a certeza absoluta de que a Henry está enganada quanto ao meu dote — disse Kate, lançando à madrinha um olhar apoloético.

— Pensei nisso ontem à noite. Se a minha mãe me tivesse deixado esse dinheiro todo, ter-me-ia dito alguma coisa naquelas tardes em que o meu pai estava em Londres, enquanto eu e ela estávamos juntas. Ensinou-me a bordar, e fazendo a reverência a uma rainha, e a pegar na faca e no garfo.

— Esteve doente tanto tempo, coitadinha — disse Henry. — Não teve tempo.

— Ela ia ficando cada vez mais fraca — recordou Kate, com um nó na garganta. — No entanto, eu não pensava... Uma manhã entrei e lá estava ela deitada, mas tinha partido.

— Vais fazer-me chorar — avisou Henry, num tom cheio de vigor.

— Eu só... — Kate respirou fundo. — Ela teria me dito.

— Pensou que tinha tempo — disse Henry. — Todos nós pensamos que temos tempo, sabes. E esta matéria prodigiosa, e parece ser tanta, e depois, de repente, desaparece. — A sua voz tinha uma aspereza que fez Kate morder o lábio.

— O meu primeiro marido era mais velho do que eu, e eu passeava-me pela cidade e em geral portava-me de um modo nada próprio de uma jovem esposa, mas isso não significava que não o amasse. Amava-o. Quando ele morreu, chorei dias a fio. Chorei que nem uma madalena. Odiei-me por todos os momentos que passei com qualquer outra pessoa.

— Lamento — disse Kate, tocando-lhe no braço.

— Mas é assim — comentou Henry, virando a cabeça. Tinha os olhos brilhantes e secos. — Nunca sabemos quanto tempo temos uns com os outros. Até o teu pretense noivo, que rebenta de presunção no seu lindo colete roxo, pode desaparecer amanhã.

— A Victoria iria...

— Claro que sim — interrompeu Henry. — Mas o que quero dizer é que não podemos viver, não vivemos assim, lembrando-nos

de que o fim esta chegando. A sua mãe não teve em conta o tempo que tinha porque gostava de estar contigo. Deixou-se esquecer que a morte estava a chegar e a dádiva que isso foi. Por isso nunca te falou no dinheiro; sabia que estava lá. Mais interessante é a razão pela qual o teu pai nunca te disse nada.

— Na realidade, ele disse-me, depois de a minha mãe morrer, que ela me tinha deixado um dote, mas eu estava muito infeliz e não quis falar nisso. E depois ele foi-se embora e levou a Mariana lá para casa. Quando dei por mim, também ele tinha morrido.

— Típico de homem — disse Henry. — Morrem sempre de forma inconveniente. Saíram da reclusão do labirinto e descobriram que os jardins estavam apinhados de gente elegante.

— Sabes, o Dante é muito parecido com o Bartholomew — disse Henry. — Esse foi o meu segundo marido, antes do Leo. Foi sempre decente, em todos os aspetos. Temos só de encontrar o Dante e depois eu levo-vos, aos dois, para um canto ou uma coisa parecida e conto-lhe a história.

— Espere! — exclamou Kate, agarrando-lhe o braço. — Eu não quero conhecê-lo assim.

— Bem, então como é que queres conhecê-lo?

— Com esta cabeleira, não — sussurrou-lhe Kate.

— É melhor que a de ontem — respondeu Henry. — Nunca vi essa cor de cereja e pelo menos dá-te um ar chique.

— Não podemos esperar e falar com ele mais tarde, quando eu for eu própria?

— Não — negou Henry, — não podemos. Ele está prestes a declarar-se à Effie Starck. Ela é praticamente octogenária, tem pelo menos vinte e dois anos.

— Eu tenho vinte e três! — lembrou Kate.

— Esqueci-me disso. Olha, ela está tão desesperada que foi ter com o Lorde Beckford por baixo da mesa e ele espetou-a com um

garfo. Ou foi ao contrário, ela é que o espetou. Mais tarde, ele disse a toda a gente que pensou que havia um rafeiro debaixo da mesa a roer-lhe as calças. Não a quero perto do pobre Dante.

— Mesmo assim, prefiro não falar com ele até estar em Londres.

Henry voltou-se e olhou para ela.

— Só quero estar mais apresentável quando conhecer o seu... Quando conhecer Mister Dante — confessou Kate.

— Ele não é Mister Dante — esclareceu Henry, de uma forma um tanto ofendida. — Nunca arranjará um relacionamento da minha afilhada com um mercador italiano. Ele é Dante Edward Astley, Lorde Hathaway.

— Tenho a certeza que os meus seios, as partes de cera, estão a derreter-se — disse Kate em desespero, — porque a minha cabeleira é tão quente que estou a transpirar. Além disso, preferia não ter os cães comigo.

Henry examinou-a.

— Vê-se mesmo que estás com calor. A cabeleira cor de cereja não ajuda.

— Vou para o meu quarto — disse Kate, decidindo-se. — Dê-me a Coco.

— Eu fico com ela — disse Henry, um tanto surpreendentemente. — Gosto da maneira como anda. Basta olhar para ela para se ver que prefere estar aqui fora a exhibir as suas joias a estar fechada no teu quarto.

Kate olhou para baixo e viu que Coco se tinha colocado mesmo junto à orla da saia de Henry, como se soubesse quão lindamente o seu aspeto multicolor complementava a seda às riscas.

— Mande-me de volta quando quiser.

— Põe outra cabeleira esta noite — sugeriu Henry. — Vou pedir àquele belo diabo do Berwick que nos sente ao pé do Dante. Tens alguma cabeleira de que gostes realmente?

— Não — disse Kate. E depois acrescentou um pouco desesperada: — O meu cabelo é o meu único trunfo, Henry. Por favor, posso evitar Lorde Hathaway até poder conhecê-lo como eu própria?

— O teu cabelo é o teu único trunfo? — suspirou Henry. — Olha para a Coco.

Kate olhou.

— É o pedaço de animal mais vaidoso que alguma vez vi e por causa disso é completamente irresistível. Ninguém vai subestimá-la. Julgas que ela acha que tem apenas um trunfo? Mas tu... Se dizes a você própria que o cabelo é tudo o que tens, então é mesmo tudo o que tens. Entre outras coisas, e eu não tenho tempo de as enumerar todas, tens uns olhos absolutamente devastadores. É a cor dos do Victor, claro; ele tinha um cabelo louro-escuro deslumbrante, como um leão, e depois os olhos verdes. Era uma bela figura.

— A Victoria mandou uma cabeleira verde pálido que dá melhor com os meus olhos do que esta vermelha — sugeriu Kate.

— Então põe essa. Eu falo com o Berwick e tu enches-te de coragem. O Dante está maduro, pronto a ser colhido, e eu não quero que a Effie o agarre antes de você.

Gabriel estava terrivelmente aborrecido. Tinha saído, arrastando pesadamente os pés, para se encontrar com Lady Dagobert e só conseguiu arrancar-se de uma multidão de senhoras quando uma jovem praticamente o assediou ali mesmo. Tinha empoado tanto o rosto que os olhos lhe brilhavam como pedaços de carvão, o desejo a fumegar do seu rosto branco.

Só conseguiu escapar agarrando o braço de Toloose quando este ia a passar e fingindo que eram amigos do peito.

— Miss Emily Gill — disse Toloose. — Não pode censurá-la, coitada. Ela herdou o lado materialista do pai e os maxilares da mãe.

— Eu nem reparei nos maxilares — murmurou Gabriel, caminhando depressa. — Os olhos dela fizeram-me recuar até quase cair ao lago.

— Ela atirou-se há mim o ano passado — contou Toloose alegremente. — Só desistiu depois de eu lhe dizer que estava a planejar deixar todo o meu dinheiro aos pobres que o merecem.

— Então o senhor tem dinheiro? — perguntou Gabriel.

— Sim, não tenho sorte? De momento, não é muito, mas um dia vou ser visconde, embora espere sinceramente que o meu pai viva até aos cem anos. Isso faz-me ter a atenção de senhoras como Miss Emily Gill; ela olha para mim e vê um monte de ducados de ouro. Claro, ela olha para você e vê ducados com coroas em cima, portanto, o senhor tem de ser ainda mais repelente do que eu fui, pelo menos até estar em segurança, casado com a sua princesa.

— Viu Miss Daltry?

— Desapareceu no labirinto com Lady Wrothe. Devo dizer que gosto muito de Henry. É enfadonhamente vulgar, mas é o tipo de vulgaridade que uma pessoa espera de uma rainha. Pena é que não

tenha menos vinte anos; havia de dar uma grande princesa.

— Vamos atravessar o labirinto — disse Gabriel.

Tolose ergueu uma sobrancelha.

— Não me faça mais nenhum dos seus comentários espertos — resmungou o príncipe. — Este castelo está apinhado de pessoas que fazem comentários espirituosos.

— A esperteza afetada é a alma do negócio das nossas damas — disse Tolose, virando-se obedientemente para o labirinto.

O que explicava, na opinião de Gabriel, por que razão Kate era tão fascinante. Ela não era melíflua nem afetada, nem particularmente bonita, em especial com aquela ridícula cabeleira vermelha que tinha naquele dia. Também não era uma dama.

Então porque é que ia para o labirinto atrás dela? Não ia ou ia? Torná-la sua amante depois daquela farsa absurda acabar?

Ela não haveria de querer ser sua amante. Era demasiado selvagem e mordaz para se instalar numa luxuosa casinha de campo algures. E, no entanto, ele via-se a cavalgar até lá, a saltar do cavalo, a lançar-se para ela...

Quando chegaram ao centro do labirinto ele ia a andar tão depressa que deixara Tolose para trás. Mas não estava lá ninguém, apenas uma réstia de sol a brilhar numa fonte. Saía água em repuxo das bocas dos risonhos cavalos-sereia que contornavam a sua borda.

Sentou-se no rebordo de mármore, num sítio onde não seria salpicado pelos cavalos, e perguntou a você próprio o que lhe acontecera.

Era evidente que não irifazendo da irmã ilegítima da noiva do sobrinho sua amante. Não que ela tivesse mostrado o mais pequeno interesse nessa situação. Ele considerava-se um homem decente, prestes a casar.

Quanto mais depressa Tatiana aparecesse, melhor. Uma esposa havia de o impedir de andar a cobiçar mulheres, com sorrisos

selváticos e olhos risonhos, mulheres que se enfeitavam com cabeleiras encarnadas e fingiam serem debutantes.

Toloose entrou finalmente na clareira e dirigiu à fonte uma careta desiludida.

— Esperaria algo muito mais decadente depois de toda esta caminhada — disse ele, tirando as luvas e depois o casaco. — Cristo, está calor!

— Que espécie de decadência previa?

— Um chaises longues não calhavam nada mal, mesmo que fossem de pedra. Com belezas indolentes, não feitas de pedra.

— Isso é conversa de um tipo solteiro — comentou Gabriel. — Eu vou casar e ter uma esposa.

— Ouço dizer que há esposas que apreciam um pouco de decadência — disse Toloose.

— Anda a procura de uma esposa?

— De modo nenhum — afirmou Toloose, deitando-se na larga borda de mármore que contornava a fonte. — Ótimo, estou a levar com os borrifos no rosto. De qualquer maneira, não percebo o que anda fazendo rondando à volta das nossas donzelas inglesas. Embora eu odeie mencionar esse assunto, o senhor vai dar um baile de noivado para você próprio dentro de dias.

— Eu sei — disse Gabriel, inexplicavelmente deprimido. — A minha noiva deve chegar amanhã ou depois.

— Mandaram-lhe uma miniatura? — perguntou Toloose.

— Não.

— Então não faz ideia de como é a sua futura mulher? Isso é tão desesperadamente medieval. Eu não queria uma coisa dessas.

— Eu não quero — explicou Gabriel. — O meu irmão tratou de tudo depois de eu partir para Inglaterra.

Houve um momento de silêncio.

— A aparência não é tudo — observou Toloose. — Veja o exemplo de Miss Daltry. A primeira vez que a vi considerei-a uma pessoa frívola e estouvada. Mas aquela doença deve ter-lhe dado força de caráter. Agora está muito mais apetecível, embora pareça pouco mais que um espetro. Devia ter visto como ela era succulenta há uns meses.

— Não — disse Gabriel. A voz saiu-lhe como um ruído surdo e longo, vinda das profundezas do peito.

Toloose não reparou; estava alegremente a agitar a mão no jorro da fonte.

— Considero que está perfeitamente consciente dos seus encantos, dada a maneira como correu atrás dela pelo labirinto. Ela deve ter estado às portas da morte, tão acentuada é a diferença. A única coisa que ainda é a mesma é o peito, o que me faz suspeitar...

Sem pensar, Gabriel precipitou-se sobre ele e encostou o homem contra o mármore.

— O peito dela não é para você.

Toloose ficou imóvel.

— Largue-me — pediu devagar.

Sentindo-se um pouco idiota, Gabriel levantou a mão.

— Jesus Cristo — disse Toloose, soerguendo-se. — Se está planejando roubar a noiva do seu sobrinho, roube. Não há necessidade de fazer de impetuoso Príncipe das Estepes. Eu vi essa peça e não gostei nada.

— Sou um idiota — afirmou Gabriel. — Desculpe.

Toloose levantou-se e pegou no casaco.

— O senhor surpreendeu-me de tão varonil e provinciano.

— Eu próprio fiquei surpreendido. E não ando a roubar a noiva ao meu sobrinho. Perante isto, Toloose virou-se e olhou para ele.

— Se não anda, por que incomodar-se a defender o peito dela?

Era uma boa pergunta. Algum tipo de loucura inspirado por Kate, concluiu.

— Ela não gosta de mim.

— Detesto destruir as suas ilusões — disse Toloose acidamente, — mas provavelmente ela não é a primeira pessoa que o senhor conheceu que se enquadra nessa categoria.

Gabriel lançou lhe um sorriso pesaroso; era mesmo o que merecia.

— Talvez eu esteja a ter uma reação nervosa à perseguição de Miss Gill.

— A meu ver, parece mais que está tendo uma reação muito diferente à proximidade de Miss Daltry.

Gabriel não sabia o que dizer; por isso eles começaram a atravessar o labirinto sem mais palavras.

— Que queres dizer com isso de eu ter de me sentar com essa tal Lady Dagobert? — perguntou Gabriel. — Eu não quero.

Wick acendeu um charuto e lançou lhe um olhar fulminante por cima do rasto de fumo.

— Comportas-te mais como um miúdo de quatro anos do que como um homem adulto. É evidente que vais sentar-te ao lado da condessa. Ela é a pessoa com a classe social mais elevada que está no castelo a seguir a você; conhece-te desde criança; vai ficar à sua direita.

— Quero sentar-me ao lado da Kate — exigiu Gabriel, ignorando a verdade da afirmação de Wick. — Como ontem à noite. Vou jantar en famille.

— Não vais, não — afirmou Wick. — Miss Katherine Daltry, conhecida por vezes como Victoria, vai sentar-se com a madrinha, Lady Wrothe, assim como com Lorde Hathaway. Não quero destruir qualquer sonho agradável que estejas a ter de transformar a filha ilegítima de uma guardadora de porcos em princesa, ou algo menos respeitável, mas a madrinha está claramente a planejar casá-la com Lorde Hathaway.

— A Kate não pode casar com um lorde. É filha ilegítima.

— Tudo o que posso dizer é que Lady Wrothe me deu dois guinéus para os juntar e, uma vez que ela não é dona de um bordel, o que penso é que ela arranjou alguma maneira de dar a volta ao nascimento irregular da Kate. Até pode acontecer que ela não seja tão ilegítima como eu.

— Nada do que se refere à Kate faz sentido — disse Gabriel. — Porque têm as mãos dela calos se a madrinha é Lady Wrothe?

— A única coisa completamente clara a respeito desta situação é a sua paixão — concluiu Wick. — Deixa-me resumir-te: a Kate,

muito sensatamente, não mostra qualquer interesse por você. Assustado com a chegada iminente da sua noiva, tu estás agora a fugir aos berros na direção da única mulher que não só não te quer, mas também não é elegível. A sério, não podias ser um pouco mais original?

— Quase arranquei a cabeça ao Toloose por causa de um comentário impensado sobre o peito dela — contou Gabriel sombriamente. — Ele foi decente, mas ficou profundamente zangado. Raios partam, e eu até gosto dele.

— Então para com este absurdo — disse Wick com vivacidade. — Andas atrás da menina para te distraíres. Não é simpático para com Kate, uma vez que, de qualquer modo, não podias casar com ela. Lady Starck deu-me quatro guinéus para a pôr a ela e à filha ao lado do Hathaway, por isso o homem é muito requisitado. Com esta concorrência, a Kate vai precisar de toda a sua astúcia.

Gabriel franziu a sobrancelha.

— Lady Starck, cuja filha é Miss Effie Starck? Ela não é concorrência! A Kate bate-a aos pontos.

— Presumivelmente, Miss Starck é de excelente ascendência e muito provavelmente tem dote — observou Wick.

— Eu dou um dote à Kate — disse Gabriel de imediato.

— Num minuto queres seduzi-la e no seguinte estás a patrocinar o casamento dela com o Hathaway? E onde é que tencionas arranjar o dinheiro para um dote? Estou preocupado com a alimentação do leão, pelo amor de Deus.

— Estou só a dizer que a Effie Starck é um rosto de cu comparada com a Kate.

Wick suspirou.

— Esquece a Kate.

— Você é que devias dar-lhe um dote — sugeriu Gabriel com um ar sombrio. — Seis guinéus só dessa mesa...

— A cotação corrente é muito mais elevada para obter um lugar à sua mesa — gracejou Wick com um sorriso. — Suponho que todas as jovens estão com esperança de que o navio da princesa Tatiana vá ao fundo.

— Então é vantajoso para você manteres-me por casar.

— Eu sei que, na realidade, tu não queres a sua noiva russa, Gabe — disse Wick suavemente.

Gabriel levantou os olhos para o irmão. Wick já nunca lhe chamava Gabe; era sempre Vossa Alteza ou, mais frequentemente, Vossa Barbaridade, variando ocasionalmente para Vossa Velhacaria.

— Não é que não queira a Tatiana. Não quero é noiva nenhuma.

— Então foge para Cartago. Nós sobrevivemos aqui e tu não serias o primeiro noivo a fugir antes da noite de núpcias.

Durante uma fração de segundo Gabriel pensou nisso, imaginando-se a largar todas as responsabilidades e promessas e a correr para Cartago como um homem perseguido por um demónio.

Depois, abanou a cabeça.

— Fizeram-se promessas e nós precisamos do dinheiro — disse, erguendo-se. — Aspiro a ser um príncipe e não um idiota chapado. O melhor é despachar-me a ir ter com o Pole. Ele fica nervoso se não lhe dou, pelo menos, uma hora.

Como o castelo tinha naquela altura quase cem pessoas, Wick retirara a enorme mesa de carvalho que habitualmente se estendia de um lado ao outro do salão de jantar e dispusera mesas para seis e oito pessoas pela sala. Ele próprio cumprimentava todos os convidados à entrada do salão e, com a organização das mesas guardada em segurança na sua cabeça, enviava-os para a mesa certa entregues aos calorosos cuidados de um laçai.

O processo funcionava com mais suavidade do que a maioria dos regimentos militares pensou Gabriel, dirigindo-se à cabeceira da sua mesa, com Lady Dagobert pelo braço.

— Que prazer conhecer a sua filha, minha senhora — disse ele, fazendo uma reverência a Lady Arabella.

Arabella sorriu-lhe com o charme ingênuo de uma jovem treinada para caçar á légua, cavalheiros elegíveis. Ele suspirou e deixou a conversa seguir o seu rumo e a mesa ficou rapidamente envolvida numa discussão sobre a influência do bloqueio francês nos debruns.

Não se permitiu inspecionar a mesa de Kate. Nem sequer quando ouviu o seu riso. Tinha de se assumir que Lorde Hathaway era divertido.

Lady Arabella dirigiu-lhe um olhar assustado quando ouviu o grunhido baixo que saiu de algures dentro do seu peito, mas ele controlou-se e sorriu-lhe e ela ficou toda derretida.

Como neve a cair num monte fumegante de bosta de cavalo, pensou de você para você.

No outro lado da sala, Kate teria concordado que Lorde Hathaway era divertido. Não era uma pessoa espirituosa, não do modo como Mr. Toloose parecia Ser. Mas gostava dele.

Gostava dos seus ombros robustos e da maneira como o cabelo se lhe encaracolava sobre a testa, como se ele fosse um rapazinho. Era sedutoramente pueril, na verdade, ao mesmo tempo em que conseguia ser muito homem. O único problema era Miss Effie Starck, que estava sentada à sua esquerda.

Como Henry avisara, Effie estava a atirar-se a Lorde Hathaway. E parecia a Kate que era provável que ela fosse bem sucedida, considerando a maneira como punha constantemente a mão no braço dele, como se fossem amigos tão íntimos como Henry e os seus seios de cera.

Effie era bastante bonita, vista com olhos míopes, pensou Kate, nada caridosa.

Tinham rostos amarelos e suaves, queixo redondo e dentinhos direitos. Também não era estúpida.

— Tem muita sorte — disse ela, sorrindo prodigamente a Kate, que, claro, ela pensava ser Victoria. — Como eu gostava de estar a celebrar o meu noivado num castelo.

É tão romântico!

— Tenho o grande privilégio de o meu tio ser muito amável para comigo — interpôs Algie, apenas para garantir que todos se lembravam da sua relação com a realeza.

— Claro — disse Kate, um pouco embaraçada. Victoria havia de ter adorado estar sentada a esta mesa, recebendo elogios pelo seu noivado. Sentia-se como se estivesse a roubar flores que tinham sido enviadas à irmã.

Effie virou-se para Lorde Hathaway:

— Fale-me mais sobre os melros, Lorde Hathaway.

Kate pestanejou.

— Isso surgiu do nada, não foi? — disse Lorde Hathaway, os olhos a cintilarem.

— Sim — disse Kate. — No entanto, é estranhamente fascinante. Por exemplo — dirigiu-se a Effie, — se tivesse dito: Fale-me mais sobre os corvos, teria um tom muito sinistro, enquanto os melros fazem uma pessoa pensar em empadas^[1].

— E em rainhas e em gabinetes — disse Lorde Hathaway. — Ora, e se Miss Starck tivesse dito: Fale-me mais sobre os Minotauros. Que pensaria de mim?

Kate riu-se e Effie deu uma risadinha nervosa, revelando-se insegura.

— Pensaria que Miss Starck tinha cinco anos e que o senhor estava a contar-lhe contos de fadas. Mas nem todas as coisas fantásticas sugeririam o mesmo. Que pensaria se ela perguntasse: Fale-me mais sobre o gigante?

— Não pensaria em histórias de crianças — disse Hathaway, — mas nos homens que lutam uns com os outros na feira.

— Mas Fale-me mais sobre a gigante?

— Pensaria que estava a falar de Lady Dagobert — interrompeu Henry, com um sorriso travesso. Não se podia dizer que a condessa fosse esbelta.

Lady Starck mexeu-se, constrangida; a sua própria figura assemelhava-se bastante à de Lady Dagobert.

— Eu acho — a interpôs — que a minha querida Effie estava simplesmente fascinada com o seu relato sobre uma praga de melros, Lorde Hathaway.

— Uma praga de melros — exclamou Kate antes de conseguir conter-se. — Parece um castigo divino, o que é assustador. Que é que tem andado fazendo, Lorde Hathaway?

Hathaway riu-se outra vez e Kate pensou que ele era muito simpático.

— Pode ser castigo divino — disse, — mas, se for, não sei ao certo a qual dos meus pecados o atribuir. E não foi uma praga de rãs, deixe-me dizer^[2].

Effie virou-se para Kate, os seus olhos azuis frios.

— Os melros estão a causar um grande incómodo a Lorde Hathaway, Miss Daltry. De noite recolhem-se nos beirais e precipitam-se sobre os criados quando eles entram nos quintais. E agora começaram a atacar os convidados.

Kate não conseguiu reprimir o sorrisinho cínico do seu rosto. Uma coisa era as aves atacarem os criados... Mas os convidados?

— Não é normal os melros serem tão agressivos — disse ela à Lorde Hathaway. — Comportam-se como azulões. Poderá ter de alguma forma, perturbado os seus ninhos de modo a eles terem de se instalar nos beirais?

— Acho que não — disse ele. — Custa-me admiti-lo, mas nunca pensei muito nos pássaros, embora tivesse havido algumas queixas da governanta. Mas na semana passada o vigário veio visitar-me e

receio que... Bem...

— Como? — perguntou Effie, confusa. — Um melro precipitou-se sobre a cabeça dele?

Lorde Hathaway corara um pouco.

— Suspeito que tenham cagado em cima do vigário — concluiu Kate a Effie, tirando Sua Senhoria da sua aflição. — Todo aquele preto com manchas brancas. O homem devia parecer um tabuleiro de xadrez.

Lady Starck reteve a respiração com um som de desagrado bem audível.

— Bem, eu nunca!... — disse.

A boca rosada de Effie formou um circulozinho espantado, mas Henry riu-se e disse:

— Isso prova que a praga de melros não foi obra do céu. Presumo que o vigário não tenha reagido de uma forma piedosa.

— Esta é uma conversa extraordinariamente grosseira — disse Lady Starck, com os olhos fixados em Kate.

— Vou transformar os pássaros numa empada — disse Lorde Hathaway, intervindo em seu socorro. — Obrigado pela sugestão, Miss Daltry.

— Oh, eu não quis dizer isso — exclamou Kate, sentindo uma pontada de culpa. — Não deve caçá-los, Lorde Hathaway. As criaturas não fazem ideia de que estavam a incomodar os seus criados; provavelmente estavam apenas a proteger os filhotes. A época da nidificação deve estar no fim, por isso podia mandar um homem retirar os ninhos.

— Eles constroem-nos outra vez — explicou Algie, adotando uma voz tão autoritária quanto o seu ser de dezoito anos conseguia emitir. — Tem de usar uma arma, embora, claro, a ideia desagrade às jovens senhoras. A minha noiva tem uma sensibilidade muito delicada — afirmou ele, olhando fixamente Lady Starck.

Kate lançou-lhe um sorriso bastante surpreendido; era simpático da parte de Algie sair em sua defesa.

— Sentiria o mesmo se eu tivesse tido uma praga de rãs? — inquiriu Lorde Hathaway. — Os franceses comem rãs todos os dias sabem. Provavelmente considerariam uma chuvada delas como oferenda do céu.

— Eu acho — disse Kate — que devia cozinhar quaisquer rãs que saltem para as suas terras, ou nelas caíam Lorde Hathaway. — Acrescentou com um sorriso rasgado: — Mas, por favor, não me convide para jantar.

— Eu julgo que os franceses não fazem empadas de rãs — disse Effie, com um ar sério.

Lorde Hathaway olhou para ela e sorriu. Era evidente que gostava da sua seriedade.

— De fato, não me agrada a ideia de andar aos tiros perto da minha casa.

Effie deu um gritinho. Olharam todos para ela.

— Bem — disse ela, — ainda podia matar alguém.

— Presumivelmente, ele utilizaria cartuchos para pássaros — disse-lhe Kate. — Um dos meus lacaios apanhou com a carga de um cartucho e não pôde sentar-se durante duas semanas, o que provocou um grande gozo entre a criadagem. Chamava-se Rabey e... — Parou.

— Tem um sentido de humor muito vivo Miss Daltry — disse Lorde Hathaway, mostrando que tinha percebido perfeitamente que Rabey era muito parecido com rabo.

— Eu não pergunto o nome dos meus lacaios — disse Lady Starck altivamente. — Chamo-lhe a todos John, que chega muito bem.

Kate sentiu-se insultada, mas mordeu a língua. Tinham sido os últimos sete anos, claro, a viver meio criada e meio membro da

família... Tinha mudado a sua atitude em relação ao pessoal da casa. Foi preciso um grande esforço para não responder torto a Lady Starck.

— Eu sei o nome de todos os meus lacaios — disse Miss Starck, revelando que não era tão cega como a mãe. Voltou a enrolar a mão em torno do braço de Lorde Hathaway. A este ritmo, o homem ia começar a pensar que estava a usar um fumo. — Não acha que é nosso dever providencial cuidar de todos os que estão abaixo de nós, quer sejam pássaros ou infelizes degenerados?

— Os seus lacaios são infelizes degenerados? — interpôs Henry alegremente. — Na minha casa o único infeliz degenerado é o meu querido Leo.

Olharam todos para o marido de Henry, sentado à frente dela. Leo lançou a Kate uma piscadela de olho marota e disse:

— É preciso um degenerado para não perder de vista a minha mulher, pode crer. Mais ninguém teria imaginação para isso.

Lady Starck fungou de horror, mas Kate gostava de Leo, apesar de todas as queixas de Henry por ele beber. É verdade que ele parecia estar a gostar mais do champanhe que do peixe, mas, já agora, também ela estava.

O entretenimento noturno foi anunciado por Berwick; ia ser uma exibição de destreza naval no lago, concebida pelo príncipe Ferdinand.

— Com os jardins às escuras? — perguntou Lady Starck, voltando a fungar. — A minha filha não vai seguramente participar. Vamos retirar-nos.

— Quando se é mais velho, tem de se descansar os ossos — disse Henry. — Se desejar, eu posso servir de acompanhante da sua filha.

Lady Starck respirou fundo, o que teve a consequência infeliz de fazer inchar o seu peito mais-do-que-amplo.

— Querida — disse Henry amavelmente —, receio que tenha sido vítima de um defeito da sua roupa.

Lady Starck baixou os olhos para o seu mamilo direito, que estava a espreitar como um olho de peixe por cima da orla farfalhada do corpete e bateu bruscamente com o guardanapo no peito, pondo-se de pé.

— Anda Effie! — ordenou ela, com a mesma autoridade que Kate tentava utilizar com Caesar.

Funcionou quase tão bem com Sua Senhoria como funcionara com Kate.

— Mamã, gostaria muito de ver a exibição naval — disse ela, com voz suave, mas firme. — Estarei perfeitamente segura na companhia de Lady Wrothe.

— Nós vamos guardar o seu tesouro com muito cuidado — disse Lorde Hathaway. Estava de pé, claro. Logo que o mamilo de Lady Starck fez a sua aparição, todos os cavalheiros se puseram de pé de um salto, embora Kate soubesse que o fizeram

ostensivamente em reação à partida da senhora.

— Duvido que seja uma atuação muito longa — interrompeu Henry. — Daqui a uns minutos estamos todos a correr para casa.

— Muito bem — concordou Lady Starck, com o guardanapo ainda agarrado ao peito.

— Effie, eu espero que venhas ao meu quarto no preciso momento em que terminar esse espetáculo naval.

— Eu vou, mãe — anuiu Effie, com uma voz muito alegre.

— Eu acho que não tem razão nessa história que contou — sussurrou Kate a Henry quando iam a sair da sala de jantar. — A Effie não pode ter apalpado o Lorde Beckham debaixo da mesa. Ela não é desse gênero.

— Ela não ia saber o que ia apalpar, pois não? — retorquiu Henry. — Deve ter sido outra pessoa. Mas tenho razão quanto ao fato de Dante estar maduro para ser colhido e de vocês os dois estarem muito bem um para o outro. Não vêes o que irá acontecer-lhe se casar com ela?

— Irá ser feliz — concluiu Kate. — Ela é muito doce, de um modo um tanto sombrio.

— Ela nunca se ri a não ser que alguém lhe dê uma deixa — disse Henry, parecendo genuinamente desanimada. — E eu gosto de Dante. Ele é um tipo muito decente. Quando tinha apenas cinco anos, encostava-se ao meu joelho e pedia-me que lhe contasse outra história. — Franziu os olhos. — Eu própria não passava claro, de uma criança pequena. Se tu alguma vez disseres a alguém que eu tenho idade suficiente para ter contado histórias ao Dante, serei obrigada a um ato de violência.

— Que gênero de violência? — inquiriu Kate, fascinada.

— Eu já percebi como tu és — disse Henry. — Não gostas de cães, mas estás fazendo o melhor que podes com esses rafeirozitos da sua irmã. Não gostas de leões, mas és grande defensora de uma

jaula maior. Nem sequer permitirias que os melros nojentos fossem transformados numa empada para restaurar a dignidade do vigário. Seria fácil ter-te na mão; tudo o que teria de fazer era ameaçar que deitava a Coco para a via pública.

— Eu salvava a Coco só porque o meu dote está colado ao pescoço dela — disse Kate. O desconcertante era que Henry tinha razão, claro. Fora assim que Mariana a tivera na mão todos aqueles anos: ameaçando despedir um lacaio, ou a governanta, ou até o querido Cherryderry.

Estavam nessa altura a sair das traseiras do castelo. A sua frente encontravam-se os pálidos degraus de mármore que desciam para o lago. Lançavam reflexos cor de pérola à luz dos archotes alinhados em ambos os lados das escadas.

— Onde diabo é que meteu a Coco, a propósito? Ela não voltou para o meu quarto.

— Está aqui mesmo — disse Henry presunçosamente. — E que bonita menina ela é; ninguém lhe ouviu um pio durante a refeição. — Virou-se e cantarolou: — Anda querida.

Coco apareceu a pavonear-se à frente delas, a cauda a abanar.

— O que tem ela à volta do pescoço? — perguntou Kate. — E na trela?

— Fitas e flores a condizerem com o meu vestido, claro — disse Henry. — As joias dela estão muito bem, mas à noite uma senhora precisa de uma toailete nova. Por isso, a minha criada tirou as joias com água e substituiu-as por uma flor chamada lupino, que soa como um lobo meio perturbado, mas que na realidade é bonita e condiz perfeitamente com a minha roupa.

— Parece que enfiou a cabeça numa coroa funerária — observou Kate.

— Vindo de uma mulher que tem uma cabeleira cor de groselha, isso pouco significa

— retorquiou Henry.

— Tenho de usar cabeleira — recordou Kate com firmeza. — Estou incógnita.

— Dizes isso de uma maneira que parece que estás a trabalhar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros — ironizou Henry.

— Então que vais fazer para desalojar a Effie Efervescente do braço do Dante? Está agarrada que nem uma lapa.

Kate encolheu os ombros.

— Não admira que estejas solteira com a madura idade de vinte e três anos — disse Henry. — Leo, anda aqui!

O marido, que caminhava devagar atrás delas, com um ar apenas ligeiramente ébrio, avançou e ficou ao lado de Kate.

— Sim, amor? — disse.

Kate apreciou aquilo. Ela era capaz de tolerar um marido que bebesse demais, se ele lhe chamasse amor e olhasse para ela do modo como Leo olhava para Henry. Como se estivesse sempre disponível para ela.

— És capaz de meter algum bom senso na cabeça da minha afilhada? Ela é praticamente da minha idade e, ainda assim, é preguiçosa no que respeita a casamento.

Leo piscou o olho a Kate.

— A Henry gosta do casamento — disse-lhe ele, dando-lhe o braço. — É por isso que casou tantas vezes.

— Não teria tido de o fazer se os homens vivessem mais tempo — respondeu Henry.

— Há alguém em particular com quem gostasse de casar? — perguntou Leo a Kate. O príncipe, pensou Kate — e repeliu o pensamento com horror. Que diabo estava ela pensar? Foi aquele beijo... Aquele beijo...

— Ninguém em particular — disse com firmeza.

— Que tal Toloose? É um tipo decente — disse Leo. — Esteve na minha residência universitária em Oxford e tudo. Um dia vai ser visconde.

— O senhor também frequentou Oxford? — inquiriu Kate.

— Fez uma licenciatura dupla, em Filosofia e História, com as mais altas classificações — interpôs Henry. — Nunca cases com uma pessoa com menos cabeça do que tu, querida. Acaba sempre mal.

— Se a minha mulher tivesse frequentado Oxford, teriam tido de criar uma licenciatura tripla — comentou Leo.

— Que disseste? — perguntou Henry.

— Em sedução — sussurrou ele.

Kate deu uma risadinha e Lorde Hathaway virou-se e olhou para eles. Pode ter sido imaginação dela, mas pareceu-lhe que estava morto por saber qual fora a piada.

— A Kate não pode casar com o Toloose — declarou Henry. — Por amor de Deus, Leo. O homem tem olhos para todas. Podes ter a certeza disso.

— Todos os olhos se movem na direção da minha mulher — cantarolou Leo melodiosamente.

Henry passou pela frente de Kate e deu-lhe uma cotovelada.

— Mas não se movem na direção da cama da sua mulher, portanto, dá-te por muito feliz. Ora, a minha ideia é que Kate devia casar... — Fez um sinal com a cabeça na direção das costas de Lorde Hathaway.

— A sério? — disse Leo, um pouco duvidoso.

— Porque não?

— Estive a ouvir a conversa do jantar — disse Leo — e pareceu-me que Miss Kate tem muito espírito, como diria a minha avó. Acho-a parecida contigo, minha querida.

— Bem, eu peguei-lhe ao colo no batizado — disse Henry. — Se calhar, contagiei-a.

— E a menina não iria ser feliz com esse casamento — continuou Leo. — O homem em questão é uma boa alma, sem dúvida. Mas daqui a uns dez anos, mais coisa menos coisa, vai adormecer sentado numa cadeira junto à lareira, depois de passar o jantar a deplorar o feitio das botas.

— Mauzinho — acusou Henry. — Muito mauzinho. — Mas estava a rir-se.

— Eu havia de gostar — disse Kate com firmeza. — Tenho muito poucas ambições e, se soubesse que o meu marido estava a dormir numa cadeira à minha frente, passava pelas brasas, também eu, alegremente. O que eu não quero é um marido que ande lá por fora a oferecer bombons a outras mulheres enquanto eu fico em casa sozinha.

— Bombons — disse Henry. — Quase se podia pensar que queres dizer algo metafórico, minha querida Kate.

— Kate? — surpreendeu-se Effie de súbito, olhando por cima do ombro. — Está a chamar Kate a Miss Daltry? Que querido; é um nome familiar?

— Claro — disse Henry, sorrindo-lhe com ênfase tigrina, mostrando os dentes todos.

— Afinal, eu sou madrinha dela. Tenho alcunhas carinhosas para todos os meus queridos.

— A mim chama-me o seu bombom — disse Leo.

Effie ia outra vez a descer as escadas, por isso ele acrescentou:

— Mas eu obriguei-a a acabar com isso: é demasiado fofo e suave para alguém, hum, como eu.

Kate não conseguiu evitar rir.

— Demasiado pequeno também — acrescentou Henry, orgulhosa.

Tinham chegado ao fundo das escadas e foram cumprimentados por Berwick.

— Têm sorte por terem chegado tão cedo; não precisam ver da margem, mas podem mesmo participar no espetáculo — disse. — Façam o favor de me seguir.

Levou-os num pequeno percurso em volta do lago e parou em frente de um barco dourado cuja proa, elaboradamente esculpida, formava um arco que se erguia no ar. Os assentos eram sumptuosamente almofadados e colocados em ângulo; provavelmente, reclinavam-se.

— Parece um barco viquingue muito, muito pequeno — disse Leo.

— Tenho a certeza de que os viquingues eram gente muito trabalhadora — disse Kate, baseando-se num livro da biblioteca do pai que ela lera. — Isto, a mim, parece-me mais decadência romana.

— Os viquingues? — perguntou Henry. — Quem diabo são eles?

— Os teus antepassados — explicou Leo. Sussurrou-lhe qualquer coisa ao ouvido e ela deu-lhe uma palmadinha.

— Que disse ele? — perguntou Kate, entrando no barco a seguir a Henry.

— Qualquer coisa sobre violação e pilhagem — informou Henry. — Como se a qualquer dos meus parceiros alguma vez faltasse entusiasmo!

Sentou-se no assento talhado que formava a popa do barco e aconchegou Coco no colo.

— Se eu não a conhecesse bem — disse Kate —, pensaria que estava apaixonada por esse cão.

— Eu e ela entendemo-nos muito bem — disse Henry, pomposamente. — Além disso... — Coçou Coco debaixo de uma orelha. — Ela é muito afetuosa, não é?

— Comigo não era — disse Kate. — Está fazendo-me ter saudades do Freddie. Ele olha para mim com esses mesmos olhos.

— Gosto muito de adoração incondicional — confessou Henry. — Nunca é demais, nem de cães nem de homens.

Lorde Hathaway precipitou-se a entrar para o barco e sentou-se ao lado de Kate de um dos lados do barco. Algie, seguindo-o, sentou-se junto a Effie do outro lado. Leo havia de ter apreciado a vida de um estadista romano; deixou-se cair ao lado de Henry, estendeu as pernas e disse:

— Gosto deste gênero de entretenimento militar. Tão diferente do que uma pessoa espera, isto é, violência e dificuldades em geral, já para não falar nos biscoitos de bordo.

— Que estamos nós fazendo neste barco? — perguntou Effie, sentada muito direita em vez de se reclinar no assento almofadado. — Não seria melhor ver da margem? O lago é tão escuro à noite.

Nesse momento, um lacaio inclinou-se para a frente e acendeu um archote na margem em frente do barco e depois um archote mesmo na proa do barco. Ambos soltaram uma chama azul. Effie deu um grito.

— Não se preocupe Miss Starck — sossegou Algie. — Não a atinge.

— Porque é azul? — choramingou ela.

A pergunta atrapalhou Algie, deixando a Leo a tarefa de explicar, com voz arrastada:

— Puseram um pouco de pó lá dentro, com o petróleo. Repare, alguns barcos têm chama vermelha e outros azul. Parece que são quatro de cada.

Algie estava ativamente a dar palmadinhas no braço de Miss Starck.

— A minha noiva é a mesma coisa — disse. — As senhoras são delicadas e assustam-se com facilidade.

— A sua noiva não parece nada assustada — observou Effie, franzindo os olhos na direção de Kate.

Kate percebeu que aquilo era a deixa para ela assumir um ar tímido, mas não conseguiu.

— Eu chego a acreditar que fazemos parte de uma flotilha — disse. — Vejam! Nós somos os azuis.

— O que eu não percebo — disse Lorde Hathaway — é como vamos tomar os nossos lugares no lago. A não ser que queiram que nós...

Mas nesse momento o barco balançou, muito suavemente, e começou a afastar-se da margem, como se fosse puxado por uma mão invisível. Naturalmente, Effie voltou a gritar. Algie tinha-lhe agora segurado na mão e dava-lhe palmadinhas furiosamente.

— Vais fazer-lhe uma nódoa negra — disse Kate.

— Isto é magia! — exclamou Effie.

Hathaway esticava o pescoço em volta do lado do barco.

— Embora magia seja adorável, de fato, estamos amarrados a uma corda — comunicou ele. — Deve estar um homem do outro lado do lago a puxar-nos.

— E olhem — disse Kate, — os outros barcos também estão todos a mover-se.

A partir do perímetro do lago, deslocavam-se lentamente em direção ao centro barcos com chamas vermelhas ou azuis.

Effie perguntou o óbvio.

— E se nós chocarmos todos? Gostava que não estivéssemos a andar para trás. Também não gosto de me sentar de costas numa carruagem. Mando sempre a minha criada nesse lugar.

— Eu sei nadar — anunciou Algie.

— É evidente que não vamos chocar — disse Henry. — No entanto, Leo, lembra-te, se tiveres de me rebocar para a margem, é

melhor não te esqueceres da minha querida Coco, se não, vais achar que seria preferível teres ido ao fundo.

Ainda bem que Victoria nunca mostrara gostar excessivamente dos seus cães; era provável que Coco nunca mais voltasse a aparecer à porta da casa de Mariana.

Um barco deslizou perto deles, a chama vermelha a dançar sobre os rostos excitados que estavam no seu interior. O príncipe não se encontrava entre eles, embora fosse uma fraqueza de Kate o fato de ter reparado nisso.

— Foi por uma unha negra — disse Leo friamente.

— Isto foi planejado com toda a perfeição — elogiou Lorde Hathaway. — Os barcos estão todos a passar uns pelos outros; deve ser fantástico visto da margem.

Todos os barcos haviam atravessado o lago e chegado ao outro lado em poucos minutos.

Um lacaio sorridente puxou-os.

— Muito bem — disse Lorde Hathaway. — Deve ter praticado dias a fio parfazendo isto tão bem.

— Semanas — confirmou o homem.

— Porque é que os barcos não chocam uns com os outros? — perguntou Hathaway.

— Eu posso responder — ofereceu-se Leo. — Provavelmente, as cordas estão mesmo à superfície da água, portanto, os barcos deslizam sobre os cabos que os ligam uns aos outros. E os barcos não atravessam o lago em linha reta, porque, nesse caso, um barco poderia chocar contra outro que viesse em sentido contrário. Vão obliquamente e o lago é oval, por isso evitam-se uns aos outros.

O lacaio concordou, acenando com a cabeça.

— Agora vão ser puxados para trás ao contrário, meu senhor, e desta vez vão poder ver para onde vão, por isso ainda é melhor.

Era realmente fantástico. Kate tirou a luva direita e arrastou os

dedos na água, repreendendo-se secretamente por querer saber onde estava Gabriel.

— Tirou a luva? — perguntou Effie, parecendo bastante apavorada.

— Tirei — disse Kate. Levantou os dedos e sacudiu a água para a luz azul emitida pelo archote. — Não é delicioso?

Os barcos estavam todos, de novo, a deslocar-se lentamente da margem, recomeçando o seu bem orquestrado balé aquático.

Effie olhou para as luvas, mas cruzou as mãos sobre o colo.

— Vá — disse Henry com bastante gentileza, para alguém como ela. — Eu não digo à sua mãe.

— Uma senhora... — começou Effie, mas parou. Lembrara-se obviamente que seria indelicado sugerir que Kate não estava a portar-se como uma senhora.

— Uma senhora nunca deve sentir-se ansiosa com o seu comportamento — declarou Henry. — O estatuto está no sangue. Mostrar ansiedade é baixar-se. A ansiedade é grosseira.

Effie digeriu aquilo e por fim tirou uma luva e entregou-a aos cuidados de Algie. A princípio, protestou porque a água estava muito fria, mas pareceu ganhar coragem à medida que o barco se deslocava silenciosamente para o meio do lago. Quando o primeiro barco passou por eles, imitou Kate e atirou-lhes gotas de água azul cintilante, lançando risadinhas tolas aos rostos surpreendidos do barco.

Nada de príncipe, reparou Kate, zangada. Provavelmente estava na margem, aconchegado a uma baronesa rica.

Um segundo barco passou por eles, balançando um pouco.

— Que estão eles fazendo? — perguntou Henry. Tinha a cabeça apoiada no ombro de Leo e olhava feliz, para o céu.

— Têm uma garrafa de champanhe — disse Algie com uma voz de reprovação.

— Raios, eu entrei no barco errado — lamentou Leo, baixinho.

A mulher estendeu a mão e apertou-lhe o nariz.

Algie estava a ver o barco com o archote vermelho a afastar-se.

— Devem estar a balançá-lo de propósito.

— Que disparate — disse Effie, arrastando, feliz, a mão na água até ao pulso. Era-se levado a pensar que aquele era o primeiro sabor a liberdade que ela tinha, embora não fosse nada de especial.

Aproximou-se outro barco, balançando ainda mais furiosamente.

— São só rapazes novos naquele barco — disse Lorde Hathaway. — Precisam de mulheres para os manterem calmos. E sóbrios.

— Não me diga que nós somos o único barco votado à sobriedade — disse Leo, com uma mágoa fingida.

— Eles... Sim! — exclamou Algie, olhando para frente. — Caiu um homem à água. Ele está bem; agarrou-se à corda.

— Que idiotas — comentou Lorde Hathaway, com repulsa.

— Idiotas molhados — disse Leo. — Isto pode iniciar uma nova moda de diversão em castelos. Basta de bobo, passemos à água.

— Está a nadar para a margem — disse Algie.

— O problema é de sincronização — disse Leo, com um tom de voz diferente, soerguendo-se. — Vieste a abarrotar de diamantes esta noite? — perguntou à mulher.

— Não — respondeu Henry. — Bem, tenho a esmeralda grande e receio que os meus brincos não estejam bem apertados. — Tirou-os de um modo profissional. — E melhor ficares com eles. — Entregou-lhe as joias e agarrou Coco com tanta força contra o peito que o cão, normalmente sossegado, soltou um latido de protesto. — Hathaway, o senhor fica encarregado da minha afilhada. E Dimsdale, da Effie.

— Por quê? — perguntou Effie, alarmada. — Que quer dizer, Lady Wrothe?

— O Leo é muito bom neste gênero de coisas — disse Henry, — e se ele pensa...

Todavia, naquele preciso momento, surgiu um barco, mas não deslizou suavemente perto da proa deles. Bateu-lhes com violência mesmo de lado. Por segundos, pareceu que estaria tudo bem. O barco inclinou-se furiosamente, mas endireitou-se.

Mas, depois, o barco deles voltou a dar um solavanco, provavelmente porque o lacaio estava a tentar puxá-los para a margem e guinou para o outro lado.

Effie gritou; Kate também deu um grito, na fração de segundo antes de a água se precipitar na sua direção e caiu ao lago.

A água estava fria, mas não gelada. Teve um momento de terror, pensando que o barco estava por cima dela, mas depois percebeu que estava de frente para o fundo do lago e conseguiu bater os pés e chegar lá acima.

Irrompeu à superfície a arfar e a tossir e procurou furiosamente o barco. Virou-se e descreveu um círculo, batendo loucamente os pés para se manter à tona, mas não conseguiu vê-lo. O lago estava coberto de archotes flamejantes que pareciam estar a balançar para cima e para baixo vistos da posição dela, à superfície do lago, mas o barco...

O barco... Lá estava ele. Afastando-se mais e mais a cada segundo.

— Eu sabia que não era uma dama — proferiu uma voz divertida ao seu ouvido. — Nenhuma dama sabe sequer essa palavra.

Ela gritou e teria agarrado a ele, mas Gabriel estava atrás dela, passando-lhe um braço forte em torno da cintura. Ele puxou-lhe as costas contra o seu peito, por isso ela ficou virtualmente deitada de costas na água.

— Não faça tanto barulho — disse-lhe ao ouvido. — Não quer que esses salvadores todos a encontrem em vez de mim, pois não?

— Que salvadores? — perguntou Kate, cuspidando água do lago.
— A minha madrinha disse ao Hathaway que me salvasse e obviamente ele não o fez.

— Adoraria dizer que ele foi ao fundo como uma pedra — disse Gabriel, batendo as pernas, de maneira que eles começaram a deslocar-se através da água, — mas é pouco provável. O meu barco também se virou e eu espero que o Hathaway se tenha enganado a salvar a donzela em perigo.

— Muito interessante — ripostou Kate, sombriamente. — Eu podia ter-me afogado. Espero que a Henry esteja bem.

— Lady Wrothe conseguiu ficar dentro do barco — disse Gabriel. — O marido precipitou-se para o lado oposto no momento exato e endireitou-o. Acho que Miss Starck também deve ter escapado à água.

— A Henry deve estar preocupada comigo — disse Kate. — Pode nadar um bocadinho mais depressa?

— Não, não posso — respondeu Gabriel. — É o mais depressa que consigo quando tenho de nadar de costas e arrastá-la a você também. Acho que Lady Wrothe não está preocupada, porque ela avistou-me dentro de água e deu-me ordens, com um gesto feroz, para ir à sua procura. Foi o que fiz.

— Eu também podia bater os pés — sugeriu Kate.

— As suas saias já me dão trabalho suficiente — disse Gabriel.

Houve um momento de silêncio.

— Estamos quase a chegar à margem? — perguntou ela.

As luzes do barco que ela pensava ser o seu estavam a afastar-se rapidamente.

— Poderíamos estar, mas eu devo ter-me virado ao contrário — explicou Gabriel. — Estamos a ir em direção à margem mais

afastada.

— Ali não há barcos — constatou Kate, espreitando por cima do ombro.

— Não se queixe — disse Gabriel. — Não é lá muito leve, embora tenha supostamente perdido doze quilos.

— Dê-se por muito contente por não estar a salvar a Victoria — lembrou Kate.

— E dou. — Nessa altura soltou um grunhido, que afinal se deveu ao fato de ter nadado mesmo de encontro à borda de mármore do lago.

— Eu consigo sozinha — disse Kate, contorcendo-se para se libertar dele e agarrando-se ao mármore.

Ele arrastou-se para a borda e depois estendeu a mão para lhe agarrar no pulso, puxando-a para cima com tanta facilidade como se estivesse a pescar uma truta.

— Oh! — exclamou Kate, tremendo incontrolavelmente. — Está tanto frio. O senhor foi fantástico, obrigada. — Enrolou os braços à volta do corpo e espreitou para o outro lado do lago. — Maldição! Viemos dar ao lado mais afastado.

Gabriel começou a afastar-se dela ao longo da margem, por isso ela foi atrás dele aos tropeções, pensando que os príncipes não eram assim tão cavalheirescos quando era preciso. Podia, ao menos, ter-lhe dado o braço. Mas, nessa altura, ele inclinou-se e começou a puxar uma corda.

Kate ficou ao lado dele; as tremuras descendo-lhe desde os ombros até aos pés.

— Está... Está a arranjar um barco para nós? — perguntou, parecendo-lhe que a água fria lhe tinha congelado o cérebro.

Ele estava a puxar a corda tão depressa que ela volteava atrás dele.

— Não deixe a corda bater-lhe — disse ele, a arfar, e ela

compreendeu subitamente que ele estava fazendo um grande esforço. Na realidade, ia um barco a sulcar a água na direção deles. Era um dos vermelhos, o archote já com uma chama baixa.

Kate podia ter soluçado de alegria quando o viu.

— Eles vão puxar-nos para trás? — perguntou. — Não responda! Poupe o fôlego.

A luz do archote que se aproximava, conseguiu ver os seus braços musculados a puxarem, uma mão a seguir à outra, tão depressa que a corda lhe corria sobre o ombro.

Era... Interessante. Ele parecia um trabalhador do campo, mas, ao mesmo tempo, não parecia absolutamente nada um trabalhador do campo.

O barco bateu na borda de mármore com um barulho de estilhaços.

— Venha — disse Gabriel, respirando com força. Saltou lá para dentro e estendeu a mão. Ela subiu, quase perdendo o equilíbrio por causa dos sapatos molhados.

— Sente-se, eles já nos puxam — disse ele.

— Eu... — a proferiu, com os dentes a bater, mas ele sentou-a no seu colo e isso foi o fim do que quer que fosse que ela ia dizer.

O corpo dele era enorme e quente e, ela tinha tanto, frio que se fundiu nele com um ruído absolutamente impróprio de uma senhora. Ele envolveu-a nos braços e ela quase voltou a gemer de prazer.

— Está quente — disse ela, um momento depois, sentindo que deviam ter qualquer tipo de conversa. — O barco está deslocando-se?

— Está. — Prendeu-a com mais firmeza contra o calor do seu peito. — Ainda tem frio?

— Não tanto.

— Tenho a solução para o seu frio — disse ele, e a sua voz tinha-

se tornado misteriosa e feroz.

Ela virou o rosto para cima, para o dele, como uma criança a pedir um beijo de boas-noites — era tão natural — e os lábios dele afastaram os dela.

O seu terceiro beijo; pensou ela vagamente, e já era tão diferente dos outros. Beijavam-se agora como se, se conhecessem, como se estivessem ambos a saltar para um fogo pelo qual ansiavam.

Um calor ávido queimava-a pela espinha abaixo e ela tentou libertar-se com um pequeno murmúrio, quase assustada com a força desse calor.

Mas os braços dele apertaram-na mais e não a deixou afastar-se, roçando a sua boca contra a dela. Então Kate sentiu a língua dele acariciar o lábio inferior até ela arquejar naquele doce calor. Ele recebeu o seu arquejo como se fosse um convite e deu-lhe uma dentadinha, mordiscando o lábio de um modo que fez Kate encostar-se ainda mais ao peito como se quisesse estar cada vez mais perto.

Ele continuou a provocá-la até ela tirar as mãos do seu peito e lhes enrolar em volta do pescoço, baixando-lhe a cabeça para a sua num pedido silencioso.

Ela sentiu-o rir, e depois lá estava ele a beijá-la outra vez, e as suas línguas emaranhavam-se numa espécie de explosão ávida que a fez sentir-se atordoada e sem fôlego.

Desta vez foi ele que se afastou.

— Estamos a chegar à margem. Daqui a pouco conseguem ver-nos. — Parecia um pouco ébrio.

Kate acenou com a cabeça, erguendo os olhos para ele. Os dele eram pretos à luz do archote, as maçãs do rosto tensas, e o cabelo, molhado, estava esticado para trás, sedoso. Parecia um guerreiro cossaco, daqueles que saqueavam aldeias e roubavam donzelas.

Donzelas como ela, leiteiras e parentes pobres, e mulheres com poucos familiares. Ela aclarou a garganta e passou rapidamente do colo dele para o assento ao seu lado.

— Obrigada por me aquecer — disse, começando imediatamente a tremer.

Uma expressão estranha passou-lhe pelos olhos e ela seguiu-os para baixo. Tinha o vestido completamente encharcado, claro, e infelizmente os seus seios de cera não tinham sobrevivido incólumes ao banho. Um ainda estava no lugar, segurando, empertigado, o magro dote de Kate. Mas o do lado direito, por onde o braço de Gabriel a tinha rebocado através da água, tinha saltado como num jato. Os restos deformados tinham migrado para baixo e estavam mesmo acima da linha da cintura.

Ela baixou os olhos, pensando desesperadamente no que havia de dizer.

— A Henry chama-lhes os seus amigos do peito — exclamou ela bruscamente, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça. — Por favor, se pudesse fechar os olhos...

Ele fechou.

— Um cavalheiro não estaria a rir-se dessa maneira — censurou-o ela, tirando a bola gelada de cera para fora do vestido arruinado. A que estava esmagada era um pouco mais complicada, mas ela conseguiu puxar o corpete destruído para baixo o suficiente para a tirar através do espartilho.

O barco aproximou-se da margem depois de ela ter devolvido o peito ao seu estado natural. Felizmente, da margem viam-nos com pouca nitidez porque o archote tinha-se, finalmente, apagado, crepitante, embora ela conseguisse distinguir rostos curiosos alinhados no reservatório de mármore.

— Muito bem — disse ela, forçando o corpete a aproximar-se razoavelmente do seu estado anterior.

Ele abriu os olhos.

— Tire essa expressão do rosto! — exclamou ela, zangada.

— Ou isto, ou olhar para você de tal maneira que toda a gente saberia exatamente em que estou a pensar.

Ela olhou para baixo e viu os mamilos a espetarem-se através da seda molhada. Subiu-lhe calor à cara.

— É melhor dar-me essas inutilidades — sugeriu-o. — Se os criados as encontram, não serão capazes de guardar segredo.

Ela tinha-as escondido ao seu lado, mas entregou relutantemente. Gabriel virou as massas informes de cera.

— Não precisa delas — disse. — Mas, ainda assim, são fascinantes.

— Pode ficar com elas — disse Kate. Viu Wick, na margem, tendo nas mãos algo que parecia ser um cobertor. — Agora — ordenou —, vá buscar aquele cobertor. Não posso levantar-me com este vestido encharcado.

— Não sem os seus amigos do peito — lembrou-o.

Ela lançou-lhe um olhar feroz, que funcionou tão bem como funcionara com o cabeleireiro francês; Gabriel levantou-se, ainda a rir, e foi buscar o cobertor.

Depois voltou e envolveu-a nele.

— A sua cabeleira desapareceu — disse ele, olhando para ela. — Parece mesmo um pinto.

Ele era assombrosamente belo, mas ela devia retaliar para bem da sua alma. O homem elevava a confiança ao nível de um pecado mortal.

— O senhor parece... — começou ela. Mas havia algo nos olhos dele de que ela gostava algo lascivo, talvez, mas... — Obrigada — disse ela. — Podia ter-me afogado sem você e estou muito grata por me ter rebocado aqui para fora.

Um olhar estranho atravessou o rosto de Gabriel.

— Devia dar-me uma bofetada por causa daquele beijo, por me aproveitar do seu frio.

Ela caminhou em volta dele, dirigindo-se à popa do barco e à mão estendida de Wick. Mesmo antes de desembarcar, parou e olhou por cima do ombro.

— Talvez eu me tenha aproveitado de você — disse ela, suficientemente baixo para que ninguém na margem pudesse ouvi-la.

Ele piscou os olhos e depois disse:

— Tomara eu.

Na manhã seguinte, Kate dormiu até tarde, depois de uma noite confusa e praticamente em claro, na qual ela alternadamente rejeitava, com uma humilhação feroz, a recordação de Gabriel a rir-se dos seus seios de cera, e corava intensamente com a recordação dos seus beijos.

Foi acordada por Rosalie, que lhe disse que a criada de Miss Starck estava a perguntar se a patroa podifazendo-lhe companhia ao pequeno-almoço.

— Lady Wrothe diz que a menina não pode sair deste quarto o dia todo — disse Rosalie com um ar importante. — É a heroína do momento, devo dizer. Esses jovens libertinos que fizeram o seu barco virar-se; estão devidamente envergonhados e a planejar dar-lhe um presente.

— Não! — disse Kate. — Decididamente, não.

— Sim, porque a menina foi à única que não foi recolhida imediatamente, mas teve, na realidade, de atravessar o lago a nado. Como uma sereia, é o que toda a gente diz.

— De maneira nenhuma como uma sereia — objetou Kate. — O príncipe rebocou-me como um peixe morto.

— Não é preciso entrar em pormenores — disse Rosalie. — Ora, Miss Starck e Lady Wrothe, essas foram salvas pelo raciocínio rápido de Lorde Wrothe. Ele endireitou o barco e os únicos que caíram ao lago foram à menina e o cão.

— A Coco está bem?

— Lorde Dimsdale mergulhou logo do barco para salvar a menina, mas eu acho que a menina apareceu do outro lado. Por isso, salvou a Coco, porque o príncipe já tinha nadado atrás de você. Segundo o que diz toda a gente, Lady Wrothe gritava tanto que as pessoas a ouviam da margem.

— Então o Algie salvou o cão em vez de me salvar a mim — disse Kate, irritada, soerguendo-se.

— Lady Wrothe não ficou nada contente. E hoje de manhã foi muito dura para com Lorde Hathaway — confidenciou Rosalie, abrindo os cortinados e revelando uma bela manhã de sol. — Disse-lhe ao pequeno-almoço, onde qualquer pessoa podia ouvir que lhe tinha dado instruções para salvar a menina, e ao marido para salvar o cão, e ele podia ter tido a cortesia de fazer um esforço para seguir as suas indicações em vez de se limitar a ficar no barco.

Kate não conseguiu evitar um sorriso.

— E depois Lorde Wrothe disse que, pela sua parte, ficara muito satisfeito por Dimsdale ter ido apanhar o cão, porque ele não queria estragar as suas botas novas. E nessa altura ela bateu-lhe na cabeça com um arenque fumado.

— Muito emocionante — exclamou Kate. — Não fazia ideia de que a vida de casado era tão divertida.

— A criada de Lady Wrothe diz que lá em casa é sempre assim. Eles brigam horrivelmente. Até que ele lhe compra um rubi e a briga acaba. Gostam muito um do outro; toda a gente vê.

— Acho que tenho de me levantar, se a Effie quer fazer-me uma visita — disse Kate, voltando a bocejar.

— Vou só vestir-lhe um roupão e escovar o cabelo — disse Rosalie. — Ela não deve esperar que esteja vestida convenientemente depois do terrível choque que teve. Sente-se com febre, menina? O príncipe ofereceu-se para mandar aqui o médico do castelo.

— Ele tem um médico dele? — perguntou Kate, balançando as pernas para fora da cama.

— Veio no barco com ele — explicou Rosalie. Começou a dar risadinhas abafadas. — O barco dos bobos, é o que lhe chama Mister Berwick. Porque o duque lá do estrangeiro mandou embora metade da sua corte, incluindo o próprio bobo.

— Não preciso de médico — disse Kate, lavando o rosto. — Tomo o pequeno-almoço com a Effie, mas depois quero um banho, Rosalie, e tenciono vestir-me. Não me sinto minimamente constipada.

— Não pode tomar banho ainda! — disse Rosalie alarmada.

— Ontem à noite tremia tanto que eu pensava que a cama se partia ao meio. Por favor, sente-se, menina, para eu lhe escovar o cabelo. Vou prendê-lo atrás com uma fita para o seu pequeno-almoço com Miss Starck e depois tem de se enfiar logo na cama.

Foi imediatamente óbvio que Effie achava que a sua aventura à meia-noite as tinha tornado as melhores amigas. Sentou-se em frente de Kate, a uma mesinha que Rosalie pôs perto de um lume crepitante (apesar do ar ameno que entrava pela janela) e começou a dar uma versão ofegante do que sentiram quando o barco se afastou na água preta, preta, sem conseguirem ver Kate em parte nenhuma.

— Nessa altura percebemos que estava morta — disse ela com uma ênfase emocionante. — Assassinada por aquela água gelada!

— Felizmente para mim, não estava — disse Kate, pegando noutra torrada com manteiga. Tinha andado a cavalo, a tremer de frio, em centenas de manhãs geladas, o que deve tê-la habituado ao frio, embora achasse que Effie não compreenderia se ela tentasse explicar-lhe a imunidade que ganhara a tanto custo.

— Lady Wrothe estava de pé — continuou Effie — a examinar desesperadamente as águas.

— Conseguiram ver a Coco?

— Ela ia a chapinhar ao lado do barco, movendo-se realmente bem. Devia ter visto quão pequeno era esse cão depois de Lorde Dimsdale o ter salvado, não era maior que um gatinho, com a pele toda molhada. Lady Wrothe comportou-se como se fosse o seu próprio filho a cair à água.

— Então, onde é que eu estava?

— Apareceu, por fim, à superfície no lado mais afastado. Teve muita sorte em não ter batido com a cabeça no outro barco. Todos os que estavam nesse barco foram parar à água, embora saíssem rapidamente, todos exceto o príncipe. Lady Wrothe foi a primeira a localizá-la e gritou ao príncipe que a fosse buscar, neste instante. — Effie deu uma risadinha. — Nunca teria imaginado que alguém pudesse mandar um príncipe fazer qualquer coisa como ela o fez. E, claro, ele obedeceu e nadou para ir apanhá-la.

— Que estranho — disse Kate. — Pareceu-me que tinha decorrido apenas um momento antes de eu conseguir chegar à superfície e o barco já estava a afastar-se.

— Provavelmente estava — disse Effie, refletindo nisso. — Fomos puxados pelo lacaio, claro, que não sabia o que se estava a passar. Mas, naquela altura, pareceu muito devagar, garanto-lhe. Quando a Victoria não voltou à superfície e a luz vermelha e azul do archote estava a balançar na água... Até o príncipe ficou terrivelmente angustiado.

— Como conseguiu ver? Ele não estava na água?

— Sim, mas Lady Wrothe gritou que a Victoria estava desaparecida e eu vi os olhos dele. A minha mãe diz que nunca mais me deixa ir a sítio nenhum perto do lago. Nem sequer durante o baile.

— Não me diga que tencionam fazer o mesmo outra vez!

— Não vai ser permitido a ninguém entrar nos barcos, exceto aos criados que sabem nadar — contou Effie. — Mas já está tudo planeado, por isso vão fazê-lo. Os barcos vão lançar fogo de artifício, o que, devo dizer, parece muito bonito. No entanto, vou ter de ver dos degraus, porque a mãe está extremamente nervosa. — Parecia estar muito melancólica.

— Quer a última torrada? — perguntou Kate.

— Não, obrigada — agradeceu Effie. — Eu como muito pouco. Coma-a Victoria. Está em grande risco de adoecer; toda a gente fala

nisso. Depois daquela doença terrível que teve há alguns meses, e agora o susto e o frio. — Fez uma pausa. — Embora esteja com muito bom aspeto.

Kate sorriu-lhe.

— Sinto-me muito bem.

— Não sabia que tinha um cabelo tão comprido — disse Effie.

— Porque usa sempre uma cabeleira? Não acha que é horrivelmente quente? Eu não consigo usar.

— Gosto de cabeleiras.

— Espero que não leve a mal um comentário — disse Effie, — mas o seu cabelo é lindo. Todas essas cores, diferentes de ruivo e louro... É como um pôr do sol. Melhor do que essa cabeleira vermelha, embora seja moda.

— Céu vermelho pela manhã — murmurou Kate.

— Que se cuidem os marinheiros⁽³⁾ — disse Effie. Girou o garfo durante um momento. — Foi tão romântico quando Lorde Dimsdale se atirou à água atrás de você. Gostava que tivesse visto. O barco endireitou-se e ele gritou o seu nome e depois mergulhou logo do lado do barco. Embora, claro, a Victoria na realidade não estivesse desse lado.

— Quem fez isso? Oh, o Algie — exclamou Kate. — É realmente romântico. O meu noivo tem ao que parecem interessantes qualidades ocultas. — Ela estava francamente surpreendida.

— Estão todos apaixonados por você — afirmou Effie — O Lorde Hathaway também.

— É todo seu — declarou Kate de imediato.

— Não tenho a certeza... A Victoria é tão divertida. Diz coisas tão espirituosas. — Olhou para Kate com a sua doce gravidade e disse: — Não quero que pense que estou apaixonada por Lorde Hathaway, porque não estou. E não estou desesperada por casar com qualquer um.

— Nem eu — disse Kate, levantando-se para tocar à campainha.
— Não se importa que eu peça mais cacau, pois não? Acho que o mergulho me fez ficar esfomeada.

— Nós não nos encontramos durante a temporada da alta sociedade — continuou Effie —, embora tivesse ouvido falar de você, claro. Mas ninguém me disse que era tão engraçada. Eu acho que é por isso que estão todos apaixonados por você.

Kate desatou a rir.

— Mas que diabo esta dizendo?

— Estão todos apaixonados por você — repetiu Effie. — Lorde Dimsdale, Lorde Hathaway e também o príncipe. Eu vi os olhos dele, lembra-se? Estavam loucos de pavor.

— A Effie tem um dom natural para o melodrama — disse Kate.
— Ah, ótimo, aqui está Rosalie. — Pediu à criada mais cacau e também mais torradas com manteiga.

Depois, voltou a sentar-se.

— Tenho arrepios só de a ouvir falar da água preta e do archote a balançar por toda a parte.

— Foi horrível — disse Effie. — Eu só imaginava que uma mão envolta em algas tinha subido à superfície para a arrastar para as profundezas sombrias.

Kate riu-se outra vez.

— Esse lago nem sequer tem peixes; é apenas um reservatório alimentado por uma corrente subterrânea, acho eu. Não há muitas algas!

— Nunca se sabe o que vive numa corrente subterrânea — disse Effie, os seus olhos grandes a ficarem ainda maiores.

— Vairões, talvez — respondeu Kate. — Não está ninguém apaixonado por mim.

O seu tom de voz deve ter sido convincente, porque, um segundo depois, Effie disse:

— Bem, Lorde Dimsdale está claro. Tinha-se esquecido do noivo outra vez.

— Exceto o Algie — concordou Kate.

— Tem tanta sorte. Gostava tanto de ter um noivo como Lorde Dimsdale. Ele é tão atencioso, e jovem, e belo.

— Bem, Lorde Hathaway também — lembrou Kate, bastante admirada.

— Na verdade, ele é mais velho.

— Mas é muito atraente e gentil. Estável — acrescentou Kate.

Effie acenou com a cabeça.

— Eu sei. A minha mãe diz a mesma coisa.

— Mas a Effie não está entusiasmada com a estabilidade e a gentileza.

— Ele vai dar um bom marido, tenho a certeza. No entanto, não se atirou à água atrás de você.

— Uma nota negativa contra ele — concordou Kate.

— Disse depois que não conseguia vê-la, portanto, que interesse teria tido? O que é lógico, mas não o que uma mulher quer ouvir, particularmente se estivesse morta.

— Talvez tivesse mergulhado no lago por você, mas por mim, não — sugeriu Kate.

— Duvido. Acho que ele tem pena de mim, o que não é a mesma coisa que o tipo de adoração louca que Lorde Dimsdale obviamente sente por você. — Hesitou. — Ouviu falar do que... Do que me aconteceu?

— Poderia estar a referir-se ao garfo?

— Não — disse Kate. — A sua mãe na realidade referiu-se ao seu pai no pretérito perfeito...

— Primeiro, morreu ele, mesmo antes da minha primeira temporada na alta sociedade, e depois a minha tia morreu no ano

seguinte, e depois morreu a minha tia-avó.

— A vizinha suave de Effie tornou-se um pouco áspera. — Deviam fazer uma exceção ao luto quando uma pessoa tem de fazer a sua apresentação à sociedade. As pessoas falam de mim como se eu fosse uma solteirona e eu ainda quase não tive uma temporada!

— Disparate — disse Kate, afastando a menção da descrição que Henry fez, por acaso, de Effie como octogenária. — Eu tenho... — deteve-se precisamente antes de confessar a sua idade. — Eu pareço mais velha do que a Effie. É isso que interessa.

— No ano passado, as coisas estavam a correr muito bem — explicou Effie, bebendo golinhos do seu cacau — e depois aconteceu uma coisa terrível com Lorde Beckham. Conhece-o?

Kate abanou a cabeça.

— A minha mãe ficou tão ofendida que me levou para o campo depois de eu ter estado apenas em dois bailes. Por isso, tive de começar tudo de novo este ano.

Tinha de ser o garfo.

— Que aconteceu? — perguntou Kate.

Effie rolou os olhos.

— Ele é louco. Disse que... Pode não compreender isto, Kate, mas ele disse a toda a gente que eu o apalpei. Nas partes pudendas!

— Não!

— Sim, disse. E a verdade é que tinha tentado beijar-me. Não me teria importado muito, mas ele encostou-se a mim da maneira mais repugnante. Eu contorci-me e afastei-me e disse-lhe que ele era uma lesma repelente. Isso o enfureceu e agarrou-me em baixo, aqui em baixo, com a mão dele.

Mesmo considerando o talento de Effie para o melodrama, o homem era odioso.

— Que nojento — indignou-se Kate. — Uma vez tivemos um padeiro na aldeia que era assim. O meu pai teve de o mandar

embora do condado.

— Ele não teria feito isto se o meu pai fosse vivo — disse Effie.
— Porque o meu pai o teria empalado. De qualquer modo, tínhamos levado os nossos pratos de tarte de alperce para a varanda, por isso eu agarrei no meu garfo e espetei na mão. Já que o meu pai não estava lá para o empalar, acho que se pode dizer que eu mesma o fiz. Mas, quando dei por mim, a versão dele já estava em toda a parte.

— Devia tê-lo espetado nos calções — lamentou Kate.

— Ele estava a dizer uma mentira, mas ninguém acreditou em mim, exceto a minha mãe, claro. Por isso, tivemos de nos retirar para o campo. E este ano — tinha um aspeto muito infeliz, — bem, uma pessoa como Lorde Hathaway é tão coerente e gentil que não dá ouvidos a esse gênero de boatos.

— Horrível — disse Kate. — Isso é horrível. No momento em que a conheci percebi que não podia ser verdade porquê...

— Então também ouviu falar nisso! — exclamou Effie e desatou a chorar. Felizmente, Kate ficara habituada a lágrimas depois de viver com Victoria, por isso serviu-lhe mais uma chávena de cacau e deu-lhe uma palmadinha na mão. E mais não fez. Com Victoria, qualquer expressão de compaixão apenas prolongava o seu choro.

De fato, Effie limpou os olhos e pediu desculpa.

— Estou nervosa — disse — porque o Beckham chega hoje e eu não o vejo desde o ano passado.

Kate franziu os olhos.

— Ele vem ao castelo?

— Sim, vem hoje — disse Effie, deprimida. — Não é falta de sorte? Consegui evitá-lo toda a temporada porque a minha mãe subornou um dos seus lacaios, por isso sabíamos sempre o que ele andava fazendo. Mas agora a minha mãe diz que não podemos ir embora porque Lorde Hathaway está quase a propor-me casamento.

— Não parecia extremamente feliz perante essa perspectiva.

— Eu gosto de Lorde Hathaway — comentou Kate.

— Eu também, claro — disse Effie, suspirando. — Só que... Bem... Ele não é propriamente romântico, pois não? Nunca me ofereceria flores a não ser que elas estivessem por acaso no seu jardim e ele tropeçasse nelas.

— A Effie tem aqui uma imaginação! — exclamou Kate.

— Já estou a ver a sua pobre esposa — imaginou Effie. — Vai ficar ansiosamente a aguardar que chegue o dia do seu aniversário, esperando que ele lhe leve uma tiara de diamantes ou, no mínimo, um xaile indiano, e ele vai aparecer com um abafador de chá. Ela vai ficar de lágrimas nos olhos, mas, como o ama realmente, e ele não tem culpa, há de engolir a sua tristeza.

— E compra, ela própria, um xaile indiano, eu espero — interpôs Kate. — A Effie é uma fantástica contadora de histórias! Quase consegui ver os olhos chorosos dela. Porque não espalha a versão verdadeira do Beckham? Tenho a certeza de que havia de convencer as pessoas.

Effie abanou a cabeça.

— A minha mãe sente, convictamente, que uma senhora nunca deve falar dessas coisas. Ela sente tudo tão profundamente. De fato, hoje nem vai sair da cama porque se sente muito abalada por causa da minha morte iminente ontem à noite.

Kate ergueu uma sobrancelha.

— Eu sei... A maioria das pessoas pensa que a Victoria quase morreu em vez de mim.

— Effie suspirou.

— Se dissesse à minha madrinha, Henry, ela podia arruinar o Beckham — sugeriu

Kate.

— Ela gosta mesmo que a tratem por Henry? É um nome tão

estranho para uma mulher.

— O nome dela é Henrietta, mas ela prefere Henry.

— Adoro a maneira como ela chama bombom ao marido — disse Effie. — É tão...

— Romântico — disse Kate a rir.

— Eu leio demasiados romances — confidenciou Effie, envergonhada.

— Eu não li muitos, mas o vilão apanha sempre o seu justo castigo, segundo creio. E é o que vai acontecer ao Beckham, prometo-lhe. Pense na Henry como uma fada madrinha: ela agita a varinha mágica e encarrega-se desse sapo odioso.

— Como eu gostava de o ver transformado num nabo — desejou Effie.

— Vai ver — prometeu Kate. — Ela vai transformá-lo em puré de nabo.

— Esta tarde; vais levar um grande grupo à caça de coelhos — disse Wick, agarrando Gabriel pelo braço depois da refeição do almoço.

— Ah, isso é que não vou — respondeu imediatamente Gabriel.

— Que se passa contigo? — perguntou Wick. — Nunca foste à pessoa mais obediente, mas eu preferia que não fosses doido varrido, se não te importas. Tenho um castelo cheio de gente, e o indivíduo que lê as mãos da sua tia já provocou apoplexias à metade das senhoras por distribuir sinas como confetti, e todas elas deprimentes.

— Se queres depressões, vai falar com o meu tio. Ontem à noite tive de o ouvir durante uma hora enquanto ele soluçava, soluçava! Por causa do falhanço do seu espetáculo naval.

— A culpa foi minha — disse Wick. — Eu tinha-os observado a praticar vezes sem conta e não imaginei que toda a coordenação fosse alterada por passageiros bêbados.

— Bem, ninguém se afogou — disse Gabriel. — Soube por Miss Starck que tomou o pequeno-almoço com a Kate, que a senhora está bem. Portanto, não aconteceu nada de mal.

— Sendo assim, podes pôr o raio do teu equipamento de caça e tirar-me alguns desses homens da vista?

— Não. Pede ao Ferdinand que me substitua, está bem?

— Vou ver se consigo arrastá-lo para fora da pocilga — disse Wick, afastando-se. Após Gabriel se certificar que Wick já não podia ouvi-lo, agarrou um jovem laçao e deu-lhe uma série de instruções explícitas e rápidas.

Depois, foi para o seu escritório, trancou a porta e dirigiu-se a um pequeno quadro que estava pendurado na parede mais

afastada. No plano de fundo da imagem via-se uma batalha feroz; em primeiro plano, uma ave canora empoleirada num ramo baixo. No chão, estava uma armadura, abandonada exatamente onde um cavaleiro conseguira livrar-se dela. Tudo o que se via dele era um pé sem vida, em baixo, à direita. E o pássaro continuava a cantar olhos duros alerta, revelando um desprezo total pelo guerreiro despedaçado, suficientemente louco para morrer por baixo da sua árvore.

Era a única pintura que Gabriel trouxera consigo de Marburgo. O quadro resumia o seu ódio pela violência estereotipada e pela guerra esporádica que caracterizavam todos os pequenos principados, incluindo o do irmão.

Com um simples movimento do dedo debaixo da moldura, tirou a pintura da parede.

Por trás dela havia uma alavanca simples. Um puxão, e abriu-se uma porta no revestimento de madeira, revelando um corredor extremamente poeirento.

Ele e Wick tinham concluído que os benefícios de mandar alguém limpar o corredor não valia às potenciais consequências, na medida em que a existência de um corredor que se estendia no interior das grossas paredes do castelo não era terrível em você mesma, terrível era o fato de o corredor oferecer vigias, buracos pelos quais se podia espreitar para dentro da maior parte dos quartos.

Poeirento estava; poeirento ficou.

Gabriel começou a andar, afastando da mente a ideia de que Wick iria ficar furioso ao saber que ele tinha decidido revelar a existência do corredor.

Ia parando e espreitando para os quartos para se orientar. Tapeçarias douradas indicavam os chamados aposentos da rainha, agora atribuídos a Lady Dagobert. Passou por mais quatro vigias, calculando a sua posição, e depois voltou a espreitar. Piscou os

olhos e continuou apressadamente. Se os seus convidados tivessem decidido não dormir a sesta depois do almoço, não era da sua conta.

Saltou outras quatro, voltou a tentar e percebeu que o quarto era aquele porque Freddie estava lá, enrolado numa bola, no meio da cama.

Não conseguia ouvir nada, o que sugeria que a criada de Kate não estava presente. Pôs a boca na vigia e disse:

— Kate. Nada.

Falou mais alto.

— Kate!

Ouviu um palavrão abafado que o fez sorrir e depois o som de alguém a dirigir-se à porta do quarto e a abri-la. Não conseguia vê-la, mas imaginou-a a olhar para o corredor.

Ela voltou a fechar a porta, bastante mais devagar do que a tinha aberto, e ele voltou tentar.

— Vá até a lareira e olhe para o lado direito.

— Odeio pessoas que espiam — disse ela em voz alta.

— Não estou a espiar! — protestou ele. — Tudo o que vejo é a sua cama. Respondeu-lhe um silêncio de desprezo.

— O Freddie parece estar confortável.

— O Freddie está sempre confortável. Porque está espiando a cama de uma senhora?

— Vim pedir-lhe que venha dar um passeio comigo. Secretamente.

— Compreendo a parte secreta. Quantas pessoas andam por esse corredor de noite?

— Ninguém — assegurou-lhe ele. — Nunca. A Kate é a única pessoa, para além do Wick, que sabe que ele existe.

— Estamos em Inglaterra — observou ela. — Não foi o Gabriel que construiu o castelo. Provavelmente, metade dos seus

convidados sabe da sua existência.

Subitamente, um olho apareceu à frente dele. Era um olho bonito, verde pálido, como a luz que atravessa um vitral, e orlado de castanho.

— É o Gabriel? — perguntou ela, desconfiada.

— Claro que sou eu.

— Puxo uma alavanca para o deixar sair?

— Não há entrada para nenhum dos quartos.

— Só para espreitar — murmurou Kate. — Que deplorável.

— Tenho uma carruagem lá em baixo e um piquenique. Disse ao laçao que ia levar uma das minhas tias a ver o velho convento.

— Um convento soa a um barril cheio de macacos — disse ela, afastando-se. Tudo o que ele conseguia ver era, outra vez, Freddie. Ela continuou, dirigindo-se para a direita. — E a sua tia, vai gostar desta excursão?

— Só nós os dois — disse Gabriel e susteve a respiração. Nenhuma jovem decente o faria. Jamais. Sem dama de companhia, sem criada, sem tia?

O olho de Kate voltou a aparecer.

— Está a planejar seduzir-me na carruagem? — O verde pareceu um pouco mais escuro, da cólera.

— Adoraria — disse ele pesarosamente —, mas depois não seria capaz de viver com a minha consciência, portanto, não o farei.

— Tem consciência quando se trata de pessoas como eu? Pensava que o Gabriel e o Wick tinham avaliado sumariamente o meu estatuto.

— A Kate pode ser filha ilegítima, embora eu ache que não é filha de uma guardadora de porcos, apesar de todo o seu íntimo conhecimento de pocilgas.

— Não sou — disse ela e voltou a desaparecer. Ele ouvia-a a

andar de um lado para o outro. — Se eu fosse filha de uma guardadora de porcos seduziria-me?

— Na realidade, nunca seduzi uma donzela — disse ele.

— Que virtuoso.

— Provavelmente não é reflexo de virtude — admitiu. — Os príncipes quase nunca conseguem estar sozinhos, sabe. Quando era mais novo, teria entretido alegremente com uma donzela de qualquer espécie, mas nunca me deram uma oportunidade.

O olho reapareceu.

— Desde que prometa sobre o caos da sua honra de príncipe que não me beija. Eu acho os seus beijos perturbadores.

Isto foi um golpe inesperado.

— A Kate podia beijar-me — sugeriu-o.

— Não. Eu preciso arranjar um marido e a sua noiva... Ela chega hoje?

— Desembarcou em Inglaterra — disse Gabriel relutantemente.

— Provavelmente chega amanhã.

— Nada de beijos — declarou Kate.

Ele acenou com a cabeça e percebeu que ela não podia vê-lo.

— A verdade é que estou a dar em doida neste quarto. A Effie trouxe-me uma porcaria deprimente para ler. Não tenho muito interesse em romances. E a Henry não me deixa sair porque diz que, se eu aparecer com um aspeto demasiado saudável, as pessoas vão começar a questionar a doença que me fez emagrecer.

— Eu trouxe um manto, portanto, ninguém vai reconhecê-la.

— Um manto?

— A minha tia usa sempre mantos. Um manto de luto. Vou ter consigo a porta do seu quarto dentro de cinco minutos.

— Posso levar o Freddie? Podia escondê-lo debaixo do manto.

— De maneira nenhuma. A minha tia nunca ladra.

A mulher que surgiu do quarto de Kate estava envolta em negro da cabeça aos pés. Gabriel ofereceu-lhe o braço, sentindo um prazer ridículo a percorrer lhe o corpo.

— Tenha cuidado para não tropeçar — avisou-o, quando caminhavam pelo corredor. O manto estremeceu quando Kate abanou a cabeça.

— Tenho dificuldade em andar; não vejo para onde vou. Como é que ela consegue fazer isto?

— Já está de luto há muito tempo — disse Gabriel.

— Há quanto?

— Quarenta anos, mais dez menos dez.

Silêncio.

— Está a pensar que ela é excessivamente lúgubre.

— Nunca rostocterizaria uma princesa de forma negativa — assegurou Kate cerimoniosamente, embora soubesse perfeitamente que era mentira.

— Na realidade, isso foi muito inteligente — respondeu ele. — O meu pai teria arranjado outro marido, mas ela caiu num paroxismo de desgosto tão cataclísmico que ninguém a quereria.

— Suponho que o seu desgosto não foi o que podia ter sido?

— Eu e os meus irmãos adorávamos ir aos aposentos dela. Jogávamos ao jogo das conjeturas^[4] e fazíamos apostas com caroços de cereja. Ela deu-me a provar conhaque pela primeira vez e montes de bons conselhos.

— Como, por exemplo?

— Ela adorava pensar em cenários improváveis. Por exemplo, se o dilúvio do Noé voltasse a acontecer? Como iríamos sobreviver?

— Boa pergunta — disse Kate. — Ela tinha a resposta?

— Concluimos que um bom barco com o porão cheio de frutos secos haveria de nos salvar. Quando era pequeno, costumava roubar avelãs da mesa para ela poder criar um armazém. Suponho que as comia às escondidas; nunca me desiludiu. Sempre que chovia, eu pensava, todo contente, nas enormes reservas de frutos secos que estavam guardadas debaixo da cama dela.

— Muito simpático da parte dela — admitiu Kate. — Que teria ela a dizer de filhas de guardadoras de porcos?

— Afasta-te delas — disse ele de imediato.

— O meu pai diria indiscutivelmente o mesmo em relação a príncipes prestes a casar.

Iam então a descer a grande escadaria.

— Um último grupo de lacaios e estamos livres — sussurrou ele.

— É melhor eu coxear?

— Não é preciso. O Wick não está aqui e ele é o único que poderia reparar. Vou pô-la na carruagem e tomar eu mesmo as rédeas. Digo-lhe quando estivermos longe da vista da porta principal. Deixamos a estrada imediatamente.

No momento em que ele deu o sinal, Kate levantou o manto e tirou-o, a custo, da cabeça.

— Isto faz muito calor — exclamou. Estava muito corada.

— Outra cabeleira? — perguntou ele, desiludido.

Na noite anterior ela estava tão encharcada que ele não tinha sido capaz de perceber exatamente de que cor era o seu cabelo, mas pensava que era amarelo como mostarda ou vinho velho.

— Eu uso sempre cabeleira — disse cerimoniosamente. Mas depois olhou para ele e riu-se, e ele sentiu um acesso de desejo tão feroz que quase largou as rédeas. — O meu cabelo é a minha única glória, por isso estou a guardá-lo para quando puder ser

verdadeiramente eu: Kate e não Victoria.

— Hoje é a Kate — disse ele.

— Não, não sou. A única razão por que vim passear consigo é o fato de a Victoria ser um pouco vadia — explicou ela com um sorrisinho perverso. — Eu própria nunca faria uma coisa destas.

— Que faz em vez de vadiar? — perguntou ele, com bastante curiosidade.

— Várias coisas — disse ela despreocupadamente.

Houve um curto silêncio enquanto ele desviava a carruagem da estrada e a dirigia para um pequeno carreiro que serpenteava em torno do castelo, mesmo debaixo das muralhas.

— Que gênero de coisas? — perguntou ele. — Tratar de porcos?

— Na verdade, não há porcos nenhuns — disse ela. — É uma ideia animadora, não é? Se começar a sentir-me espezinhada posso pensar no que podia ter sido, em suma, tratar de porcos.

— Sente-se espezinhada?

— De vez em quando — disse ela, com desenvoltura. — Eu tenho um gênio tão feroz que as pessoas me espezinham quando se sentem ameaçadas. Além disso, a minha madrinha vai-se encarregar de mim e, na próxima vez que o Gabriel me vir, estarei a viver respeitavelmente em Londres com a Henry ao meu lado.

Lady Wrothe deve ir dar-lhe um dote, pensou Gabriel, o que era amável da parte dela. Embora detestasse a ideia de Kate a namoriscar com londrinos cretinos; de fato, fazia-o querer raptá-la e...

Agir como o príncipe mau num conto de fadas. Cristo.

— Parece que está com calor — disse Kate. — Onde fica o convento, afinal?

— Na realidade, não vamos a convento nenhum. Vamos contornar o castelo e entrar num dos jardins, um jardim secreto.

— Um jardim secreto... Como diabo é que o descobriu? Não me diga que foi uma fada que lhe indicou o caminho.

— Deram-me uma chave. É secreto simplesmente porque o portão abre para os terrenos do castelo e não para o pátio, por isso ninguém se incomoda a ir lá. Nem o Wick o explorou.

Continuaram num círculo em volta do castelo durante mais uns minutos. Depois, Gabriel fez parar o pônei e saltou, atirando as rédeas por cima de um pequeno arbusto.

Pegou num cesto que estava na carruagem e virou-se para dar a mão a Kate, mas ela já estava fora da carruagem.

Ele queria... O que ele queria era ridículo. Queria ser ostensivamente possessivo, arrancá-la da carruagem, levá-la ao colo até ao portão. Queria atirar um cobertor para o chão e levantar-lhe as saias mesmo ali, ao ar livre, onde qualquer pessoa podia vê-los.

Queria...

Tinha enlouquecido.

Era essa a explicação, pensou, caminhando atrás de Kate, que ia a saltitar e a apanhar flores como uma menina de cinco anos. Wick tinha razão. Toda a questão do casamento, a chegada iminente da princesa Tatiana, tinha chocalhado o seu estado mental.

Estava prestes a casar. Casar. O que tornava ainda mais lamentável o fato de — parou e ajeitou os calções — não haver mais ninguém com quem quisesse estar além da filha ilegítima de uma guardadora de porcos, que andava a colher margaridas a uns metros de distância.

Era exatamente como um conto de fadas, mas a vida não era como os contos de fadas, e os príncipes não podiam andar com filhas de guardadoras de porcos, a não ser que quebrassem todas as convenções sociais que tinham aprendido na vida.

E ele não ia fazê-lo.

Embora a visão do corpo de Kate a curvar-se para apanhar outra

flor o fizesse tão ávido e, possessivo que deu com os dedos a tremer. Pousou o cesto e deixou escapar uma saraivada de palavrões silenciosos, o seu método preferido para recuperar o autocontrole.

Tinha resultado na corte do irmão; resultou agora.

— Vamos entrar, está bem? — exclamou ele, dirigindo-se à porta e destrancando-a. O muro de tijolo era alto e muito velho, tão velho que ele era capaz de o ver a esboroar-se em sítios onde a hera o puxava para baixo.

Com um empurrão, abriu a porta para um emaranhado de milefólios, unhas-de-cavalo e consolidas roxas. Misturadas aqui e ali, viam-se cabeças pendentes de rosas centifólias, pétalas caídas no chão, como se uma menina tivesse andado a espalhar alpista.

— Oh! — exclamou Kate. — É lindo! — Correu em frente, segurando as saias. — É mesmo um jardim secreto. Também há estátuas secretas. Olhe, ali está uma quase escondida naquele maciço de roseira brava.

— Provavelmente é uma deusa — disse Gabriel, enquanto Kate afastava a hera que se estendia sobre os pálidos ombros de pedra. Juntos, puxaram para baixo um maciço de hera que pendia sobre o rosto da estátua.

— Oh! — disse Kate, num murmúrio. — É linda.

— Está a chorar — observou Gabriel, admirado.

Kate estendeu o braço e arrancou outro ramo emaranhado de hera.

— É um anjo.

As asas do jovem anjo estavam dobradas; tinha os olhos baixos, o rosto branco como neve recente e mais triste que o inverno.

— Oh, meu Deus — disse Gabriel, recuando um passo. — Isto não é um jardim secreto, é um cemitério. Podiam ter-me dito.

— Então onde estão os túmulos? — perguntou Kate. — Olhe, não há nada aos pés do anjo a não ser um pedestal. A família não

teria sido enterrada na capela?

— Sim — disse Gabriel com alívio, pensando nos túmulos dos lordes e das damas Pomeroy cuidadosamente alinhados na capela do castelo. — Mas então porque diabo é que ele está aqui?

Kate estava inclinada a puxar hera do pedestal. De repente começou a rir.

— Que foi?

— Isto é mesmo um cemitério — disse ela, rindo-se ainda mais alto.

— Lembre-me para nunca a acompanhar em solo sagrado — pediu Gabriel, inclinando-se. Começou a ler alto. — Com eterna saudade de... Quem? Não consigo ler.

— Do meu querido Patife — concluiu Kate. Afastou para o lado um pouco de roseira brava e contornou o pedestal. — E também não é só o Patife. Aqui está o Janota e... — continuou a andar — Freddie Oh, credo, eu tenho de trazer aqui o meu Freddie. Vai ser o mesmo que visitar os túmulos dos antepassados na Abadia de Westminster.

— Parece que tenho o meu próprio cemitério de cães — disse Gabriel. — Se eu tivesse uma porção deles, como a Kate, podia tirar as medidas para os seus tumulozinhos enquanto ainda estivessem vivos. Começaria pelo Freddie, uma vez que ele provavelmente vai morrer de susto um dia destes. Vou mostrar este sítio ao meu tio; talvez se sinta melhor se colocarmos aqui a estátua de um cão que comia alimentos em vinagre.

Ela deu-lhe uma cotovelada.

— É ridículo.

Gabriel estendeu a mão e tirou-lhe a cabeleira, que saiu com ganchos a saltarem e um grito. Ele deixou-a cair na cabeça do anjo sofredor.

— Belo — disse com satisfação, não se referindo ao anjo, que

assumira o aspeto de uma rameira ébria, com aquela cabeleira cor-de-rosa.

O sol incidia, obliquamente, sobre os velhos tijolos róseos, e amava o cabelo de Kate, cada uma das suas madeixas oleosas, zangadas.

Ela gritou-lhe, claro. Nunca ninguém lhe gritava. Ninguém, exceto Kate... E isso aconteceu porque ela era de uma classe social diferente, uma classe que não sabia que não se podia nunca ralhar com um príncipe.

Nem sequer tinha sido repreendido quando não passava de um príncipezinho. A sua ama e as amas dos seus irmãos sabiam os seus lugares. Ele costumava abusar, quando era rapaz, e tentar enfurecer os criados. Ninguém lhe ralhava, nem sequer quando deitou fogo ao tapete do quarto das crianças. Quando Rupert apanhou uma das criadas lá de cima grávida, o pai apenas se riu.

Só Wick o olhara com indignação quando viu o tapete e lhe dissera que era um verdadeiro idiota. Ele batera-lhe, claro, e Wick ripostou e acabaram a rebolar no chão e depois ele sentiu-se melhor. Porque uma criança sabe quando merece ser repreendida, e se não é...

Bem.

Se, de vez em quando, alguém tivesse ralhado a sério com o seu irmão Augustus, pensou Gabriel, ele não teria ficado tão à mercê daquele frade infernal que lhe apareceu com as suas promessas de halos dourados. Augustus sabia bem, lá no fundo — como todos sabiam — que não merecia tudo o que tinha.

Essa verdade levou-o a desconfiar das pessoas, porque elas mentiam... No caso de Augustus, provocou-lhe medo em relação ao que aconteceria depois da sua morte.

Kate não mentia. Era fascinante ouvir a raiva autêntica da sua voz. E essa raiva, perversamente, causou-lhe uma elevação nos calções.

Ou talvez fosse o cabelo dela. Brilhava como se morangos tivessem sido entretecidos em ouro.

— Eu só queria ver a sua coroa de glória — explicou ele, interrompendo-lhe a diatribe. — Tem razão. É lindo.

— Eu disse-lhe — respondeu Kate, mas ele cortou-lhe a palavra quando ela parou para tomar fôlego.

— Eu sei. Estava a guardá-lo para o momento em que encontrasse o próprio Príncipe Encantado. Disparate.

Ela tinha as mãos nas ancas e fitava-o como uma verdadeira peixeira. Gabriel sentiu uma onda de felicidade.

— Pode ser disparate para você — ripostou Kate, feroz. — Mas eu apresentei-lhe as minhas razões e o Gabriel... Passou-lhe por cima, sem consideração nenhuma, porque pensa que qualquer coisa que faça é aceitável.

Ele olhou-a e pestanejou, as palavras dela calando fundo.

— Não é? — perguntou ela. — No seu pequeno mundo, limitado, arrogante, pode arrancar a cabeleira a uma mulher simplesmente porque quer, e também podia arrancar as asas a borboletas, sem dúvida, e fazer filhos a leiteiras, e...

— Por amor de Deus — disse Gabriel. — Como é que passamos de cabeleiras para leiteiras e borboletas?

— Tem tudo que ver consigo — afirmou ela, fitando-o.

O ridículo era que, embora Kate estivesse a dizer coisas terríveis sobre ele — tudo verdade, exceto as borboletas e os filhos ilegítimos, ele apenas se sentiu mais entesado, com mais vontade de lhe roubar um daqueles beijos e não ficar por aí, mas derrubá-la para cima de um pedaço de relva.

— Não pense que eu não compreendo bem esse seu olhar — avisou ela, e os seus olhos tornaram-se ainda mais penetrantes.

— Que estou eu a pensar? — Que um raio o fulminasse se a voz não lhe saiu do peito num grunhido, no gênero de som rouco que

um homem faz quando...

— Está a pensar que vai quebrar a sua promessa — acrescentou ela, cruzando os braços sobre os seios. — Está quase a convencer-se de que eu quero na realidade que me beije, embora tenha prometido que não o faria. Porque no seu mundo...

— Já ouvi essa parte — disse ele. — Acerca do meu mundo limitado. Quer que a beije?

Pareceu-lhe que o mundo inteiro lhe susteve a respiração naquele segundo, que os pardais sem rumo fecharam os bicos e as abelhas ficaram suspensas no ar, à escuta.

— Por amor de Deus — disse ela com repulsa, virando as costas. — Nunca vai compreender, pois não?

Ele compreendeu que a curva do pescoço dela era, por qualquer razão, mais deliciosa do que a de qualquer mulher que vira em anos. Uma vez que ela estava de costas, voltou rapidamente a ajeitar os calções.

— Pensa que eu sou burro — disse ele, prestável. — E provavelmente tem razão. Visto que prometi, não vou beijá-la. Por outro lado, nunca prometi não lhe tirar a cabeleira. Deu-me ordens, no que se refere à sua cabeleira, o que, no meu entender, é algo muito diferente de eu dar a minha palavra.

— Está a preocupar-se com insignificâncias.

Manteve-se de costas para ele, obstinada como era. No entanto, de qualquer modo, a linha delicada das suas costas ainda era mais sedutora do que a curva do seu peito. Ele gostaria de cair de joelhos e seguir cada saliência da sua espinha com a língua.

Não devia estar a pensar uma coisa daquelas, apercebeu-se vagamente Gabriel. Ela não era para ele. Não era para ele... Não era para ele. Kate inclinou-se para observar mais de perto qualquer coisa que estava escondida nas ervas e a mente dele presenteou-o com uma imagem de você próprio beijando-lhe a cintura, depois deslizando para baixo, para baixo...

— Vamos almoçar? — perguntou ele, lançando as palavras como um grunhido.

— Há aqui mais um mármore — disse Kate, puxando um emaranhado de hera e ervas.

Ele resmungou e foi pôr-se ao lado dela. Puxou com tanta força que um grande feixe de hera se soltou, raízes e tudo, fazendo voar terra e folhas.

— Desta vez, é a estátua de uma criança — constatou Kate, caindo de joelhos.

O lado irresponsável, lascivo, do corpo de Gabriel aprovou. Sim... De joelhos...

Afastou-se e caminhou com passos pesados para fora do jardim para ir buscar o cesto do piquenique, amaldiçoando a sua lascívia.

Wick tinha razão. Andava atrás de Kate só porque não podia casar com ela, e também não podia ir para a cama com ela. Porque era um idiota, em suma.

E provavelmente ela também tinha razão. Ele era um imbecil arrogante que lhe arrancou a cabeleira apenas porque lhe apeteceu. Estava a ficar tão mau como Augustus. Como Rupert. Wick tinha-o mantido na linha a maior parte das suas vidas, controlando-o quando ele começava a pensar que o seu título tinha qualquer significado...

Mas, mesmo assim, teria tornado um imbecil quando Wick não estava a observar? Provavelmente.

Kate limpou as últimas ervas da estátua da criança. Era uma menina pequenina, rechonchuda, sentada na relva com o seu vestidinho e a rir.

— Olá — murmurou Kate à menina de pedra. — Gostava de saber...

Puxou a hera do pedestal e encontrou uma simples inscrição: Merry, Querida.

— As suas luvas estão todas estragadas — disse-lhe uma voz sobre o ombro.

— A minha criada trouxe caixas e caixas de luvas — respondeu ela. — Olhe Gabriel, não é uma querida? Tem caracolinhos.

— E asas — salientou Gabriel. — É um anjo bebê.

— Acha que a Merry era ela, ou seria Merry um gatinho adorado, talvez? Faz-me lembrar os cupidos do corredor norte. Talvez tenha sido feito pelo escultor roubado de Itália, aquele que fugiu num barril de manteiga.

— Ergue-se uma estátua a um mero gatinho? O que eu acho é que isto é um monumento de homenagem, se não for mesmo o túmulo. — Inclinou-se e afastou um botão de milefólio que pendia sobre a face da criança.

— É tão terrivelmente triste — disse Kate.

— Há um desejo instintivo de recordar a criança a brincar e a rir — disse ele. — Quando estávamos a escavar a Berbéria há dois anos, descobrimos que os túmulos de crianças estavam cheios de brinquedos para que pudessem brincar felizes, no além.

Kate acenou com a cabeça.

— Não é muito diferente, acho eu, de pôr uma estátua de Merry mesmo a brincar no jardim.

— Tenho um frasquinho lá em cima no qual tenho andado a trabalhar. Veio de um túmulo e originalmente tinha ossos. Provavelmente eram os brinquedos do rapaz. Hei de mostrar um dia.

— Parece fascinante — disse Kate, com sinceridade.

— O meu velho professor, Biggitstiff, é uma autêntica besta, e deitou fora o frasco, com ossos e tudo. De fato, limitou-se a mandar os homens deitar terra para cima do túmulo, depois de ter descoberto que não havia lá ouro.

— Ele só está interessado em ouro?

— Na verdade, não. Mas está interessado na fama. Quer o grande achado, a descoberta emocionante. Algo tão insignificante como o túmulo de uma criança pobre nunca lhe interessaria. E isso que me aborrece em relação à sua escavação de Cartago. Ele vai andar por lá fazendo um grande alarido, à procura do túmulo de Dido, e a destruir, sem dúvida, toda a espécie de artefatos interessantes.

A voz dele voltara a afastar-se e ela olhou por cima do ombro. Ele estava a estender um cobertor sobre uma mancha de relva relativamente limpa.

— Venha comer — chamou.

Ela ergueu-se, apoiando-se nos joelhos, e foi ter com ele.

— É um festim — disse com satisfação.

— Tire essas luvas imundas — sugeriu Gabriel. Agitou uma perna de frango na direção dela.

— Mmmm — disse Kate, descalçando as luvas. — As coisas cheiram muito melhor ao ar livre; já reparou? — Deu uma dentada no pedaço de frango.

Ele não respondeu, deu-lhe apenas um copo de vinho que lhe deslizou, leve e ligeiramente espumoso, pela garganta abaixo.

Só depois de ter comido a perna de frango, uma tartezinha de

carne, um pedaço de queijo do lavrador que fazia crescer água na boca, um ovo de codorniz em vinagre, é que Kate reparou que ele não lhe respondera. De fato, ele nem sequer estava a comer; estava apenas apoiado no cotovelo a observá-la. E dando-lhe comida.

Ela semicerrou os olhos para ele, enquanto comia uma fatia de bolo de amêndoa.

— Que foi?

Gabriel ergueu uma sobrancelha.

— Nada.

— Que esta fazendo?

— A tentar engordá-la — disse ele, bastante depressa. — Está demasiado magra, embora não tivesse estado doente na primavera.

— Nunca fui gorda — afirmou ela.

— Ah, mas precisa demais, para além dessa deslumbrante cabeleira hirsuta, para apanhar um marido — disse ele de uma forma irritante. — As melhores mulheres inglesas são roliças. Voluptuosas, na realidade. Veja Lady Wrothe, a sua madrinha. Ela parece um deslumbrante pãozinho cozido demais, mesmo com aquela idade.

Kate comeu o resto do bolo e repreendeu-se em silêncio por se ter importado por ele, aparentemente, não a achar voluptuosa.

Gabriel tinha-se virado e estava deitado de costas, pernas cruzadas, a comer uma perna de frango. Os seus calções colavam-se a coxas musculadas; os olhos de Kate foram desviados para os ombros, mais largos. Os olhos dele estavam semicerrados contra o sol e as pestanas inclinavam-se lhe sobre as faces como um convite.

— Eu não quis dizer que o Gabriel arrancava as asas às borboletas — explicou ela abruptamente, afastando a mente dos atributos principescos do príncipe.

— E em relação aos filhos ilegítimos que tive de montes de leiteiras? Queria mesmo dizer isso? — perguntou ele, interessado,

embora não se incomodasse a abrir os olhos. Estendeu uma mão. — Dá-me um desses pastelinhos?

Ela pôs a tarte de carne na mão.

— Eu imaginava que os príncipes poderiam ter qualquer quantidade de filhos bastardos — disse ela. — Que mulher seria capaz de lhe resistir? E com isto não quero fazer um elogio aos seus encantos.

— Eu ouvi o que disse — respondeu ele. Ficou calado por um momento.

— Não que eu queira dizer que o Gabriel tivesse de usar a força — acrescentou ela, sentindo um escrúpulo na consciência. Ele era tão belo que nem sequer precisava de um título para ter as mulheres aos seus pés.

— Eu sei. — Voltou a estender a mão, larga, mas de dedos finos, uma forte mão masculina. Pôs imediatamente outra tarte na palma da mão.

— O meu irmão Rupert — confidenciou Gabriel — tem uma série de bastardos. É um tipo bonito.

— O Gabriel é... — parou mesmo a tempo.

— Não sou tão bonito — disse ele. — Rupert tem mais ar de príncipe do que eu. Devia vê-lo de punhos de renda e de cabeleira. Punha-a louca, não tenha dúvidas.

— A sério?

— Parece uma personagem de conto de fadas e porta-se como uma personagem dos livros de Aretino — disse Gabriel, virando-se e apoiando-se no cotovelo.

— Aretino? Parece que me lembro desse nome, mas não tenho a certeza...

— Decididamente que não se lembra do nome; não é um autor que as senhoras conheçam. Aretino era um italiano que se especializou em livros com desenhos impróprios, que muito me

ensinaram quando eu era miúdo. O meu pai tinha um exemplar traduzido para inglês, embora eu deva dizer que a língua é bastante irrelevante. Um dia, faça perguntas sobre isso ao seu marido.

Kate engoliu um sorriso. Ela sabia exatamente de onde se lembrava do nome. Tinha descoberto a Escola de Vénus de Aretino na biblioteca do pai dois anos atrás. As ilustrações eram reveladoras.

— Tome, beba um pouco mais de vinho — disse Gabriel. Derramou-se no copo como um vitral transformado em líquido, dourado, fragrante, capitoso. — A boa aparência do Rupert, juntamente com o seu título, teve um mau efeito nele. — Esboçou um sorriso afetado. — Eu sei que vai ser-lhe difícil concordar comigo sobre o fato de um título poder exercer má influência num homem.

Ela riu-se alto. Gabriel fazendo troça de você próprio e do seu título era esmagador. Sentiu um tinido na zona do coração e repeliu-o.

— Praticou com as criadas da casa desde os catorze anos até começar a praticar no campo, à grande. O meu pai achava piada.

— O Gabriel não.

— Não entrava na cabeça do Rupert que havia a possibilidade de as mulheres terem medo de perder os seus empregos se não obedecessem. Para ele tudo é divertimento: bajula-as e, sem dúvida, dá prazer na cama. Mas...

— Que aconteceu aos filhos dele?

Gabriel encolheu os ombros.

— Temos alguns conosco, no castelo. Com as mães, claro. Quando o Augustus fez a limpeza ao castelo, expulsou as mulheres perdidas independentemente de quem as fizera cometer o deslize.

— Isso não se faz — criticou Kate, dando uma dentada com força numa pera cristalizada. — Mas o Gabriel não tem filhos. —

Ela percebeu-o instintivamente. Gabriel podia ser o mais arrogante dos homens, mas o castelo inteiro que carregava sobre os ombros era a prova de que não enjeitava responsabilidades.

— O Wick não me perdoaria se eu começasse a produzir moedas falsas — disse ele, indolentemente. — De outro modo, estaria neste momento a seduzir uma leiteira. — E lançou-lhe um esgar exagerado que não deixou espaço para dúvidas sobre a leiteira em questão.

Kate estendeu o braço e tirou-lhe da mão outro pedaço de pera.

— Então o Wick tem-no mantido no bom caminho. Gosto disso. É um bom homem. Gabriel esvaziou o copo.

— acredite ou não, Katezinha, eu gosto de fazer amor com mulheres que não ficarão magoadas com a minha sedução. De outro modo... — Lançou-lhe um sorriso que o diabo adoraria imitar. — De outro modo, teria agora deitada de costas, na relva, e a Kate, minha menina, havia de me deixar fazer amor consigo, com ou sem título. Mesmo que eu fosse guardador de porcos...

Ela ficou de boca aberta.

— Maravilha! Sua besta arrogante!

— Estou a ganhar o hábito da honestidade. — Inclinou-se mais para junto dela. — Foi à menina que me disse que os ingleses apreciam verdades pouco confortáveis.

— Não consigo perceber o que tem isso que ver com o que quer que seja. O Gabriel não é inglês. E também não é irresistível.

— Vamos fazer de ingleses e trocar verdades desconfortáveis. Pode dizer-me a primeira. Ou melhor, uma vez que isso constitui o seu principal trunfo, diga-me outra.

— De que está falando?

— Diga-me uma coisa que ache que eu não quero ouvir.

— Há tanta coisa que não quer ouvir — disse ela, deixando um laivo de troça afiar a voz.

— Se vai dizer-me que sou escandalosamente atraente, sei que não é verdade.

— O Gabriel disse verdades — respondeu Kate. De qualquer modo, o nariz dele era demasiado grande para uma beleza exorbitante.

Ele riu-se.

— Tem razão, Katezinha cruel. Então, continue.

— Eu acho que é... — Hesitou.

— Arrogante? — ajudou ele.

— O senhor sabe.

— Pior?

— Acho que vai despedaçar o coração da sua mulher — afirmou ela, dizendo o que pensava.

Surpreendeu-o. Ele virou a cabeça e soltou o cabelo da fita, encaracolando-se no ombro.

— Por quê?

— Porque tenciona deixá-la e ir desenterrar essa cidade antiga de que me falou. Vejo, qualquer pessoa vê, que está só apenas à espera do momento certo.

— Eu próprio lhe disse isso. Não pode gabar-se de conseguir perscrutar o meu caráter.

— Vai partir para Cartago — disse ela com firmeza — e isso não é correto. Não é honrar os votos do casamento.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Amar e respeitar — disse ela. — Na saúde e na doença. Se estivesse em Cartago, como é que saberia se a sua mulher adoecia? Se morria de parto?

— Ela chama-se Tatiana. E eu não a deixaria se ela estivesse a gerar um filho!

— Como o sabia? As mulheres, muitas vezes, demoram meses a

saber. Para ser ainda mais franca, esta planejando não dormir com a Tatiana durante três meses antes de se raspar para Cartago? Porque isso é problemático, noutra sentido.

Ele soergueu-se.

— Há mulheres que não gostam de ter um marido sempre à volta das saias, sabe. Parece que tem uma visão muito romântica do casamento e, acredite, não é essa que eu vejo no seio de famílias reais.

— Eu li coisas sobre casamentos dinásticos. Veja o nosso rei James. Ele nunca amou a mulher; viviam separados e segundo algumas vozes, amava mais o duque de Buckingham do que a amava a ela.

— Agora está deixando-me chocado — disse ele, num tom ligeiro. Mas os seus olhos evitaram os dela.

— O Gabriel não vai fazer isso — disse ela, compreendendo subitamente onde tinha sido cega. — Não vai ser capaz de a deixar.

— De partir?

Ela acenou com a cabeça.

— Vou partir, seguramente — disse ele, com toda a teimosia de um menino pequenino a insistir que quer montar outra vez o seu pónei.

— Não, não vai. Isso não está na sua índole, Gabriel-o-Príncipe.

— Que se lixe — disse ele e, com um movimento rápido, precipitou-se sobre ela, deitando-a em cima do cobertor.

— Uf! — exclamou Kate, enquanto o ar lhe saía dos pulmões.

Ele limitou-se a baixar os olhos para ela como se o calor do seu corpo não estivesse a queimar as pernas dela.

— Isto é vergonhoso — comentou Kate, parecendo um cordeirinho tolo a balir. Mas não se enroscar nele e, ronronar estava a tirar-lhe toda a energia. Em vez de lhe enrolar os braços em volta do pescoço, obrigou-se a empurrar-lhe os ombros. — O senhor é

um regenerado!

Ele inclinou a cabeça para um lado e ela sentiu a sua respiração contra a face.

— Regenerado? Regenerado? Hmmm.

— Afaste-se de mim — ordenou ela, entre dentes cerrados. — Prometeu.

— Prometi não a beijar — concordou ele prontamente. — E não vou beijá-la. — A cabeça descaiu-lhe quando ela lhe empurrou o ombro. — Nós, os degenerados; não ligamos a beijos. — Depois, suavemente, perversamente, uma língua úmida deslizou-lhe pela superfície da face. — Ou o que queria dizer era que eu sou um renegado?

— Oh! — Um arrepio desceu pelo corpo de Kate, uma espécie de aviso, seguido imediatamente de um acesso de calor. — Afaste-se de mim! — guinchou. — Prometeu não...

A língua arrastou-se para o seu pescoço, e ela não pôde evitar, contorceu-se contra a sua ereção e dos seus lábios soltou-se um leve gemido.

— Os seus beijos são como o seu cabelo? — A pergunta foi feita em voz tão baixa que ela quase não a ouviu perdida numa bruma de sensualidade. — Para um só homem...

Guardados para o homem que vai desposar?

— Sim, estou a guardar ambos — disse ela, há ofegar um pouco, tentando recompor-se. Os seus braços estavam presos entre os dois, pelo que não conseguiu afastá-lo da maneira que queria.

— E lambidelas? — perguntou ele.

Ela mal o ouvia, tal era o bater selvático do seu coração. Até o cheiro dele era inebriante. Quem é que sabia que os homens, ou seriam só os príncipes, cheiravam assim, como uma especiaria secreta com um toque de couro e sabão?

— É ridículo pensar que o fato de eu ver o seu cabelo poderá

retardar a sua felicidade doméstica. — Gabriel falava para a curva do seu pescoço. — É absurdo. — O seu sussurro queimava a pele de Kate, provocando-lhe pequenos tremores pelo corpo abaixo.

— Não é? — disse ele, levantando a cabeça e olhando-a. Os olhos brilhavam com uma espécie de prazer perigoso. Ela sabia que era perigoso e, no entanto...

— Acho que sim — disse ela, sem saber exatamente com que estava a concordar.

— Mera superstição — disse ele. Os lábios roçaram a curva da sua face. — E não pense que isto é um beijo, Kate, porque não é. É uma estupidez pensar que não pode mostrar o cabelo a ninguém até poder andar por aí com o seu nome verdadeiro.

— Eu... — arfou ela. Ele estava; os lábios dele estavam a acariciar a orelha. — Oh!

— Não conseguiu evitar virar a cabeça para o lado, por isso ele pôde...

— Está a gostar — disse Gabriel, a voz rouca, melódica. A voz do diabo pensou Kate vagamente, mas não se ralou. — Se eu prometer não a corromper, Kate, deixa-me beijá-la? Por favor?

Todo ele era peso másculo e voz doce que a seduziam, mas Kate esforçou-se por pensar com clareza. Faria mal se ela beijasse um príncipe num jardim? Iria isso alterar o fato de ela poder encontrar um bom homem e casar com ele?

Achava que não. Um beijo, não. Se parasse no beijo.

— Não pode seduzir-me — disse, e depois ficou tensa ante o som da sua própria voz, mergulhada, por qualquer razão, num registro profundo e sensual que nunca antes ouvira.

Também ele reagiu ao som. De súbito, o seu corpo pareceu mais pesado sobre o dela. Ergueu-se nos cotovelos e os braços dela ficaram livres, mas ela não o agrediu nem o afastou. Apenas ficaram a olhar um para o outro, ali no claustro iluminado pelo sol,

rodeados de um emaranhado de flores silvestres e de umas tartezinhas de carne meio comidas.

— Eu não quero que me seduza — disse ela, recorrendo a anos de prática fazendo negócios limpos com comerciantes. Tinha de o deixar bem claro para que ele não lhe saltasse em cima com toda aquela beleza principesca. — Eu sou... Virgem e tenciono sê-lo na minha noite de núpcias.

Gabriel assentiu com a cabeça e um caracol de cabelo voltou a cair-lhe sobre os olhos. Era tão belo, tão completamente masculino, que a garganta de Kate se fechou e ela não conseguiu lembrar-se do que tinha mais para dizer.

— Não vou tirar-lhe a virgindade — garantiu-o, a voz funda e firme. Depois a sua boca fez um trejeito e ele roçou os lábios novamente sobre os dela. — Mesmo que me implore.

— Porco arrogante — murmurou ela. — Eu não sou o seu divertimento, Gabriel. Não consigo imaginar porque está aqui comigo, mas sei que devia estar no seu castelo com os seus convidados.

— Por qualquer motivo, sou louco pelos seus beijos, Kate. — Os olhos dele encontraram os dela, e ela estacou como um coelho frente a uma raposa feliz. — Não sei o que é. Não consigo parar de pensar em você. Beijá-la foi à primeira coisa em que pensei esta manhã, quando acordei — disse ele, em jeito de conversa.

Ela pestanejou.

— Tinha estado a sonhar com o nosso beijo no barco, quando a Kate estava toda molhada e aninhada nos meus braços.

— Fala de mim como de uma truta premiada!

— Teria adorado lambe cada gota de água do lago — disse ele, os lábios a roçarem outra vez a face dela. — Se fosse minha, a teria envolvido num manto quente e depois, lentamente, a teria desembrulhado junto ao lume.

Kate tentou encontrar palavras, mas estas pareciam ter-se perdido numa tempestade de sensações: o timbre rouco da voz dele, a pressão arrebatadora do seu corpo, até a melodia casual de uma cotovia se entrelaçava num feitiço que a mantinha imobilizada.

— Acordei, hoje de manhã — disse Gabriel, — só a pensar em virar-me, puxá-la para os meus braços e voltar a beijá-la. Beijar: só beijar. Como se eu fosse um rapaz imaturo de catorze anos. Para o caso de não entender, Kate, beijar não é a disposição habitual num homem pela manhã.

Ela franziu a sobancelha.

— Oh, por amor de Cristo — disse ele —, que virgem é.

— Não há nada de mal em ser virgem — disse ela, com ar severo. — Agora, se já acabou de recordar os seus pesadelos obscenos, importa-se de se levantar? Está a tratar-me como um colchão de penas.

— Se estivesse a tratá-la como um colchão de penas e, acredite, não existe nada que quisesse mais, a Kate estaria a gritar de prazer.

Kate suspirou.

— A sua vaidade não tem limites?

— Está a desafiar-me para mostrar o que valho?

— Não! — disse ela imediatamente, e deu-lhe um empurrão tão decisivo que ele rolou para o lado e ela conseguiu desembaraçar-se dele.

Gabriel não se incomodou a levantar-se; limitou-se a escarrapachar-se aos pés dela, sem qualquer energia, e a rir. Naquele momento, não parecia um príncipe. Tinha uma expressão tão ávida e alegre como qualquer inglês que saíra para namorar.

— O Gabriel... — disse ela, e parou, abanando a cabeça.

— Enlouqueci — ajudou ele. — O Wick também diz a mesma coisa. — Pôs as mãos atrás da cabeça e lançou lhe um sorriso aberto. — Só penso em você.

— Absurdo. — Mordeu a língua em vez de dizer que era escanzelada e velha. — Não quero concordar com a avaliação do Wick, mas o seu castelo está cheio de mulheres que são dez vezes mais bonitas que eu. Tenho a certeza que a sua noiva vai rivalizar com elas. Porque não está pensando na princesa Tatiana?

— Porque há qualquer coisa de perversamente sedutora em você, Kate. Aposto que é mais bela que a roliça e empoada Victoria. E ela era a menina mais bela no mercado, esta primavera; toda a gente me disse isso.

— No meio das lamentações quanto ao modo como a pobre Victoria perdeu a sua boa aparência — salientou-a.

— São tolos. A Kate é dez vezes mais linda que aquele anjo ali. Também não é só porque eu lhe arranquei a cabeleira. Sabe que os seus lábios são exatamente da cor de uma framboesa?

— Muito amável — disse ela, inteiramente certa de que devia pôr fim aos seus elogios, mas incapaz de o fazer. Eram como um maná depois das humilhações e medos dos últimos anos.

— Adoro framboesas — disse Gabriel, com um ar sonhador. — Gosto de ás mordiscar e de ás chupar até elas explodirem, rebentando em sabor. Adoro-as de qualquer maneira, frescas, assadas, em tartes.

— Está a sugerir que eu saberia bem numa tarte? — perguntou ela, rindo um pouco. Sentou-se mesmo na borda da toalha do piquenique e pegou no copo de vinho.

— Saberia bem de qualquer maneira — comentou Gabriel. — Gosto particularmente de xarope de framboesas. — Havia um riso pecaminoso nas suas palavras.

Imagens do livro de Aretino irrompiam pela mente de Kate, mas... Que queria ele dizer?

O vinho frio deslizou-lhe pela garganta. Não podia deixar-se dominar pelo desejo. Pois era disso que se tratava, aquele calor lancinante entre as pernas, o desejo de se lançar sobre ele, a maneira fácil como a moralidade de toda uma vida estava a ser substituída por uma ânsia que lhe ordenava que...

— Não — afirmou ela.

Ele abriu os olhos.

— Tinha-lhe perguntado alguma coisa?

— Porque enlouqueceu? — perguntou ela. — Foi por eu lhe ter permitido essas liberdades?

— Talvez.

Ela franziu a sobrancelha.

— Ofereça-me emprego como sua amante e, eu espeto-o com um garfo, tal como a Effie fez ao Beckham. Só que o garfo não o atingirá na mão. Posso ter sido criada sem preceptora, mas comigo não brincam.

— Eu gosto das minhas amantes gordas e suculentas — disse ele, lançando-lhe um dos seus olhares travessos.

— Se alguma vez me tornasse amante de um homem, não que alguma vez isso aconteça, ele havia de ter o cabelo da cor da luz do Sol e olhos azuis... Azuis como safiras.

— Um janota presumido desse tipo preocupar-se-á mais com a própria beleza do que com a sua. — Estendeu a mão e apanhou

uma maçã.

— De modo nenhum — retorquiu Kate, começando a simpatizar com o seu amigo imaginário. — Ele não seria vaidoso por causa da sua boa aparência. Seria um cavalheiro perfeito: humilde, atencioso e absolutamente honrado. Estaria tão apaixonado por mim que, se eu ameaçasse deixá-lo, iria...

— Construir uma pira funerária e saltar lá para cima — interrompeu Gabriel.

— Nunca. Lançar-se aos meus pés e pediria me perdão.

— É esse o problema, Kate. Ele devia ter estado presente logo de início, em vez de pagar pelo prazer da sua companhia.

— Tem razão; não vou ser amante dele. Caso com ele. — Pegou num pastel de limão e considerou comê-lo. Não tinha a mínima fome, mas o pastel tinha um aspeto delicioso. E ajudava-a a não olhar para Gabriel, que tinha um aspeto ainda mais delicioso.

— Então esta planejando casar com um homem de cabelo louro, olhos azuis e com a personalidade de um pudim. Soa-me a Hathaway.

— Estou a considerar essa hipótese — confirmou Kate. — Pode dar-me um pouco mais desse vinho, por favor?

Gabriel estendeu o braço para trás e pegou na garrafa, depois se apoiou num cotovelo para poder deitar o vinho, primeiro no copo dela e depois no seu.

— Não é mau de todo.

— Eu sei — concordou Kate, sentindo-se um pouco vazia.

— O único problema é que a Effie também gostaria muito de casar com ele.

— A Effie é aquela menina que estava consigo no barco, ontem à noite.

— Sim.

— E é essa que a Kate esta querendo imitar, a que espetou alguém com um garfo quando ele lhe pediu que fosse a luz do seu amor?

— Foi pior que isso. O Beckham beijou-a de uma forma indecentemente íntima.

— Diga lá — quis saber Gabriel. — Estavam a beijarem-se como nós?

Tinha tirado a gravata e a camisa deixava ver um triângulo do peito. Era tremendamente indecente. Kate afastou o olhar.

— Nós não nos beijamos de nenhum modo especial — corrigiu-o. — Podemos ter trocado alguns beijos no passado, mas...

— Nós beijámo-nos como se o raio do sítio tivesse pegado fogo — disse ele. — Beijámo-nos como se não existisse fazer amor e beijar fosse tudo o que houvesse.

— Pare com isso! — Engoliu em seco. — O Beckham esfregou-se contra ela.

— Eu faço isso — disse Gabriel, a satisfação, madura, na sua voz. — E gostava de voltar fazendo. A Kate levantou a proibição de beijar? Não me lembro.

— Não, não levantei — informou Kate, uma partícula fugidia de autodomínio a emergir. — Por isso, a Effie disse ao Beckham que ele era um sapo nojento ou qualquer coisa do gênero.

— Isso não faz parte dos nossos beijos — comentou Gabriel. — A Kate sucumbe. Tudo o que tenho ouvido são murmuriosinhos do tipo encorajador.

Ela decidiu ignorá-lo.

— Isso enfureceu o Beckham, por isso esticou o braço e agarrou-a.

— Agarrou-a? Não a tinha já agarrado?

— Com a mão — esclareceu Kate, franzindo a sobrancelha. — Entre as pernas. A pobre Effie ficou tão abalada com isso que mal

conseguiu explicar-me o que aconteceu, agora, um ano depois.

— Eu também quero fazer isso — desejou Gabriel, suspirando.

Kate pegou num garfo.

— Mas não o fiz — disse ele apressadamente. — Então foi nessa altura que ela o espetou com o garfo?

— Foi; só que ele disse a toda a gente que ela o tinha apalpado debaixo da mesa e que tinha sido assim que a espetadela com o garfo acontecera.

Gabriel olhou para ela, levantando as espessas pestanas.

— Faz-me o favor de me apalpar debaixo da mesa, Kate Minha?

— Eu não sou a sua Kate — corrigiu ela, sentindo os lábios arquearem-se. O seu coração traçoeiro não combinava bem com um príncipe namoradeiro num dia de verão.

— Isso é estranho — disse ele, deitando-se novamente de costas e protegendo os olhos do sol com o braço. — É, é, é.

Kate levou o copo à boca porque, se não o fizesse, esticava-se e punha os lábios sobre os dele.

— Então, ela espetou-o com o garfo — disse Gabriel um segundo depois.

— E ele, como retaliação, destruiu a reputação deliberadamente. O Hathaway é um homem decente. É evidente que não se deixou enganar pelos boatos e percebeu que a Effie jamais apalparia alguém.

— Nessas circunstâncias, não seria simpático da sua parte tirar o Hathaway à pobre Effie — advertiu Gabriel. — A não ser que goste do homem e, nesse caso, deveria lembrar-se que a vida matrimonial com o Hathaway promete ser aborrecida. Esses homens excessivamente decentes não aprovam as apalpadelas.

— As esposas não apalham os maridos debaixo da mesa — explicou Kate, dando risadinhas.

— Vou pôr isso no acordo matrimonial — disse Gabriel. — Preciso de uma apalpadela uma vez por semana, se não murcho como um lírio.

— Não murchava, havia de... — Parou subitamente.

— Que havia eu de fazer? — perguntou Gabriel.

Ela baixou os olhos, mas, afinal, não tinha nada a perder.

— Ia ter com outra mulher.

Algo perpassou no rosto dele tão depressa que ela não conseguiu lê-lo.

— Ah, lá vem o meu título outra vez — disse ele, um pouco de frieza na voz.

— Não tem nada que ver com o seu título. Os homens não são fiéis. Têm amantes e arranjam amigas.

— Nem toda a gente é tão amistosa como a sua madrinha. — A sua voz continuava fria.

Ela estava a brincar com o garfo.

— O meu pai era... Amistoso.

Gabriel assentiu com a cabeça.

— O meu também, como é demonstrado pelo Wick. — Pôs-se de pé com um movimento ágil. — Vamos ver se há mais estátuas escondidas no jardim?

Ela agarrou-lhe a mão quando ele a ajudou a levantar-se, sentindo uma palpitação de alívio. Aquela conversa era desconfortavelmente íntima. Até mais íntima que beijar; o que era estranho.

— Estou a ver uns montes de hera que podem esconder estátuas — disse Gabriel, as mãos nas ancas. — Ali, em frente do muro do fundo.

Um dos montes de hera cobria, afinal, uma pilha de tijolos caídos.

— Gostava de saber o que era isto originalmente — disse Kate.

— Não há maneira de saber, uma vez que está tudo feito em pedaços. Acho que vou arranjar uns homens para construírem aqui um edifício excêntrico muito pequeno. Seria um lugar delicioso para um jantar à deux.

— Os príncipes conseguem alguma vez ter jantares íntimos desse tipo?

— Claro!

— Mas o castelo está cheio de gente que exige a sua atenção — disse Kate. — Alguma vez está sozinho?

— Claro — voltou ele a dizer. Mas no seu rosto havia uma expressão estranha.

— Quando vai fazer escavações arqueológicas, alguém sabe que é um príncipe? Gabriel puxou para baixo um pouco mais de hera e inspecionou os tijolos caídos.

— Isso não lhes interessa. Eu sou o demónio estrangeiro que é suficientemente estranho para querer que eles escavem com muito cuidado, em vez de andarem simplesmente fazendo túneis para chegar ao ouro.

Isso explicava muita da ânsia de Gabriel em ir para Cartago, na opinião de Kate.

— É melhor ver se encontra outro pedante de olhos azuis com quem casar — sugeriu ele, dirigindo-se às trepadeiras que se agarravam ao muro do fundo do jardim. — Parece que a Effie precisa do Hathaway, caso contrário, vai acabar fazendo toucas para os bebés de outras pessoas.

— O Hathaway não é um pedante! — exclamou Kate, vindo em sua defesa. — É honrado e decente.

— Foi o que disse. — Gabriel parecia aborrecido. — Se calhar, a Effie precisa é de alguém que recorra a um espeto, e não a um garfo, com o Beckham.

— O Gabriel não ajudava nada a Effie se o trespassasse com um espeto, a não ser que o Beckham confessasse o que aconteceu para que toda a gente ficasse a saber que era tudo mentira. Vou pedir a Henry que se encarregue disso.

— Lady Wrothe é, sem dúvida nenhuma, um temível cavaleiro, mas o que quer que ela faça?

— Não sei — admitiu Kate. — Sabe, isto podia ser um pórtico. Acho que está enganado e que existe uma porta para o pátio do castelo. Faz sentido.

— Nós procuramos do outro lado — lembrou Gabriel, arrancando uma porção de hera. Esta caiu sobre ele, pernadas e filamentos de hera em volta dos seus ombros. — Não há portões nos muros exteriores.

— O Gabriel parece um sátiro — disse Kate, a rir.

— Dê-me o meu vinho e as minhas dançarinas — disse Gabriel, lançando-lhe um esgar malicioso.

— Cuidado! — disse ela, recuando a dançar. — Vou pisar-lhe a cauda.

— Como é que sabe como são os sátiros? Eu pensava que era muito pouco instruída.

— Eu sei ler — ripostou Kate. — O meu pai tinha o Pantheon de Boyse, portanto, eu li isso. — Lançou-lhe um olhar malicioso e não conseguiu resistir. — A biblioteca dele era muito completa. Também tinha o Aretino.

Gabriel estava dobrado, a abanar a cabeça para sacudir as últimas folhas do cabelo. Endireitou-se e a expressão dos seus olhos emitiu um raio de calor diretamente para o estômago de Kate.

— Está a tentar enlouquecer-me — disse ele, em jeito de conversa, dirigindo-se a ela com a graciosidade de um predador.

— Bem — guinchou ela, parecendo um cordeiro a balir, — eu... Eu...

Os seus beijos eram tal e qual como ele os descrevera: como um sítio a arder, como numa casa sem ar. Ela fundiu-se nos seus braços e a pressão dos lábios dele roubou-lhe da cabeça todo e qualquer pensamento razoável.

E substituiu-os por imagens lascivas do livro maroto de Aretino, imagens de corpos de homem que eram só músculo e pele macia, homens com expressões selváticas no rosto, só que não eram quaisquer homens; o rosto que ela viu na sua imaginação era o de Gabriel.

As mãos dele desciam-lhe agora pelas costas, movendo-se lentamente numa direção, na qual não deveriam mover-se, para baixo...

Mas ele também não devia estar a beijá-la, homem inconstante que era.

— Prometeu — lembrou-a, libertando-se dele. Os olhos dele estavam escuros.

— Não — disse ele, e a palavra saiu-lhe como um gemido. Fez enfraquecer os joelhos de Kate.

— Concordamos em não nos beijarmos.

— Isso foi antes de admitir que desse uma olhadela à arte do Aretino, se é que se pode chamar-lhe isso.

— Não consigo perceber o que tem isso que ver com o que quer que seja.

Ele encostou-se ao muro e riu-se.

— Significa minha querida Kate, que a menina é uma raridade entre as jovens senhoras: uma mulher com curiosidade. E, para ser franco, com lascívia.

As faces de Kate começaram a ficar vermelhas; sentiu-o.

— Eu não estudei o livro — disse ela com altivez, embora o tivesse feito. — Apenas o folheei e constatei que era indecente antes de voltar a colocá-lo na prateleira.

— Mentirosa. — Lentamente, deu um passo, pelo que voltou a ficar mesmo ao lado dela, embora sem lhe tocar. — Quais eram os seus preferidos, Kate da minha vida? Gostava daqueles marotos, com mais de duas pessoas numa cama?

— Não — disse ela, recusando-se a ceder ao convite ardente dos seus olhos. — Acho que devia voltar aos meus aposentos agora.

— Ótimo; eu também não gosto desses — disse ele, em tom de conversa. — Não tenho qualquer desejo de ter duas mulheres à minha disposição ou, Deus me perdoe outro homem a inspecionar-me a pila.

— Pila? — Ela deu uma risadinha. — Dá-lhe um nome? Porque não Petie? Ou Tinkle, já agora?^[5]

— Pila é um termo, como pau, mas não tão descritivo — comentou Gabriel. — E a Kate é como uma espécie de mulher mitologicamente amaldiçoada de uma história.

— Isso não é muito gentil — discordou ela, franzindo a sobancelha. — A seguir vai dizer que o meu cabelo está transformando-se em cobras.

— A Medusa, não. Uma dessas deusas a quem ninguém pode resistir.

Contra a sua vontade, ela sorriu. Mas o Sol estava a descer sobre os velhos muros de tijolo e a cobrir de ouro o cabelo dele.

— Eu devia mesmo voltar ao castelo. Chegamos a descobrir o que isto é?

— É uma porta — concluiu Gabriel. Puxou para o chão a última haste de hera.

Era uma porta enorme, em arco, pintada de vermelho escuro, com dobradiças elaboradamente lavradas com a forma de flor-de-lis.

— Isto não é uma porta qualquer — disse Kate, espantada.

— É como a porta de uma catedral. O sobancelha de Gabriel

desanuviou-se.

— Claro! Deve dar para as traseiras da capela. — Puxou a enorme aldrava, mas a porta não se mexeu. — Está trancada — disse baixinho. — E, que eu me lembre, não há chave.

— Provavelmente está na capela — respondeu Kate. — Quero que me prometa uma coisa.

— A você prometo qualquer coisa — disse ele e, mulher pateta que ela era, o coração deu-lhe um baque tolo.

— Nada de passeios por aquele corredor atrás do meu quarto. Vou tapar a vigia, mas não quero sentir que há pessoas a espreitarem-me de noite.

— Se tiver dificuldade em dormir, eu esfrego lhe as costas com todo o gosto — ofereceu-o, com um ar esfaimado.

Ela franziu o nariz e dirigiu-se para o sítio onde tinham montado o piquenique.

— Também tem de me fazer uma promessa — gritou-lhe ele, mantendo-se onde estava.

— Qual?

— Se eu conseguir trespassar o Beckham de tal maneira que a reputação da Effie seja restaurada, então a Kate...

Ela semicerrou os olhos.

— Que teria eu de fazer?

— Eu estou a ajudá-la — salientou-o. — Pura virtude da minha parte. Se a reputação da Effie for salva, ela poderá escolher os namorados que quiser e a Kate terá mais oportunidades com o petulante do Hathaway.

— Ele não é... — começou Kate e desistiu. — Então, que teria eu de fazer se o Gabriel conseguisse esse milagre?

Com uma grande passada pôs-se ao lado dela.

— Teria de me deixar beijá-la.

— Hmmm — ponderou-a. — Vamos considerar o beijo que acabou de me roubar e já está em dívida para comigo.

— Não é esse gênero de beijo. — A sua voz era escura e espessa.

Kate estacou, sem saber o que queria ele dizer, mas...

Os braços dele fecharam-se em torno dela.

— Eu mantenho-a virgem, Kate. Prometo, dou-lhe a minha palavra de honra. Mas deixe-me descobri-la, dar-lhe prazer, amá-la.

— Am...

Ele tirou-lhe a palavra dos lábios. O seu beijo foi tão selvagem como o jardim em que se encontravam. Era o gênero de beijo que tocava as raias do indecoro, embora as mãos dele se mantivessem nas costas dela e as dela em volta do seu pescoço.

Tocava as raias do indecoro porque ambos sabiam que o beijo era como fazer amor, que havia uma permuta uma posse e uma submissão; um dar e um receber, uma intimidade proibida.

Kate afastou-se a cambalear, os joelhos fracos. Em vez de o olhar, virou-se, ajoelhou ao canto da toalha do piquenique e começou a pôr as pratas outra vez dentro do cesto.

— Vou mandar aqui um lacaio para limpar isso, sua criatura tonta — disse Gabriel.

— Eu não sou uma criatura, e não há necessidade de dar trabalho a uma pessoa, podendo nós próprios fazê-lo com facilidade.

— Não estou a dar trabalho. — Gabriel estendeu a mão e ajudou-a a levantar-se. — É o trabalho deles. E, se achar que um lacaio não agarra imediatamente a oportunidade de escapar ao olho de lince do Wick, então não conhece o meu irmão suficientemente bem.

— Mesmo assim — continuou Kate, hesitante. Olhou de relance e viu-o a franzir a sobancelha. — Não comece a pensar que eu

tenho trabalhado como criada e não como guardadora de porcos — disse-lhe ela, virando-se e dirigindo-se ao portão. — Nunca fui criada.

— Claro que não — disse ele, tomando-lhe o braço. — A Kate é uma senhora.

Ela olhou-o desconfiada, mas ele estava a sorrir-lhe tão inocentemente como se tivesse feito um comentário sobre o tempo.

Obviamente, Beckham era um patife. E os patifes, segundo a experiência de Gabriel, em geral revelavam-se quando estavam embriagados.

Confiou essa parte do plano a Wick, dizendo-lhe que enchesse os convidados com muito champanhe. Wick rolou os olhos ante esta sentença, mas, ao jantar, Gabriel reparou nos lacaios que zuniam em volta das mesas, enchendo e voltando a encher os copos, tão atarefados como formigas em época de colheitas.

O plano teve, certamente, um efeito considerável na sua própria mesa. A filha de Lady Dagobert, Arabella, deixou de lhe lançar olhares ardentes, ainda que sem grande convicção, e virou todas as suas atenções para o jovem Lorde Partridge, que estava à sua esquerda. Antes do quarto prato, já tinha adquirido um tom rosa encantador e estava a inclinar-se suavemente para o ombro de Partridge.

A mãe dela, por outro lado, adquirira um tom castanho-arroxeadado nada encantador, e permanecia rigorosamente ereta.

Todavia, os pratos, e o champanhe, continuavam a chegar. A condessa desapertou o espartilho, metaforicamente falando, e contou-lhe uma história sinuosa sobre uma tia adoentada que vivia em Tunbridge Wells.

— Não se deve encorajar a doença — declarou a condessa. — A minha tia fez disso um hábito perpétuo e eu não aprovo.

Gargalhadas sonoras vindas da direção de Kate pareciam sugerir que a conversa na mesa dela era bastante mais animada do que na sua. Da única vez que ele olhou por cima do ombro, Hathaway estava a inclinar-se tão perto de Kate que o homem podia decerto ver-lhe pelo peito abaixo e, tendo essa oportunidade, estava provavelmente a fazê-lo.

Aparentemente, esse pensamento fez surgir-lhe no rosto uma expressão de tal ferocidade que Lady Dagobert perguntou se ele estava a ter um espasmo.

— A minha tia — confiou ela — afirma ter espasmos precisamente ao quarto de hora. Disse-lhe que, sendo assim, iria seguramente morrer de apoplexia quando o relógio desse o meio-dia.

— Tem de se presumir que ela não acatou? — inquiriu Gabriel.

— Eu tive a intenção de ser prestável — disse a condessa. — Se os espasmos não conduzem à apoplexia, então não vale à pena ligar-lhes importância e devem ser ignorados.

— Estou com curiosidade acerca de um convidado meu — disse Gabriel, abandonando temerariamente a tia de Tunbridge Wells. — Eu sei que a minha querida senhora está bem informada sobre toda a gente de Londres..., Que pode dizer-me sobre Lorde Beckham?

Ela respondeu à sua voz sussurrada e desejo de bisbilhotice como um dos cães de Kate perante um pedaço de queijo.

— Bem — disse ela, — ele é sobrinho do duque de Festicle, como provavelmente sabe.

— Festicle? — interrogou Gabriel, remoendo no nome. — Um nome apropriado^[6].

— Apropriado? — perguntou Lady Dagobert, hesitante. — Não estou a perceber, Vossa Alteza. — Então, declarou: — Ele não é da alta sociedade. Não suporto esse jovem.

Agora estavam no âmago da questão.

— O meu juízo é exatamente o mesmo — confidenciou-lhe ele, ignorando o fato de, na realidade, ainda não conhecer Beckham. — Há nele qualquer coisa de voluptuoso.

— É um maltrapilho — concluiu a condessa, puxando o turbante que estava em risco de lhe saltar para o salmão. Era de cetim branco com uma meia-lua de diamantes que ameaçava

arranhar a face de Gabriel de cada vez que ela se aproximava.

— Fale-me sobre um exemplo ou dois da sua perfídia — pediu Gabriel, lançando-lhe o tipo de sorriso que convida a segredos.

— Eu não o deixaria perto da minha filha — disse a condessa, espetando o salmão com uma faca. — Ele já arruinou mais do que uma reputação, sabe. As jovens não estão em segurança perto desse homem.

— Má rês, como diria o seu duque de York — sugeriu Gabriel.

— Não sei se é rês — disse a condessa, seguindo a sua própria linha de pensamento.

— Mas todas essas senhoras, aquelas cuja reputação ele arruinou, se armavam em rameiras, segundo parece, junto dele. Bem, eu não estou a dizer que não tenhamos algumas jovens que não são até melhores do que poderiam ser. — Parou.

— E assim em todo o mundo — disse Gabriel, encorajando-a.

— Mas, se eu fosse jovem e tola, e propensa a portar-me mal, o que nunca fui — disse a condessa, — não seria com ele, se percebe o que quero dizer.

— Precisamente — disse Gabriel, acenando com a cabeça. — A senhora é muito perspicaz.

A condessa piscou-lhe o olho.

— Disparates continentais — declarou ela. — Já não quero mais salmão. — Chamou um lacaio.

— Mais champanhe — disse Gabriel ao lacaio. Estava com curiosidade em ver se Lady Arabella iria realmente cair nos braços do jovem lorde.

Depois de a maioria dos convidados ter saído a cambalear da sala de jantar (e aqueles que nem cambalear conseguia foram ajudados por lacaios), ele encontrou Beckham na sala de bilhar.

O homem estava indolentemente recostado ao lado da sala a ver Toloose derrotar Algernon, ou Algie, como Kate lhe chamava, com

uma precisão matemática. Parecia que Toloose, e apenas ele, não estava afetado pelo mar de champanhe que inundara a sala de jantar.

Houve uma agitação geral quando Gabriel entrou na sala, claro. O grupo que estava a ver o jogo iniciou uma apreciação convulsiva dos seus calções e casacos. Como se um príncipe e, já agora, qualquer outra pessoa com um título nobiliárquico se preocupasse se os calções deles estavam tufados em volta do pênis. Toloose ergueu os olhos da mesa e fez-lhe uma reverência rápida; a de Algie foi mais profunda e, decididamente, instável. Era de esperar que não estivessem a jogar a dinheiro.

Gabriel cumprimentou todos os cavalheiros à vez. Lorde Dewberry, franco e cordial, mascando o seu charuto; o Leo de Henry, com um copo de champanhe na mão, naturalmente, mas não parecendo nada pior por causa disso; finalmente, Beckham.

Beckham, afinal, era um homem que não tinha pescoço. Nenhum; absolutamente nenhum.

A sua cabeça elevava-se numa curva suave desde um pescoço delgado até uma boca com bigode, e depois até uma testa larga e bastante graciosa. A infeliz ausência de queixo fazia a cabeça parecer um pino de bowling atarracado. Tinha uns trinta anos; cheirava como uma civeta e tinha as patilhas pintadas. Uma pessoa era levada a pensar que o bigode constituía uma tentativa de aumentar a metade inferior do seu rosto, mas o efeito era infeliz.

Na realidade, Effie era generosa quando lhe chamava sapo, pensou Gabriel para você próprio, oferecendo-lhe um sorriso do gênero daquele que um mangusto lança a uma cobra.

— Quando chega sua noiva? — perguntou Beckham.

— Espera-se que antes do baile — respondeu Toloose, limpando cuidadosamente o taco de bilhar. — Estão aqui todas as flores de Inglaterra, na esperança de serem colhidas por Sua Alteza, e não vão desistir até a noiva chegar realmente. Nenhuma se digna

sequer a namoriscar conosco.

Beckham riu-se.

— Está a insultar o nosso anfitrião, Toloose, velho amigo. O Continente é mais formal do que nós por aqui. Tem de perdoar ao homem — disse ele, virando-se para Gabriel e baixando a voz. — Irreverente, mas bem-intencionado.

Os olhos de Gabriel e de Toloose cruzaram-se por cima do ombro de Beckham.

— Nesse caso, o Toloose tem razão — disse Gabriel. — Eu não conheço a noiva que o meu irmão escolheu para mim. No entanto, cada um de nós tem como hei de dizer? Umas semanas, um período de tempo, para refletir sobre o outro.

Deliberadamente juntou certa inépcia ao seu discurso. Os ingleses subestimavam, invariavelmente, quem não falava a sua língua com fluência, hábito tolo que havia, um dia, de os meter num enorme sarilho.

— E, entretanto, pode observar as nossas beldades inglesas — sugeriu Beckham, dando-lhe uma alegre palmadinha no ombro.

Gabriel coibiu-se de esborrachar o homem como um mosquito.

— As jovens senhoras inglesas são tão requintadas no seu... Requite. Um jardim de flores deliciosas, como Mister Toloose lhes chamou.

Toloose suspirou, lá no sítio onde estava a passar giz no taco, por isso Gabriel lançou lhe um olhar de advertência.

— O meu caro Toloose apresentou-me uma menina encantadora esta manhã — disse ele. — Miss, como é que se chamava? Effie qualquer coisa. Com lindos olhos azuis. Estou louco por ela.

A sobrancelha de Toloose ergueu-se; melhor do que todos os homens que estavam na sala; ele sabia com toda a certeza que não tinha levado Miss Effie Starck a sítio nenhum perto de Gabriel.

Houve um breve silêncio na sala, enquanto o grupo de homens tentava presumivelmente descobrir como comunicar o desagradável mexerico que Beckham divulgara.

— A Ephronsia Starck é um pouco velha — disse o próprio Beckham, com uma risadinha nervosa. — Deve estar bem entrada na casa dos vinte.

— Ela não tem a melhor das reputações — comentou Dewberry, — mas isso nunca me convenceu muito. Acho que houve algum mal-entendido. — Mascou o charuto e olhou diretamente para Beckham.

— Sim, porque quem é que podia acreditar que a pequena Effie escolheria o Beckham? — perguntou Lorde Wrothe baixinho, aproximando-se. Àquela hora da noite, já bebera umas quantas garrafas de champanhe, mas milagrosamente aguentava-se, firme, de pé. — Nós gostamos muito de você, claro, Beckham, mas...

A cor do rosto de Beckham intensificou-se acima do colarinho alto e ele voltou a dar uma risadinha nervosa.

— Tive as minhas admiradoras — disse.

— Como foi à história? — perguntou Algie, no seu habitual modo desajeitado. — Ela beijou-o ou qualquer coisa assim, Beckham?

— Deus me valha — exclamou Gabriel. — Espero que não lhe tenha dado um beijo não desejado, Lorde Beckham? Embora se deva perguntar se existe algo como um beijo não desejado dado por uma jovem tão encantadora.

— Mais do que um beijo — insinuou Beckham, com um ar um pouco sombrio. Parece ter percebido que o ambiente não lhe estava inteiramente favorável.

Gabriel virou-se e, com um gesto, pediu ao lacaio que estava à porta:

— Champanhe para toda a gente.

Dewberry era o gênero de homem que não tolerava injustiças; Gabriel entendeu-o quase de imediato. Wrothe parecia do gênero de beber até ficar inconsciente, mas, mesmo inebriado, não perdia a sua compostura de cavalheiro.

— Por aquilo que ouvi — gritou Toloose da mesa de bilhar, onde estava de novo a preparar as bolas, — ela ficou tão perturbada com os seus indescritíveis encantos, Beckham, que tentou uma carícia íntima.

Gabriel deixou o olhar vaguar do cimo da cabeça de Beckham, parar na zona onde devia existir um queixo, descer até aos ombros acolchoados, à cintura apertada e aos sapatos de fivela.

— Estranho... Não que eu o diga como um insulto, meu caro Lorde Beckham. Mas as jovens são em geral tão frívolas, não são? Tão propensas a olhar para o exterior, em vez de tentar descobrir o valor interior de um homem.

— Em minha opinião, o que é estranho — acrescentou Dewberry — é que Miss Effie não está sozinha. Uma das filhas do meu primo, que veio da Escócia em visita, teve uma história semelhante à circular por aí. Exceto o fato de a pequenita, Delia, ter supostamente arrastado Lorde Beckham para dentro de um armário.

Beckham olhou para a porta, mas Gabriel estava firmemente entre ele e a fuga.

— Tão aventureiras estas raparigas inglesas — comentou Gabriel. — No entanto, parece, como é que vocês dizem? Que não partem um prato.

— É isso mesmo — concordou Dewberry, indo para junto de Gabriel. — A Delia não era do tipo aventureiro e tinha uma versão diferente quanto ao que aconteceu.

— A sério? — perguntou Gabriel. — Teve muita sorte pôr o pai dela não ter tido uma desinteligência consigo, Lorde Beckham. Mas, claro, no Continente, nós somos muito mais propensos a recorrer à

espada para resolver as nossas disputas.

Pousou o dedo indicador no punho da espada e os olhos de Beckham seguiram o movimento.

— A Delia já estava noiva e tem agora dois pequeninos — disse Dewberry. — Mas não tinha pai para agir contra Sua Senhoria. O mesmo se passa com Miss Starck, embora eu não tivesse pensado nisso até agora.

— Não consigo perceber o que tem isto que ver com a pergunta original do príncipe — disse Beckham, na sua voz ligeira e aguda. — A elegância despertará sempre as ambições de uma mulher, sabem. Se os cavalheiros quiserem algumas dicas sobre como intensificar o apreço de uma mulher, terei todo o gosto em dar-lhes algumas.

Foi uma tentativa de mestre.

— Pensa que a Effie Starck foi dominada pelo desejo por causa do seu fato? — questionou Toloose, passando devagar para o outro lado de Gabriel. — Estranho, porque, se me perdoa Beckham, ela nunca me fez, a mim, a mais leve aproximação.

Toloose era, sem dúvida, o homem mais elegante da sala. Não tinha cintura apertada nem bigode encerado, mas Gabriel calculou que até o seu irmão Rupert havia de ter cobiçado o fraque e os punhos franceses de Toloose.

— Bem — disse Beckham, — as senhoras geralmente preferem um ar de requinte, Toloose. Se me perdoa — acrescentou.

Havia algo de agressivamente masculino em Toloose... Talvez a expressão do olhar. Ou a maneira como segurava o taco de bilhar. Era fantástico o modo como um homem de casaco bordado podia assumir a expressão de um estivador.

— Não estou a perceber — queixou-se Algie. — Ou a Effie arrastou o Beckham para dentro de um armário ou não arrastou.

— Não arrastou — afirmou Beckham.

— Não, á Delia é que fez isso — interpôs Gabriel.

— Ah, então houve duas — disse Algie. — Pensei que uma única menina tinha feito isso tudo. A Effie Starck é um pouco pequena para arrastar homens por aí, não acham? Não está à altura de uma tarefa dessas, diria eu.

— A mim, parece-me que ainda houve uma terceira — interpôs Wrothe. Estava encostado de lado, com um ar altamente divertido. — Não andavam para aí a contar uma história, há uns anos, Beckham? Uma mulher devassa qualquer o perseguiu no Almack's⁽⁷⁾.

— Não! — exclamou Gabriel. — Mas isto é fantástico. Um homem com tanta sorte que levou três senhoras ao ponto da indiscrição.

— Mas a questão é esta — disse Algie, enrolando um pouco as palavras. — A terceira menina tinha pai? Bem, suponho que sabemos que tinha pai, mas estava vivo?

— Boa observação, meu caro sobrinho — elogiou Gabriel.

— Uma ótima observação. Lorde Wrothe, lembra-se do nome da senhora? Ou — virou-se para Beckham — certamente o senhor deve lembrar-se. Embora pareça que estes casos lhe acontecem com uma regularidade inquietante... Deve lembrar-se, mesmo assim, das senhoras em questão.

Beckham encolheu os ombros.

— Todo este interrogatório... Tão desagradável, meus senhores. Esperam que eu me lembre de todas as coquetes que conheci na minha vida? O Almack's está cheio de belezas desperdiçadas. — Acabou de beber o champanhe. — Tenho mesmo de recolher ao leito.

— Não, não — disse Gabriel suavemente. — Não há motivo para aldrabices entre nós, Lorde Beckham. Lembra-se ou não do nome da terceira jovem senhora que acusou de lhe fazer um assédio indesejado?

Beckham cerrou os dentes.

— Já sei — disse Wrothe. — O apelido dela era Wodderspoon, embora, raios me partam, se consigo lembrar-me do resto do nome.

— Sir Patrick Wodderspoon — disse Dewberry, franzindo a sobancelha. — Morreu há anos; andamos juntos em Eton.

— Não tinha pai — disse Algie, pesaroso. — Essa também não tinha pai.

— Meu Deus — interpôs Gabriel. — A Inglaterra parece ter sofrido uma erupção de jovens senhoras adúltera sem pai.

— Muito bem — disse Beckham bruscamente. Esticou o queixo para o lacaio. — Você aí. Mais champanhe.

Houve silêncio enquanto o vinho gorgolejava para dentro do copo. Bebeu e ergueu os olhos, com uma espécie de coragem fugidia a arder-lhe no olhar.

— De qualquer modo, era o que elas queriam — esclareceu ele. — Não passam de gado vestido com roupa elegante. Raspe a superfície de uma suposta senhora e não encontram nada além de uma mulher promíscua que abre as pernas ante uma centelha do primeiro olhar que por acaso ocorra.

— Mas o senhor não é uma centelha do primeiro olhar. Uma frase obscura, mas suficientemente clara — proferiu Gabriel. Virou-se e olhou para o lacaio. — Por favor, vai buscar Berwick. Lorde Beckham vai partir muito em breve.

— Ele podia ter feito o mesmo à minha Victoria — disse Algie, fitando Beckham com uma espécie de horror confuso. — Ela também não tem pai. E, se isso tivesse acontecido, teria ficado destruída.

— Nesta altura, é tarde demais para ajudar Miss Wodderspoon — concluiu Dewberry, cruzando os braços sobre o peito.

— E a Delia casou, está segura e aconchegada. Mas Miss Effie Starck... Aí é que está o problema. Porque imagino que os jovens

não simpatizam com ela, não podem, depois da sua história, Beckham.

— Ele devia casar com ela — proclamou Algie. — E devia prometer, sob a sua palavra de honra, que nunca mais fará uma coisa destas.

— Ele não tem palavra de honra — disse Dewberry, no mesmo momento em que Wrothe disse:

— Duvido que Miss Effie o aceite. É demasiado feio, entre outras coisas. — Disse-o friamente por sobre a borda do copo.

Pelo pescoço de Beckham subiram mais manchas de rubor. Virou as costas a Lorde Wrothe e fez uma reverência brusca a Gabriel.

— Verifico que gostaria que eu saísse deste monte de tijolos bolorento, Vossa Alteza, e eu saio. De boa vontade.

— Ainda não — declarou Gabriel. — Vai sair; o meu inestimável Berwick vai ajudá-lo na sua viagem. Mas primeiro... Temos mesmo de discutir a questão do pedido de desculpas a Miss Starck.

Nesse momento, a risadinha nervosa de Beckham teve um tom virulento.

— Vou lá para fora e digo a toda a gente, está bem? Digo-lhes que roubei um beijo à mulher e que ela me beijou como um peixe morto, por isso poupei o incómodo a outros homens.

O punho de Gabriel bateu com violência no maxilar de Beckham. Este voou para trás, chocou com a beira da mesa de bilhar e, com o ricochete, caiu no chão.

— Desmaiou? — perguntou Toloose, vendo que Beckham não se movia.

— Não — disse Algie, despejando cuidadosamente o seu champanhe sobre o rosto do homem. — Acho que as pálpebras dele estão a mexer-se.

— Desperdício de bom champanhe — observou Wrothe. —

Embora queira felicitá-lo pela sua paciência, príncipe. Pensei que se fosse a ele quando ele começou com aquela conversa de caserna.

Gabriel avançou e içou Beckham, pondo-o de pé. O homem pestanejou e praguejou, mas manteve-se direito.

— Precisamos continuar esta conversa, Lorde Beckham?

— Raios me partam se não me partiu o maxilar — calculou Beckham, metendo um dedo na boca para sentir os dentes.

— Vamos praticar o que vai dizer sobre Miss Effie Starck?

— Vou dizer-lhes que o príncipe queria que eu limpasse o nome da sua amiguinha, está bem?

Lá voou ele de novo, ficando, desta vez, escarrapachado sobre a mesa de bilhar.

— Não deite champanhe em cima dele — exclamou Toloose, alarmado. — Vai arruinar o feltro!

Algie puxou Beckham e ajudou-o a sentar-se à borda da mesa. As suas pálpebras adejavam, mas depois a cabeça rolou e ele voltou a cair em cima da mesa.

— É cansativo — observou Gabriel, — mas creio que provavelmente ele está pronto a contar a verdade. — Virou-se para outro lacaio. — Vai aos aposentos de Lady Dagobert. Apresenta-lhe os meus cumprimentos e solicita-lhe que venha ter comigo aqui, à sala de bilhar, por causa de um assunto da máxima urgência.

Dewberry ficou de boca aberta e Toloose riu-se alto.

Daí a uns minutos, Beckham pestanejou, deu um uivo e soergueu-se.

— O meu dente! — Cuspiu um pouco de sangue e disse, um tanto a ciciar: — Arrancou-me o dente, seu estrangeiro maldito... — Parou abruptamente, vendo o olhar de Gabriel.

— Lady Dagobert vai chegar dentro de momentos para ouvir a sua confissão — informou Gabriel. — A confissão, segundo dizem, faz bem à alma. No seu caso, é a única oportunidade que tem para

conservar o resto dos dentes. Está a perceber?

— Não posso. O senhor vai fazer de mim um proscrito — arquejou Beckham. — O senhor não compreende a Inglaterra, nem os ingleses.

Algie estendeu a mão, apanhou um dente amarelado que estava sobre a mesa de bilhar e deixou-o cair na mão de Beckham.

— Não deve querer deixar isto aqui. Uma recordação da sua visita ao castelo pode dizer-se.

— Ninguém me convidará para sítio nenhum — lamentou Beckham. — Não faz ideia do que me esta fazendo. Terei de ir viver para o campo.

— Para sempre — interpôs Dewberry implacavelmente.

— Eu caso... Eu caso com a menina! — exclamou Beckham, olhando como um louco de um rosto para outro. — É o melhor que posso oferecer e ela vai saltar de alegria com essa oportunidade, sabem que vai. Fá-lo-ei só para mostrar como sou cavalheiro, porque ela...

— A Effie não vai querer casar consigo — afirmou Gabriel. — Principalmente com esse grande buraco aberto, no sítio onde estava o seu dente. Fá-lo parecer um degenerado, o que é adequado.

— Eu tenho uma bela propriedade — disse Beckham, começando a tagarelar. — Ela teria sorte se casasse comigo. A propriedade pode ser transmitida por herança e...

A porta abriu-se atrás deles.

— Perdoem-me — soou uma voz altiva —, esperava encontrar um fogo, no mínimo, mas o que vejo é simplesmente um bando de cavalheiros a palrar e não consigo perceber como é que isso pode ser denominado uma emergência.

Gabriel virou-se e fez uma reverência. A condessa tinha sido, aparentemente, apanhada a caminho da cama. Tinha um toucado volumoso e estava envolta em algodão branco pregueado que era

suficiente para vestir uma aldeia inteira.

— Dá-me muita honra — retorquiu ele, beijando-lhe a mão.

— Sinto-me na obrigação de lhe dizer, Vossa Alteza — disse Lady Dagobert, — que não considero que a noite seja salutar para encontros com o sexo oposto, nem aprecio solicitações desta natureza.

— Compreendo inteiramente e, no entanto, a senhora é a única pessoa no castelo a quem eu podifazendo este apelo — explicou Gabriel, afastando-se para o lado para que a condessa pudesse ver Beckham pela primeira vez.

Ela fungou de repulsa.

— Luta com murros, estou a ver.

— Lorde Beckham tem uma confissão fazendo — explicou Gabriel — e eu achei que a senhora, na sua qualidade de autoridade na alta sociedade, era a pessoa mais indicada para a ouvir.

— Espero que não esteja a sugerir que tenho uma inclinação católica — disse a condessa. — Lorde Beckham, diga o que quiser. Mas, se faz favor, só depois de limpar o sangue do seu queixo. Eu sou muito suscetível.

Beckham fez o que lhe foi ordenado, deu uma espécie de estremecimento e pestanejou várias vezes.

— Vamos lá a isso, homem — ordenou Lady Dagobert.

— A Effie Starck...

— Para você, é Miss Ephronsia Starck — interrompeu-a. — Não suporto estes modos descontraídos da gente mais nova.

— Miss Ephronsia Starck não, ah, não acolheu bem os meus avanços — começou Beckham. — De fato, espetou-me com um garfo depois de repelir uma intimidade indesejada da minha parte.

A condessa acenou com a cabeça.

— O senhor é um canalha — disse ela. — Percebi-o no

momento em que o vi, e eu nunca me engano em relação a uma pessoa. Espero nunca mais o ver nos dias da minha vida.

Beckham engoliu em seco e pareceu desejar muito que o desejo dela se tornasse realidade.

— Amanhã trato da reputação de Miss Ephronsia — continuou ela, e na sala ninguém duvidou de que o nome de Effie iria ficar, antes do meio-dia, tão imaculado como o de um bebê recém-nascido. — Vou assegurar-me de que ela escolhe quem quiser da alta sociedade. Acho que as pessoas dão alguma importância à minha opinião.

— Onde for os outros segui-la-ão sempre — disse Gabriel.

— Segui-la-emos — disse Algie, numa voz fininha.

A condessa lançou lhe um olhar desdenhoso, mas conseguiu evitar emitir um juízo sobre o seu caráter. Virou-se para Gabriel.

— Acho que disse que Lorde Beckham vai viajar a bem da sua saúde.

— Sim — disse ele, sorrindo-lhe. — Vai.

— Penso que a Jamaica é um sítio agradável — disse ela. — Ouvi dizer que, lá, uma de duas pessoas é comida por tubarões. Isso constitui uma boa probabilidade, acho eu.

Gabriel fez uma reverência.

— O seu desejo, para mim, é uma ordem, minha senhora.

Ela suspirou.

— Tretas do Continente. — E, com isso, saiu da sala.

— Que disse ela? Eu não vou para a Jamaica — afirmou Beckham, as palavras dela a perpassarem-lhe a mente. — Talvez possa ir para o campo no outono. Ou até na próxima temporada. Embora isso fosse um sacrifício, digo-lhe. Sentiriam a minha falta.

Gabriel olhou por cima do ombro. Wick estava à entrada da sala, com uma falange de lacaios atrás de você. Um momento

depois, Lorde Beckham estava a ser escoltado para fora da sala e tudo o que restou dele foi um gemido a desvanecer-se no corredor.

— Eu sabia o suficiente para somar dois mais dois e nem parei para pensar — disse Lorde Dewberry, batendo na borda da mesa de bilhar com o punho. — Tenho vergonha de mim próprio.

— Talvez fosse preciso um homem com interesse por uma dessas jovens senhoras para encarar o problema de frente — interpôs Lorde Wrothe. — Miss Ephronsia Starck tem sorte em o ter conhecido, príncipe.

— Oh, eu não a conheço — informou Gabriel. — Lamento dizer que me limitei a fingir interesse para melhor o desmascarar. Concede-me um jogo, Toloose?

— O senhor obrigou o Beckham a revelar-se por bondade do seu coração? — perguntou Toloose, erguendo uma sobrancelha. — Que virtude... — Estendeu-lhe um taco de bilhar. — Estou à beira da melancolia perante o fato de ter de o derrotar ao bilhar por uma questão de honra.

— Ah! sim, está? — perguntou Gabriel, esfregando o taco com giz.

— Pela honra do meu país — declarou Toloose, acenando com a cabeça. — Quem poderia imaginar que os Pomeroy tinham uma mesa tão fantástica, a propósito?

— Não tinham — respondeu Gabriel, inclinando-se para olhar ao longo do taco.

— A sério? — perguntou Algie, apoiando alegremente os cotovelos na borda da mesa. — Então de onde veio ela?

— É o único móvel que eu trouxe de Marburgo — disse Gabriel, lançando a Toloose um sorriso sanguinário. — O senhor disse que aposta forte, não disse?

O seu adversário desatou a rir ruidosamente.

Como veio a perceber-se, a ofensiva informativa de Lady Dagobert foi consideravelmente mais eficaz do que as previsões do meio-dia. Kate soube da desonra de Beckham logo de manhã, quando Rosalie lhe levou chocolate quente, notícia que foi confirmada umas horas mais tarde, quando, a convite de Lady Arabella, ela esteve com um pequeno grupo de senhoras na sala cor-de-rosa para assistir a uma demonstração de como se modela uma bolsinha a partir de um regalo de penas de cisne, que ia ser feita pela criada de Effie.

Ninguém se preocupou a manipular um regalo, quanto mais a modelá-lo para o transformar numa bolsinha. Estavam demasiado ocupadas a concordar que nunca tinham confiado em Beckham e a garantir a Effie que ela era uma inocente e uma santa.

— Mostre-nos como segurou no garfo — pediu Henry, agarrando num que estava no tabuleiro do chá. — Prefiro aprender fazendo buracos num otário como o Beckham a transformar o meu regalo favorito numa bolsinha. Assim? Ou assim?

Kate desatou a rir, observando Henry a espetar o garfo no ar como um homem a aprender a praticar esgrima.

— Na verdade, não sei — explicou Effie, as maçãs do rosto rosadas de excitação. — Aconteceu tudo muito depressa. Só percebi que tinha de me defender e foi o que fiz.

— Só espero não estar tão velha que os homens hesitem em dirigir-me uma inconveniência — desejou Henry. — Acho que agarro o garfo na perfeição. Tenho a certeza de que era capaz de fazer danos consideráveis, desde que alguém me desse, essa oportunidade. Talvez consiga convencer o meu marido de que tenho de praticar.

Lady Dagobert levantou os olhos de uma secretária onde estava

a escrever missivas para, como ela disse, toda a gente que interessava.

— Acho que espetar maridos com garfos denota falta de fibra moral — declarou.

— Isso é porque ela espancava o Dagobert sem reservas, se quisesse — sussurrou Henry a Kate.

— Vamos falar do baile de amanhã — exclamou Arabella depois de lançar um olhar rápido à mãe. — Miss Daltry, que vai vestir? Tem um gosto tão requintado... Vai usar sapatos de cristal?

Kate abriu a boca, mas Henry intrometeu-se.

— Sapatos de cristal? Que é isso? Alguma coisa que eu perdi por causa daquela maldita viagem ao estrangeiro, na primavera passada, aposto.

— São os sapatos mais deliciosos do mundo — disse Arabella, cheia de entusiasmo.

— E foi Miss Daltry que os pôs na moda. Quem me dera poder ter uns, mas a mãe é absolutamente implacável quanto a esse assunto.

— Também podiam ser feitos de diamantes, pelo que custam — disse Lady

Dagobert, voltando a levantar a cabeça. — Um desperdício de dinheiro.

— Com a probabilidade de se estilhaçarem e de cortarem os dedos dos pés, não? — perguntou Henry com interesse. — Acho que, provavelmente, tenho demasiadas curvas para poder confiar em cristal.

— Na realidade, não são feitos de cristal — explicou Kate, derretendo os miolos para tentar lembrar-se do que Rosalie dissera sobre eles. — E, sim, vou calçar uns.

— A melhor moda é assustadoramente cara, toda ela — disse Henry. — O meu quarto de vestir estava positivamente atravancado

de penas de avestruz depois daquela mania do ano passado, na corte. Custam os olhos do rosto e o peso de sete provocava-me uma terrível dor de cabeça.

— Eu vou usar um vestido branco de cetim com tecido dourado de Bruxelas no baile

— anunciou a condessa. — Com oito penas brancas de avestruz. Parece que não sofro quaisquer efeitos negativos provocados por essa plumagem.

— Branco, branco, branco — resmungou Henry. — Até parece que é uma noiva. Alguém devia dizer-lhe que uma grande extensão de neve parece sempre dez vezes maior do que um campo lavrado.

— Henry! — exclamou Kate, dando risadinhas loucas.

— Tens razão em corrigir-me — disse Henry. — Esse campo há anos que não é lavrado.

— Eu vou levar um vestido de noite com uma túnica pregueada — disse Effie. — Diga-me o que vai vestir Victoria. Eu vejo em você uma enorme inspiração.

Kate não fazia a mais pequena ideia.

— Eu trouxe três ou quatro fatos comigo — respondeu ela, com desenvoltura. — Nunca me decido até ao último minuto.

— Vai arranjar o cabelo ao estilo grego ou romano? — perguntou Lady Arabella.

— Na verdade, não sei — disse Kate, dando cotoveladas a Henry numa súplica silenciosa para ela mudar o assunto de conversa. — Neste momento, estou apaixonada pela minha cabeleira.

— Eu trouxe uma cabeleira lindíssima — disse Arabella.

— Os cavalheiros não gostam de ver cabeleiras numa menina — comentou a condessa, levantando novamente os olhos. — Estou farta de te dizer, Arabella, que um cavalheiro olha para o cabelo de uma mulher para ver que espécie de reprodutora ela vai ser.

Houve um momento de silêncio.

— Ainda bem que eu gosto de cabeleiras — exclamou Henry.

— Caso contrário, os meus três maridos poderiam ter escolhido outra.

— Peço desculpa pela minha mãe — disse Arabella em voz baixa.

— Eu ouvi-te, filha — disse a condessa. — Se há que pedir desculpa, eu própria o farei. — Olhou para o sofá. — Desculpe, Henry. Eu não tinha necessidade de estar a falar de reprodução à sua frente.

— Já lá vai muito tempo — disse Henry com um pequeno encolher de ombros. — Mas, sabe, Mabel, creio que é a primeira vez que me trata pelo nome que eu prefiro?

— Não voltarei a fazê-lo — prometeu a condessa, regressando à carta. — E terrivelmente grosseiro utilizar nomes próprios numa conversa, quanto mais uma alcunha desse tipo.

— Eu sabia que havia qualquer razão especial para eu gostar do nome — regozijou-se Henry. — É a minha incurável grosseria.

— Eu digo-lhe o que é grosseiro — retorquiui a condessa. — Grosseria é o modo como essa Miss Emily Gill faz olhinhos a esse príncipe. Temos de reconhecer que ele é um príncipe.

— Um príncipe particularmente delicioso — acrescentou Henry.

— Não é desagradável — disse a condessa. — Mas é estrangeiro, e príncipe, e o nosso anfitrião. E há uma princesa que deve estar a chegar neste mesmo dia para casar com o homem. A Emily Gill tem andado a olhar para ele como se ele fosse um deus ou qualquer coisa parecida.

— Certamente que não — disse Henry, muito chocada. — Esses deuses não usam a mais ínfima peça de roupa, pelo menos nenhuma das esculturas de mármore de Lorde Elgin^[8]. Passei muito tempo a examiná-las, por isso sei.

— Como queira — afirmou a condessa.

— Ela está apaixonada — contou Arabella. — Disse-me que o príncipe lhe sorriu ontem à noite, e o seu coração bateu de tal maneira que ela quase desmaiou ali mesmo.

— Mesmo que não viesse uma princesa a caminho, ele nunca casaria com ela. Gerir este castelo deve custar uma fortuna — disse a condessa, olhando em redor. — O custo de manter o pessoal, só por você, deve ser de milhares de libras por ano.

— Quem me dera ter fortuna — desejou Arabella, suspirando.

— Ele é tão atraente.

— Não vou casar-te com um caçador de fortunas — disse a mãe, terminando a sua última carta com um floreado. — Você aí — acenou a um laçao. — Expede-as no correio da noite, por favor.

— É muito amável da sua parte — disse Effie timidamente.

— Eu sei que a minha mãe diria a mesma coisa, mas ficou tão preocupada com a notícia da partida de Lorde Beckham que recolheu ao leito.

— A sua mãe tem a força de uma galinha à chuva — disse a condessa. — Isto deve resolver o assunto. — Havia uma certeza feroz no seu tom. — Mesmo que esse irresponsável fuja do navio. Seja ele qual for, no qual o príncipe o despachou não se atreverá a voltar a mostrar o rosto entre a sociedade educada. Escrevi a toda a gente que conheço. E quem eu não conheço não é digno de saber.

— Extremamente amável, na verdade — disse Effie.

— Incluindo — continuou a condessa — a ex-Miss Wodderspoon. Foi uma das primeiras senhoras que ele abordou. Felizmente, o seu noivado foi acordado no berço...

Sabem quem ela é agora?

Henry franziu a sobancelha; Arabella, Effie e Kate abanaram a cabeça.

— A duquesa de Calvert — proclamou a condessa, triunfante.

— Escrevi-lhe a ela e ao duque também. Conheci-o quando era rapaz, claro. Achei que era melhor ele saber a verdade acerca da sua mulher.

— Em minha opinião — disse Henry —, a verdade sobre o cônjuge de uma pessoa torna-se clara após umas meras semanas de casamento. Se não até umas horas.

— Concordo — respondeu a condessa. — Mas mal não faz. Se o Beckham se atrever a mostrar o nariz em Inglaterra, o duque corta-lho. Há só uma coisa que eu gostava de saber.

Todos a olharam em silêncio. A condessa tinha um jeito de convencer uma sala de que sabia tudo, por isso uma revelação de ignorância era fascinante.

— Porque o faria ele? — perguntou.

— Homens dessa laia não conseguem controlar-se — comentou Henry com repulsa.

— Já me aconteceu deparar-me com eles. O Beckham não teve sorte com os seus próprios méritos, por isso destruiu aquelas que tiveram a coragem de rejeitar os seus avanços, tal como aqui a nossa Miss Effie.

— Não é esse — disse a condessa. — O príncipe. Porque foi o príncipe atrás do Beckham desta maneira?

— Sua Alteza é como um rei — enalteceu Arabella, em tom de adoração. — Viu uma injustiça e tratou de repará-la, como o rei Salomão.

— Acho que ele tem caráter moral e não suporta um transgressor — disse Effie, a voz a assumir um tom dramático. — Qual anjo vingador, desceu com a espada do céu e puniu o malfeitor.

— A menina não anda a aprender essas tolices em St. Andrew's — disse a condessa, franzindo a sobancelha a Effie. — Não me faça pensar que deveria falar com a sua mãe. Ela vai obrigá-la a ler a

Bíblia esta noite.

— Por favor, não diga nada à mãe — pediu Effie, alarmada.

— Ela já mostrou preocupação porque a dança desta noite vai ser demasiado cansativa para mim. Mal posso esperar para ver a princesa russa. Ao que dizem, deve chegar antes do jantar.

— Há dança hoje à noite, é? — perguntou a condessa. — E o baile amanhã. O melhor é recolhermo-nos para um bom descanso, Arabella. Estou esgotada de rabiscar tudo aquilo no papel vezes sem conta. Ephronsia, a menina vem comigo também.

Effie e Arabella puseram-se obedientemente em pé e saíram da sala em procissão, como a barca da rainha acompanhada por dois pequenos rebocadores.

Henry viu-as sair e depois se virou para Kate.

— Não creio que tu saibas alguma coisa sobre a improvável incursão do príncipe em aventuras de cavaleiro andante?

— Posso ter falado na situação difícil de Effie — disse Kate, cautelosamente.

— E ele partiu, qual cavaleiro envergando uma armadura brilhante, a cumprir a sua ordem. Curioso, minha querida. Muito curioso. Se eu fosse a você, seria prudente. Quando os homens começam a comportar-se como membros da corte do rei Artur, estão em geral a planejar abanar os lençóis, se me perdoas a expressão. Os teus lençóis, neste caso.

— Oh, não — exclamou Kate debilmente. Sentiu o sangue aquecer perante a imagem que se lhe apresentou, de Gabriel, enrodilhado nos lençóis dela, as mãos a puxarem-na para ele, as suas...

— Oh, sim — disse Henry. — Não apostes a sua sorte num jogo de cartas, minha querida, porque os teus pecados estão escritos no teu rosto.

— Pecados? Eu não tenho...

— Pecados futuros — corrigiu Henry. Mas havia um sorriso no seu olhar. — Basta que não sejas idiota. Sabes como evitar um bebê?

— Não! — confessou Kate, um rubor quente nas faces. — E não preciso saber. Eu disse-lhe a ele... — Calou-se.

— Fascinante — disse Henry. — Infelizmente, a sua futura mulher, ao que parece, vai chegar ao castelo a qualquer momento. Tomarias o lugar dela, se pudesses?

Kate abanou a cabeça, pegando numa delicada chaveninha de

chá que Henry lhe ofereceu.

— Não.

— Porque não? Ele é bem-apegoado, tem boa perna, e não cheira mal. Podias fazer muito pior.

— Ele é outra versão do meu pai — afirmou Kate categoricamente, — até no fato de ter de casar por dinheiro. A culpa não é dele, exatamente, nem foi do meu pai. Mas eu não vou ficar deitada num quarto obscurecido enquanto o meu marido anda lá por fora a cortejar outras mulheres.

Henry mordeu o lábio.

— Sinto uma desagradável pontada de culpa. Tenho de te dizer que, geralmente, nunca acalento a emoção.

— Não me referia a você — esclareceu Kate. — Francamente, teria gostado muito mais que o meu pai tivesse andado a divertir-se consigo do que com a Mariana. O que eu quero dizer é apenas que ele não amava a minha mãe. Não a respeitava nem sequer se interessava verdadeiramente por ela. Eu quero um casamento verdadeiro, Henry.

— Um casamento verdadeiro... É difícil saber o que queres dizer com isso, querida. O casamento é uma besta complicada.

— Certamente é menos complicado se começar com respeito e afeto — disse Kate.

— Como sabes se o príncipe não sente isso por você?

— Ele sente desejo — declarou Kate com brusquidão. — O que não significa muito.

— Não há nada sem desejo — disse Henry. — Entre homens e mulheres, quero dizer. Pensa só no teu suposto noivo, Lorde Dimsdale. Se uma mulher tivesse a sorte de sentir desejo por ele, o afeto podia vir a seguir. De outro modo... Não tenho tanta certeza.

— O Gabriel não gosta da ideia de ter de casar por dinheiro. Isso não é próprio do seu caráter, e ele está cortejando-me nos

tempos livres, por assim dizer. A brincar com a ideia de fazer de mim sua amante. A representar o papel do príncipe apaixonado pela guardadora de porcos.

Houve um segundo de silêncio.

— Isso é uma avaliação fria do homem — disse Henry por fim.

— Eu vejo-o como um tipo mais apaixonado, do gênero de se comprometer para toda a vida se encontrasse a mulher ideal para você.

— Nenhum príncipe pode fazer isso — deduziu Kate. — O seu casamento é um assunto do protocolo real e de tratados e desse gênero de coisas.

— Não podes dizer que ele é como o teu pai nesse aspecto — observou Henry.

— O meu pai devia ter casado consigo — disse Kate bruscamente.

— Nesse caso, tu não estarias aqui — lembrou Henry. — E, mais do que isso, eu amava o meu primeiro marido. E também amo o Leo. O meu segundo marido não era horrível, embora eu não possa dizer que estava entusiasmada da mesma maneira. Não quero que penses que a Julieta continua a lastimar-se toda a vida, porque não o faz. Ou melhor, eu não o fiz.

Kate riu-se.

— Não consigo imaginá-la a lastimar-se.

— Precisamente — concordou Henry. — Isso não serve para nada.

— Gostaria simplesmente de casar sem atender ao dinheiro.

— O mais importante é uma pessoa não se apaixonar por alguém que casa atendendo ao dinheiro.

— Eu não — prometeu Kate.

— Quem me dera acreditar em você — disse Henry, com um ar

bastante sombrio. — Eu própria teria apaixonado pelo príncipe se tivesse a sua idade.

— Hei de encontrar um homem que me ame por mim e depois me apaixonou por ele.

— Estou a tentar lembrar-me se alguma vez fui tão jovem como tu, mas, se fui à memória perdeu-se nas névoas do tempo.

— Eu não sou jovem — retorquiu Kate, sorrindo. — Sou praticamente octogenária, como a Henry caracterizou a Effie.

Henry suspirou.

— Suponho que o pobre Dante já não está na corrida? Acho que, ontem à noite, ele simpatizou muito contigo.

— É um homem maravilhoso — disse Kate.

— Demasiado aborrecido, o pobre querido, com toda a sua conversa sobre melros e vigários. Vai acabar por ficar com a Effie, afinal. Apesar de eu agora gostar consideravelmente mais dela do que antes.

— Teria sorte em ficar com a Effie — disse Kate. — Ela havia de o manter nos carris. Tem uma veia loucamente dramática, como sabe.

— Viste o rosto da condessa quando a Effie descreveu o príncipe a brandir a espada do céu? Decididamente, ela é hábil com as palavras. — Henry levantou-se. — Esta vai ser uma noite muito, muito interessante. Espero que a princesa russa seja realmente bela...

Para seu próprio bem.

Ao seguir a madrinha enquanto esta transpunha a porta, Kate não conseguiu concordar com Henry acerca da noite interessante.

Era normal, podia ser normal, estar absolutamente dominada por algo tão cruel como parecia ser a sua previsão da noite?

A partir do momento em que acordara, de manhã, não tinha sido capaz de se concentrar em nada a não ser na promessa de Gabriel de a beijar, de a descobrir, de lhe dar prazer. E ele não disse, ele não disse de a amar? Que significava isso?

A sua obsessão apenas piorara, uma vez que se tornara claro que Gabriel tinha cumprido a sua parte do acordo. Beckham tinha sido despachado para parte incerta; a reputação de Effie fora reparada e ela iria provavelmente estar casada dentro de duas semanas, se Lady Dagobert levasse a sua avante.

Kate tinha de cumprir a sua parte da promessa e deixar Gabriel fazer dela o que quisesse.

Henry foi à procura do marido e Kate continuou a subir as escadas, tentando desesperadamente pôr em ordem os seus pensamentos.

Dar-lhe prazer soava... Soava maravilhosamente. Todos os pedacinhos do seu corpo estremeciam ante a ideia, tornavam-se quentes e macios. Era como um fogo no sangue, uma espécie de loucura. Não conseguia evitar procurar Gabriel em toda a parte, pensando que ele podia aparecer a uma esquina a qualquer momento.

Foi preciso todo o seu autodomínio para não voltar a descer as escadas e deambular pela sala de estar, esperando-o. Ou pior, para não se humilhar a perguntar a Wick onde poderia encontrar o irmão.

Só de pensar nisso, ficou com a coluna tensa e começou a andar

mais depressa pelo corredor que conduzia à ala ocidental.

Tinha de permitir o seu beijo, o que quer que isso fosse. Mas não tinha de se humilhar, permitindo-lhe perceber o estado febril em que se encontrava.

Haveria simplesmente de passar por aquilo que ele planejava... Com a sua dignidade intacta. O coração batia-lhe com força perante esse pensamento e ela começou a andar cada vez mais depressa...

Não deveria ter constituído surpresa o momento em que ela contornou o corredor para a galeria de pintura e chocou em cheio com alguém.

Não era Gabriel. Soube-o imediatamente, porque todo o seu ser estava em sintonia com o pungente odor masculino dele. Este homem cheirava levemente a pocilga, com um invólucro de sabão.

— Vossa Alteza — arfou ela, fazendo uma reverência profunda perante o tio de

Gabriel, o príncipe Ferdinand. — Peço muita desculpa. Não estava a ver para onde ia.

— É Miss Daltry, não é? — perguntou ele, observando-a, as pálpebras a tremularem loucamente. O seu cabelo grisalho voava para cima, mesmo no alto da cabeça, e ele usava um par de lunetas mesmo na ponta do nariz. — Não faz mal, minha querida. Tenho estado a examinar estas pinturas, tentando reconstituir um pouco da história dos Pomeroy. A história é extremamente importante, como sabe.

Estava em frente de um patriarca de nariz comprido.

— Este é o primeiro — explicou ele. — Parece que foi este tipo que construiu o castelo nos anos mil e quatrocentos.

— Desde quando vive aqui um Pomeroy? — perguntou Kate, a curiosidade a tomar o lugar do embaraço.

— Há cinquenta anos, mais ano menos ano — disse o príncipe Ferdinand. — Esta manhã eu consultei uma espécie de livro da

nobreza que andava lá pela biblioteca. A linhagem morreu com os Tudor. — Continuou até ao final. — Está a ver esta senhora? É a última.

Estava em frente de uma senhora de rosto doce, com uma menina pequena no colo. Tinha uma gola hirta e havia um cãozinho a espetar o focinho debaixo da sua cadeira.

— Foi à última duquesa? — quis saber Kate, perguntando a você própria se o cão era o Patife, o Janota, ou talvez o Freddie.

— Elas não eram duquesas — corrigiu-a o príncipe. — Nada mais que baronesas, na realidade. Barões bem instalados na vida presumem-se. Com um castelo deste tamanho, ajudavam provavelmente a coroa, fornecendo um exército e coisas semelhantes. Nesses dias, a Inglaterra era um local muito agitado, com muitas guerras.

— Sabe o nome dela?

O príncipe Ferdinand tirou uma folha de papel almaço, coberto de notas numa caligrafia tremida.

— Eglantine — disse um momento depois. — Ou talvez essa fosse à criança. Não, é Lady Eglantine. Deixe-me ver se consigo encontrar o nome da filha... Eu sei que o escrevi aqui, em qualquer sítio.

— Podia ser Merry? — perguntou Kate, estendendo um dedo para tocar na face pintada da menina sorridente.

— Parece que sim — disse o príncipe, virando a folha de pernas para o ar. — Sim, anotei-o aqui. Nasceu em mil quinhentos e noventa e quatro, morreu em mil quinhentos e noventa e sete. Só chegou aos três anos, pobrezinha.

— Há um monumento em memória dela no jardim — disse Kate.

— Deve estar sepultada na capela — disse o príncipe Ferdinand. — Gostava de ver, mas parece que não consigo

encontrar a chave. O meu sobrinho deve tê-la escondido em qualquer sítio; o Berwick não sabe onde ela está. Não temos capelão, sabe. As pessoas religiosas ficaram todas em Marburgo, e nós, os pecadores, apanhamos o barco para Inglaterra.

Kate afastou os olhos de Merry e da sua mãe.

— Com quem era casada Lady Eglantine? Com este cavalheiro?

— Apontou para um lorde de olhar feroz, com a mão pousada na espada.

— Vergonhosamente, parece que nunca casou — disse o príncipe, passando uma mão pelo cabelo, o que fez toda aquela pelugem branca pôr-se em pé. — Aquele cavalheiro é irmão dela, o último Lorde Pomeroy. Morreu numa briga, segundo consta, não deixando herdeiros. Também nunca casara e, claro, a Eglantine não teria sido sua herdeira. Por isso, o castelo passou para um primo distante, um cavalheiro chamado Fitzclarence, e desde então esses viveram sempre aqui. Há dois anos, passou para a posse do ducado de Marburgo.

— Como diabo é que isso aconteceu?

— O meu irmão, o grão-duque Augustus William de Warl-Marburgo Baalsfeld, estava ligado aos Fitzclarence através da primeira filha do rei Frederick William II da Prússia, princesa Frederica Charlotte, à duquesa de York e Albany... E, através do meu segundo primo, a Caroline de Brunswick — disse ele, desfiando os nomes como um catecismo. — Por qualquer razão, no meio disso tudo, o Albrecht acabou por ficar com o castelo. Coisas que acontecem mais vezes do que se pensa.

Uma vez que Kate nunca teria pensado nisso, manteve-se em silêncio.

— Provavelmente, ninguém se teria preocupado com o castelo — continuou o príncipe Ferdinand — e ele teria desmoronado, mas o Augustus andava a procura de uma maneira de despachar os parentes malvados. — Havia um tom gutural na sua voz que

comoveu Kate.

— A Inglaterra é um lugar confortável para viver — sugeriu.

— Chove bastante, mas nós somos todos, gente decente.

— Eu sei — considerou o príncipe Ferdinand. — E não era minha intenção, de modo nenhum, menosprezá-la, minha querida. Todos nós sentimos os espinhos e dardos da fortuna cruel⁽⁹⁾ de vez em quando. Aquele de quem tenho pena é o jovem Gabriel. Olhando para ele, não se percebe, mas o indivíduo é brilhante. Absolutamente brilhante.

— A sério? — arriscou Kate. Pensando nos olhos selváticos de Gabriel e na firmeza do seu maxilar... Perceberia que era brilhante, apenas olhando para ele.

— Tirou um curso excelente. Pôs todas as cabeças aos gritos lá em Oxford. Publicou uma espécie de artigo que os obrigou a pensar sobre o modo como fazem escavações em locais antigos. Ele preocupa-se, vê? Muitos deles, não.

Kate olhou para ele e percebeu de repente que estava a falar de duas realidades distintas: Augustus, claramente, não se tinha preocupado com o seu tio idoso, de pestanejo rápido. E Gabriel, que se preocupava realmente com os seus parentes, também se preocupava com a história.

— Eu acho que o príncipe é feliz aqui, consigo — disse ela.

— Ele desejaria mais estar em terras estranhas a gastar o seu tempo com os túmulos de reis e cidades extintas — explicou o príncipe Ferdinand. — Mas, lá está; eu sou suficientemente velho para saber que a vida não nos dá aquilo que desejamos.

— Preferia estar em Marburgo?

— Não de momento — disse ele. — Não com as coisas como estão. Esses tipos religiosos conseguem ser extremamente desagradáveis. Sempre a pedir a um indivíduo que memorize este ou aquele versículo da Bíblia. — Dirigiu-lhe um sorriso. — Outra

coisa que eu aprendi na minha vida: não se aprende a bondade a memorizar nem que seja todo o livro da Bíblia. E isso é que é importante, a meu ver.

E, sem mais despedidas, fez uma reverência e saiu pelo mesmo caminho que Kate havia tomado, deixando-a em frente dos retratos.

Olhou mais uma vez para Eglantine e sua filha Merry e depois se pôs a caminho do quarto.

Quando reclamaria Gabriel o seu beijo? Presumivelmente antes de a sua futura noiva chegar. Era tudo demasiado ridículo, até a ideia de beijar um homem comprometido era escandalosa. Por qualquer razão, ela não se preocupava.

O fogo voltou a dançar nas pulsações.

Ia tomar um banho perfumado. Depois de todos aqueles anos a trabalhar para Mariana, ainda considerava que o luxo de um banho era o maior prazer de ser uma senhora.

Depois tencionava ter uma discussão com Rosalie. Não queria usar os seus amigos do peito. Estava farta de se projetar para frente como a proa de um navio e de sentir que tinha os seios a oferecerem-se numa salva para os homens os comerem com os olhos.

Embora, claro, interessasse mais quem os comia com os olhos.

Só de pensar nos olhos de Gabriel e no modo como ele olhara para o seu corpete molhado quando a salvara do lago...

Abriu bruscamente a porta dos seus aposentos, pensando puxar o fio da campainha para chamar a criada. Entrou disparada no quarto, estendeu a mão... Ficou paralisada.

Não estava sozinha.

Ele estava sentado numa cadeira, junto à janela, a ler, e o sol traçava riscos brônzeos no cabelo.

— Eu, se fosse a você, não puxava esse fio — avisou-o, virando a página, um sorrisinho malvado a pairar no canto da boca. — A sua criada podia ficar chocada.

— Gabriel — exclamou ela, sentindo o sangue a pulsar-lhe com força através do corpo e uma alegria terrivelmente estranha a dominá-la. — Que esta fazendo no meu quarto?

— À sua espera — disse ele, erguendo finalmente os olhos. — Está em dívida para comigo. Para o caso de se ter esquecido.

— Ouvi qualquer coisa sobre o assunto — confirmou-a, afastando-se dele e dirigindo-se para o outro lado do quarto. Parecia demasiado pequeno com ele lá dentro. — Onde está o Freddie? Geralmente fica a dormir em cima da cama enquanto eu estou fora.

— Pelo Caesar é que tem de perguntar — disse Gabriel. — Esse cão é tão irascível como a minha tia Sophonisba e, isso diz muito.

Kate franziu a sobancelha e olhou para o outro lado da cama.

— Que lhes fez?

— O Freddie está aqui — disse Gabriel. — Grande mandrião.

Ela olhou e viu Freddie deitado entre o braço da cadeira e a perna de Gabriel. Tinha o queixo pousado na coxa do príncipe e uma expressão de felicidade absoluta no focinho.

Ela riu-se.

— Bem, então e o Caesar?

— Fechado no seu quarto de vestir — explicou Gabriel. — Creio que esse rafeiro pensou que eu era um intruso.

— É um intruso — confirmou Kate, abrindo abruptamente a

porta que dava para o seu quartinho de vestir. — Aqui estás tu, Caesar. Quiseste prevenir-me de que o meu quarto tinha sido invadido?

— Pensei que ele ia ter um ataque de apoplexia — disse Gabriel.

Caesar parecia humilhado. Rosnou às botas de Gabriel, mas de resto manteve-se em silêncio.

Kate ajoelhou e apanhou-o do chão.

— Es um bom cão — elogiou-o. — Sabias que este príncipe maroto não devia estar no meu quarto porque podia arruinar a minha reputação e fizeste todos os possíveis para o dizer ao mundo, não foi?

Caesar deu um pequeno latido, confirmando.

— Quase se pode pensar que gosta desse animal — disse Gabriel, pousando o livro. Ela olhou para ele por cima da cabeça sedosa de Caesar.

— Tem de sair do meu quarto, Gabriel. Se alguém soubesse que estava aqui...

— Eu sei — disse ele, puxando de um grande pedaço de renda preta. — Trouxe o véu. Ninguém nos verá sair juntos.

— Não vou consigo a lado nenhum — retorquiu ela de imediato. — Quero tomar um banho e depois descansar antes de logo à noite. A propósito, a sua princesa já chegou?

— Vem a caminho — disse ele. — Deve chegar daqui a umas horas. O Wick tem os criados todos numa agitação por causa disso.

Kate olhou para ele com hesitação.

— Deve estar... Está excitado por ir conhecê-la?

— Fascinado — disse ele categoricamente. — Esta noite há dança e a Kate não sabe dançar.

— Posso tentar — disse ela, com dignidade.

— Não sem antes ter tido lições. A menos que queira que toda a

gente perceba que não é a Victoria. A sorte é que, dada a chegada da princesa Tatiana, ninguém vai sequer notar se a Kate não aparecer. Vão estar todos muito ocupados a comê-la com os olhos.

— Vão notar se o Gabriel não aparecer — observou ela.

— Terei de ir e vir — resignou-se Gabriel.

— Ir e vir de onde? — perguntou ela, desconfiada. — Só lhe prometi um beijo, Gabriel. Está a falar como se isso fosse um acontecimento.

— Ontem à noite arrisquei a vida, lutando com aquele canalha — disse ele, olhos inocentes. — É evidente que espero que passe algum tempo comigo.

— Passar tempo onde? — perguntou ela. — Correu realmente perigo?

Ele estendeu a mão. Ainda de joelhos, com Caesar no colo, Kate inclinou-se e viu um cortezinho no nó de um dedo.

— Meu Deus, eu estou quase a desmaiar só de pensar no perigo que correu.

— Miserável — disse ele. — Penso que devíamos deixar o Freddie aqui, não acha? — Passou um dedo sobre a cabeça sedosa do cão. — Não iríamos querer embarçá-lo. — Freddie suspirou sumptuosamente. — Mais tarde, o Wick vai mandar um laçao aqui acima para ir passear os cães.

— Eu não vou a sítio nenhum — declarou Kate. — Como disse, estou a planejar tomar um banho e dormir uma sesta.

— Aprovo — disse ele. — Será um sacrifício, mas vou deixá-la tomar um banho sozinha, prometo.

— Eu gosto de estar aqui — disse ela, teimosamente.

— Os meus aposentos são no torreão — informou ele. — Por favor, Kate. Eu mostro-lhe aquele frasco, o que continha os ossos.

Ela abriu a boca para dizer que não, mas viu uma sombra de incerteza nos olhos dele. Mais qualquer coisa também, algo que

nunca vira nos olhos de um homem.

— A Tatiana ainda não chegou — disse ele. — Não está no meu castelo. Por favor. Os olhos dela desceram para a boca dele e ela sentiu-se perdida.

— E a minha criada? — perguntou, sem saber o que fazer. — Daqui a pouco vem vestir-me.

— Eu disse ao Wick que a mantivesse ocupada.

— Disse ao Wick? — Levantou-se e Caesar precipitou-se para o chão. — Que disse exatamente ao Wick? Gabriel pôs-se em pé.

— acredite em mim, corri mais perigo com o Wick do que com o Beckham. Ele ficou lívido quando eu lhe disse que a Kate ia...

— Não posso acreditar que lhe tenha dito isso! — exclamou Kate. — Não sabe o que fez? Toda a gente que está neste castelo vai pensar, antes de a noite acabar, que eu sou uma concubina!

O maxilar de Gabriel ficou tenso.

— O Wick é meu irmão. E o meu braço direito e o meu amigo mais chegado. Nunca diria a ninguém, quanto mais não seja porque reprova profundamente.

— E bem pode reprovar — disse ela rapidamente. — Eu não posso ir aos seus aposentos! Só ser vista no caminho equivale à ruína.

— Não será vista — afirmou Gabriel. — A minha tia está alojada na mesma torre em que eu estou e a Kate vai usar o véu dela.

— Isto é demasiado perigoso — ponderou-a. — Podemos bem dar de caras com alguém conhecido da princesa. E se encontramos Lady Dagobert? Ela disse-me há pouco tempo que conhece toda a gente. O Algie vai querer saber onde eu estou.

— O Wick já informou Lady Wrothe e o seu suposto noivo de que a Kate está com uma indisposição de estômago — sossegou ele prontamente.

— Assume uma grande responsabilidade — disse ela, olhando-o com ar ameaçador.

— Por favor, Kate.

A triste verdade é que este, por favor, era irresistível.

— Suponho que gostava de ver o tal frasquinho. Posso fazer-lhe uma visita de uma hora. No máximo — acrescentou.

Ele estendeu o véu.

— Por favor, amor.

— Não me chame isso — protestou ela, pondo o véu para baixo de modo que uma envolvente camada de renda preta ficou entre ela e o mundo. — Eu não sou o seu amor. Sou simplesmente... Sou simplesmente...

— Diga lá — incitou-o, segurando-lhe no braço. — Parfazendo a minha pergunta anterior de uma maneira diferente, o que P. O Wick queria saber a mesma coisa e ameaçou pôr-me lá fora ao frio quando eu disse que, a meu ver, era a mulher mais bela que eu alguma vez sonhei seduzir, não que planeje fazê-lo.

— Quase desejo que o tivesse posto lá fora — comentou Kate.
— Tenho a certeza de que tudo isto vai acabar mal.

— Bem, pense apenas nisto: toda a gente pensaria que eu estava a divertir-me com Miss Victoria Daltry, não consigo — disse Gabriel.

— Já pensam isso — disse Kate, sombria. — A Victoria vai ficar furiosa comigo.

— Porque estragou a sua reputação?

— Ela nem sequer teve o prazer do namoro — observou ela. — Já para não mencionar o fato de a Victoria estar verdadeiramente apaixonada pelo Algie.

— Acho que isso é difícil de imaginar — disse Gabriel. — Ele esteve conosco ontem à noite, sabe. Disse-me que teria ido para Oxford, mas considerava que era uma perda de tempo.

— Sim, o Algie é assim — disse ela, resignada. — Lamento.

— Uma curva rápida à direita, ali à frente, e até agora não vimos viva alma. Porque lamenta? Ao que parece, ele é um ramo da minha árvore genealógica.

Para seu horror, Kate ouviu, naquele preciso momento, uma voz alegre, familiar, algures muito perto.

E essa voz ia a cantar.

— Nessa mesma manhã cheguei à primavera — cantava Algie, de um modo bastante harmonioso. Para horror dela, parecia um pouco ébrio. — Onde encontrar beleza ignorando a nudez... — Parou, obviamente vendo-os.

Kate tentou espreitar através do véu, mas tudo o que conseguiu ver foram vultos com forma de pessoas que pareciam montes de carvão em movimento

— Princesa Maria-Therese, dá-me licença que lhe apresente Lorde Dewberry e Lorde Dimsdale? — perguntou Gabriel. Ela baixou-se numa reverência incerta, resmungando qualquer coisa.

— É um grande prazer conhecê-la — disse Lorde Dewberry. Algie estava, indiscutivelmente, fazendo uma das suas vénias a rasar o chão.

— Chega, por amor de Deus, homem — disse Dewberry. — Vai cair se, se inclina para frente dessa maneira.

O coração de Kate batia com tanta força que lhe pareceu que eles deviam ouvi-lo. Se Algie a descobrisse, seria uma coisa, mas Lorde Dewberry...

— Espero que esteja de boa saúde, Vossa Alteza? — perguntou Algie alegremente.

— A minha tia, sem dúvida, está chocada com a sua cantiga — disse Gabriel antes de ela poder dizer qualquer coisa. — Encharcou-se em vinho, visconde? — Estava mais pomposo do que poderia ter imaginado.

— Estivemos fazendo uma visita às adegas com o Berwick — explicou Algie. Sim, ele estava, decididamente avinhado, se não mesmo embriagado. — Que bela coleção de vinhos que o senhor tem, Vossa Alteza.

— Estou a acompanhar a minha tia aos seus aposentos — disse Gabriel. — Se os cavalheiros fizerem o favor de nos dar licença.

— Suponho que ela também é minha tia, até certo ponto — respondeu Algie. — Posso dar-lhe o outro braço, Vossa Alteza?

Kate recuou, encolhendo-se contra Gabriel, e abanou a cabeça violentamente.

— A princesa é muito exigente em relação àqueles com quem priva — disse Gabriel. A sua voz soou com autoridade, como se ele fosse o grão-duque em pessoa.

— Claro — disse ele apressadamente. — Não era minha intenção faltar ao respeito, Vossa Alteza.

Com enorme alívio, Kate ouviu o bater dos seus tacões quando eles continuaram pelo corredor. E depois, precisamente quando o som se desvaneceu, ela ouviu Algie dizer:

— A mulher parece uma cabra horrível com aqueles atavios. Alguém devia dizer-lhe que não suportamos freiras aqui.

Ouviu-se um murmúrio de Dewberry e uma última afirmação de Algie:

— Tudo o que digo é que ela me faz lembrar o Anjo da Morte. Podia servir para assustar as crianças à noite.

A mão que estava no braço dela tremia.

— Pare de rir! — silvou Kate.

— Não posso — disse Gabriel, a voz abafada. — Uma pessoa nunca deve conhecer os parentes numa situação social. É tão humilhante para o amor próprio.

— Que quer isso dizer? — perguntou Kate. — Estamos a chegar?

— Só faltam as escadas — disse ele, agarrando-lhe o cotovelo com mais força. — amor próprio é a opinião de um homem sobre você próprio. Só a ideia de o Algernon ornamentar a minha árvore genealógica faz atenuar o meu amor-próprio.

— Ótimo — congratulou-se Kate com firmeza. — Deve ter sido a primeira vez na vida que o Algie foi tão útil.

Imponentes degraus de pedra descreviam uma curva para cima, no interior do muro do torreão. Kate concentrava-se para não tropeçar no véu que lhe chegava ao chão, tentando não pensar no estúpido erro que estava fazendo só ao subir aqueles degraus.

Gabriel tinha a intenção de a seduzir. Ela tinha a certeza absoluta. Então porque ia, passo a passo, para o seu covil, por assim dizer? Ia ser a segunda das filhas do seu pai a desonrar a sua memória encontrando-se solteira e grávida?

Não que a memória do pai pudesse ser desonrada, lembrou a você própria. Qualquer desonra que houvesse fazendo, tinha-a feito ele próprio. A memória do pai e das suas ligações extramatrimoniais pô-la tensa.

Ia ver o frasquinho de Gabriel. E ia deixá-lo beijá-la. Mas nada mais, e isso tudo só porque — seria estúpido negá-lo a você própria — sentia a mais terrível paixão pelo homem.

O que provavelmente acontecia ao príncipe pelo menos de duas em duas semanas e, a não ser que quisesse ser simplesmente uma acha para a fogueira da sua arrogância, nunca permitiria que ele soubesse. Portanto, quando tirou o véu, pôs no rosto uma expressão indiferente, como se visitasse aposentos de cavalheiros com regularidade.

Como se esses mesmos cavalheiros planeassem beijá-la levando-a a um frenesim devasso e a única coisa existente entre eles e a virtude dela fosse à força da sua vontade.

Infelizmente para os planos de Gabriel, a vontade dela levava-a a superar sete anos de trabalho árduo, humilhação e sofrimento. Havia de a levar a superar incólume este encontro.

— Que lindo quarto! — exclamou ela, dando meia volta. Do lado de fora, os dois torreões do castelo pareciam atarracados e

redondos, como chapéus de cozinheiros. Mas, lá dentro, os quartos eram arejados e tinham um teto alto. — Colocou janelas de vidro — disse ela elogiosamente, indo até lá para ver.

— Já aqui estavam quando eu cheguei — disse Gabriel, pondo-se ao lado dela.

— E que vista! — exclamou ela. O castelo ficava no cimo de uma pequena colina. A janela à qual ela estava dava para as traseiras do castelo e à sua frente estendiam-se relvados impecavelmente tratados, orlados na extremidade com uma plantação de faias.

— O labirinto parece tão simples visto de cima — murmurou ela, pondo os dedos no vidro frio. — Apesar disso eu e a Henry; não conseguimos atravessá-lo e ficamos ali paradas, ao pé da gaiola da avestruz.

— É simples, mas engenhoso. Hei de mostrar-lhe como se chega ao centro. — Estava encostado na parede, a olhar para ela, não para o labirinto. Os olhos tocavam-na como uma carícia, enviando-lhe um sinal de alarme ao longo da espinha. Ao mesmo tempo, afluiu-lhe calor às partes mais íntimas.

Ele não devia olhar para ela daquela maneira. Os sedutores assumidos não olhavam assim. Não diziam coisas que pressupunham tempo para lá do presente, espaço para além daquele pequeno quarto.

— Eu só posso ficar um minuto ou dois — disse ela, tanto para você própria como para ele.

— Vai gostar da vista daqui — disse ele, pegando-lhe na mão e conduzindo-a para o outro lado do quarto. Aí, as janelas davam para o caminho poeirento que ela e Algie tinham percorrido poucos dias antes. Vista de cima, a estrada seguia em curvas e mais curvas até uma lonjura violeta onde bosques escuros tocavam o Sol do entardecer.

— Faz lembrar um conto de fadas — disse ela, maravilhada.

— Do gênero em que um rei a serve, aos seus pés? — disse-o

com ligeireza, mas havia nisso mais qualquer coisa.

— Vem uma princesa a caminho por aquela estrada — observou Kate. Voltou a afastar-se e, sem refletir, dirigiu-se rapidamente para o outro lado do quarto até ser travada por uma enorme cama entalhada. Como se tivesse sido queimada, virou-se abruptamente e caminhou na direção oposta.

— Bem — disse ela, — talvez devêssemos dar esse beijo agora.

— Ainda não — respondeu Gabriel.

Kate sentou-se numa bonita cadeirinha, com estofado de veludo cor de coral, e demorou algum tempo a arranjar as saias. Depois, ergueu os olhos. Estava farta do jogo de gracejos que estavam a jogar. Era demasiado sofisticado para ela, demasiado evocativo do tipo de conversas complicadas e afetadas que Henry provavelmente tinha com os seus beaux.

— Há pouco fez a pergunta certa — disse. — Quem sou?

Ele sentou-se em frente dela, não desviando os olhos dos seus.

— Sou a filha mais velha do meu pai, Victor Daltry. Ele era o filho mais novo de um conde e tinha uma propriedade confortável, proveniente do dote da minha mãe. Depois da morte dela, ele deixou todos os bens à minha madrastra, Mariana, que os concedeu à sua própria filha, Victoria.

— A Kate não é ilegítima — afirmou ele.

— Não. Os meus pais eram casados.

— E o seu avô era conde.

— Quase não tenho dote — disse ela. — A Mariana despediu a minha preceptora e a maior parte do pessoal da casa há sete anos, quando o meu pai morreu. Sei regatear o preço do pão, sei remendar uma peúga; não sei dançar uma polonesa.

Ele pegou-lhe na mão, virou-a.

— Lamento.

— Devia ter-me ido embora há anos, mas isso significaria deixar os criados do meu pai e os seus inquilinos às mãos da Mariana. Fiquei, embora a minha madrasta tivesse despedido o bailio. A mim, não podia despedir-me, compreende.

Gabriel levou a sua mão aos lábios e beijou-a.

— Continue.

— Não há mais nada para contar — afirmou ela. — Agora decidi partir, o que provavelmente significa que a Mariana vai pôr na rua a maior parte dos nossos inquilinos, que mesmo agora já têm dificuldades em esgaravatar para viver. No ano passado, as colheitas foram fracas.

Ele acenou com a cabeça.

— A mulher que vem a caminho, ter consigo... É uma princesa.

Com um gesto tão gracioso que lhe pareceu natural, ele deslizou da cadeira e ajoelhou-se ao seu lado.

— É verdade.

— O seu irmão Augustus é um idiota por ter mandado embora a família e, o Gabriel tem um castelo para sustentar. Eu sei o que é ter responsabilidades desse gênero.

Ele fechou os olhos por instantes e a cor das suas pestanas era como a cor da mágoa. Com uma espécie de desgosto lancinante, ela percebeu que nunca esqueceria aquele príncipe.

Não era o seu cabelo escuro, nem os olhos veementes, nem o cabelo indomável.

Era o modo como ele recolhera os seus estranhos parentes, os animais do jardim zoológico, o homem que lia a palma da mão da tia, até a avestruz e o cão que comia picles. Era o modo como olhava para ela, o modo como ria, o modo como limpou as ervas do rosto de Merry.

E ela, nunca por nunca, esqueceria o momento em que um príncipe se ajoelhara ao lado da sua cadeira. Quando fosse velha e

grisalha e se contemplasse numa vida que esperava fosse amplamente agradável, ainda havia de se lembrar disto.

— Se eu não fosse príncipe, aceitaria-me? — Disse-o numa voz tão baixa que ela quase não o ouviu. — Dito de outra forma, se tivesse milhares de libras, Kate, se a sua propriedade fosse mesmo sua, compraria-me? Porque era disso que eu precisava, sabe.

Precisava de uma mulher que pensasse que eu valia o dinheiro e o meu irmão encontrou uma na Rússia.

— Não me faça essa pergunta — sussurrou ela. — A minha mãe comprou o meu pai e ele nunca lhe deu um momento de felicidade. Eu nunca compraria um homem.

Ele voltou a inclinar a cabeça.

— A questão é irrelevante, peço desculpa por perguntar.

— Porque perguntou?

— Faz alguma ideia do que é ser príncipe? — Sacudiu a cabeça para cima, e os seus olhos estavam amargos, a boca um traço rígido. — Não posso fazer o que quero. Não posso ser o que quero. Não posso casar com quem quero.

Ela mordeu o lábio.

— Estou treinado para pôr a minha honra e a minha casa acima de tudo o resto. Acho que esta pressão enlouqueceu um pouco o meu irmão Augustus. É um idiota, como diz. Mas também está enfermo pela carga de ter tantas almas a depender dele.

— Lamento — sussurrou ela.

— Gostava, apenas por uma vez, que uma mulher olhasse para mim não como para uma pessoa com coroa. Simplesmente como um homem, em nada diferente dos outros homens. — As palavras saíram-lhe arrancadas do peito.

Ela interrompeu-o, levando-lhe as mãos ao rosto.

— Chiu. — Sentiu os seus lábios frios e macios sob os dela, e, por instantes, ficou por ali, num beijo inocente, do gênero dos que

as meninas dão umas às outras.

Mas a pele dele picava sob os dedos e o seu cheiro, o seu odor ferozmente masculino, saudou-a, e a boca abriu instintivamente. Uma carícia da língua dela e logo os braços dele a rodearam, fortes como faixas de aço.

Ela tombou para frente, contra o seu peito e ele deslizou um braço sob as suas pernas e segurou assim, contra ele, a boca lenta e selvática ao mesmo tempo. Beijou-a tão docemente que ela poderia ter chorado e, no entanto, o calor que lhe crescia nas pernas ao toque da língua dele contra a sua fê-la não desejar chorar.

Emitiu uma espécie de murmúrio ininteligível e enrolou os braços em volta do pescoço.

— Sim — sussurrou ele, feroz. — Conosco é assim, Kate. Não é?

Ela não conseguiu responder por que estava à espera que ele a beijasse outra vez.

— Por favor — disse, finalmente.

Ele riu-se, um som escuro que parecia vinho das Canárias a correr-lhe pelas veias.

— Por agora, é minha, Kate. Está a ouvir?

Ela levantou a cabeça e encontrou os olhos dele.

— Não um príncipe, mas um homem — sussurrou ela, passando-lhe as mãos pelo cabelo espesso, de modo que a fita que o prendia lhe escorregou sobre o ombro e caiu ao chão. — Gabriel, não Vossa Alteza.

— E tu és a Kate, a minha Kate — respondeu-lhe ele. Os seus lábios roçavam os dela como se eles fossem jovens namorados, demasiado ingénuos para conhecerem os hábitos dos pecaminosos. — Não vou tirar-te a virgindade, porque isso é para tu dares e não para eu tirar. Mas, Kate, eu aviso-te que tenciono tirar-te tudo o resto.

Olhou para ela e a expressão dos seus olhos era um convite

puramente pecaminoso.

Kate sentiu os lábios a arquearem-se sem a sua vontade consciente.

— Como sabes — sussurrou — que eu não quero fazer-te o mesmo? Gabriel fechou os olhos uns instantes.

— Não tenho qualquer dúvida quanto a isso.

Ela inclinou-se para a frente e lambeu, delicadamente, a forte coluna do seu pescoço. Um estremecimento percorreu o corpo de Gabriel e ele levantou-se, continuando a abraçá-la. Kate pensou que ia deitá-la na cama e rasgar a roupa.

Mas, em vez disso, voltou a pô-la, com toda a delicadeza, na cadeirinha de veludo.

— Quieta — ordenou ele, tal e qual como se ela fosse Caesar.

— Gabriel — disse ela, consciente do timbre rouco da sua voz. — Não vais... Não vais beijar-me outra vez? — E levantou-se, porque nunca fora boa a obedecer a ordens, como Mariana podia confirmar.

— És muito mais alta do que as outras mulheres — observou ele. Pôs-lhe um dedo no nariz e fê-lo descer lentamente até ao queixo. — Tens um lindo nariz.

— É o elogio pelo qual eu ansiava — disse ela, irónica.

— Esta é a minha noite — afirmou ele — e planeei-a com todo o cuidado.

Kate pôs as mãos nas ancas. Sentia-se ousada e sensual e alegre, tudo ao mesmo tempo, como se o desejo e o riso estivessem a borbulhar nas veias.

— Ah, então pensas que podes dar-me ordens sem mais nem menos?

— Eu tenho de ir e voltar — lembrou-o, devolvendo-lhe o sorriso. — Mas sabes o que tenciono fazer, Kate?

Ela abanou a cabeça.

— Diabruras, sem dúvida — resmungou ela.

— Vou pôr-te louca — disse ele, em tom familiar. — Vou beijar-te e arrelhar-te e saborear-te... E vou-me embora. E depois volto e faço a mesma coisa outra vez. E outra.

Ela ficou de boca aberta.

— Vais? — Muito para seu embaraço, a sua voz não parecia tão escandalizada quanto curiosa.

Ele afastou-se dela.

— Disseste que querias descansar. Queres dormir uma sesta ou tomar um banho primeiro?

Kate olhou em redor do grande quarto circular. De um lado, havia uma área separada com cortinados, mas tirando isso, era tudo um só quarto.

— Queres que eu durma uma sesta? Aqui? — Ele não devifazendo ideia de como o sangue pulsava em toda ela, aquecendo partes do corpo nas quais raramente pensava.

— Não tenho a certeza de poder descansar neste momento — disse ela, cautelosa.

— Compreendo — respondeu ele, tão cortesmente como se lhe tivesse oferecido uma chávena de chá. — Talvez mais tarde. Bem, tenho de me vestir para o jantar. Queres sentar-te? Não vai demorar muito.

Kate pestanejou. Estaria ele a planejar despir-se à frente dela?

— E o teu criado de quarto?

— O meu criado recebeu ordens para ajudar o Wick esta noite — disse ele com um sorriso. — Por isso, tenho de me vestir sozinho. — Levantou a mão e começou lentamente a desfazer o nó do lenço do pescoço.

— Precisas de ajuda? — perguntou Kate, hipnotizada pela pele dourada que apareceu quando ele tirou o lenço.

A olhar para ela, abanou a cabeça e afastou as pernas. Como se lhe tivesse dirigido um convite, o movimento levou os olhos de ela a dirigirem-se para as suas pernas. Os calções eram justos, moldados às coxas. Ela levantou rapidamente os olhos, embaraçada.

Com um movimento fácil, Gabriel tirou o casaco e atirou-o para cima da cama. Vestia um colete de lã e seda, às riscas, debruado com fita carmesim. Ficava bem justo ao peito; uma bela camisa de linho ondulou quando ele casualmente a puxou para fora dos calções.

Kate observava como se estivesse enfeitiçada, sem dizer palavra. Quase lhe parecia que estava no circo, num espetáculo privado muito especial. Havia certo ar teatral em Gabriel, e a chama dramática, ridente, do seu olhar mostrava que ele estava a explorar cada segundo.

— Preciso de ajuda para os punhos — pediu ele. Com um passo largo, estendeu-lhe um punho. Ela inclinou a cabeça sobre o linho branco como a neve e separou os pequenos botões de rubis que prendiam os punhos.

Sem uma palavra, estendeu-lhe o outro punho. Foi curiosamente erótico, o virar do seu pulso, o modo como a camisa lhe caiu no braço.

— Como arranjaste esta cicatriz? — perguntou ela, tocando numa marca branca que viu no seu antebraço.

— A fazer escavações no Egito — respondeu. — Há dois anos. Fui mordido por uma cobra de Barga; o único remédio é golpear o local da mordedura tão depressa quanto possível e deixá-lo sangrar livremente. Felizmente tinha uma faca à mão.

— Que horror! — exclamou Kate. — Mas resultou?

— Eu estive doente uns dias, mas não foi muito o veneno que me entrou no organismo. — Recuou e as mangas deslizaram-lhe até aos cotovelos.

Ela estava a pensar em Gabriel a golpear o seu próprio braço e

não estava a prestar atenção.

— Kate — disse ele. Havia uma espécie de timbre profundo na voz dele que lhe provocou um estremecimento pelas pernas abaixo.

Estava a brincar com o botão de cima do colete. Ela tinha os olhos postos naqueles dedos eficientes. Abriu o primeiro botão e passou ao segundo. Kate sentiu a boca seca, observando os botões a abrirem-se, um após outro.

O linho da camisa era translúcido, dando apenas um vislumbre do músculo tenso, por baixo. Gabriel não dizia uma palavra, apenas deslizava de um botão para o seguinte.

Quando desapertou o último botão, despiu o colete e atirou-o para a cama. Pelo canto do olho, Kate viu a peça de roupa bater na colcha e deslizar para o chão.

Mas todo o seu ser estava focado naquelas mãos provocantes.

— Está muito calor aqui dentro — disse Gabriel, a voz sombriamente divertida.

Kate fez uma tentativa hesitante para manter alguma calma.

— Lamento não ter trazido o meu leque — disse.

— Aqui tens um — disse ele, estendendo a mão para a grande mesa à direita e entregando-lhe um. Era um leque de senhora, requintado, delicado e obviamente valioso.

Com um súbito baque no coração, Kate percebeu que tinham estado outras mulheres naquele quarto, que provavelmente ela não era a primeira a ver o príncipe despir-se. Mas ele abanou a cabeça.

— Não é o que estás a pensar, amor. Esse é um leque do século dezessete, de uma aristocrata alemã, com uma pintura interessante. Encontrei-o em Bamberg.

— Claro — disse ela, abrindo-o com todo o cuidado. — Este cisne provavelmente representa Zeus?

— Sim, Leda está à direita, primorosamente vestida com a roupa da mulher de um burgomestre^[10]. É uma das coisas que me

interessam na peça.

Kate abanava o leque mesmo por baixo dos olhos. Por qualquer razão, dava-lhe uma espécie de coragem descarada segurá-lo em frente da boca.

— Não ias despir a camisa?

— Na verdade — disse ele, soltando a parte de trás da camisa, — em geral tiro primeiro os calções.

Kate emitiu um pequeno ruído.

— Primeiro, as botas — disse ele em tom familiar. Virou-se, inclinou-se, e descalçou a bota direita. Kate levantou o leque para o deixar mesmo abaixo dos olhos. Descalçada a segunda bota, ficou de novo virado para ela.

— A seguir são os calções... Ou as meias? — A curva sensual da sua boca bastou para à fazer contorcer-se com uma sensação sequiosa de poder.

— Já que me perguntas — respondeu ela, agitando novamente o leque. — As meias. Ele voltou a inclinar-se. Ver a curva musculada da perna dele fez-lhe o pulso bater intensamente.

Depois, ele pôs-se de pé, frente a ela, pernas afastadas, mãos nas ancas.

— Os calções — disse ele, com uma alegria primária nos olhos.

Ela ergueu uma sobrancelha, como se nada que ele pudesse mostrar-lhe despertasse especial interesse. Obviamente sabia como era a anatomia masculina, quanto mais não fosse do seu estudo envergonhado — mas fascinado — das ilustrações de Aretino.

Mas era completamente diferente ver as mãos de Gabriel a desabotoar rapidamente a roupa, sob a proteção da camisa branca. Ele observava-a atentamente.

— Deverei continuar minha senhora? — perguntou com a cortesia de um cavaleiro medieval.

— Sim — disse ela e, aclarando a garganta, olhou-o

ousadamente nos olhos. — Continue.

As mãos pararam-lhe nas ancas, os olhos a arder nos dela.

— Preferia que fosses tu a fazê-lo — disse.

Ela quase deixou cair o leque.

— Ajoelhando aos meus pés — disse ele —, persuadindo os meus calções a caírem ao chão, para me poderes tocar... Saborear-me... Como quiseres.

Kate engoliu em seco.

Não foram as ilustrações de Aretino que lhe vieram à mente, mas a imagem dela própria, ajoelhada à frente dele, puxando-lhe os calções para baixo como ele estava fazendo agora. Inclinando-se para frente e...

A camisa estava a cobri-lo à frente. Ela franziu a sobrancelha, tentando recordar-se dos mais pequenos pormenores dessas ilustrações. Era isso: esses eram pequenos.

— Parece que está vendo qualquer coisa que lhe atrai a atenção, minha senhora — comentou-o.

— Hum — disse ela, sem graça. — Podes continuar. — Abanou o leque.

A camisa branca subiu, cobriu-lhe o rosto, esvoaçou no ar, caiu para o lado. A boca de Kate abriu-se, mas por detrás do leque, por isso ele não pôde vê-la. Gabriel tinha de ser três vezes maior que os homens que Aretino retratou.

— Você é um pouco maior do que as imagens sugeriam — sussurrou.

— Italianos — disse Gabriel, de pé, mãos nas ancas, gozando o seu olhar fascinado.

— Espera até veres as estátuas em Florença. Algumas dessas estátuas têm atributos de menino pequeno.

— Bem — disse Kate, obrigando-se a olhar para cima, o que só

lhe deu a oportunidade de ver como era o resto do seu corpo, o estômago contraído, o peito musculado, a seta de pelo a descer até... Ali.

— E agora preciso de me vestir — disse Gabriel, virando-se despreocupadamente. — Pedi ao meu criado que me deixasse de fora roupa para a noite. Esta noite vamos dançar, falei-te nisso, não falei?

Kate mordeu o lábio ao olhá-lo de trás, o poderoso volume dos seus ombros a estreitar até a cintura. Até o rabo era musculado e poderoso, tão diferente do traseiro redondo e roliço de Algie quanto se pudesse imaginar.

— Sim — disse ela, indistintamente.

Inclinou-se para pegar num fato que lhe havia sido deixado na mesinha.

— Nem sempre me importo com roupa interior — explicou conversador. — Mas quando um homem usa calções de seda, é razoável vesti-la. Especialmente se houver a mais pequena possibilidade de o seu pênis fazer uma aparição.

Ela acenou com a cabeça como uma boneca tonta enquanto ele vestia a roupa interior, seguida de meias com relógios bordados a fio dourados.

— São muito bonitas — conseguiu dizer e voltou a aclarar a garganta.

— Não posso dizer que em geral presta muita atenção à roupa que visto. — Gabriel enfiou um par de calções de seda tão justos que revelavam todas as protuberâncias.

Todas as protuberâncias.

— Não podes vestir isso — arfou ela, antes de pensar.

— Não aprovas? — Sorriu-lhe.

— Eu vejo, qualquer pessoa vê... — Fez um gesto na direção da sua parte da frente. Ele deu a você próprio uma palmadinha

descuidada.

— Isto não vai a lado nenhum até eu estar fora deste quarto. Vou ter de descer as escadas devagarzinho e pensar nalguma coisa terrivelmente aborrecida.

Uma camisa ondulante passou-lhe por cima da cabeça, mas esta era consideravelmente mais elegante do que a que usara antes, com um deslumbrante folhinho no pescoço.

— Tenho de lhe pedir um favor, minha senhora — disse, com uma voz tão grave como qualquer cortesão.

— Sim?

— Os meus punhos.

Os dedos dela deslizaram e tremeram ao enfiar-lhe os rubis pelas casas dos botões das mangas da camisa. Para dizer a verdade, sentia-se ávida. E essa não era uma emoção adequada a uma jovem senhora.

— Pronto — disse. A voz saiu-lhe como um ruído surdo e rouco.

Gabriel dirigiu-se ao espelho e atou o lenço do pescoço num instante, as mãos a moverem-se tão depressa, fazendoem pregas, a dobrarem e a darem um nó, que ela mal conseguia segui-las.

— Como estás a apertar o lenço? — indagou, esforçando-se desesperadamente por ter uma conversa. Qualquer tipo de conversa. Qualquer coisa que a levasse a deixar de o desejar como uma verdadeira rameira.

— Com o nó górdio — disse. — Não é demasiado alto nem espalhafatoso e deixa-me respirar.

— O Algie disse-me que muitas vezes estraga quatro ou cinco lenços de uma vez — comenta Kate. — Tentfazendo um *trône d'amour*,^[11] mas chama-lhe um cisne.

O canto da boca de Gabriel descaiu-lhe.

— O que ele parece é um ganso de pescoço comprido.

A seguir, foi um colete de seda, verde-escuro da cor do mar, com bordados pretos.

E, por fim, enfiou-se num casaco feito do mesmo tecido, tão justo quanto resplandecente.

Calçou um par de sapatos com fivela.

— Suponho que devia usar sapatos de noite — disse, — mas são horripilantemente frios nestes degraus de pedra.

Sem parar, voltou a dirigir-se ao espelho, puxou para trás o cabelo forte e prendeu-o num rabo-de-cavalo.

— Pó? — perguntou a você próprio e depois se virou para ela.

— Tenho de pôr pó? Afinal, este castelo é meu.

— Seguramente, muitos cavalheiros vão estar de cabeleira — conseguiu ela dizer. De um homem viril, nu, transformara-se no príncipe de um conto de fadas. — A sua...

Princesa Tatiana há de esperar que uses cabeleira.

— Odeio-as. Em mim e em você. Isto vai ter de servir. A minha espada — disse ele, olhando em redor. Pegou no seu espadim e prendeu-o em volta das ancas, debaixo do casaco. — Luvas. — Agarrou num par que estava em cima da mesa.

Depois, foi até junto dela e estendeu uma perna para frente, deslizando parafazendo uma graciosa reverência.

— Minha senhora, receio ter de a deixar.

Kate respirou fundo. O homem que estava à sua frente era o epítome da elegância, o mais magnífico exemplar de masculinidade que alguma vez embelezou um castelo.

Ela levantou-se, estendeu-lhe a mão.

Ele levou-a aos lábios e ela sentiu o toque da sua língua como um ferro quente. Os dedos tremiam-lhe e ele recompensou-a com um sorriso que faria desmaiar uma santa.

— Volto logo que possa. — Virou-se, as abas largas do casaco a

cintilarem atrás dele. Kate ficou no mesmo sítio, a olhar, sentindo-se como se tivesse sido enfeitiçada. Ele estava quase a sair, mas virou-se no último momento.

— Esqueci-me — disse. — Uma coisa para manter a minha convidada ocupada durante a minha ausência.

Estendeu o braço, pegou num livrinho com capa de veludo e atirou-lhe. Com bons reflexos, ela esticou a mão e agarrou-o no ar.

— Aí está minha Kate — disse ele, um sorriso forçado a dançar nos lábios. — Sabe quantas mulheres teriam guinchado e deixado cair o livro ao chão?

A porta fechou-se silenciosamente atrás dele.

Kate ficou parada por um momento e depois olhou para o livro. Os seus dedos percorreram o veludo e, lentamente, abriu a capa da frente e leu a página do título.

A Escola de Vénus.

Gabriel parou depois da primeira curva dos degraus que desciam da torre e tentou acalmar o pulso. O pênis ameaçava furar a seda e a única coisa em que ele conseguia pensar era no modo como os lábios de Kate se abriram num arquejo quando o viu em carne e osso.

Isso não a assustara. Era o gênero de mulher com quem os homens sonhavam do tipo que não se encolheria debaixo da colcha à espera de cumprir o seu dever marital, mas uma mulher com quem um homem podia envelhecer, descobrindo sempre, nunca se fatigando, nunca menos que enamorado, enfeitiçado, em voluptuosidade.

Inclinou a cabeça para trás, encostando-a a parede de pedra. Tinha o coração a bater descompassadamente no peito, tentando-o a dar meia volta, a abrir aquela porta de rompante, a cobrir-lhe a boca com a sua.

Mas ela não era sua. Não podia ser sua. A verdade gélida desse fato perpassou-lhe lentamente pelo sangue, como a chuva glacial que Dante descreveu no inferno.

Ela não podia ser sua, porque ele tinha o raio daquele castelo para sustentar. E isso significava que tinha de mexer o seu belo rabo até lá abaixo e ir conhecer Tatiana, a mulher envolta em rublos russos.

Precisava de pôr um sorriso e cativá-la ao jantar. Dançar com ela uma vez e depois novamente. E, no dia seguinte, no baile, devia abrir a dança com ela pelo braço.

Deviam casar no mês seguinte ao baile de noivado... Se tudo corresse bem. Claro que havia de correr bem.

Já não havia problema com os seus calções. Olhou para baixo e alisou uma ruga no casaco, depois desceu a escada.

Mas ainda tinha aquela noite, aquela última noite.

Estaria no jantar durante alguns pratos e depois havia de arranjar uma desculpa para voltar para cima, para voltar para Kate.

Um pequeno sorriso arqueou os lábios. Tinha planos.

No momento em que Wick o avistou a descer as escadas, fechou a porta da sala de estar atrás de você.

— Onde raio é que estiveste? A princesa chegou bem há uma hora e devias ter estado aqui para a cumprimentar — disse-lhe num tom furioso. — O tio dela está visivelmente desagradado.

— Lamento — disse Gabriel.

— O príncipe Dimitri não parece ser uma pessoa irascível, mas foi uma clara afronta quando tu não apareceste, seu idiota, cabeça de minhoca.

— Vou pedir desculpa.

Wick fitou-o, de olhos semicerrados.

— Não vais perguntar como é a sua futura mulher? Gabriel refletiu nisso e abanou a cabeça.

Wick disse qualquer coisa em voz baixa e depois:

— A propósito, o príncipe Dimitri e a sobrinha falam ambos, um inglês fluente. Vais ser acompanhado pela princesa Sophonisba. A princesa Maria-Therese vai ficar nos seus aposentos esta noite.

— Oh, não! A tia Sophonisba vai juntar-se a nós? — perguntou Gabriel com desalento.

— Pintou tanto os olhos que não vai ser capaz de ver o jantar — disse Wick. — Está ali dentro, a encharcar-se em brande. — Depois, baixou a voz. — Diz-me só, que fizeste à Kate?

— Está no meu quarto a ler. Só a ler.

— Nunca imaginei que fizesses uma coisa destas — disse ele, a voz tensa de raiva. — Se não fosses meu irmão, saía desta casa.

— Eu não estou fazendo nada — disse Gabriel, por entre dentes

cerrados. — Por amor de Deus, Wick, achas que eu ia tirar-lhe a virgindade? Achas que eu sou esse gênero de homem?

— Baixa a voz. Qualquer pessoa pode descer por aquela escada — disse ele bruscamente. — Se não estás, que diabo é que ela esta fazendo no teu quarto?

Gabriel levantou a mão direita um tanto às cegas e calçou uma luva.

— Está a ler. Eu disse-te. Só a ler.

Wick fitou-o.

— Raios te partam.

— Consegui — disse Gabriel, em tom familiar. — Encontrei a mulher, a única mulher para mim. Encontrei-a, e agora... Vou conhecer a minha mulher.

Wick fez um movimento súbito.

— Não.

— A vida é assim, Wick — disse Gabriel, calçando a outra luva. — Nem sempre é justa. Devias ser o primeiro a sabê-lo. Para o caso de queres saber, a Kate compreende a razão por que tenho de casar com a Tatiana. Passou sete anos a trabalhar como uma escrava para a madrastra, tanto quanto percebo porque não conseguia abandonar os criados e os inquilinos das propriedades do pai à mercê da madrastra.

— Então, casa com ela. Traz os criados dela para aqui e juntamo-los ao pessoal.

— Mal conseguimos alimentar o leão — disse Gabriel, endireitando o espadim. — Não me trates como uma donzela a penar por amor, Wick. Preciso casar com uma mulher com montes de dinheiro e é isso que estou a planejar fazer.

— Nós arranjamo-nos — insistiu Wick. — Não vás para frente com isso.

— Como iria eu sustentá-los a todos? Quem compraria o brande

da Sophonisba, a carne de vaca para o leão, as velas, o carvão de que precisamos para suportar o inverno?

— Às quintas dos inquilinos... — começou Wick.

Gabriel abanou a cabeça.

— Passei horas a examinar os livros. Com o tempo, as quintas vão dar lucro. Mas passaram por um grande desleixo. As casas deixam entrar água, a sacristia da igreja da aldeia, segundo consta, desmoronou-se no ano passado. Pelo que sei, as crianças têm fome. Além disso, se desfizesse o noivado, teria de pagar uma indenização. Preciso de três dotes, não de apenas um.

O comentário de Wick foi curto, mas sincero.

— Com o tempo, hei de esquecer a Kate. — Olhou Wick diretamente nos olhos quando o disse.

Nunca a esqueceria. Wick também o sabia.

— Nunca te disse quanto aprecio a honra de ser teu irmão — disse ele então.

Gabriel esboçou um sorriso.

— O sentimento é mútuo.

Mal entrara na sala de estar quando as portas atrás dele voltaram a abrir-se e a voz de Wick ribombou:

— Sua Alteza Real, a princesa Tatiana. Sua Alteza Real, o príncipe Dimitri. Gabriel endireitou os ombros e virou-se para enfrentar o seu futuro.

Tatiana estava parada à entrada. Envergava um requintado vestido de seda creme, bordado, todo ele, com raminhos de flores. Tinha olhos grandes e inocentes; lábios de um rosa perfeito. Era como uma bebida doce de morangos e natas, a sua pele um leite perfeito, os seus caracóis escuros acetinados.

Gabriel avançou e fez-lhe a sua melhor reverência. Ela inclinou-se numa reverência com toda a graciosidade de um membro da corte francesa. Ele beijou-lhe a mão e ela sorriu-lhe, de um jeito um

pouco envergonhado, mas muito doce.

Se as nuvens se tivessem aberto e uma voz troante tivesse dito Esta é a sua noiva, ele não teria ficado surpreendido.

Tatiana era notavelmente boa na cama. Embora fosse recatada, o seu decote fundo exibia o seu estatuto de mulher desejável. Não precisava de amigos do peito. Era tudo o que Kate não era: boa na cama, boa a obedecer e rica.

Tinha vagamente esperado odiá-la e nem sequer conseguia fazê-lo. Bastou-lhe uma olhadela rápida para ver que ela era muito simpática. Nunca lhe gritaria como uma megera; não estava no feitio dela.

O seu tio Dimitri exibia um largo sorriso e balançava para trás e para a frente sobre os seus tacões.

— Já estive neste castelo — declarou, com um sotaque pronunciado. — Vim aqui de visita quando era garoto, quando Lorde Fitzclarence tinha o castelo. Disse ao meu irmão que valia a pena vir para Inglaterra para ter o castelo.

O maldito castelo, pensou Gabriel, embora voltasse fazendo uma reverência e a sorrir.

— Pensei que o veria esta tarde — disse Dimitri, lançando a Gabriel um olhar perspicaz.

— Peço desculpa — disse Gabriel. — Não tive conhecimento da sua chegada.

— Esta jovenzinha é a menina dos olhos do pai — declarou Dimitri.

Dos lábios de Tatiana escapou-se um pequeno som; estava corada de embaraço. Gabriel voltou a inclinar-se e dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador.

— Eu tenho de dizer o que me compete, menina tímida — disse Dimitri. — Nós somos do Reino de Kuban, Vossa Alteza. Suponho que não deve ter ouvido falar muito

dele.

— Não ouvi — disse Gabriel, — mas...

Dimitri interrompeu-o.

— O meu irmão ajudou a fixar os cossacos junto ao Mar de Azov. Portanto, durante gerações não andamos por aí como uns príncipes de segunda.

Gabriel acenou respeitosamente. Por cima do ombro, Wick estava fazendo-lhe um sinal a indicar que devia iniciar o desfile até a sala de jantar.

— Onde eu quero chegar — disse Dimitri — é que o pai não queria que ela fosse empurrada para este casamento. Se a Tatiana gostar de você, fica. Se não, vamos embora, dote e tudo, e nada de conversa de noivados desfeitos. — O seu sorriso deixou ver-lhe os dentes e, de súbito, Gabriel viu, apenas num ápice, um guerreiro cossaco por detrás do homem vestido de veludo azul.

Inclinou-se outra vez ainda. Graças a Deus, naquele momento Wick tocou-lhe no ombro, por isso ele virou-se para Tatiana e ofereceu-lhe o braço.

— Vossa Alteza, eu posso acompanhá-la até a sala de jantar?

Ela sorriu-lhe e ele reparou que, embora fosse tímida, não ficava inibida por causa disso. Um dia, seria uma mulher senhora de você e eloquente. Uma princesa perfeita, em suma.

O príncipe Dimitri tomou o seu lugar atrás deles, com a tia de Gabriel, princesa Sophonisba, pelo braço, e abriram caminho para a sala de jantar; seguidos por uma grandiosa comitiva de joias, veludos e sedas. As mulheres iam requintadas, como doces fofos e deliciosos. Os homens iam aprumados e aprimorados, como aristocratas elegantes que eram.

A única pessoa que ele queria ver, a única pessoa com quem queria comer, estava lá em cima, com um vestido simples, uma cabeleira cor-de-rosa e um par de seios de cera.

O príncipe Dimitri foi rapidamente arrastado para uma discussão com Lady Dagobert sobre se a corte portuguesa devia ficar no Rio de Janeiro ou voltar para Portugal, o que deixou Gabriel entabular conversa com Tatiana.

Só que a tia Sophonisba era velha demais para se preocupar com regras que determinavam quem falava com quem, portanto, berrou toda uma série de perguntas a Tatiana, que estava no outro lado da mesa. Sophonisba era uma megera rabugenta, na opinião de toda a gente. O irmão Augustus odiava-a e metera-a no barco com a mesma satisfação com que se desfizera do leão.

— É a mais nova de quatro irmãos, não é? — perguntou Sophonisba, quando o primeiro prato estava a ser retirado. Parou e meteu a mão debaixo da cabeleira para coçar o couro cabeludo.

— Nós éramos oito. O quarto das crianças era um manicômio.

Tatiana sorriu e murmurou qualquer coisa. Tinha, obviamente, bom coração e mesmo que estivesse um pouco surpreendida com os modos ásperos da tia dele, não deixava que isso afetasse a sua cortesia.

— A menina é uma coisinha linda — disse Sophonisba, pegando numa perna de frango e agitando-a como se nunca tivesse ouvido falar de garfos. — Para que estás a olhar? — perguntou a Gabriel com brusquidão. — Se serve para a rainha Margherita, também serve para mim.

Tatiana estava a dar risadinhas.

— La Regina Margherita mangia il pollo com le dita — disse-lhe Sophonisba. — É capaz de traduzir isto, menina?

— Não sou muito boa a italiano — disse Tatiana, — mas penso que a rainha Margherita come frango com as mãos?

— Muito bem — disse Sophonisba. — Quanta língua fala?

— Eu e o meu irmão mandamos os nossos filhos estudar para a Suíça — informou o príncipe Dimitri, apanhando a pergunta. — A

Tatiana é uma das mais espertas da nossa prole; cinco línguas, não é meu pastelinho?

— Tio Dimitri! — exclamou Tatiana.

— Já não posso chamar-lhe pastelinho — disse o príncipe, fazendo um sorriso tão largo que Gabriel viu todos, os dentes que lhe faltavam. — Embora ela fosse, em bebê, o pastelinho mais adorável que eu alguma vez vira. Na Rússia, adoramos pastelinhos; são mais preciosos do que rublos.

Tatiana rolou os olhos.

— Eu nunca casei, sabe — ladrou Sophonisba.

Espetou Gabriel e ele deu um salto. A sua mente tinha voado mais uma vez para

Kate.

— O patife do pai deste tipo, meu irmão, nunca aceitou uma oferta pela minha mão. Eu podia ter tido quem quisesse! — Franziu a sobancelha para toda a mesa, como se estivesse a desafiar alguém a discordar.

A verdade é que Sophonisba tinha estado noiva de um príncipezinho na Alemanha, mas, depois de ela chegar à sua corte e de ele ter passado um ou dois dias com ela, ele fugiu. Fora mandada para casa com grande desonra e o grão-duque nunca mais se preocupou em tentar arranjar-lhe casamento.

— Sua Alteza — disse Gabriel a Tatiana — era uma beleza famosa.

— Ainda sou — disse Sophonisba prontamente. — A beleza de uma mulher não é apenas uma questão de juventude.

Tatiana acenou docilmente.

— A minha avó sempre disse que as maiores belezas do seu tempo andavam tão cobertas de pó e com tantos sinais de beleza no rosto que não se conseguia perceber se por baixo estava uma mulher ou um cavalo.

Houve um momento de silêncio. Sophonisba tinha quatro ou cinco sinais de beleza colados no rosto coberto de pó; um deles estava a desfazer-se e a deslizar do osso malar.

Tatiana ficou de boca aberta e vermelha como um pôr do sol de outono.

— Não que eu tencionasse mencionar algo desse gênero sobre a senhora, Vossa Alteza — arfou ela.

— Eu não andava por aqui quando a sua avó era jovem — disse Sophonisba, com evidente hipocrisia, uma vez que devia ter uns setenta e cinco anos. — Não podia saber de que estava ela a falar.

Virou a cabeça e berrou para Dimitri, que estava no outro lado da mesa:

— Isso é um autêntico disparate, o que esta dizendo dos portugueses. Nem um bêbado no meio deles.

— Peço muita desculpa — disse uma voz calma junto ao cotovelo direito de Gabriel.

— A minha tia não ficou ressentida — disse ele, sorrindo a Tatiana. Ela era terrivelmente jovem.

— Por vezes sai-me da boca uma inconveniência — sussurrou ela.

— Príncipe! — disse a tia, interrompendo esta revelação encantadora, se bem que enfadonha. — Para falar sem rodeios, a minha bexiga está quase a rebentar.

Gabriel levantou-se.

— Se todos me dão licença — disse à mesa, — a princesa esta sentindo uma indisposição e vou acompanhá-la aos seus aposentos.

— Não é uma indisposição; é apenas velhice — disse Sophonisba, agitando a bengala a Wick. Ele veio imediatamente, afastou-lhe a cadeira para trás e ajudou-a a levantar-se.

— Você és o melhor de todos — disse-lhe Sophonisba, como sempre dizia. Beliscou a face e depois olhou triunfantemente em

redor da mesa. — Ilegítimo, mas tão príncipe como aqui o seu irmão.

Lady Dagobert ficou roxa de indignação com esta quebra de decoro, mas o príncipe Dimitri parecia estar a engolir um sorriso, o que era um ponto a seu favor.

Enquanto Wick ajudava Sophonisba a endireitar as saias e a pôr a bengala na posição certa, Gabriel inclinou-se para o ombro de Tatiana.

— Vê — disse em voz baixa nada que pudesse dizer me envergonharia.

Ela levantou os olhos, as covinhas a verem-se. Haveria de dar uma bela princesa; mesmo o contato íntimo com Sophonisba não lhe abalaria a compostura. Mais, sabia línguas.

Era perfeita.

Os aposentos da tia ficavam no piso mais baixo da torre. Demoraram uns bons vinte e cinco minutos a chegar à porta do seu quarto, pois ela parava constantemente para esfregar o tornozelo e queixar-se das lajes do chão, da umidade e do modo como ele lhe segurava no braço — com demasiada força para o seu gosto, declarou ela.

No momento em que a porta se fechou atrás dela, ele virou-se e galgou as escadas de pedra.

Tinha desaparecido durante quase duas horas. Nestas circunstâncias, Kate tivera tempo mais que suficiente para absorver cada uma das imagens do livro de Aretino.

Entretanto, no quarto de Gabriel, Kate abriu o pequeno volume salaz, olhou-o apenas o tempo suficiente para verificar que sim, que os homens de Aretino não tinham comparação com Gabriel na área mais pertinente e voltou a fechá-lo. Não tinha qualquer desejo de examinar ilustrações de homens e mulheres entrelaçados em cima de uma cama. Ou numa cadeira ou em qualquer outro sítio.

Tinha, na sua mente, o corpo vivo, nu, de Gabriel, e nada mais podia interessar-lhe para, além disso.

Pousou o livro e dirigiu-se a uma mesa grande colocada em frente da janela. Gabriel tinha-se esquecido de lhe mostrar o frasco que outrora guardara os brinquedos de uma criança, mas ela calculou que fosse representado por uma coleção de fragmentos de barro cuidadosamente organizados. À direita, estava um pedaço de papel almaço, coberto de notas meticulosas, lindamente manuscritas, sobre o frasco.

Mas isso não era tudo o que a mesa tinha. Havia mais um leque, para além daquele que ele lhe tinha atirado. Parecia ainda mais antigo e o papel estava a soltar-se das suas varetas delicadas.

Havia um livro pequeno intitulado *A mais estranha aventura que alguma vez aconteceu, quer no passado ou no presente*, um montinho de moedas de cobre, de formas grosseiras, e obviamente muito antigas. Um diagrama aparentava calcular os movimentos de sete planetas e um frasquinho de vidro tinha o rótulo *Diacatholicon Aureum*. Kate pegou nele cuidadosamente, tirou a rolha, cheirou, mas não conseguiu perceber o que era.

Por fim, ela pegou numa revista muito manuseada, chamada *Antiguidades Jónicas*, voltou para a cadeira de veludo e começou a ler. Vinte minutos mais tarde, depois de uma dissertação exaustiva e provavelmente erudita de *Les Edifices Antiques de Rome*, dirigiu-

se à cama.

Disse a você própria que devia acordar no momento em que os pés de Gabriel soassem nos degraus de mármore, no preciso momento em que a porta se abrisse. Podia saltar da cama e não daria a mais pequena ideia de que estava a convidá-lo a juntar-se a ela.

Quando Gabriel abriu a porta do quarto, Kate estava enrolada como uma gatinha no meio da cama. A cabeleira estava às três pancadas e tinham-lhe caído para o rosto, fios brilhantes de cabelo. Tinha tirado os sapatos, mas de resto estava vestida como quando ele a deixara.

Era terrivelmente bela. A pele era mel, a de Tatiana era nata. As faces de Tatiana tinham covinhas e eram redondas; as maçãs do rosto de Kate raiavam o esquelético. Os lábios de Tatiana eram fofos e macios; Kate dormia com um ar feroz, o lábio inferior vermelho como um rubi, como se o tivesse mordido enquanto dormia.

Após um olhar, o pênis de Gabriel voltou a retesar os calções. Gabriel afastou-se com um gemido silencioso.

Tinha uma única noite, apenas aquela noite.

Andando silenciosamente por trás da área do quarto, separada pelo cortinado, abriu uma portinha de madeira que ficava à altura da cintura, meteu a mão lá dentro e tocou uma campainha que soou nas cozinhas.

Um momento depois, ouviu o som de rolamentos e solavancos que indicava que o elevador estava a subir. Esperou até ele chegar ao fim da viagem, depois meteu a mão lá dentro e agarrou no balde de água a ferver e despejou-a na banheira, soltou a corda, e voltou a mandar o balde para baixo, para as cozinhas.

Quase se salpicou com o balde seguinte e percebeu que não podia molhar o casaco, uma vez que tinha de voltar lá para baixo, se não para jantar, pelo menos para dança.

Hábil e rapidamente, com o gênero de requinte que punha em

todas as tarefas, tirou casaco, colete, camisa e calções, dobrando a roupa em cima de uma cadeira. Deixou só a roupa interior; era a vez de Kate ficar nua.

Um momento mais tarde olhou para a sala dos banhos com satisfação. Tinha acendido velas em toda a parte e colocado um copo de vinho a uma tentadora distância da banheira.

Com uma toalha no braço, voltou para a cama e sentou-se suavemente ao lado de Kate. O seu rosto estava agora mais suave e os lábios estavam arqueados num sorrisinho, como se o que quer que fosse que antes a preocupara tivesse desaparecido, deixando-a num sonho feliz.

Tirou-lhe um gancho do cabelo. Ela não se mexeu. Tirou outro, e mais outro, até ter todos os ganchos que conseguia ver. Depois, tentou puxar-lhe a cabeleira com suavidade, mas nada aconteceu.

As pestanas tremularam e ele pensou que Kate estava a acordar, mas ela limitou-se a virar-se, de modo que o ombro e as costas ficaram voltados para ele.

Na realidade, Kate estava a controlar cuidadosamente a respiração, interrogando-se, desesperada, sobre o que fazer. Vira com um pestanejar rápido, que havia um peito nu inclinado sobre ela.

Um desejo ardente fê-la querer abrir os olhos e enrolar os braços em volta do pescoço. Queria puxar aquele corpo lindo para cima do seu e deixar os dedos correrem sobre o peito e as costas dele. Era uma febre devoradora que lhe pulsava no peito e lhe enviava línguas de fogo pelas pernas abaixo.

Mas a parte cautelosa do cérebro mantinha-a paralisada no mesmo lugar, olhos fechados, tentando persuadir Gabriel de que ainda estava a dormir. Estava com medo.

Ele era muito terno, na maneira como lhe tirava, cuidadosamente, os ganchos do cabelo, como que temendo acordá-la.

Ele era muito belo, sentado a seu lado, quase nu, à luz dourada das velas.

Ele era muito tudo, muito todas as coisas. Com uma pontada, compreendeu exatamente o que estava a assustá-la: era o terror de que não haveria vida satisfatória sem aquele príncipe. De que ele era tudo para ela e de que, sem ele, bem podia voltar para Mariana e passar a vida miseravelmente, protegendo os inquilinos.

— Kate — murmurou ele e ela percebeu que os seus lábios lhe roçavam a garganta, puxando-lhe o cabelo para trás, deambulando sobre as orelhas. — Está na hora do teu banho. Tenho uma banheira cheia de água a fumer à sua espera.

— Ah... Olá — disse, com um ar tolo. Mas não se virou. Ele tinha-lhe tirado a cabeleira e estava suavemente a passar-lhe uma mão pelo cabelo. Ela sentia-se tão bem que se deixou divagar, olhos fechados, sentindo apenas a carícia sensual dos seus dedos.

Então, compreendeu subitamente o que estava a acontecer e tentou impedi-lo, mas era tarde demais. Os seus dedos ágeis tinham-lhe desapertado todos os botões das costas do vestido. Ela sentou-se na cama, agarrada ao corpete.

— Gabriel — disse ela, com ar admoestador, fitando-o de olhos semicerrados.

— Prometeste que podia beijar-te em qualquer sítio — disse ele, enfiando-lhe um dedo no corpete e dando-lhe um puxão delicado.

— Não me lembro de ter dito isso! E porque não estás vestido?

— Tenho vestidos os meus trajes menores — observou ele. E depois acrescentou: — Exceto a parte de mim que o não é.

Ela olhou para baixo, apenas o tempo suficiente para ver que, de fato, uma parte dele estava projetada para fora da parte superior do cóis.

— Não devias — protestou, mas nesse momento ele curvou-se e comprimiu a sua boca contra a dela. Mesmo assim, ela continuou a

falar, mas as palavras foram diminuindo enquanto a língua dele seguia o contorno suave dos seus lábios.

— Podia beijar-te a boca a noite inteira — sussurrou ele.

Kate disse de você para você que beijos foi o que ela prometera.

Na verdade, não tinha pensado que ele ia estar nu... Mas, pelo menos, tinha roupa interior. Mesmo que parecesse não cobrir aquela parte dele.

Uma pequena parte da sua vontade cedeu e ela enrolou os braços à volta do pescoço. Ele respondeu instantaneamente, aceitando a sua boca aberta e puxando-a contra o seu peito nu. Kate derreteu-se, uma sensação tão esmagadora que começou toda a tremer. Ele beijou-a até que um fogo incontrollável lhe dançou nas veias, até que o desejo lhe deslizou como brande pelas pernas.

— Gabriel, eu... — sussurrou.

— Chiu, doce Kate — disse ele, afastando-se. — Agora vou tirar-te o vestido. — Sem esperar por resposta, puxou o vestido para a frente, fazendo-o descer sobre os seus seios, sobre o corpete com os postigos de cera, até à cintura.

— Os meus braços — disse ela, arquejando. — Não me posso mexer.

— O meu beijo — disse ele e a sua voz fez o fogo incontrollável queimar com mais intensidade. Era rouca, como se ele estivesse a controlar-se o melhor que podia. Não lhe libertou os braços.

Ela viu as mãos dele a desatarem-lhe o corpete com destreza e depois a abrirem-no. Os seus amigos do peito foram atirados ao chão; os seus seios, elevados e rígidos pela compressão do corpete, caíram-lhe nas mãos como maçãs maduras.

Ficou paralisado por um momento e depois lhe esticou a chemise sobre o peito. Era de seda, tão frágil como uma teia de aranha.

— Oh, meu Deus — disse ele, como se as palavras lhe tivessem

sido arrancadas dos pulmões. — Nunca vi coisa mais bela. Nunca.

Os lábios de Kate se abriram para dizer qualquer coisa, mas nem uma palavra saiu porque Gabriel tinha-lhe passado o polegar, lentamente, sobre o mamilo. A sensação que lhe ardia nas pernas ficou em chamas. Dos lábios, saiu-lhe um grito abafado.

— Tenho de te saborear. — Com um movimento rápido, levou-lhe as mãos a chemise e arrancou-a. A seda separou-se tão docemente como um pêssigo aberto a cair em dois pedaços.

— Gabriel! — exclamou ela, mas teve a certeza de que ele nem sequer a ouviu. Estava a olhar intensamente para os seus seios, os olhos incendiados.

Em suas mãos, os seios dela não pareciam demasiado pequenos. Não pareciam precisar de amigos de peito para enchê-los. Eram suculentos e redondos, exatamente da forma perfeita.

Então, ele baixou a cabeça, de cabelo escuro, e ela sentiu no seio o toque dos seus lábios. Tinha visto isso nas imagens de Aretino — homens a mamar em mulheres como se fossem bebês de colo. Tinha torcido o nariz e virado à página, convencida de que o italiano estava a representar alguma espécie de perversão grotesca.

Mas, ao toque da boca de Gabriel, sentiu uma onda de prazer que era diferente de qualquer coisa que alguma vez sentira na vida. Não conseguia respirar e da garganta saiu-lhe um grito. Gabriel sugou com mais força e um polegar roçou-lhe o outro mamilo; a mente de Kate ficou completamente vazia, o seu corpo desenhou um arco, um gemido soltando-se dos lábios.

— Eu sabia — sussurrou ele, rouco. Ergueu a cabeça apenas o tempo suficiente para ela ver o júbilo louco nos seus olhos.

— Eu... — Mas as palavras perderam-se quando ele prestou atenção ao seu seio esquecido. E, por seu lado, Kate não era capaz de formar palavras, não tinha poder de fazer nada além de se contorcer sob ele, arfando.

Quando ele voltou a levantar a cabeça, o corpo dela pulsava o

sangue a cantar-lhe pelas pernas.

— Gabriel — sussurrou.

Ele voltou à boca dela, beijando-a como que a castigá-la, fazendo-a arquear-se contra ele, perdida numa tempestade ardente de excitação e desejo.

Quando ela se afastou, sabia perfeitamente que a sua vontade estava esgotada; todo o seu lado prático posto de lado, como se não existisse.

— Por favor, deixa-me sair daqui — ela suplicou a voz rouca, os olhos errando sobre o seu peito... O peito que ela não pudera tocar porque ainda tinha os braços presos no vestido.

Ele recuou sem uma palavra, mas ela viu o modo como se esforçava para respirar. Com um movimento rápido, Kate balançou as pernas sobre a beira da cama e levantou-se. Sacudiu os braços para libertá-los das mangas do vestido, mas segurou-o à cintura, permitindo que os seus olhos ardentes a apreciassem.

— O que um faz, o outro pode fazer — disse-lhe ela, um sorriso aflorando-lhe aos lábios.

Os olhos dele abriram-se e ela, lentamente, muito lentamente, deixou cair o vestido ao chão. Gabriel tinha-lhe rasgado a chemise até a cintura, por isso tirou-a dos ombros, mas não a deixou cair, segurando-a sobre os seios, fazendo-a passar pelos mamilos, estremecendo com a sensação da seda a roçar-lhe partes que tinham ficado doridas pela boca dele.

Gabriel fez um movimento, como se estivesse prestes a saltar da cama, mas ela, com um olhar, fê-lo parar.

— Você despiste-te sozinho — disse ela, deixando uma mão deslizar-lhe da clavícula, descer pela curva do seio direito até a seda frágil da chemise que se lhe colava às ancas.

— Por favor — disse ele, a voz rouca.

Afastando o vestido dos pés, ela virou-lhe as costas e dirigiu-se,

com um ar atrevido, para a mesa.

— Parece estar um pouco encalorado, Vossa Alteza. Talvez o leque ajude.

Pegando no leque que ele lhe tinha dado umas horas antes, caminhou vagarosamente para a cama.

— Uso-o sempre que estou com demasiado calor — cantarolou, abrindo-o de rompante e abanando com ele o rosto. Depois, um pouco mais abaixo, os seios. Um pouco mais abaixo... A chemise ondulava com a brisa.

— Não sei por que — disse ela, — mas parece que, neste momento, estou com um calor invulgar.

— Kate — disse Gabriel, a voz um gemido. — Você não és virgem. Diz-me que não és virgem.

O sorriso dela desvaneceu-se e o leque caiu ao chão.

Gabriel saltou da cama como se estivesse possuído, puxando-a para os seus braços.

— Eu não queria dizer aquilo que pareceu.

Kate tentou dizer qualquer coisa, mas a sensação do corpo dele contra o seu roubara-lhe de novo a lógica, lançara-a numa tempestade de excitação e desejo. O corpo dele era duro e desafiador contra o seu, transmitindo uma inequívoca exigência masculina que fez os seus joelhos vergarem.

— Você és virgem; eu sei que és virgem e respeito-o — dizia-lhe Gabriel, a boca no seu cabelo. — Eu nunca insinuaria outra coisa, querida. Foi apenas o grito de um homem que desejava que o fado fosse outro.

Ela enroscou-se contra o peito, sentindo o coração de ele a bater violentamente.

— Desejavas que eu fosse à devassa que me sinto — sussurrou. A excitação enovelava o estômago com mais força. Levantou dedos fortes a acariciarem a coxa, depois subiram mais... e depois mais

ainda.

Ela sentou-se.

— Gabriel!

— Chiu, querida — disse ele. E, dito isso, os seus dedos deslizaram para uma carícia. Aquilo não era um beijo... Tinha de o fazer parar.

Em vez disso, as pernas afastaram-se, numa súplica silenciosa para que ele continuasse. O que quer que fosse que ele estava fazendo foi fatal para o seu autodomínio. O bom senso de Kate, a sua força de vontade, tudo o que a fazia resoluto e forte, tudo isso abandonou. Tudo o que restava era um corpo que rejubilava ao seu toque e se arqueava para ele.

A sua outra mão percorreu o seio e ela lançou a cabeça para trás e gritou alto. As mãos dele eram como fogo, provocantes, torturantes, acariciando-a...

— Eu... — resfolegou.

Um dedo mergulhou no seu lugar mais íntimo, por um segundo palpitante, e ela quebrou, gritando, os braços lançando-se em volta do seu pescoço, o corpo a tremer, enquanto carícia após carícia de fogo lhe percorria o corpo.

Kate voltou a você lentamente, descobrindo que os seus braços molhados estavam presos em volta do pescoço de Gabriel, que os seus olhos estavam fechados com força.

Os dedos dele aliviaram as suas pregas roliças, dando-lhes um pequeno afago de despedida que lhe enviou um último estremecimento através do corpo.

— Deus todo-poderoso, Kate — disse, como uma espécie de gemido.

Ela não se mexeu. Sentia-se a transpirar — e estava dentro de água. Tinham-lhe saído da boca barulhos que não imaginara que alguma senhora pudesse alguma vez fazer. O prazer foi substituído

por uma onda de vergonha tão violenta que teria preferido morrer a abrir os olhos.

Mais — embora isso fosse uma preocupação menor, ainda tinha as pernas a palpitar.

— Kate? — perguntou ele, a voz exatamente tão pecaminosa como antes. — Vais alguma vez abrir os olhos?

Ela abanou a cabeça, mantendo o rosto colado à sua pele. Tinha um cheiro quente e masculino e indescritivelmente sedutor.

Uma mão deslizou-lhe pelas costas, seguindo a curva da espinha sob a água, deslizou-lhe em torno da curva da anca.

— Quero beijar-te aí — disse, em tom familiar.

O corpo de Kate moveu-se num espasmo do choque.

— Não — disse ela, a palavra abafada contra a pele dele.

— Tenho de ir lá abaixo e dar início à dança, mas, Kate...

Suavemente, tirou-lhe os braços do pescoço e levantou-se.

Forçosamente, ela abriu os olhos. Todo ele era músculo tenso, mesmo a parte que aparecia ferozmente acima do cós da sua roupa interior.

— Isso não é desconfortável? — perguntou ela, consciencializando-se imediatamente de que o seu esforço para ter uma conversa informal foi um falhanço.

Havia algo dorido na sua voz, algo que lhe suplicava que ficasse. Ele não podia ficar.

Esfregava o peito com uma toalha e fitava-a como se não pudesse afastar o olhar.

— É — respondeu ele, sem expressividade. — Vou ter de esperar ali na escada durante uns bons dez minutos.

Olhando-lhe para o rosto, Kate compreendeu de súbito que não havia razão para o seu enorme embaraço. O que se passava entre eles, por muito íntimo que fosse não era vergonhoso.

Por isso, sem rodeios, deixou as pernas afastarem-se, tal como elas queriam, e passou a mão pelo interior da coxa.

— E se eu quiser esse beijo... Agora? — sussurrou.

Só de pensar nisso, a carne pulsou-lhe sob o seu ligeiro toque.

— Estás a matar-me — disse ele, a voz rouca. — Tenho de ir, Kate. Você sabe. Ela lançou lhe um sorriso diabólico.

— Está bem. Desde que te lembres de que eu estou aqui, à espera. — Deixou a cabeça cair para trás e os seios ergueram-se acima da água.

Ele fez um ruído abafado e desapareceu através dos cortinados de veludo. Kate ouviu a porta fechar-se atrás dele.

Um sorrisinho arqueou os lábios. Aprendera algo maravilhoso, parecia-lhe. Gabriel iria lá abaixo, faria o que tinha fazendo... E depois voltaria.

— Por pouco não falhavas a primeira dança — silvou Wick. — Atrasei os músicos tanto quanto pude, dizendo a toda a gente que a Sophonisba tinha adoecido.

Gabriel sentia-se como que num sonho. A sua mente, o seu coração estava preso lá em cima, com Kate, com a mulher de seda e mel que o aguardava.

A única coisa que o levou até a entrada do salão de baile foi o férreo sentido do dever no qual tinha sido treinado desde a nascença.

— Estou aqui — disse tenso.

— Não é uma noite boa — disse Wick, olhando para ele. — Ela está ali. — Acenou com a cabeça na direção de Tatiana e do tio, que estavam no centro de um pequeno círculo de cavalheiros.

Gabriel atravessou a sala como um sonâmbulo e pediu desculpa a Tatiana e ao duque por ter estado ausente durante a maior parte do jantar.

— A minha tia tem muita idade, como puderam ver — disse. — Quando chegamos aos seus aposentos, não estava a sentir-se bem e ela é bastante autoritária quando pede ajuda nessas alturas.

— Eu admiro um homem com sentido das suas responsabilidades — disse Dimitri, balançando-se para trás sobre os calcanhares e sorrindo a Gabriel com ar de aprovação. — Na Rússia, a família vem sempre primeiro. Não gosto do gênero de relações familiares que se veem em Inglaterra, em que um filho tem dificuldade em reconhecer os seus laços de sangue.

Uma menina pequenina de nome Mery e o rosto de Kate dançavam na mente de Gabriel quando se virou para Tatiana e lhe pediu a mão para dançarem.

Tatiana dançava como uma pena, as suas vérias graciosas, o seu sentido de sincronia impecável. E Gabriel, treinado para dançar desde os três anos, era tão bom como ela.

Vagamente, vindo de uma bruma de frustração sensual, teve consciência do prazer de ter uma parceira com quem estava verdadeiramente em harmonia.

— Talvez pudéssemos dançar outra vez? — perguntou ele, quando a música chegou ao fim.

Ela concedeu-lhe um sorrisinho.

— Na verdade, Vossa Alteza, seria um prazer.

— Uma valsa, talvez — disse ele, sabendo que estava a assinar a sua sentença de morte. A partir do momento em que começasse uma valsa e ele pisasse aquela pista com Tatiana nos braços, seria uma questão de dias até estar a assinar o contrato nupcial.

Essa dança era considerada demasiado sensual e indecorosa por muitos picuinhas da alta sociedade; pisar a pista com uma mulher solteira era o equivalente a um anúncio do seu casamento iminente. Não que alguém tivesse qualquer dúvida quanto a isso.

Ela pareceu um pouco confusa, como se uma sombra da frieza que trespassava o corpo de Gabriel se lhe tivesse tornado visível nos olhos.

— Seria uma honra para mim — disse ele, controlando-se.

Tatiana deixou-o para segurar a mão de Toloose, lançando lhe o sorriso confiante de uma menina que está descobrindo o seu poder sobre os homens.

— Teria de pedir ao meu tio — respondeu-lhe, um riso secreto nos olhos, mostrando que compreendia tão bem como ele o que uma valsa implicava.

Gabriel respirou fundo. Se dançasse mais duas ou três séries e depois dissesse à orquestra que tocasse a valsa mais curta que tivesse no repertório, então podia fingir que caía, ou fingir que se

embebedava. Qualquer coisa, para sair daquela sala e voltar à sua torre.

Uma pancada seca e breve nas costas fê-lo voltar a você. Lady Wrothe estava ao seu lado.

— A música está recomeçando — afirmou Henry. A expressão do seu rosto não era completamente adorável.

— Lady Wrothe — disse ele, fazendo uma reverência. — Teria a gentileza de...

— Sim, não vou participar nesta dança — disse ela, interrompendo-o. — Muito gentil da sua parte, uma vez que torci um tornozelo com estes meus malditos saltos. — Dirigiu-se diretamente a uma pequena alcova isolada, apenas com o tamanho suficiente para o seu sofá acolchoado.

— Bem, onde está a minha afilhada? — perguntou sem preâmbulos.

— Fui ao quarto dela, portanto, sei que há uma aldrabice em relação ao seu estômago. A Kate não é do gênero de sofrer achaques; admiraria muito se a menina tivesse passado um dia na cama em toda a vida.

O maxilar de Gabriel cerrou-se quando lhe vieram à mente imagens de como ele e Kate podiam passar um dia, juntos, na cama.

— Receio não poder ajudá-la — disse ele através do grito que lhe ressoava nos ouvidos.

— Não poder ou não querer? — perguntou Henry, dando-lhe novamente uma pancadinha ríspida com o leque. — Eu não sou um palhaço, sabe. Os pais daquela menina bateram ambos a bota e por isso ela agora é minha. E eu — sorriu com todo o encanto de uma mãe tigresa — não ficarei contente se o seu coração ficar despedaçado.

— Eu sentiria o mesmo — disse Gabriel.

— Quem haveria de dizer, vendo-o girar na pista com essa

sobrealimentada menina russa pelo braço?

— A princesa Tatiana é uma menina muito... — Parou. — É uma linda menina.

— Mas gostaria a Kate de o ver fazer olhinhos a essa linda menina?

— Lady Wrothe — disse Gabriel. — Este casamento foi acordado com base no dote substancial da minha noiva e no meu título. É uma velha história que todos nós já ouvimos. — As suas palavras saíram como pequenas bolotas duras, uma a cada batimento do seu coração. Os seus olhos viraram-se subitamente para o rosto dela. — Eu não posso casar com a Kate.

— Se esta planejando provocar-me alguma espécie de lamento, não o faça — aconselhou Henry abruptamente. — Não precisa de esconder a Kate como uma concubina que alugasse para a noite, enquanto o senhor está ali a dançar com a sua futura noiva. Ela também pode aqui estar, porque há muitos homens que adorariam casar com ela, com ou sem dote substancial!

Gabriel respirou fundo.

— Eu não posso casar com quem quero.

— Não estou a dizer que devia — retorquiu Henry. — Há homens que lançariam o mundo aos pés da sua senhora, e depois há os outros, como o senhor, que veem o mundo como um registo a preto e branco. Conheci um desses bem cedo, por isso sei exatamente como são.

Ele nunca estivera tão perto de bater a uma senhora.

— Se me dá licença...

Mas a mão dela agarrou-lhe o braço, e o que ele viu nos seus olhos fê-lo calar-se.

— Tem uma escolha à sua frente, príncipe — disse ela. — É bem melhor que faça a correta, se não passará a sua vida a amaldiçoar-se. O cavalheiro do qual acabei de lhe falar... Acho que o dote com

que ele casou não compensou o que perdeu. E creio que ele concordaria comigo.

Gabriel virou-se, sem refletir, e dirigiu-se à porta. Um cavalheiro saltou-lhe do caminho mesmo no último momento.

Só Wick lhe barrou o caminho.

— Eu disse à Tatiana que dançaria uma valsa com ela — disse Gabriel, num sussurro baixo, áspero. — Vê se a encontras e diz-lhe alguma coisa.

— Uma valsa! Tenho de lhe dizer que tu adoceste.

— E adoeci — disse Gabriel. — Mortalmente doente, acho que se diz assim.

Lá em cima, Kate limpou-se, examinou a sua chemise arruinada, apanhou o vestido amarrotado e pô-lo em cima de uma cadeira e, por fim, enfiou um roupão que estava pendurado na parede. Era de seda e sentiu-o como uma carícia exótica na sua pele.

Enrolou o cinto duas vezes à volta da cintura para o manter fechado. Mas Gabriel não vinha.

Pegou na revista sobre os tesouros jónicos, folheou-a e ficou divertida ao encontrar uma carta erudita e agressiva de Gabriel apresentada nas notas. Pegou no Aretino e voltou a pousá-lo de imediato. Aquelas ilustrações pareciam não ter nada que ver com a ternura incandescente com a qual Gabriel a tocara.

E assim compreendeu que tinha tomado uma decisão.

Tencionava dormir com Gabriel. Estava ávida, louca de avidez, para dizer a verdade. Queria isto — queria-o a ele — para você própria, para compensar os sete anos nos quais nem uma alma a tocou de uma forma carinhosa.

Daria a sua virgindade e depois partiria para Londres. Perante essa ideia, as pernas tremeram-lhe e sentiu as faces a aquecerem. Era a única coisa que desejara ferozmente durante anos.

A porta abriu-se e Gabriel entrou. Havia algo plúmbeo no seu semblante, nos seus olhos.

— Que aconteceu? — perguntou-lhe, do outro lado do quarto. E, nessa altura, avançando para ficar à sua frente:

— Gabriel, que aconteceu? Estás bem?

Ele olhou-a, os olhos cheios de uma emoção que ela não conseguia interpretar.

— Sabes o que tenho estado fazendo no salão de baile, Kate? Tens alguma ideia?

Ela pôs-lhe uma mão no casaco, querendo sentir o seu calor firme à luz da raiva gélida da sua voz.

— A dançar.

— Não só a dançar — disse ele, meticulosamente. — Tenho estado a dançar com a minha futura mulher, Tatiana.

Kate nunca pensou que a dor pudesse dilacerar o coração de uma pessoa como uma ferida, mas nessa altura percebeu que podia. Tinha conseguido esquecer Tatiana, fingir que Gabriel estava simplesmente... Noutro sítio. Todo o seu corpo se contraiu e gelou, tal como sucedera quando entrara no quarto da mãe e vira um corpo sem alma.

Felizmente, Gabriel continuou a falar.

— Sentei-me com ela ao jantar. Tem covinhas e fala cinco línguas. Dançamos na primeira dança. É uma dançarina exímia. Pedi-lhe para dançar uma valsa.

— Estou a ver — disse Kate, vacilante, levantando as mãos para pôr o cabelo para trás dos ombros.

— Não estás a ver — disse ele, num tom brutal. — Não sabes o suficiente sobre a maldita sociedade para veres. Dançar a valsa com uma mulher significa cingi-la nos braços e rodopiar na pista, perna contra perna.

— Parece muito íntimo — conseguiu Kate dizer, orgulhosa do controle da sua voz.

— Muito — disse Gabriel. — Se eu e tu... — Afastou-se e falou para a janela escura.

— Se eu e tu alguma vez dançássemos uma valsa, toda a gente na sala saberia que éramos amantes. Não se pode esconder nada, com uma mulher nos braços e uma valsa a tocar.

Kate estava confusa e há ficar um pouco zangada. Não parecia correto que Gabriel estivesse a atirar-lhe à cara o seu noivado.

— Provavelmente, não é próprio apresentar-te as minhas

felicitações.

Ele virou-se e a fitou, os olhos quais carvões pretos.

— Atreves-te a apresentar-me felicitações?

Kate alisou a parte da frente do roupão que tinha vestido.

— Eu tenho... Eu tenho de voltar para os meus aposentos. Ele saltou-lhe em cima como um predador.

— Não vais deixar-me!

E, nessa altura, ela percebeu o que era a emoção dos seus olhos. Era desespero e raiva... E amor. Amor.

— Gabriel — disse ela, com um pequeno arfar.

— Atreves-te... — recomeçou ele.

— Chiu — disse ela, levando-lhe uma mão à face. — Chiu. Ele engoliu em seco.

— Provavelmente não te amaria tanto se não fosses o homem que és. A garganta dele esforçou-se furiosamente.

— Você...

— Amo-te. — Ela acenou com a cabeça. — Com todo o meu coração. — Levou o rosto dele ao seu e deu-lhe o beijo mais doce da sua vida. — Es meu — sussurrou. — De certa forma, em alguma parte do meu coração, estarás sempre comigo.

Com um gemido, ele apertou-a nos braços. Ela envolveu os seus em redor da cintura, sentindo o odor fraco do sabonete de flor de laranjeira, juntamente com uma impetuosidade picante que era exclusiva de Gabriel.

Um tempo depois, ele mexeu-se. Ela pôs-lhe uma mão sobre a boca antes de ele conseguir falar. Os braços deslizaram-lhe dos ombros de Kate e ela recuou, sem lágrimas, cabeça erguida.

— Não podes casar comigo. Vais casar com a Tatiana porque ela foi escolhida para você, mas, mais do que isso Gabriel, porque mereces alguém que fale cinco línguas e, que dance como um anjo

e, que traga consigo o resgate de um rei.

— Se o mundo fosse diferente... — A voz sumiu-se.

— Mas não é — disse ela, com firmeza. — O mundo é o que é e tu tens um castelo inteiro para alimentar e vestir e cuidar. Já para não falar de um leão.

Ele não sorriu.

— Você nunca virarás as costas às tuas responsabilidades — disse-lhe ela. — Você não és o teu irmão, Gabriel.

— A não ser por você — disse ele, com grande dor.

— Prefiro amar-te agora — disse ela furiosamente — a aceitar-te como um homem destroçado por ter voltado às costas à família.

— Você é uma mulher bastante assustadora — afirmou ele, um momento depois. Mas os seus olhos tinham perdido aquele desespero louco.

Pôs as mãos no nó que lhe segurava o roupão.

— Como chamas a esta peça de roupa? — inquiriu.

— Quimono.

— É muito quente. — Vagarosamente, desatou o nó. — Sabes Gabriel, enquanto estavas lá em baixo a tomar uma decisão, eu cheguei a uma conclusão, minha.

Ele olhou, aparentemente com bastante relutância, das mãos dela para o seu rosto.

— Chegaste?

— O que quer que aconteça com a Tatiana — disse ela docemente — não interessa agora, esta noite. Esta noite é para nós. Amanhã é para o mundo, para a Tatiana, para dotes e tudo o resto. Eu vou ao teu baile com o Algie e depois viajarei para Londres com Henry. Creio que nem volto para a Mariana. Não existe lá nada para mim, embora tivesse demorado anos a compreender isso.

— A Henry vai cuidar de você.

Ela sorriu.

— Sim, vai. Ela apaixonou-se pelo meu pai, sabes. Apaixonou-se verdadeiramente por ele. Mas ele casou com a minha mãe. Por isso, ela viveu a sua vida sem ele. E foi uma vida feliz.

Gabriel fez um movimento súbito, violento.

— Nem sequer quero pensar na perspectiva de tu estares com outra pessoa.

Aquilo era mesmo de homem, na opinião de Kate. Falava com facilidade de Tatiana, mas o paralelo, o seu futuro esposo, não era um assunto tão linear.

— A Henry vê-me como a filha que nunca teve — disse ela. — Você estarás aqui e eu estarei em Londres. Mas esta noite... — Ela desatou o cinto e deixou-o escorregar por entre os dedos. Caiu ao chão com um baque suave. — Esta noite, quero-te, todo.

— Que estás a dizer? — O seu rosto estava escuro de avidez.

Deixou o quimono abrir-se, a seda caindo para o lado a revelar um seio.

— Dou-te a minha virgindade, tal como ela é — disse simplesmente. — É uma dádiva, Gabriel, algo que eu tenho o direito de conceder a quem desejar. Não quer dizer que não suba para uma carruagem depois do baile e deixe este castelo, porque vou fazê-lo.

Ele estava a abanar a cabeça, portanto, ela deixou o outro lado do quimono abrir-se, deixando ambos os seios à sua vista.

— Eu, e só eu, posso decidir a quem concedo esta dádiva — disse-lhe Kate, passando a mão sobre a curva do seio. — Não alterará nada entre nós. Espero que uses um preservativo.

Para seu alívio, a tensão do maxilar de Gabriel abrandou um pouco.

— Pareces a abadessa de um bordel particularmente austero.

— Não é uma comparação muito elogiosa — a comentou,

incapaz de parar de sorrir,

— mas eu perdoo-te. — O quimono caiu-lhe até aos cotovelos.
— Temos acordo, Gabriel? Temos esta noite?

— Eu não devia — disse ele, em farrapos. — Como cavalheiro...

— Esta noite não és um cavalheiro — recordou-lhe ela. — És um homem, Gabriel. E eu sou uma mulher. Sem títulos, sem alta sociedade, sem disparates entre nós.

— Estás a matar-me — disse ele, puxando-a para você tão de rompante que o ar lhe abandonou os pulmões. — Fazes-me perder a coragem.

Do que lhe parecia, esse não era, decididamente, o caso.

— A sério? — perguntou, a voz um fio de som provocante. Depois, roçou-se nele deliberadamente. O seu roupão tinha desistido da luta e caído ao chão; havia algo delicioso no contraste entre a nudez dela e o traje de cerimónia dele.

Não que ela tivesse muito tempo para o gozar.

Com um gemido abafado, ele recuou um passo, os olhos a comerem-na viva e começou a arrancar a roupa. Voaram botões; o lenço do pescoço deslizou sobre a secretária e aterrou no montinho de fragmentos de barro; os calções desapareceram enquanto ela estava ainda absorta no seu peito.

— Es muito musculado — disse ela, tentando conseguir um tom indiferente.

— É da caça — disse ele.

— Não me digas que tens fornecido todas as aves que comemos às refeições.

A boca dele contorceu-se.

— Não. Isso testemunha o presente da minha mãe, que gentilmente me deixou uma esmeralda Estrela da Índia cujo valor manterá o castelo por mais uns seis meses, mesmo atendendo às extravagâncias deste fim de semana.

Ela ficou mais séria, aproximou-se e pôs-lhe um dedo no ombro.

— Gabriel? — O seu sussurro encerrava uma avidez dorida, e ele reagiu imediatamente, levantando-a do chão e caminhando a passos largos para a cama.

Pousou-a e depois, sem mais delongas, lançou uma perna sobre ela e baixou-se, lentamente, sobre o seu corpo.

Kate deixou escapar um guincho involuntário devido ao peso dele, ao calor, à sensação curiosa de ter um corpo musculado contra o seu. Ele não se moveu, limitou-se a esperar, os cotovelos apoiados ao lado da cabeça dela.

Ela abriu os olhos e encontrou os dele.

— Não vais...

— Fazer o quê? — perguntou ele, tentando obviamente parecer inocente, mas sem sucesso.

Kate lambeu os lábios. Não esperava ter de o ensinar.

— Você sabe — insistiu.

— Não, diz lá — disse ele, a voz sedosa. — Tiveste todo o tempo para estudar o Aretino enquanto eu estive lá em baixo.

— Não olhei para esse livro — disse ela, contorcendo-se para ficar mais confortável. Afinal, ele não era nada leve. Uma expressão estranha perpassou o rosto dele. — Que foi?

— Isso... Sabe bem — disse ele, um pequeno arfar a escapar-se dos lábios.

— Ah! — disse ela, satisfeita. Contorceu-se outra vez, verificando como a dureza dele se ajustava à curva das suas coxas.

— Queres saber o que eu fiz enquanto estiveste lá em baixo?

— Que fizeste? — Tinha baixado a cabeça e estava a lambe-lhe a clavícula. O roçar da sua língua provocou-lhe um estremecimento ao longo dos nervos.

— Não olhei para o Aretino, mas li a revista sobre antiguidades

jónicas — disse ela, passando os dedos pelo seu ombro, fazendo-os deslizar para as suas costas largas, descer ao longo da linha do músculo. — Li a sua carta para o editor. Foi muito inteligente. É muito argumentativa também. Achei que não terias precisado chamar imbecil ao autor. Ou dizer que ele só escrevia baboseiras.

— Kate.

— Sim?

— Cala-te.

A cabeça deslizou-lhe mais para baixo e a boca fechou-se sobre o seu mamilo.

Ela não se calou. Não podia; quando ele meteu o mamilo na boca, ela deu um grito sobressaltado. Pareceu-lhe que um fio se soltou lá dentro; como se ela fosse uma marionete, o seu corpo arqueou-se contra o dele, sentindo-se subitamente suave, quente e desesperado. Subitamente, a ereção que sentia entre as pernas pareceu-lhe... Diferente.

— Gabriel!

Ele sugou com mais força e ela esqueceu-se das palavras que se tinham formado na sua mente antes de lhe chegarem aos lábios. Agarrou-lhe os ombros, mas ele afastou-se dela. Antes de Kate poder recompor-se, ele apoiou-se num cotovelo, libertando a mão direita, que lhe deslizou pela perna abaixo até...

Ali.

— Eu acho que isso não é... — conseguiu ela dizer.

Mas os dedos dele dançavam nos caracóis e ele baixou a cabeça para o outro seio, e ela não conseguiu responder, não conseguiu falar.

Faíscas começaram a subir-lhe pelas pernas, ela contraiu-se, as mãos a agarrá-lo, correndo-lhe desesperadamente pelos braços, sobre o peito.

— Quero — ofegou ela.

— O quê?

Ele parecia descontraído demais, calmo demais e contido demais. A voz dele penetrou-lhe no cérebro e ela abriu os olhos. Estava deitada de costas como uma idiota, deixando-o dar-lhe prazer.

Ignorando, com esforço, o que ele estava fazendo com os dedos, ela começou a beijar-lhe a face. Quando ele não levantava a cabeça, ela lambia-o como um gato, exatamente da maneira como ele a tinha lambido, e ronronava quando ele estremecia com as carícias dela.

Finalmente, ele levantou a cabeça, por isso ela lambeu o contorno dos lábios, e depois mordiscou-os, porque lhe ocorreu essa ideia, e eram deliciosos.

Gabriel não pôs qualquer objeção.

Ela deixou as mãos descerem pelas costas dele e sobre a curva do seu rabo, descobrindo os músculos, explorando colinas e vales e as covinhas que lhe pontuavam o lado esquerdo e direito.

Sentia-o mexer-se contra ela e parecia-lhe que devia ser bom sinal.

— Beija-me — ordenou, lambendo os lábios outra vez. — Por favor.

Ele cobriu-lhe a boca ferozmente e os braços dela voltaram a saltar-lhe ao pescoço, como se só abraçá-lo com força a manteria calma na tempestade do seu beijo. Longos e alucinantes minutos mais tarde, ele interrompeu o beijo apenas para dizer:

— Quero que isto dure toda a noite, mas, Kate...

— O quê?

— Se não paras de te roçar em mim dessa maneira, este vai ser um primeiro encontro muito curto e decepcionante.

— Eu gosto — disse ela, sorrindo-lhe e contorcendo-se. — Faz-me sentir... Quente. E macia. E — as suas faces ficaram vermelhas

— molhada.

Ele emoldurou o rosto com as mãos, esfregando os lábios com os seus e, subitamente, ela sentiu aquela parte dele, pressionando-a levemente.

— Sim — ofegou ela. — Por favor. — Tudo no seu corpo se retesou, como se toda a sua concentração tivesse ido para aquele local ardente entre as suas pernas.

Os olhos dele estavam escuros de desejo.

— Preciso pôr um preservativo, como me foi ordenado — disse ele, tirando qualquer coisa da mesinha de cabeceira. E depois, um momento mais tarde...

Era maior e mais quente do que ela alguma vez imaginara. Deslizou em parte para dentro dela e parou, sussurrou algo que ela não conseguiu perceber.

Ela passou-lhe as mãos pelo cabelo e arqueou na sua direção.

— Não chega — arfou e ouviu um gemido que era quase um riso... E depois ele avançou de novo.

Ela gritou... Mas não de dor. Era a sensação de ser possuída e recebida, a percepção de outra pessoa, não de qualquer pessoa, mas de Gabriel, Gabriel...

Ele aliviou um pouco.

— Dói? — perguntou. — Fala comigo, Kate. Não temos de continuar. Podemos...

— Por favor — arquejou ela.

— Por favor, paro? — Estava suspenso sobre ela, o maxilar tenso, os olhos escuros de paixão. — Dói muito, amor?

— Não posso...

— Não podes suportar — disse ele, aliviando ainda mais. — Eu compreendo. Já me disseram que sou grande demais. Eu...

— Raios — gritou Kate, encontrando finalmente a voz. — Vem,

Gabriel. Vá, vá agora!

— E ela estendeu a mão para baixo e puxou-o ferozmente para você.

O sorriso dele cintilava de pura alegria louca.

— Assim é que é, Kate — trauteou e moveu-se para frente. Instintivamente, ela arqueou as costas, indo ao seu encontro. Ele era extremamente volumoso, extremamente grande, extremamente... Perfeito. Era o próprio limite do tolerável.

— Outra vez — resfolegou ela, persuadindo o corpo a aceitar.

Amavelmente, ele obedeceu. E outra vez.

E outra vez, outra vez, outra vez, outra vez, outra vez. Ele moveu-se para cima e para baixo até a sua respiração não ser mais do que um ruído áspero e desagradável e o suor cobrir ambos os seus corpos.

— Querida — disse Gabriel, — tens de... Eu quero que tu... — mas ficou sem voz e ela não percebeu como seguir o calor e a loucura aonde o seu corpo queria ir. Até que...

Até que descobriu que, se apertasse... Se comprimisse...

Ele soltou um rugido rouco, desde logo. Todas as vezes.

E ela... Sentiu chamas a lamberem-lhe as pernas e a subirem-lhe pela barriga e voltou a arquear as costas, acolhendo a alegria e o arrebatamento, o suor e o prazer, e depois... Aí estava!

Onda após onda de calor a rebentar pelo seu corpo, até que ela gritou de prazer libertino, cravou os dedos nele e ficou em suspenso.

Tinham-se lavado e voltado fazendo amor, lento e doce, aninhados debaixo dos cobertores, porque o ar da noite ficara fresco e depois gélido.

— Devia ir-me embora — sussurrou ela, a dada altura daquela longa noite.

— Sinto-me como o raio do Romeu e Julieta — disse Gabriel.

— Não comeces á falar-me da cotovia, Julieta, porque elas não voam tão alto. — Tenho de me ir embora — disse ela, dando-lhe beijos, leves como penas, no pescoço.

— Não. — Parecia um rapazinho teimoso. — Não.

Ela riu-se contra o seu pescoço e enfiou a perna com um pouco mais de firmeza entre as dele. Nunca imaginara sentir-se tão feliz, tão segura.

— Nunca te esquecerei — sussurrou, porque isso tinha de ser dito. Fora ensinada a dizer adeus corretamente, a dizer o seu muito obrigado, a despedir-se. — E hei de recordar sempre esta noite.

Os braços de Gabriel apertaram-se em volta dela.

— Estás a transformar-me no Romeu.

— O Romeu não praguejava tanto como tu — disse ela, fazendo-lhe um desenho no peito com um dedo. — Isso não é próprio de um príncipe.

— Nada do que eu faço é próprio de um príncipe desde que te conheci — respondeu ele. — Nem esta noite, nem... Nem nada.

Ela não conseguiu conter-se.

— Não me esqueças.

Ele ficou em silêncio e o coração de Kate vacilou.

— Sabes o que Romeu diz à noiva quando ela jaz lá no túmulo?

— perguntou Gabriel.

— Não me lembro — admitiu Kate.

— Promete ficar com ela para sempre. Talvez se passe mais qualquer coisa, e depois ele diz: Nunca abandonarei este palácio, de noite sinistra. Tenho o palácio, Kate. Tenho o palácio e, mesmo assim, não posso ficar contigo.

— Ele não se mata nessa altura? — perguntou Kate cautelosamente.

— Sim.

— Prefiro não fazer parte disso — disse ela. — Tenho de dizer, Gabriel, que a literatura de que tu gostas parece muito negra.

— Acho que há um paralelismo entre Dido e Julieta — disse ele.

— Mulheres ridículas — disse ela, pousando o queixo no seu peito. — Adoro-te, mas não tenciono construir uma pira funerária no futuro próximo.

Ela sentiu o seu riso abafado antes de o ouvir, sentiu o seu sorriso no beijo que ele lhe depôs no cabelo,

— É assim mesmo, Kate.

— Eu não tenho veia romântica — disse ela, sem reservas.

— Aposto que era capaz de te fazer guinchar em verso. — E depois recomeçou a beijá-la.

Mas ela não precisava de uma cotovia a cantar para saber a verdade. Anos a levantar-se com a alvorada diziam-lhe que esta estava próxima, que tinha de fazer o caminho de volta através daqueles corredores.

— Gabriel — sussurrou.

— Não.

Ela afastou-se, contorcendo-se um pouco.

— Tenho de ir.

Virou-se e saiu da cama e voltou a enfiar o roupão, encolhendo

os pés ao sentir o frio do chão de pedra.

Ele também estava fora da cama, o rosto endurecido por rugas sombrias que lhe fizeram doer o coração.

Mas mordeu o lábio e não falou. Não conseguia ajudar, não conseguia ajudar... Isto não podia resolver-se com mais um beijo, nem com uma promessa.

Dois minutos mais tarde, estava envolta em renda preta e aconchegada nos seus braços.

— Você não andas com a sua tia pelo castelo desta maneira! — arfou ela.

— Se encontrarmos alguém, digo que a Sophonisba sofreu uma apoplexia fatal depois de beber demasiado brande.

Teria a repreendido, mas o seu tom era distante, frio como gelo.

— Ela não tem culpa — disse, encostando-lhe a cabeça ao peito e ouvindo o seu coração a bater.

— De quê?

— De nunca ter casado e de ter acabado posta na rua como uma peça de roupa suja não desejada. Eles não têm culpa, Gabriel, e tu não podes esquecer-te disso.

— Nunca disse que tinham. — Caminhou a passos largos ao longo de outro corredor, virou outra vez... Deviam estar perto da porta do quarto dela. — Foi o Destino, esse maldito diabo insolente, que arruinou Romeu e Julieta.

Soou muito dramático a Kate, mas ela percebeu o que ele queria dizer.

— Amo-te — disse ela, quando ele a pousou no chão à porta do quarto. Arriscando tudo, levantou o véu e olhou-o no rosto.

— Eu... — Começou ele, mas as palavras pareceram ficar-lhe presas na garganta e o coração dela batia-lhe no peito perante o silêncio dele.

Inclinou-se e beijou-a e depois, rapidamente, virou-se e partiu.

Kate esperou até ele dobrar a esquina do corredor, depois transpôs destroçada, a porta do quarto. Lá estava Freddie, à espera, no meio da cama. Ergueu o focinho sonolento e saudou-a com um pequeno latido amoroso. Havia velas, bruxuleando baixinho, sobre a lareira. Lá estavam o seu livro, e os seus chinelos, e a sua camisa de noite, à espera dela.

Havia vida real neste quarto e, atrás dela, não havia mais do que um conto de fadas e ela faria bem em não se esquecer disso.

Podia treinar-se nos limites da realidade de manhã. Naquela altura, enfiou o corpinho quente de Freddie debaixo do queixo e deixou-o lambar as lágrimas salgadas que lhe corriam pelo rosto.

Rosalie deslizou pela porta umas horas mais tarde, fazendo barulho pelo quarto, abrindo os cortinados.

— Não — resmungou Kate. — Por favor, vai-te embora. Não posso levantar-me ainda.

— Não precisa de se levantar — disse a criada alegremente.

— Tenho uma notícia tão fantástica que...

— Rua! — disse Kate, soerguendo-se, consciente de que ainda tinha os olhos inchados. — Leva os cães contigo, por favor. Mais tarde, toco a campainha e chamo-te.

E, dito isto, caiu para trás, puxou uma almofada para cima da cabeça e fingiu estar inconsciente.

Só se levantou às duas horas da tarde. Apática e vagarosamente, estendeu a mão para a campainha, chamou Rosalie e depois olhou para o espelho. Era vagamente interessante notar que uma mulher desflorada tem o mesmo aspeto de qualquer outra mulher.

De fato, pensou, inclinando-se mais, que tinha melhor aspeto do que uma semana antes. A pele tinha brilho e os lábios...

Deviam ter sido todos aqueles beijos que os tinham tornado escarlates e ligeiramente inchados.

Rosalie entrou com um tabuleiro de pequeno-almoço, seguida de uma fila de lacaios com água quente.

— Tenho uma grande surpresa guardada para você! — voltou a dizer.

— Conta-me depois do banho — disse Kate, fatigada, sentando-se ao toucador e pegando numa torrada.

— Beba isto. — Rosalie estendeu-lhe uma chávena de chá.

— Ontem à noite teve um horrível desarranjo de estômago. Senti-me muito mal por não poder tratar de você, mas Mister Berwick disse-me que não podia mesmo passar sem mim. Sou realmente boa a arranjar flores. E ele prometeu-me mandar-lhe uma criada. Ela foi prestável?

— Absolutamente. Foi... Foi perfeita.

— Tome; isto vai fazê-la sentir-se melhor.

Só depois de ter saído do banho, de estar seca, empoada, e vestida é que Rosalie disse esperançosa:

— Quer saber a sua surpresa agora?

— Peço desculpa — disse Kate. — Claro que quero.

— A sua meia-irmã está aqui! — disse ela com um guincho. — O lábio de Miss Victoria melhorou e ela chegou ontem à noite, mas, claro, a menina estava doente e não podia ser incomodada. Quer que vá bater à porta do quarto dela? Está mesmo aqui ao lado. Mister Berwick mudou Mister Fenwick para o andar de cima para as duas poderem estar juntas.

— A Victoria está aqui? — perguntou Kate, sentando-se. — Com a minha madrastra? Rosalie abanou a cabeça.

— Não. E isso não é uma felicidade? Foi Lady Dimsdale que a trouxe, mas Sua Senhoria partiu de imediato, pois está preparando-se para o casamento de Miss Victoria. — Apressou-se a ir até a porta. — Vou já buscá-la. Sei que ela está ansiosa por ver a menina. Victoria entrou no quarto bastante hesitante, como se não estivesse

certa de ser bem recebida. Kate levantou-se e foi cumprimentá-la. Não se podia dizer que tinham crescido juntas; tinham vivido no mesmo andar da Casa Yarrow durante uns meses apenas, até o pai delas morrer, após o que Mariana prontamente mudou Kate do quarto de crianças para o sótão.

Aos dezesseis anos, Kate já tinha idade demais para estar no quarto de crianças, disse Mariana, e não havia qualquer razão para um parente pobre estar alojado no andar principal.

Mas Victoria tinha uma bondade intrínseca em relação a ela, que faltava à mãe, e nunca tinha participado nos escárnios e humilhações de Mariana.

— Rosalie, podes trazer-nos mais chá? — pediu Kate.

A criada saiu rapidamente pela porta e Kate sentou-se ao lado da irmã, junto ao fogo. Freddie aproximou-se e saltou-lhe para o colo.

— Como está o teu lábio?

— Está bom — disse Victoria, dando-lhe uma palmadinha.

— Depois de ter sido lancetado, no dia seguinte ficou logo muito melhor.

— Parece-me perfeito — disse Kate.

— Este castelo não é uma extravagância? É enorme. Pensei morrer de frio esta noite, pelo menos até o Caesar ir para a cama comigo.

— O Caesar! — exclamou Kate, assustada. A sua mão ficou paralisada na cabeça de Freddie. — Nem percebi que ele não estava no meu quarto.

— Ouvi-o ladrar — explicou Victoria. — Não aguentei, por isso acabei por vir aqui de mansinho e levei-o para o meu quarto. O Freddie pareceu-me perfeitamente confortável, por isso deixei-o em cima da sua cama.

Brincava com uma prega do vestido, as maçãs do rosto coradas.

Kate olhou para ela e percebeu exatamente o que aquilo significava.

— A noite passada eu não dormi na minha cama — explicou ela, com um suspiro.

— Quem sou eu para julgar? — comentou Victoria.

— Porque vieste? — perguntou Kate, suavizando a questão com um sorriso.

— O Algie passou todo o tempo a escrever-me. — E, quando a sobranalha de Kate se ergueu: — Escreve-me todos os dias. Ambos escrevemos, todos os dias, desde que nos conhecemos em março, na Abadia de Westminster.

— Escrevem.

Victoria assentiu com a cabeça.

— Às vezes, páginas e páginas. O Algie — disse ela, com orgulho — é um correspondente fantástico. Eu não tive preceptora, sabes, por isso sou consideravelmente menos... Bem... Ele não se importa muito.

Na realidade, Kate nunca tinha pensado muito no modo como a educação de Victoria fora afetada pela propensão de Mariana para despedir os criados da casa; a irmã não parecia uma pessoa a quem o ensino fizesse grande falta. Mas tinha as faces rosadas e continuava a brincar com a prega do vestido.

— Lamento. Devia ter lutado mais para manter a preceptora — disse Kate.

— Fizeste tudo o que podias. A mãe é... Bem, é. Pensei, pensei anos a fio, que era fantástico como protegias o Cherryderry e Mistress Swallow e a maior parte das pessoas que vivem nas quintas. Não conseguias manter uma preceptora, ainda por cima.

— Podia ter tentado mais — repetiu Kate. Não tinha, simplesmente, pensado muito em Victoria, a filha adorada, mimada.

— Então, o que te disse o Algie? — perguntou.

— Disse que eu devia aqui vir — Respondeu Victoria, os olhos ainda postos no colo. — Disse que tu estavas... A apaixonar-te pelo príncipe, e que isso não ia acabar bem, e que eu devia vir salvar-te. — Disse a última palavra num tom de desafio, erguendo os olhos. — Sei que passaste anos a salvar toda aquela gente, da propriedade e da casa, e o Algie concorda comigo, que por vezes as pessoas assim precisam de se salvar a você próprias.

Kate ficou parada por um segundo e depois desatou a rir. Não um riso estridente, mas o gênero de riso terapêutico, o gênero de riso que vem após anos em que se está sozinho e humilhado e se descobre que se tem uma família.

Não era uma família normal: Henry não tinha pretensões a ser um modelo de virtude. Victoria era ilegítima, embora de bom coração, e Algie era genuinamente tolo. No entanto, gostavam dela.

Victoria animou-se com o seu riso.

— Então não estás zangada? — perguntou, cheia de esperança. — Estava preocupada a pensar que ias ficar irritada com a minha chegada, mas o Algie...

Kate esticou-se e deu um abraço à irmã.

— Acho que foi tremendamente amável da vossa parte. Estou feliz por ser salva. Embora não tencione ficar muito mais tempo; não te importas?

— Oh, não, porque nós temos de partir a seguir ao baile, ainda esta noite — disse Victoria. — Precisamos de casar.

— Claro.

— Se partirmos à meia-noite; podemos chegar à paróquia do Algie antes das sete da manhã. Você... Você acompanhas-nos?

— Viajar durante a noite? — exclamou Kate.

— Bem, o príncipe disse ao Algie que tem de assistir ao baile. Mas o Algie disse à mãe, Lady Dimsdale, que estaria em casa a tempo de casar de manhã. — Victoria olhou para ela, esperançada.

— A minha mãe já está na mansão dos Dimsdale.

Algie não era pessoa para desobedecer a uma ordem direta, obviamente.

— Claro que vou convosco. Ele disse-te que tenho uma madrinha, Lady Wrothe?

— Sim... Ela chama-se a você própria Henry, não é? E vai levar-te para viveres com ela?

— Vai — disse Kate, a sorrir.

— Porque podes sempre vir viver conosco — ofereceu Victoria, ansiosa. — A mãe do Algie está mudando-se para a casa que herdou pela morte do marido, e nós os dois vamos deambular por aquela casa enorme, sozinhos. Adorávamos ter-te lá.

Estava a ser sincera.

— Estou tão contente por ter descoberto que és minha irmã — congratulou-se Kate. Victoria acenou com a cabeça. Tinha lágrimas nos olhos.

Kate apertou-lhe a mão.

— Só gostava que o nosso pai tivesse sido mais cavalheiro — disse Victoria, impetuosamente. — Gostava... Gostava que o Algie não tivesse de casar comigo por obrigação. — Uma lágrima rolou pela face.

— Não — disse Kate. — Vai casar contigo porque te ama e porque tu o amas. E é tudo o que qualquer pessoa tem o direito a saber em relação a isso.

Victoria fungou e, muito para surpresa de Kate, fez um óbvio esforço para parar de chorar.

— Sempre acreditei no meu pai, quer dizer, no coronel que eu pensava que era meu pai. Ela até tem um retrato dele, sabes. Só que ele nunca existiu.

— É embaraçoso — comentou Kate, achando que era dizer pouco.

— Eu sou ilegítima — voltou a dizer Victoria. — Acordo a meio da noite e penso nisso. Nessa palavra. É uma palavra horrível, todas essas sílabas e nenhuma boa.

— Não tens culpa das circunstâncias do teu nascimento.

Victoria mordeu o lábio.

— Mas, quando a minha mãe casou com o teu pai, tu perdeste a sua herança e ela deu-a a mim... Não está certo! Passo a vida a pensar nisso. E como se eu fosse uma espécie de parasita. Pareço uma senhora, mas, na realidade, não sou mais do que uma desafortada ilegítima e ladra! — E, dizendo isto, desatou a soluçar genuinamente.

— Desafortada? — perguntou Kate, sentindo-se bastante aturdida. — Que raio é uma desafortada?

— Uma promíscua — lamentou-se Victoria. — Uma rameira. Estou... Estou grávida fora do casamento. Sou tal e qual como a minha mãe!

— Não, não és — disse Kate, com firmeza, estendendo a mão e tirando um lenço do toucador e dando-lhe. — Um velho sensato que vive neste mesmo castelo disse-me que a bondade é a coisa mais importante e tinha razão. Você é boa, Victoria, e a sua mãe, infelizmente, não é. Você não és uma ladra. O pai queria que tu recebesses aquele dinheiro.

— Não, ele deixou-o à minha mãe e ela... Ela...

— Deixou-o diretamente a Mariana, sabendo muito bem que ela te daria. A minha mãe deixou-me um dote, tu sabes.

— Estou tão grata por ele ter mesmo casado com ela — disse Victoria, com um soluço.

Kate perguntara-se durante anos porque tinha o pai casado com Mariana. Mas agora, olhando para a sua bonita, tola e doce irmã, percebeu a razão.

— Quero mostrar-te uma coisa — disse ela, levantando-se de

um salto e correndo para a escrivaninha. — Deixa-me só escrever um bilhete, primeiro.

— O quê? — perguntou Victoria, tirando outro lenço da bolsinha. — Eu sei que te aborrece quando choro Kate. Desculpa. É próprio da gravidez. Está a pôr-me pior que nunca.

— Está bem. Estou habituada.

— O Algie diz que eu sou um regador e que vai pôr-me lá fora, no jardim — disse Victoria, desconsolada.

Kate compôs o bilhete para Gabriel. Vossa Alteza,

Posso mostrar à minha irmã a estátua de Merry no jardim da capela? O seu tio pensa que Vossa Alteza poderá ter a chave da capela. Tenho a certeza de que Berwick seria capaz de nos ajudar a encontrar a porta.

Atentamente e etc.

Miss Katherine Daltry.

— Que vais vestir esta noite? — perguntou Victoria, pondo o lenço de parte.

— Não tinha pensado nisso — lembrou-se Kate. — A Rosalie escolheu qualquer coisa. Gostava que ela trouxesse mais qualquer coisa para comer. Estou positivamente esfomeada.

— Tens de pensar nisso — disse Victoria. — É a sua apresentação à sociedade, Kate! Eu estou aqui, portanto, podes ir ao baile como tu própria.

Kate pestanejou.

— Não tinha pensado nisso.

— Eu trouxe um corpete muito forte — disse Victoria, — para parecer mais magra. E vou pôr uma cabeleira e levar os cães comigo.

Precisamente nessa altura, Rosalie entrou com o almoço num tabuleiro, por isso, Kate mandou-a ir entregar o bilhete ao príncipe.

— É tão estranho pensar que andas a trocar billets-doux com um príncipe — disse Victoria, uma garfada de frango a meio caminho da boca.

— Porque eu tenho sido criada da Casa Yarrow; queres dizer?

— Você nunca foste criada! — disse Victoria. — A mãe pode ser cruel, mas não tão cruel. Você eras... Eras...

— O rótulo não interessa — interrompeu Kate. — Eu também acho estranho estar a escrever a um príncipe. Nem sequer sabia muito bem como endereçar o bilhete, verdade seja dita. Que tenho de fazer esta noite, Victoria? Eu não sei dançar, tu sabes.

A boca de Victoria abriu-se.

— Claro que não sabes dançar. A mãe só me arranjou um professor de dança quando fomos passar a temporada a Londres. E também não temos tempo para o Algie te ensinar.

— O Algie?

— O Algie é um dançarino maravilhoso — contou Victoria, cheia de orgulho. — E é um professor muito bom, muito amável e paciente. Tem-me ensinado montes de coisas.

— Vocês os dois são... — disse Kate e a porta abriu-se.

— O príncipe está na capela à espera das duas — guinchou Rosalie.

— Quero mostrar-te uma coisa — disse Kate, dando a mão a Victoria. — Uma coisa de que vais gostar.

— Nunca conheci um príncipe — continuava Victoria a murmurar, enquanto descia as escadas a correr, atrás de Kate. — Gostava que o Algie estivesse aqui. Gostava mesmo que o Algie estivesse aqui. Só gostava que ele...

Gabriel estava tão belo, aguardando-as à porta da capela, que Kate sentiu a cabeça a andar ligeiramente à roda. Mas, se havia alguma coisa que Katherine Daltry nunca, mas nunca faria, era perder a cabeça por causa de um homem. Ou desmaiar. Ou lançar-se para uma pira funerária.

Por isso, manteve a cabeça erguida e cumprimentou-o com uma reverência, apresentou-o à irmã e comportou-se, em geral, como se não fossem mais do que conhecidos de passagem.

E, uma vez que ele fez o mesmo, não havia razão para a dor que ela sentia. Doía tanto como uma seta cravada no flanco, pensava ela, taciturna, enquanto seguia os passos rápidos de Gabriel através da capela até a sala das traseiras onde uma porta vermelha fora descoberta por trás de uma tapeçaria.

Wick também lá estava e, dos dois irmãos, era o único que parecia ter língua para falar.

— Não fazíamos ideia de que a porta estava aqui — explicou ele a Victoria — até Sua Alteza reparar nela do lado do jardim.

— Encontrei a chave — disse Gabriel, falando pela primeira vez desde que trocaram cumprimentos. Puxou de uma enorme chave ferrugenta e enfiou-a na fechadura. Rodou, mas a porta não se abriu.

Lançou o seu peso contra ela num gesto surpreendentemente violento que fez Victoria guinchar e dar um salto para trás. No entanto, a porta não se moveu. Então, Wick avançou e pôs-se ao lado dele. Quando ambos meteram ombros à porta, ela abriu-se com um terrível barulho estridente.

— Perra da ferrugem — disse Gabriel, a voz tão fria e distante como se estivesse a falar para um grupo de bêbados da aldeia.

Kate passou por ele sem fazer qualquer comentário. Depois de

uma manhã molhada, o sol brilhava intermitentemente nos ramos que pendiam do único carvalho do jardim.

— Que confusão — disse Victoria, consternada, enquanto abria caminho para transpor a porta. — Valha-me Deus, Vossa Alteza. Talvez devesse pôr uns jardineiros a trabalhar aqui.

— Estão todos na aldeia, ocupados a consertar os telhados — disse Gabriel. — Não está tempo para deixar as pessoas sem abrigo.

— Anda — disse Kate, agarrando a mão de Victoria. — Vou mostrar-te a estátua.

— Que estátua? — perguntou Victoria, seguindo-a. — Com diabos, a minha saia ficou presa numa roseira. Espera por mim, Kate!

Mas Kate caminhava à frente, desesperada por criar espaço entre ela e Gabriel.

Parou à frente de Merry e depois inclinou-se para dizer olá, limpando uma gota de chuva da sua face de mármore.

— Que amor de bebê — cantarolou Victoria. — Oh, olha só para os seus adoráveis dedos rechonchudos e para as suas covinhas.

— Chamava-se Merry — explicou Kate. — Era ilegítima, Victoria. A mãe chamava-se Eglantine.

— Oh!

— Não existe qualquer registo do pai... Mas há registo de uma coisa.

— De quê? — Victoria baixou-se e tirou uma folha do ombro de Merry.

— Era amada, vês? Tem o seu próprio jardim, um monumento à sua memória.

Os grandes olhos azuis de Victoria encheram-se de lágrimas.

— A Merry morreu?

— A Merry viveu nos anos mil e quinhentos — disse Kate,

ensinando a sua voz a ter paciência. — Claro que morreu.

— Mas...

— Onde eu quero chegar é que a sua mãe a amava tanto como teria amado qualquer filho. E o meu pai também te amava dessa maneira. Portanto, a fealdade da palavra ilegitimidade não interessa. Porque o meu pai amava-te o suficiente para casar com a Mariana, Victoria. Ele era filho de um conde, e casou com a amante, uma mulher que não era uma senhora. Por você.

— Oh! — disse Victoria baixinho. — Eu não pensei... Tens a certeza, Kate?

— Tenho a certeza absoluta. Ele sabia que eu tinha quem cuidasse de mim e que a minha mãe me deixara um dote. Assegurou-se de que também tu terias quem cuidasse de você, casando com a sua mãe, deixando o teu dote em suas mãos.

Os olhos de Victoria transbordaram, mas o céu começara igualmente a derramar lágrimas. Por isso, Kate pôs o braço em volta dos ombros da irmã e conduziu-a de volta à capela, passando pelos homens que estavam, em silêncio, junto da grande porta vermelha.

Ela sorriu a Wick e uma inclinação de cabeça a Gabriel, porque uma pessoa não sorria a príncipes como se eles fossem gente comum.

E nunca, decididamente, se a única coisa que se querifazendo era beijá-lo até o olhar perturbado lhe desaparecer do rosto.

— Ele é tão atraente — sussurrou Victoria, quando subiam a escada.

— Quem, o príncipe? — perguntou Kate. — Sim, se gostares do gênero de homem soturno e melancólico.

— Bem, ele não é o Algie — disse Victoria, com toda a verdade. — Mas, Kate; viste a maneira como olhou para você? Tinha os olhos positivamente a arder!

— Esta noite vai abrir o baile com a noiva, a princesa Tatiana — disse Kate, com indiferença. — Suponho que o casamento vai ser celebrado nos próximos quinze dias.

— Isso é tão cruel — comentou a irmã. — Não me agrada nada. Preferes partir agora, Kate? A minha criada já esta fazendo as malas. Podemos ir embora dentro de uma ou duas horas.

— Eu não vou fugir nem esconder-me. Vamos ao baile e tenciono dançar com todos os homens que tiverem duas boas pernas, embora eu nem sequer saiba dançar. E depois partimos para o teu casamento e, depois, Londres. O príncipe não gosta de grandes cidades. Vou esquecê-lo.

— Eu nunca conseguiria esquecer o Algie — retorqui Victoria, duvidando.

— Mas tu e ele; estão noivos. São circunstâncias diferentes. Vão ser pais juntos. Eu mal conheço o príncipe — disse Kate, tentando, esforçadamente, dar um tom despreocupado à sua voz.

Victoria não respondeu, mas enfiou a mão na de Kate e apertou-a.

Henry estava à espera no quarto de Kate, quando ela entrou pela porta de mansinho, depois de ter deixado Victoria no quarto, a iniciar o longo processo de se vestir para o baile. Kate lançou um olhar à madrinha e o lábio tremeu-lhe. Henry começou a andar, de braços abertos.

Estava a chorar, mesmo antes de Henry chegar junto dela. A madrinha levou-a para o sofá, sentaram-se as duas e embalou-a contra o seu ombro, dizendo coisas que Kate não ouviu. Chorou até os pulmões lhe arderem e o estômago se contorcer.

Por fim, Kate levantou a cabeça.

— Por favor, não me diga que deixe de o amar — pediu ela, as palavras sufocadas. — Eu não conseguia deixar de respirar. Não conseguia deixar de amar... — A voz desvaneceu-se num soluço.

— Não digo — prometeu Henry. Empurrou Kate suavemente para trás, por isso ela ficou deitada. — O que te digo é que pares de chorar. Estás a pôr-te doente. — Levantou-se e foi ao lavatório, trazendo um pano úmido e fresco. — Põe isto sobre os olhos.

Assim, Kate ficou ali, com o pano molhado, sentindo as picadas nos olhos inchados, e a dor que ainda tinha no peito da violência dos soluços, e o conforto dos dedos de Henry entrelaçados nos seus.

— Eu não vou dizer-te que deixes de o amar — disse Henry, por fim, — porque sei que não é possível.

— O meu pai...

— Chorei durante uma semana quando soube que ele tinha morrido. Chorei na sua noite de núpcias; chorei quando a sua mãe morreu, porque sabia que isso o magoaria. — Houve uma pequena pausa. — Eu nunca choro — acrescentou Henry.

Kate soltou um risinho cheio de lágrimas.

— Eu também não. Nunca.

Os dedos de Henry exerceram mais pressão.

— Tenho tanta pena, Kate. Tenho muita pena. Tudo o que posso dizer-te é que a vida pode ser alegre, mesmo que uma das pessoas que amas não esteja ao teu lado. Porque haverá outras. Eu sei que não parece, mas é verdade. Hás de casar...

— Isso é o pior de tudo — exclamou Kate. — Como é que eu vou casar com alguém agora? Agora que sei... Que sei... — Ficou em silêncio, incapaz de pôr em palavras como era estar; aninhada nos braços de Gabriel, rir com ele, descansar encostada a ele, fazer amor com ele. — Não podia — disse categoricamente. O cheiro dele estava impregnado na sua pele e o modo como ele tremia quando ela o tocava, o modo como o seu rosto ficava louco e carente.

— Eu sei — disse Henry. — Eu sei. — Levantou-se. — Vou trocar o pano. Os teus olhos parecem uvas ensopadas em brande.

— Maravilha — disse Kate, começando a rir.

— O amor é complicado — disse Henry, tirando-lhe o pano e pondo um frio no seu lugar. Estava um pouco molhado demais e uma gota de água fresca rolou pela face de Kate. No momento em que ela estendia a mão para a limpar, Henry secou-a com uma festinha. — Complicado, complicado, complicado.

— Odeio-o — disse Kate, com convicção.

— Bem, eu não. Porque é melhor viver como uma chama, Kate, conhecer um homem e amá-lo, mesmo que ele não possa ser teu, do que nunca amar.

— Para mim, não vai haver mais ninguém. — Disse-o com a convicção serena de que era verdade.

— Pensas que eu achava que o teu pai era perfeito?

Kate deu uma meia risadinha abafada.

— Duvido.

— Não era — afirmou Henry.

Kate quase tirou o pano para ver o seu rosto, mas nesse momento ouviu a madrinha levantar-se e andar pelo quarto.

— Não era perfeito — repetiu Henry. — Era um tolo que acreditava que o dinheiro era mais importante do que o amor. Que nós os dois nunca seríamos felizes juntos porque ele não conseguia dar-me aquilo que sentia que devia dar.

— Grande estúpido — murmurou Kate.

— Talvez — concordou Henry. — Eu gosto realmente de ser bem alimentada. — Havia riso na sua voz. O pano desapareceu dos olhos de Kate e Henry examinou-a. — Muito melhor — disse ela com satisfação. — Vou buscar mais um.

Kate ouviu-a afastar-se de novo. E depois, sobre o esparrinhar da água, perguntou:

— Como é ela; Henry?

— A pequena russa; queres dizer?

— A noiva do Gabriel — disse Kate. — Como é ela?

Henry levantou o pano e substituiu-o por um fresco.

— Ela não és tu. Nunca o será.

— Sim, mas...

— Isso não é importante — afirmou Henry. — A sua mãe era a sua mãe. Amava o teu pai e eu estava contente por isso. Mas não pensava nos dois juntos, porque isso não ajudaria nada.

— Acho que não — anuiu Kate.

— Podes obrigar-te a deixar de pensar nele — ordenou Henry.

Kate tentou imaginar um mundo sem Gabriel.

— A partir desta noite. — Henry voltou a tirar o pano. Kate abriu os olhos.

— Muito bem — disse Henry, como se estivesse a verificar o progresso de um pão a cozer. — Vais estar completamente bem

dentro de uma ou duas horas.

— Acho que não quero ir ao baile esta noite — sussurrou Kate.
— Não tenho forças suficientes. Ele levou-nos, a mim e à Victoria, ao jardim atrás da capela e a voz dele... Foi como se mal me conhecesse.

— Não te atrevas a começar a chorar outra vez — interrompeu Henry. Kate engoliu em seco.

— Você vais ao baile esta noite. Vais mais bela do que alguma vez estiveste na vida...

Porque sou eu que te vou vestir. Você vais dar àquele príncipe uma última oportunidade de ser homem.

— Ser homem — estranhou Kate. — Ele é homem. — Passou-lhe pela mente uma imagem de Gabriel à sua frente, nu, o peito a arquejar, os olhos ávidos.

— O teu pai não era capaz de imaginar a vida de uma maneira diferente daquela que lhe ensinaram. Tinham-lhe dito desde a nascença que, uma vez que era o filho mais novo, tinha de casar com uma mulher rica. Ao teu príncipe disseram que ele tem de casar com a mulher que o irmão resolve mandar-lhe.

— Ele tem de sustentar o castelo — protestou Kate.

— Admito isso — disse Henry. — Ele tem muito mais responsabilidades do que o teu pai tinha, e são autênticas. O tio dele é um louco e não se põe a hipótese de aquelas princesas idosas começarem fazendo renda parfazendo entrar dinheiro.

— Ele não tem escolha — concluiu Kate, suspirando.

— Há sempre uma escolha. E, esta noite, vamos tornar-lhe essa escolha absolutamente, brilhantemente, clara.

Kate soergueu-se. Sentia-se limpa, como se todas aquelas lágrimas tivessem lavado uma parte da mágoa.

— Ele não vai quebrar a promessa de casar com a Tatiana.

— Então, ficas a saber, com toda a certeza, que ele é um idiota

— disse Henry. — Tenho de admitir que a minha compreensão do caráter do teu pai foi uma grande ajuda nos momentos em que eu sentia a falta dele. Se o Gabriel não tem coluna vertebral para ficar contigo, Kate, então não te merece.

— Quem me dera que a Henry pudesse dizer-lhe isso — desejou Kate, pondo-se de pé. — Tornaria tudo tão simples.

Henry sorriu com uma expressão irônica.

— É simples. Você vais estar no baile e a Tatiana também. E aí está: a sua vida à frente dele. Pode escolher.

— A Henry teve uma noite como esta? — perguntou Kate, dirigindo-se vagarosamente ao toucador. Os olhos não estavam horríveis, dadas as circunstâncias, embora ela estivesse terrivelmente pálida.

— O baile de noivado do teu pai.

Kate virou-se.

— Exatamente a mesma ocasião?

— Exatamente a mesma. Vestia seda amarela canelada, guarnecida com folhos e borlas de seda. As minhas saias eram tão grandes que eu mal conseguia passar pelas portas. Levava cabeleira nessa noite e três sinais de beleza. Pinte os lábios, o que era muito mais escandaloso naqueles dias do que é agora.

— Deve ter sido linda — disse Kate. Mesmo agora, Henry era absolutamente atraente.

— Era — confirmou Henry. — Podes não gostar de ouvir isto, querida, mas vou dizê-lo na mesma. — A sua mãe era muito frágil, como uma tulipa que tivesse estado fora de água. Passou a maior parte do tempo reclinada a um lado do salão de baile.

— Por favor, não a odeie... — começou Kate.

— Oh, nunca odiei — exclamou Henry. — Qualquer um diria que ela era uma pessoa encantadora que não tinha sorte nenhuma no que dizia respeito à saúde. Bem a gostaria de estar de pé e a

dançar.

A boca de Kate tremeu-lhe.

— Pobre mãe — disse. — Sempre desejou ter energia para se levantar... Mas, se tentasse, acabaria novamente na cama durante dias a fio.

— Imagino — respondeu Henry, acenando com a cabeça.

— O meu pai dançou consigo?

— Não.

— E, no entanto, a Henry estava lá...

— Nessa noite eu era a mulher mais bela de Londres — afirmou Henry, categoricamente. — Recebi quatro propostas de casamento na semana seguinte e escolhi o meu primeiro marido nesse grupo. E não olhei para trás.

— Eu...

— Você vais fazer o mesmo que eu fiz, se isso acontecer — sugeriu Henry, fitando Kate.

— Espero sinceramente que o príncipe tenha mais coluna vertebral do que o teu pai, mas, se não tiver, saís deste castelo de cabeça bem erguida.

Kate assentiu com a cabeça.

— E agora — disse Henry, — temos de começar a vestir-nos. Onde está essa sua criada? — Puxou o cordão.

Rosalie precipitou-se para o quarto uns minutos mais tarde.

— Oh, menina, estamos tão atrasadas... — Viu Henry e esboçou uma reverência. — Perdoe-me, minha senhora.

— Estamos realmente atrasadas e a culpa é minha — esclareceu Henry, sorrindo. — Tenho a certeza de que a minha criada, Parsons, está tremendo de raiva. Posso ver o que planeaste para a minha afilhada vestir esta noite?

Rosalie dirigiu-se, obedientemente, para o armário e depois

voltou com um vestido de baile amarelo pálido reverentemente colocado sobre os braços esticados.

— É guarnecido com fio dourado — disse — e há uma cabeleira amarela que dá com ele na perfeição. E alguns diamantes...

— Não — disse Henry. — Isso não serve. Parece que tem icterícia. Trouxeram mais vestidos de baile?

— Bem, sim — disse Rosalie, alarmada. — Mas eu não...

— Vamos lá ver esses.

— Só há mais dois — disse a criada, voltando ao armário. — Só pude escolher três do guarda-vestidos de Miss Victoria. Cada uma traz a sua própria mala, claro.

— Nós compreendemos — disse Henry.

— Há este damasco de seda — mostrou Rosalie, dando meia volta. — E a cabeleira...

— Ela indicou com a cabeça uma cabeleira que estava pintada num tom claramente bilioso.

Mas Henry já estava a abanar a cabeça.

— O verde vai berrar com o teu cabelo — disse a Kate. — A sua patroa não vai levar cabeleira nenhuma esta noite — ordenou a Rosalie.

— Vou sem cabeleira? Claro que não preciso usar cabeleira — disse Kate, aliviada. — A Victoria está aqui, por isso posso ser eu mesma.

— Essa tem de levar cabeleira — disse Henry com satisfação.

— Podes bem mandar essa cabeleira verde para o quarto dela, porque não vou vê-la na sua cabeça enquanto eu for viva.

— O último vestido — disse Rosalie, esperançada. Sobre os braços tinha uma grande exibição de deslumbrante tafetá creme, com desenhos em tons de um delicado azul pálido.

— Perfeito — exclamou Henry, ao mesmo tempo em que Kate

exclamava:

— É lindo!

— Se eu não volto para o meu quarto, a minha criada vai ter uma apoplexia — disse Henry. — Portanto, Kate: nada de cabeleiras, e põe o cabelo para cima, muito simples, sim? Vou mandar a Parsons pintar-te o rosto.

— Pintar-me o rosto? — repetiu Kate, um pouco desanimada. — Não sei bem...

— A Parsons é uma artista brilhante — disse Henry, não fazendo caso dela. — Nem vais reconhecer-te. Agora, despacha-te, minha querida. Queremos fazer uma entrada em grande e não entrar depois de toda a gente ter ido para a cama.

Kate assentiu com a cabeça e depois correu para o outro lado do quarto para dar a Henry um abraço rápido.

— Obrigada — sussurrou.

Henry lançou-lhe um meio sorriso estranho.

— Olho para você, e percebo, no meu coração, que o teu pai, afinal, não era assim tão tolo.

Depois de Kate tomar uma reconfortante chávena de chá e emergir do banho, já se sentia bastante calma e quase feliz. Esta noite iria decidir o resto da sua vida. Era um pensamento estranho e interessante.

Passou os dedos pelo cabelo. Era ondulado e raiado de dourado de tanto ter andado a cavalo ao sol.

— Então, que podemos fazer com isto, Rosalie?

— Posso fazer-lhe caracóis no alto da cabeça — sugeriu Rosalie. — Ou podemos fazer cachos, para um estilo clássico, mas isso seria mais difícil porque o seu cabelo é muito forte. Teria de utilizar um ferro para o alisar.

Kate estremeceu.

— Vamos pô-lo para cima, com alguns caracóis a caírem para as costas também. Pesa demais para se apinhar todo no alto da cabeça.

— Que gostaria de usar como decoração? — Rosalie andava a bisbilhotar numa caixa que estava em cima do toucador. — Temos uma rede de prata, mas isso faria o cabelo ter um aspeto espalhafatoso. Há um pente com joias, mas é verde-escuro e não fica bem com o seu vestido de baile.

— Passo bem sem nada no cabelo — disse Kate, encolhendo os ombros.

— Oh, menina — gemeu Rosalie. — Suplico-lhe... — Remexeu na caixa. — Está aqui um pente de prata com esmeraldas — disse, com alívio. — Eu sabia que tinha de estar em qualquer lado.

— É só até a meia-noite — observou Kate. — Mal entro no salão de baile antes de serem horas de correr para a carruagem de Algie.

— Tenho quase tudo arrumado — afirmou Rosalie, olhando em redor do quarto. Havia malas abertas alinhadas ao longo da parede.

Ouviu-se um bater apressado na porta e uma criada tão elegante que Kate podia tê-la facilmente confundido com uma hóspede do castelo entrou no quarto.

— Sou a Parsons, menina — disse ela, fazendo uma reverência. — Lady Wrothe pediu-me que a ajudasse.

— Obrigada, Parsons — disse Kate, sentando-se em frente do toucador.

Parsons abriu uma caixa e começou a remexer entre os seus vários produtos de beleza. Primeiro espalhou creme sobre todo o rosto de Kate. Abriu um frasco de rouge e abanou a cabeça.

— E demasiado cor-de-rosa — disse ela. — Preciso é de carmesim.

Tentou o carmesim e depois limpou-o. Em poucos minutos havia uma confusão de frascos em cima do toucador.

— Não fazia ideia de que isto fosse um processo tão complicado

— comentou Kate, numa voz fraca. Tinha os olhos fechados enquanto Parsons lhe fazia qualquer coisa em volta dos olhos.

— Acabei Lady Wrothe antes de vir ter com a menina — disse Parsons. — Tem uma pele linda, mas, mesmo assim, na idade dela, demora mais tempo. Estou apenas a dar-lhe uma ligeira ajuda, menina. Só preciso de encontrar a cor adequada para os lábios. — Voltou a examinar os vários frascos.

Rosalie, que tinha estado a observar enquanto prendia com ganchos o cabelo de Kate, inclinou-se para a frente e apontou para uma caixinha de seda.

— Que tal esta?

— Vermelho peónia — disse Parsons, investigando. Molhou o dedo e pintou de vermelho-escuro os lábios de Kate.

— Está perfeito — disse Kate, cheia de admiração. E estava. A cor transformava-lhe a horrorosa pele cor de mel num deleite. Tinha as faces pintadas com um líquido cor de pêssego pálido e os olhos pareciam ter ficado mais profundos e misteriosos.

— Meu Deus, Parsons — disse ela. — Você és um pouco como um mágico, não és? Parsons riu-se.

— A menina é linda. Não foi desafio nenhum. — Apressou-se a sair do quarto.

— O seu cabelo está quase pronto — disse Rosalie, aplicando no cabelo o pente adornado com esmeraldas. Cintilava entre os caracóis de Kate. — Está maravilhosa.

— Nada jovem — disse Kate, com satisfação, calçando luvas que lhe chegavam bem acima dos cotovelos.

— Não é isso. A menina, na realidade, não devia falar de você como se fosse uma solteirona. Mas está com um aspeto... Bem... Fogoso.

— Acho que mais umas joias ficam bem — disse Kate. — Ainda temos aquela caixa da Victoria, não temos?

Rosalie puxou de uma gargantilha de pérolas com uma linda esmeralda à frente e apertou-a em volta do pescoço de Kate.

— E agora... Os sapatos de cristal — disse ela, com um tom de reverência que fez as sobrancelhas de Kate erguer-se.

— Lady Dagobert disse que era um terrível desperdício de dinheiro.

Rosalie estava a abrir, com todo o desvelo, uma caixa de madeira e a desembulhar um par de sapatos envolto em seda.

— Isso não será verdade em relação a tudo o que realmente vale a pena ter?

— Não é bem — disse Kate, pensando em tartes de limão, e no amor de Freddie, e até no beijo de um príncipe.

A criada ajoelhou-se aos seus pés.

— Agora, calce-o com cuidado, Miss Katherine. Chamam-lhe sapato de cristal por alguma razão. Não é feito de cristal, mas mesmo assim é propenso a partir-se.

Enfiou um deslumbrante sapato de salto alto no pé de Kate. Tinha o brilho de vidro polido e pedras preciosas cintilavam lhe no salto esguio.

— Olha, é quase transparente — disse Kate, com bastante respeito e reverência, muito contra sua vontade. — De que raio isto é feito, se não é de cristal?

— De uma espécie de tafetá reforçado — explicou Rosalie, encolhendo os ombros. — O tafetá parece lançar reflexos, um pouco como o cristal. Na realidade, só servem para uma noite, porque, depois de usados, nunca mais parecem novos.

Kate ficou um momento frente ao espelho, examinando-se. Com alguma satisfação, percebeu que ninguém pensaria que ela era a Victoria empoadada, de cabeleira, que tinha parecido ser nos últimos dias. As sombras escuras que tinha sob os olhos tinham desaparecido e o rouge dava aos lábios um ar amuado e

inegavelmente sensual.

Pela primeira vez, viu no rosto beleza herdada do pai, a beleza pela qual Victoria era famosa. Não era suculenta e fofa como Victoria, mas parecia. Quase pensou parecer melhor. Mais bela do que a irmã.

Se Gabriel olhasse para ela, assim, e decidisse casar com Tatiana, tinha tentado fazer o melhor que podia.

— Rosalie — disse ela, virando-se para a criada, — este vestido foi uma escolha inspirada. Muito obrigada.

— E a maneira como se molda debaixo do seu peito — proferiu Rosalie, dando-lhe a sua doura opinião. — O modo como o tecido se orienta na horizontal aqui, e depois não há mais nada além de um pouco de seda fina sobre os seus seios... E as suas pernas, menina! São tão longas. Vai ter todas as senhoras a suspirar de inveja.

Kate sorriu para você própria. Tanto quanto sabia, nunca ninguém tinha suspirado de inveja pelo modo como ela se apresentava.

— Outra coisa é que está um pouco curto para você — continuou Rosalie o que deixa ver o tornozelo e o sapato. Algumas senhoras encurtam os vestidos de propósito, apenas para isso. As que têm bons tornozelos, claro.

Ouviu-se uma pancadinha na porta e lá estava Victoria, com Algie atrás. Levava a famosa cabeleira cor de cereja, compensada por um delicioso vestido branco debruado a cereja.

— Lorde e Lady Wrothe estão à nossa espera na galeria — informou Victoria. E depois, avistando toda a figura de Kate quando Rosalie se afastou para o lado, parou e apertou as mãos.

— Oh! Você estás... Você estás... Algie olha para a Kate, olha só para a Kate!

Kate avançou, gozando imensamente o acesso de confiança que provém do fato de uma pessoa se sentir bela.

A reação de Algie foi tão satisfatória como a de Victoria. A boca entreabriu-se, embora não pudesse ir longe por causa do colarinho extraordinariamente alto.

— Parece alguém... Parece... Parece francesa. Aquilo era obviamente o seu maior elogio.

— E vocês estão ambos lindos — elogiou Kate.

— Eu não consigo respirar — confessou Victoria. — Mas felizmente este vestido de baile tem um feitio antiquado e as pregas não deixam ver o meu corpo muito distintamente.

— Estás deliciosa — disse Kate. — Vamos?

Henry e Leo estavam à espera deles na extremidade da galeria de retratos. Henry estava magnificamente, vestida, de seda cor de ameixa bordada com arabescos de pérolas pequeninas.

— Bem — disse ela, quando Victoria e Kate chegaram ao fim da galeria de retratos.

— Devo dizer que estou contente por vocês as duas não terem estado no mercado quando eu estava no meu auge.

— A Henry teria roubado os cavalheiros, deixando-nos de coração despedaçado

— brincou Kate despreocupadamente, dando-lhe um beijo. — Mais uma vez, obrigada — sussurrou.

— Por quê? — perguntou Henry.

— Por vir ao baile comigo.

— Você não precisas de nós — gracejou Henry. — O príncipe vai cair redondo no chão num êxtase de desespero quando te vir. Só quero ter a certeza de que não perco o espetáculo. Aprecio uma boa comédia.

Os olhos de Wick abriram-se mais quando eles se aproximaram do salão de baile. Fez uma reverência pronunciada... E piscou os olhos. Depois acenou aos lacaios e, com um movimento suave, sincronizado, cada um abriu uma das imponentes portas.

Wick avançou à frente deles até ao cimo de um pequeno lance de escadas que levava ao salão de baile e anunciou em tons ressonantes:

— Lorde e Lady Wrothe, Miss Victoria Daltry e Miss Katherine Daltry Lorde Dimsdale.

Havia talvez umas duzentas ou trezentas pessoas no salão de baile. Os candelabros captavam o reflexo de diamantes e rubis, o brilho de sedas iridescentes.

Kate avançou até ao cimo das escadas e deteve-se apenas o tempo suficiente para se certificar de que todos os olhos estavam postos nela. Depois, lentamente, muito lentamente, começou a descer a escada para o salão de baile. Naturalmente, segurou as saias, o que deixou à vista os sapatos de cristal e os tornozelos.

Quando chegou ao degrau de baixo, ouviu a agitação de vozes, a repetição estridente do seu nome. Mas, mais do que vozes, viu cabeças de homens a girarem na sua direção.

Compreendeu, com um sobressalto, que era um pouco como se alguém tivesse atirado um balde de aveia para uma pastagem cheia de garanhões. Viraram-se todos, quase como se fossem apenas um, e moveram-se em direção da iguaria.

Ela cumprimentou o homem mais próximo com um sorriso. E não olhou nem para a esquerda, nem para a direita, para ver se um príncipe estava a observar.

O seu prazer era ainda maior devido há anos a ver Victoria a pavonear-se para assembleias locais e depois para Londres, na temporada... E ela ficando sempre atrás, sempre vestida de cambraia simples e algodão grosso, com as suas luvas puídas e botas gastas...

Kate estava dominada por uma espécie de alegria particular.

O primeiro cavalheiro alcançou-a, quase tropeçando nos seus próprios sapatos de baile, tal o seu fervor. Apresentou-se, na ausência do anfitrião.

— Que prazer em conhecê-lo, Lorde Bantam — cumprimentou ela docemente.

Ele usava dois coletes, um de veludo lavrado sobre outro, de cetim azul celeste e fez uma reverência com um floreado tal que as fivelas dos sapatos reluziram como diamantes.

O que, concluiu ela uns momentos depois eram mesmo.

Lorde Bantam foi seguido por Mr. Egan, e depois por Toloose, Lorde Ogilby, o conde de Ormskirk, Lorde Hathaway e Mr. Napkin. Henry flutuava à frente tão naturalmente como se fosse à mãe de Kate, dando pancadinhas com o leque nos braços dos homens, dizendo a Ogilby que evidentemente não podia pedir à afilhada que dançasse uma valsa com ele.

Era uma sensação deliciosa, inebriante, ela estar no meio dos cavalheiros, os seus diamantes a brilharem tão intensamente como as fivelas de Lorde Bantam.

Mas não eram os diamantes que os atraíam. Ela sabia. Era o sorriso secreto nos seus olhos, os seus lábios, carmesim, a sensualidade no modo como se movia.

Avistou Effie e apresentou-se como Kate, irmã de Victoria.

— Kate? — arfou Effie e depois sorriu maliciosamente, fazendo uma reverência. — Que prazer conhecê-la! Bem, eu adoro a Victoria.

E, depois, Effie ficou também no círculo, as duas a rirem e a namoriscarem com todos os homens ao mesmo tempo.

— Sou péssima dançarina — disse ela ao conde de Ormskirk, que Henry decidira que seria o seu primeiro par. Curiosamente, Effie concedera a sua mão a Lorde Hathaway e não aos varões mais jovens que competiam pela sua atenção.

Ele inclinou-se para frente como que hipnotizado e disse baixinho:

— Gostaria de não participar nesta dança, Miss Daltry?

Ormskirk tinha um queixo forte e olhos azuis violáceos.

Parecia um homem que estava mais confortável a cavalo do que numa sala. Nunca leria uma revista sobre antiguidades jônicas, o que quer que isso fosse. Mesmo depois de ler dois artigos, ela ainda não tinha bem a certeza.

Era um homem de ação e não de palavras. Ela concedeu-lhe um sorriso e foi compensada por mais um beijo na mão.

— Preferia dançar — disse-lhe, delicadamente. — Mas o senhor tem de ter pena de mim e dizer-me exatamente o que fazer. Eu não consigo fixar todos estes rodopios na minha cabeça.

— Nem eu — confessou Ormskirk. — Dou sempre comigo a ir à direção errada. Mas isto é uma polonesa, que é muito fácil. O truque é andar a passear-se lentamente por aí até toda a gente parar. Muito enfadonho, na realidade.

Ele tinha razão; era bastante fácil. Kate mantinha os olhos fixos nele para não poder, por algum acaso fortuito, ver Gabriel.

Só pensar nisso lhe causava um sobressalto de angústia, mas o sorriso não a abandonava.

O conde respondia à sua atenção como uma flor ao sol. No fim da polonesa, entregou-a a Lorde Bantam com óbvia relutância. Mas reapareceu muito pouco tempo depois, quando ela ia começar a dançar com Toloose, e agarrou o cavalheiro pela manga.

Kate ergueu uma sobrancelha quando Toloose apresentou uma desculpa e se afastou.

— Meu Deus, o senhor faz-me lembrar um mágico da corte — disse ela. — Como diabo é que afugentou o pobre Mister Toloose? Estava ansiosa por admirar o casaco dele mais de perto.

— O Toloose parece um pavão, mas na realidade é um tipo digno — disse Ormskirk.

— Eu queria dançar consigo outra vez, portanto, arranjei a dança perfeita.

Ela sorriu-lhe, reparando no modo como os olhos dele se

demoravam nos seus lábios e na curva do seu peito.

— Uma valsa — disse, triunfantemente, Ormskirk. Kate sabia a resposta a isso.

— Meu Deus, a minha madrasta nunca me deixou aprender a dançar a valsa! E creio que a minha madrinha que deu instruções explícitas para não dançar a valsa.

— Que sorte a nossa a sua madrasta não estar aqui — disse Ormskirk. O brilho do seu olhar compensava, em certa medida, a altura da testa. O pobre conde estava manifestamente a ficar calvo, embora de uma forma distinta. Obviamente não tinha culpa de a sua testa brilhar a luz de todas aquelas velas.

Kate franziu a sobrancelha, tentando lembrar-se do que Gabriel dissera na noite anterior sobre a valsa. Era licenciosa, ela sabia-o.

— Talvez... Oh! Ali está a minha madrinha — disse com certo alívio. — Henry, querida!

— Ah, Ormskirk — disse Henry. — Pensei que ia voltar.

— A seguir é uma valsa — disse-lhe ele, com uma energia um tanto curiosa. — Perguntei a Miss Daltry se podia acompanhá-la na pista.

— Ah! — disse Henry, olhando-o de cima abaixo. — Bem... — acenou com a cabeça e pareceu chegar a uma conclusão. — Não tenho quaisquer objeções desde que não choquem comigo e com o Leo. Adoro a valsa, mas alguns pares comportam-se como uma parelha de cavalos assustados com a picada de uma mosca.

Ormskirk sorriu.

— Acho que consigo manter-me dentro das marcas — disse ele delicadamente e virou-se para Kate, estendendo a mão. — Miss Daltry?

Por qualquer razão, ela sentia-se estranhamente relutante em dançar com ele outra vez... Mas isso era um disparate. Era só aquela quantidade de gente e o modo como o perfume de Henry enchia o

ar à sua volta e o calor das velas.

— A pista de dança vai estar menos cheia do que isto aqui — dizia Henry a Leo, — dado que muitas das debutantes vão passar esta dança a não ser que esse príncipe tolo lhes peça para dançarem. Espero que elas se ponham todas em fila para melhor o comerem com os olhos.

Kate ganhou coragem. Não ia ficar ali parada enquanto Gabriel girava na pista com a noiva. Lançou a Ormskirk um sorriso, um sorriso que garantisse que o lindo rubor das suas faces aumentasse ainda mais.

— Desde que me conduza senhor. Pois tenho de o avisar que sou terrivelmente inexperiente nesta dança.

Ele estendeu o braço, os olhos azuis firmes, e pegou-lhe na mão.

— Miss Daltry — disse. — Seria para mim uma honra e um privilégio conduzi-la na sua primeira valsa.

Gabriel envergava um casaco de seda grossa bordada, que fora feito para a sua apresentação à corte austríaca. Sabia o que tinha fazendo e ia fazê-lo. Como um homem.

Não, como um príncipe.

Fletiu uma perna em direção a Tatiana, estendendo graciosamente uma mão numa reverência profunda, uma reverência que lhe fora ensinada por cavalheiros que tinham passado as suas vidas na corte francesa. A princesa estava lindamente trajada com um recatado vestido de baile branco. Mas era adornado com renda de Bruxelas autêntica e as mangas eram debruadas com penas de cisne.

O seu encanto irradiava de cada sorriso, de cada olhar de lado que lhe lançava, de cada olhar cintilante que lançava a outras senhoras.

Tatiana estava segura e bem podia estar.

Ele dançou com ela, dançou com outras, dançou com Sophonisba, que o amaldiçoou por ele ter dobrado uma das penas que decoravam o seu penteado. Teve uma pequena conversa estranha com Toloose, que olhava para ele com algo semelhante a raiva nos olhos e disse inesperadamente: Ela ensina as tochas a brilharem com intensidade.

— Isso não é de Romeu e Julieta? — perguntou Gabriel, pensando confusamente na sua despedida de Kate.

Toloose acenou com a cabeça na direção de Tatiana, que fazia covinhas ao sorrir ao tio de Gabriel.

— Shakespeare podia ter ficado a saber tudo o que sabia olhando simplesmente de relance os olhos dela. — E depois se afastou sem dizer mais nada.

Gabriel encolheu os ombros e dançou com Henry, que lhe sorriu genuinamente divertida, e disse:

— Imagino que já tenha visto a minha afilhada.

— Ainda não tive esse prazer — declarou ele.

— Bem, então, é o único no salão de baile — disse ela alegremente. — Meu Deus, príncipe, o seu rosto está branco como a cal. Espero sinceramente que não esteja a sentir-se mal. Toda a gente está divertindo-se muito.

— Fico contente por ouvir isso — disse ele, inexpressivamente.

— Provavelmente não estava consciente desse fato. Em geral, uma pessoa é incapaz de dizer se um inglês está divertindo-se até ele cair a um canto bêbado como um cacho — acrescentou. — Há muito mais noivados a delinear-se aqui para além do seu; Vossa Alteza.

Ele sorriu, embora a odiasse por causa desse comentário. Por causa da maneira como os seus olhos o avaliavam, por causa do modo como ela mencionou o seu noivado, por causa de...

Por causa do desafio reluzente dos seus olhos.

Sobreviveu à dança, fez uma reverência, endireitou-se... E nessa altura viu-a.

A sua Kate. Brilhava como um archote, uma mulher forte, sensual, deslumbrante. Uma princesa, sem qualquer dúvida.

O seu vestido era magnífico, o cabelo delicioso. Olhou fixamente para o riso profundo nos olhos de Kate, para a força do seu queixinho redondo, para o ângulo dos seus malaras.

Viu tanto a bondade intrínseca do seu rosto como a sensualidade profunda no modo como os seus lábios se arqueavam.

Podia abrir caminho através da aglomeração de homens em redor de Kate e dar um murro no homem que lhe sorria como se estivesse esfomeado e ela fosse maná caído do céu.

Mas Tatiana estava ao seu lado e, Kate não estava e, ele tinha o

seu dever, o seu dever, o seu dever. Virou as costas, sentindo as têmeoras a latejarem como nunca e, nesse preciso momento, soaram no salão de baile os acordes iniciais de uma valsa.

Tatiana sorriu-lhe, fazendo covinhas.

— O meu tio concordou que eu podia dançar a valsa ontem à noite, mas, depois da sua indisposição, decidi ficar de lado, na sala.

Ele inclinou a cabeça; ela pôs-lhe as pontas dos dedos no ombro; foram para a pista. Estava relativamente vazia; muitos dos convidados ou ainda não tinham aprendido os passos ou evitavam-na pela sua sala-cidade, ou preferiram ficar de lado a mexericar sobre aqueles que ousavam dançá-la.

Tatiana era como uma pena nos seus braços, antecipando cada movimento da sua perna. Era um autêntico deleite dançar com ela. Deram consigo no fim da pista: ele olhou-a e ergueu uma sobancelha.

— Sim, vamos! — disse ela, a rir. As suas faces estavam vermelhas e os seus olhos brilhavam.

E, assim, ele deixou a música transportá-los, rodopiando, rodopiando, rodopiando, enquanto varriam a pista. Ao desenharem círculos perfeitos, ele viu os olhares reverentes dos seus convidados. Sabia o que eles estavam a ver: ele parecia o Príncipe Encantado perfeito, e ela, na verdade, uma princesa de um conto de fadas.

Chegaram ao fim da pista e ele voltou a olhar para o seu par.

— Talvez devêssemos ser um pouco menos ostensivos no resto da dança.

— Foi uma maravilha — disse Tatiana, cintilando. — Se pudesse, dançaria a valsa a noite inteira.

Ele apertou-a um pouco mais contra você, sorrindo. A perna dela tocava-lhe na sua; parecia-lhe tão sensual como a de uma cabra. Com uma espécie de distanciamento frio, deu consigo a

pensar se seria capaz de cumprir, na sua noite de núpcias.

Que escândalo seria... Um príncipe impotente.

— Oh, olhe — disse Tatiana, chamando-lhe atenção para trás de você. — Receio que nem toda a gente seja tão hábil na dança como Vossa Alteza.

Ele seguiu o olhar. Era Kate, claro. Estava a dançar com Lorde Ormskirk. Estavam também ambos a dançar na pista. Mas, ao contrário da elegância fácil, da graciosidade silenciosa, exibida por Tatiana e ele próprio, Kate e Ormskirk estavam a rodopiar demasiado depressa. A cabeça dela estava atirada para trás e ela ria-se com um prazer contagiante. O seu esplêndido cabelo brilhante girava-lhe em torno dos ombros à medida que Ormskirk a conduzia em círculos contínuos.

Quando ele e Tatiana dançavam, enlaçavam-se levemente. Decentemente.

Mas, para manter o seu impulso excessivo, Ormskirk segurava Kate contra o corpo. Gabriel sentiu um acesso de cólera a crescer-lhe no peito.

A música acabou. Kate e Ormskirk dançaram uma última volta, no silêncio que se instalou, sorrindo um ao outro, como se tivessem alguma espécie de acordo privado.

A mão de Tatiana caiu-lhe na manga; Wick abriu de par em par as grandes portas do salão de baile. Estava na altura de se retirarem para os jardins, onde ia iniciar-se uma exibição de fogo de artifício lançado de barcos que estavam no lago.

Ele quase lhe sacudiu a mão do braço, mas não o fez. Em vez disso, acompanhou a princesa para fora do salão de baile, atravessando as grandes portas, descendo os longos degraus de mármore branco.

A noite estava fresca e Wick tinha espalhado por ali recipiente de metal, cheios de lenha a arder, a fim e manter quentes os convidados. As chamas competiam com o luar e davam um brilho

amarelado aos rostos das pessoas reunidas em volta do lago.

— Nunca vi fogo de artifício! — exclamou Tatiana com entusiasmo de menina. Gabriel pensou nos anos que passara em várias cortes, do seu primeiro fogo de artifício quando tinha dez anos.

— Estou feliz por estar consigo nesta ocasião — disse.

Deve ter havido algo de indiferença no seu tom. Tatiana olhou para ele e depois puxou-o animadamente para junto do tio e de um grande grupo.

— Tio! — chamou.

— Cá estás tu, pastelinho — disse o príncipe Dimitri. — Vi-te fazer uma bela exibição na pista de dança. Ainda bem que a sua mãe não está aqui.

Gabriel fez uma reverência.

— A princesa é uma dançarina extraordinariamente graciosa.

— É mesmo — disse o tio.

Tatiana tinha-se esgueirado para frente do pequeno grupo e estava à beira do lago, observando os barcos com toda a atenção. — Então que planejou para nós, príncipe?

— Os barcos vão deslizar até ao meio do lago e amarrar-se uns aos outros — explicou Gabriel. Viu Kate e o conde de Ormskirk à esquerda. — A um sinal de Berwick, começam a lançar o fogo de artifício, numa determinada ordem para criar um espetáculo notável.

— Ou é o que se espera — disse Dimitri. — Sempre traiçoeiros estes fogos de artifício, não são?

— Na verdade, são — disse Gabriel. — Se me perdoa Vossa Alteza, quero certificar-me que todas as preparações estão a decorrer bem.

— Com certeza que não é preciso — disse o príncipe, mas Gabriel já estava a afastar-se. Dirigiu-se para trás dos convidados,

apinhados em volta do lago, e depois se pôs a caminho... Para a esquerda.

Naturalmente.

Ela estava atrás do grupo, felizmente, mesmo em frente da entrada do labirinto. Ele dirigiu-se em silêncio por trás dela e enfiou uma mão na curva da sua cintura, sem dizer palavra.

Ela olhou-o, mas estava escuro e ele não conseguiu ler-lhe a expressão. Sem lhe sacudir a mão, ela murmurou qualquer coisa ao conde e afastou-se.

Com um gesto rápido, puxou-a para a entrada do labirinto e dobraram a primeira curva. Ali não havia recipientes com lenha a arder, nem archotes para iluminar a escuridão. Sentiam-na densa e aveludada nos seus rostos.

— Gabriel — disse Kate. Para seu alívio, ele ouviu um risinho divertido na voz dela.

— Que estás fazendo?

— Anda — disse ele e agarrou-lhe a mão com mais firmeza, virando-se na direção da escuridão.

— Não posso — protestou ela. — Os meus sapatos de cristal... Não posso andar nesta relva!

Sem hesitação, ele ajoelhou à sua frente e agarrou com a mão um pequeno sapato.

— Minha senhora.

Ela levantou o pé e ele fez-lhe deslizar o sapato dos dedos. Silenciosamente, tocou-lhe na outra perna e tirou-lhe esse sapato também, colocando os dois com todo o cuidado num banco que ficava mesmo a seguir à entrada do labirinto.

— Sinto-me como uma criança, a dançar, de meias, na relva — disse Kate, um profundo zumbido de prazer na voz.

Com a mão esquerda a tocar ligeiramente na sebe e com a direita a segurar com força a dela, percorreu o labirinto, vendo as

curvas na sua cabeça. Na realidade, era muito simples, se soubesse o caminho.

Kate seguia-o; tropeçou um pouco uma vez, mas ele segurou-a.

— Chegamos. — Dobraram a última esquina e encontraram o centro. Estava banhado pelo luar e, sem os archotes a competir, o ar era prateado, cobrindo as sebes e as sereias risonhas de poeira delicada.

— Parece magia — disse Kate, dirigindo-se à fonte. — O que mantém a água a sair destas estátuas?

— É uma questão de gravidade e do peso da água que está por baixo. Se eu rodar esta manivela — o demonstrou, — a água transforma-se num fiozinho.

— Gostava de me sentar, mas receio que os salpicos tenham molhado a pedra — disse Kate pesarosamente — e não posso amarrotar o vestido.

Virou-se e olhou para ele, mas ele não tinha palavras. Receava que nada saísse da sua boca a não serem as palavras mais elementares, os arquejos ofegantes e impulsivos que homens e mulheres partilham na mais profunda intimidade.

Em vez de falar, estendeu o braço e passou-lhe a mão pela curva da face. Sentiu a suavidade da sua pele, a orla do seu sorriso arqueado. Substituiu os dedos pela boca.

— Gabriel — disse ela, afastando o rosto do dele.

O coração de Gabriel teve um sobressalto.

— Tenho de o fazer.

— Não deves.

— Kate! — Até dizer o seu nome lhe causava dor. Ao mesmo tempo, era como mel na sua boca, doce e familiar, como uma canção de embalar a soar-lhe no coração.

— Oh, Gabriel — sussurrou ela.

— Concede-me uma última vez — suplicou. — Por favor, por favor. Suplico-te.

— Eu... — Ela parou e recomeçou. — Tenho medo, Gabriel. Vais despedaçar-me o coração.

— O meu já está despedaçado.

Pois, a verdade estava exposta entre eles. Os olhos dela cintilaram com algo mais úmido do que o luar.

Ele beijou-a num ato de possessão. Não havia outro modo de descrever a forma como ambos caíram juntos, numa escuridão sem nome, num temerário espaço de conto de fadas, onde ele não era um príncipe e ela não era uma dama.

Apenas dois corpos, excitados, quentes, loucos um pelo outro.

— O meu vestido — murmurou ela algum tempo depois. Os olhos brilhavam com uma espécie de júbilo cruel. — Isto é tão impróprio.

Ele estendeu a mão, torceu a manivela e o gorgolejar da água parou por completo. Depois lhe mostrou como colocar as mãos na cabeça de uma sereia molhada e risonha. Com muito, muito cuidado, levantou camada atrás de camada de tecido, lançando-as por cima das costas dela até que as suas belas nádegas ficaram sob as suas mãos, cobertas apenas por um par de calcinhas tão delicadas que ele lhe via a pele através delas.

Hesitou, como se o que estava à sua frente fosse demasiado belo para mãos humanas. Então, desnudou-a ao luar, inclinou-se, encostando-se a ela, as mãos a dirigirem-se naturalmente aos seus seios.

Ela não tinha dito uma palavra, mas no momento em que os dedos dele lhe roçaram um mamilo, soltou um grito e encostou-se a ele. Era como ser apanhada numa tempestade de neve e perder temporariamente a vista; parecia que todas as sensações provinham das suas mãos, do seu corpo apenas.

A doçura do seu seio, o botão tenso do seu mamilo, o arfar irregular que lhe sacudia o corpo, a curva profunda das nádegas contra ele, o céu que estava lá em baixo.

Ele voltou a acariciá-la e ela voltou a gritar. Ele deixou os dedos descerem até ao seu doce vale e ela soluçou e arqueou-se para trás.

A mão tremia-lhe quando se cobriu com um preservativo. E depois... Deslizaram juntos como se tivesse feito amor assim uma centena de vezes, como se os seus corpos tivessem sido concebidos para aquele momento. Ele penetrou fundo; ela arqueou com um grito que voou para o céu da noite.

Era quase demais. Gabriel cerrou os dentes e concentrou-se em romper o corpo dela sem se perder, deixando o seu perfume delicado, o doce mel da sua pele, o som áspero da sua respiração, penetrar na sua memória para ele poder guardá-los — guardá-la — para sempre.

Durante um tempo, não se ouviu nada além do som dos seus corpos a encontrarem-se num prazer sedoso, quase violento, um soluço de Kate, um gemido de Gabriel...

Mas era demasiado profundo, demasiado ávido para durar. Ele começou a mover-se mais depressa e ela gritava agora, arqueando-se com força contra ele, e depois quebraram ambos, estilhaçando o tempo e o silêncio e qualquer molécula de espaço que houvesse entre eles, moldando os seus corpos numa só carne, num só coração.

Ele ficou assim, inclinado sobre ela como qualquer animal com o seu parceiro, até elfazendo um pequeno ruído e se esticar contra ele.

Nesse momento, um barulho sibilante ouviu-se à distância e, quando ambos se viraram para ver, a explosão foi seguida de uma chuva de faíscas verde-esmeralda, que caiu na terra.

Kate estava a sacudir as saias, puxando-as para baixo, mas parou os olhos a encontrarem os dele. O coração de Gabriel batia-lhe com

força no peito.

— Estou tão contente — disse ela — por aquele fogo de artifício não ter acontecido um ou dois minutos atrás. Teria sido absurdo.

Outra explosão... Faíscas cor de rubi fundiam-se, transformavam-se em rosa e morriam.

Ele não conseguiu responder-lhe, dizer uma palavra. Ajudou-a a pôr o cabelo para cima, os dedos a demorarem-se no seu ouro denso, roubando um último toque. Depois, segurou-lhe a mão e conduziu-a para fora do centro do labirinto.

Ela levantou o rosto para o dele quando dobraram a última esquina. Ele não se mexeu, por isso ela teve de procurar a sua boca com a dela. Ela roubou ou foi um presente? Aquele último beijo com uma deliberação fria, como se estivesse a transmitir-lhe uma mensagem que ele não era capaz de interpretar.

No último troço na escuridão, ele voltou a ajoelhar aos seus pés, genufletindo como qualquer cavaleiro medieval perante a sua dama.

O seu pequeno pé pousou, confiante, na mão, enquanto ele lhe enfiava o sapato sobre o arco do pé. Depois o outro e teve de se levantar. Não podia ficar ali, na escuridão, para sempre.

— Kate — disse, já de pé. Voltou a estender as mãos para ela, a pressão a intensificar-se nos seus braços.

A orquestra começou a tocar... Eles tinham-se deslocado ao longo do lago e as notas de uma valsa varreram a noite serena como um vento alegre. Ele moveu uma mão, que lhe caiu na cintura.

— Você disseste — sussurrou ela — que quem nos visse dançar a valsa saberia que éramos amantes.

— Não — disse ele, ferozmente. — Saberá apenas que eu estou apaixonado por você. Por favor, Kate, dança comigo.

Ela pôs a mão na dele, sorriu, os olhos a brilharem de lágrimas não derramadas.

Sem dizer palavra, segurou-lhe a mão ao alto e arrastou-a para

uma valsa lenta. Ela não o seguia na perfeição, por isso ele puxou-a mais para você, mostrou-lhe silenciosamente como sentir, pela pressão do seu corpo, em que direção ia virar.

Como era de esperar... Ela aprendeu, aprendeu. Um momento mais tarde, eles dançavam juntos como se o ar tivesse decidido abraçar o vento, como se fossem duas flores apanhadas numa lufada de ar quente.

A música chegou ao fim. Gabriel não tirara os olhos do seu rosto, nunca olhara por cima do ombro, para ver se tinham assistência. Não lhe interessava.

Ela fez uma reverência, estendeu a mão para ser beijada.

Gabriel ficou na sombra da sebe, vendo Kate caminhar sobre a relva em direção a Henry, que se virou para ela e lhe deu um beijo rápido.

A noite parecia interminável. Finalmente foram chamados para a sala de estar por Wick, que tinha lacaio a circular com bebidas quentes para quem estava gelado e pastelinhos requintados para quem tinha fome. Gabriel ficou ao lado de Tatiana. Sentia-se como um autômato, mas lá ficou ele, acompanhando-a de um lado para o outro, rindo quando ela se ria, sorrindo quando ela sorria.

Afastando, a custo, os olhos da chama viva que era Kate. Subitamente compreendeu que Tatiana estava a dirigir-se a ele.

— Vossa Alteza — repetiu ela.

— Perdoe-me — disse, virando-se.

Ormskirk estava ao lado de Kate, junto à lareira, inclinado sobre ela... Parecia que Kate estava a dizer adeus a Henry e a Leo, mas isso não podia ser. Ela não podia estar a ir-se embora... Ele tinha de a ver na manhã seguinte, tinha de a ver mais uma vez.

Tatiana ergueu os olhos para ele. Era pequenina, mas tinha firmeza no queixo e força nos olhos.

— Poderia ter a gentileza de me acompanhar aos meus

aposentos, príncipe?

— Claro — disse Gabriel, virando as costas a Kate.

Tatiana pôs os dedos delicadamente no seu braço e começaram a dirigir-se para fora da sala. Ela tinha modos requintados, sorrindo e acenando a vários convidados, enquanto lhe dizia:

— Noto certa tristeza em você, príncipe. Ele aclarou a garganta.

— Com certeza está interpretando mal...

— Não — disse ela. Tinham chegado à porta, depois ao vestíbulo. Ela puxou-o para a sombra, para a direita da grande porta em arco aberta para o pátio. — Não estou a interpretar mal. Vejo o que vejo.

Gabriel não fazia ideia do que dizer.

— Vi-o valsar com aquela mulher encantadora. Suponho — disse pensativamente — que têm uma história.

Ele pestanejou.

— Uma história de amor — clarificou-a. — Têm uma história, ou pelo menos é isso que lhe chamamos. Muitos, oh, muitos, dos meus parentes tiveram uma história no seu passado. Somos apaixonados, nós, os cossacos. Adoramos estar apaixonados. E parece-me que também tem uma história dessas, príncipe.

Parecia não haver qualquer razão para o negar. Tatiana não estava zangada, nem sequer estava particularmente preocupada.

— Qualquer coisa desse gênero — admitiu ele.

Tatiana acenou com a cabeça. Os seus olhos mostravam muita simpatia; muita bondade.

— Nós, em Kuban, conhecemos as nossas histórias de fadas — disse.

— Tal como nós — respondeu ele, sabendo exatamente o que ela estava a dizer. — Todas as histórias têm um fim. — Inclinou-se para frente e deu-lhe um beijo no nariz. — É uma pessoa muito

doce, princesa.

Ouviu-se um som indistinto, como um soluço abafado, o tumulto de um salto ornado de joias... Ele levantou a cabeça exatamente a tempo de ver o lampejo de tafetá creme desaparecer através do arco à sua direita.

Praguejou e largou a correr atrás de Kate, não se lembrando sequer o que pensaria disso Tatiana ou qualquer pessoa que estivesse a ver. Ela voava pelo pátio, pelo arco que levava aos degraus do pátio exterior, sem olhar para trás.

Ele correu mais depressa. Mas era tarde demais.

O pátio estava vazio, brilhando ao luar. A curta distância, ouviu o som rotativo de rodas de uma carruagem que começava a descer a estrada de gravilha.

Tarde demais, tarde demais, tarde demais.

Deu um passo em frente, pensando correr atrás da carruagem, correr como louco, mais louco do que já estava. O pé roçou em qualquer coisa.

Baixou-se.

Era um dos sapatos de cristal de Kate. Brilhava na mão, tão delicado e absurdo como qualquer frivolidade feminina que alguma vez vira na vida.

Disse-o em voz alta, porque não havia razão para o calar:

— Estou... Desfeito. Ela desfez-me.

E a mão fechou-se em torno do sapato de cristal.

A casa da madrinha de Kate era excepcionalmente confortável: aconchegante, cara e ligeiramente devassa.

— Tal e qual como Coco — observou Henry. Estavam a descansar no seu quarto de vestir, cujas paredes eram cobertas de seda lustrosa e ondeada, pintada à mão com primulas cor de coral bastante improváveis. — Eu e ela temos ambas; o ar de uma très-coquette. O Leo diz que, na sua vida passada, a minha queridinha ornamentava um bordel.

Kate olhou para Coco, que estava tratada e adornada na perfeição, naquela manhã, com uma pequena quantidade de ametistas espalhadas no pelo.

— É demasiado tímida para ser uma boa prostituta. Um homem conseguia perceber, apenas com um olhar, que ela só queria a moeda.

— É essa a natureza do ofício — disse Henry, com muita sensatez. — Agora, ouve querida.

Kate levantou-se e foi até a janela, percebendo, pelo tom de voz de Henry, que não ia querer ouvir. A janela do quarto de vestir era na parte da frente da casa, dando para um pequeno jardim público, ventoso e bastante abandonado.

— O inverno esta chegando — disse. — Os castanheiros estão todos matizados de ouro.

— Não estejas a tentar distrair-me com palavreado sobre a natureza — disse Henry.

— Sabes que eu não era capaz de distinguir uma castanha de uma castanha-da-índia. O que eu quero dizer, querida, é que tens de parar com isto.

Kate olhou pela janela, os ombros tensos, curvados por essa

verdade, pelo calor da voz da madrinha. Doía-lhe a cabeça. Naqueles dias doía-lhe sempre a cabeça.

— Castanhas são castanhas-da-índia — disse ela.

Henry ignorou aquele débil aparte.

— Já passou um mês — disse ela. — Espera! Até mais.

— Bem mais de um mês — disse Kate, melancólica. — Quarenta e um dias; se quiser um número exato.

— Quarenta e um dias a ver-te de mau humor — comentou Henry. — Basta!

Kate foi ajoelhar-se junto ao braço da cadeirinha baixa de Henry.

— Desculpe, desculpe, eu não queria ser tão desagradável.

— Eu sei que não consegues evitá-lo, até dada altura. — Henry fez-lhe uma festinha no queixo com um dedo ornado com um anel. — Essa altura chegou.

— Eu não quero... Tenho mesmo andado de mau humor?

— Não sugeriste que a minha querida Coco não conseguiria ser uma boa mulher da noite? — perguntou Henry.

Kate não conseguiu evitar soltar uma risadinha.

— Pois.

— Posso garantir-te que ela iria ter a mais alta procura, tal como eu teria, se tivéssemos abraçado uma ocupação tão insalubre. E ontem à noite, ao jantar, não informaste Lady Chesterfield que a filha dela era tão adorável como uma vitela recém-nascida?

— E é — disse Kate debilmente. A mesma expressão absurda no rosto de ambas.

— E finalmente — concluiu Henry, — não comunicaste ao Leo que o cabelo da irmã tinha agora exatamente a cor de estrume de cavalo na primavera?

— Mas não lhe disse isso a ela.

— Dou graças a Deus por pequenos favores.

— E aquela cor particular, verde-azeitona — disse Kate. — Nunca a vi em mais sítio nenhum da natureza.

— Não era uma questão de natureza, como qualquer tolo perceberia. A pobre mulher queria transformar a palha em ouro e não resultou. Não estou a dizer que não esteja a ser um prazer viver contigo, em alguns aspetos. Gostei particularmente da sua rostopterização do regente como o círio-do-rei, com uma dobra ao meio. Embora, realmente, não se devesse brincar com a realeza, por muito frouxa que tenha fama de ser.

— Desculpe — disse Kate, voltando a beijar Henry na face. — Tem sido horrível viver comigo. Eu sei.

— Seria melhor, pelo menos, se saíesses de casa de vez em quando. Sinto a falta de uma ida ao teatro.

— Eu vou sair — prometeu ela.

— Esta noite — disse Henry, cruzando os braços. — Esta noite vais voltar a entrar na alta sociedade.

— Na verdade, nunca lá estive, pois não?

— Mais razão ainda para começares agora.

Kate ergueu-se com certo esforço, sentindo-se muito velha e triste. Dirigiu-se outra vez à janela, onde a penumbra estava a instalar-se sobre os castanheiros e os últimos raios de sol se insinuavam oblíquos, através dos ramos. Estranhamente, ouviu-se uma pequena agitação no parque, que geralmente estava tão solitário como uma pedra.

— Fizeste o que devias fazer — declarou Henry, falando atrás dela.

Kate virou-se. A madrinha não dissera uma palavra sobre Gabriel desde... Durante quarenta e um dias.

— Deste-lhe uma oportunidade para se tornar homem e, ele não conseguiu aproveitá-la.

— Tinha responsabilidades.

Henry suspirou.

— Estás melhor sem ele. E decididamente tiveste razão em não lhe falar na possibilidade de teres um dote. Repara só como esse dote acabou por se tornar tão grande. Espero que tenhas conseguido perceber intuitivamente que, para ele, isso faria toda a diferença e não posso imaginar pior razão para ele romper o noivado.

— Não percebi. Pensei apenas... Tive esperança. Estupidamente, suponho.

Tinham decorrido quarenta e um dias e ela era idiota em manter viva uma ténue chama de esperança, simplesmente porque não tinha havido, entretanto, qualquer anúncio do casamento da princesa Tatiana. Mas quem sabia quando esse casamento iria realizar-se?

Tanto quanto sabia, eles tinham regressado à Rússia para aí consagrarem a sua união.

— Nunca se deve esperar que os homens saibam mostrar-se à altura — disse Henry tristemente. — Não sabem, geralmente.

Kate voltou a olhar para a janela. Tinha os ombros tensos e doridos de conter o sofrimento e as lágrimas. Mas estava tão farta de chorar, tão farta de se interrogar porque era Gabriel como era.

Era como uma espécie de quebra-cabeças. Era como era, porque era príncipe...

A frase girava e voltava a girar melancolicamente na sua cabeça. Os braços de Henry rodearam os ombros e ela ficou envolta numa nuvenzinha de perfume doce como melaço.

— Vais odiar-me por isto, mas uma pequenina parte de mim está contente pelo fato de Gabriel revelar não ter coragem para romper o noivado.

— Por quê?

Henry fê-la virar-se.

— Porque consegui passar este tempo contigo — disse, enfiando um caracol de Kate atrás da orelha. — Você és a filha que nunca tive, doce Kate. És o melhor presente que o Victor alguma vez deu a alguém. — Os olhos brilhavam das lágrimas. — Volto a amá-lo por causa disso, porque te amo. E, embora odeie ver-te tão triste, a parte egoísta de mim está terrivelmente grata pelo tempo que temos passado junta nas últimas semanas.

Kate lançou-lhe um sorriso vacilante e envolveu-a num abraço.

— Eu sinto o mesmo — respondeu ela, abraçando Henry com força. — Compensou todos aqueles anos com a Mariana.

— Bem — disse Henry, um segundo depois. — Estou mesmo a ficar chorona. Vais pensar que acompanhei o Leo num brande antes do jantar. Eu não queria dizer o que disse em relação ao Gabriel. Tomara eu que ele fosse o homem que tu esperavas que ele fosse querida. Tomara eu.

— Eu sei — disse Kate.

— Os homens vêm e os homens vão — continuou Henry. — São como singelos.

— Singelos — surpreendeu-se Kate estupidamente, virando-se para observar os homens que estavam muito atarefados no jardim. As suas formas eram silhuetas negras contra o céu azul-escuro.

— Estão lindamente suspensos e parecem brilhantes e novos, mas depois quebram com um estalido e os que são realmente maus derretem-se — disse Henry com um suspiro. — Que raio é que aquelas pessoas estarão fazendo no jardim? Parece que estão fazendo uma fogueira de Guy Fawkes. Hoje é Dia de Guy Fawkes?

[\[12\]](#)

— Isso não é em novembro? — perguntou Kate. Mariana nunca fora pessoa de honrar feriados nacionais.

Henry deu-lhe um último abraço.

— Logo à noite vamos ao teatro e podes receber com entusiasmo alguma atenção afetuosa do Ormskirk. Os seus bilhetes estão a ficar cada vez mais frenéticos. Acho que ele pensa que estás a definhar. Perdeste o Dante como candidato. Recebi agora mesmo uma carta da mãe de Effie e ela aceitou-o.

— Fico contente por ela — disse. — Estou muito contente por Lorde Hathaway ter afastado todos aqueles jovens e ter ganhado a mão dela.

— Então, está na altura de refutares todos os receios de Ormskirk sobre a sua morte iminente — insistiu Henry.

— Eu sou deveras robusta — assegurou Kate. As sombras por baixo dos olhos e as covas das faces tinham desaparecido. Não era justo que a dor no coração fosse mais debilitante do que a simples exaustão.

— Vou mandar um laçao lá abaixo perguntar que diabo se está passando — disse Henry, aproximando-se mais da janela. — Olha para aqueles pássaros todos. Parece que estão entretidos num autêntico mexerico.

As árvores estavam cheias de melros, voando em pequenos grupos e pousando de novo juntos.

— Talvez eles estejam a comer um belo assado — sugeriu Kate — e os pássaros estão à espera que partam o pão.

— Um assado? — perguntou Henry — Neste bairro? Duvido muito. Olha, estão a acender a fogueira. É muito grande, devo dizer.

Nesse momento ouviu-se um arranhar na porta e o novo mordomo de Henry, entrou com uma salva de prata na mão.

— Minha senhora — informou —, chegou um bilhete.

— Chegou? — perguntou Henry — De quem? Tem alguma ideia do que se está passando no parque, Cherryderry?

— Este bilhete foi enviado pelos cavalheiros que estão no parque — explicou ele. — Mas não faço ideia da natureza da

atividade.

— Importa-se de pedir a Mistress Swallow que traga mais chá, Cherryderry? — pediu Kate.

Ele fez uma reverência e partiu; Henry bateu com o bilhete no queixo pensativamente.

— Não vai abri-lo? — inquiriu Kate.

— Claro que vou. Estava só a pensar se havia de mandar um laçao chamar o guarda. Gostava que o Leo estivesse em casa, ele saberia o que fazer. Olha como aquelas fagulhas estão a subir em direção às árvores. E se pegam fogo a tudo?

— Abra o bilhete e veja o que diabo se passa — insistiu Kate.

— Não posso — disse Henry.

— Como?

— Vem dirigido a você.

Preferia não me lançar numa pira funerária. Por favor; volta para mim.

O bilhete caiu dos dedos de Kate e ela deu um passo em direção ao vidro, esforçando-se por ver através da escuridão que se ia instalando.

E então conseguiu ver... Um homem. Um homem alto, de ombros largos, em pé diante da fogueira. Tinha os braços cruzados.

Estava à espera.

Henry estava a apanhar o bilhete do carpete, mas Kate não hesitou.

Correu pela escada abaixo, atravessou o vestíbulo de mármore, a porta principal e a rua. Aí, parou de repente na grade de ferro, as mãos a enrolarem-se instintivamente em volta do metal gelado.

— Gabriel — disse, tomando fôlego.

— Olá, amor — disse ele, sem se mover. — Vens salvar-me?

— Que estás fazendo? Aqui? O fogo?

— Abandonaste-me, como Eneias abandonou Dido — retorquiu ele. — Pensei que isto podia atrair a sua atenção.

— Eu não te abandonei. Nós não podíamos... Você tens de...

— Abandonaste-me.

Era uma tolice tipicamente masculina, por isso ela fez a única pergunta que interessava:

— Ainda estás noivo? Casaste?

— Não.

Ela largou a grade de ferro e apressou-se para a porta que dava para o jardim, deu consigo quase a correr, tal como Freddie a reagir a uma oferta de queijo, e abrandou.

Conseguiu ir a andar até estar suficientemente perto para lhe ver o rosto e depois ele corria e ela corria...

— Meu Deus, eu tive tantas saudades tuas — grunhiu ele e depois procurou a boca dela.

Ele sabia a lenha queimada ao ar livre, ao ar de inverno, a amor.

Passou tempo, passaram minutos, horas, e eles em frente daquela fogueira, nos braços um do outro, sem falar. Beijando-se apenas, beijos de quarenta e um dias, beijos de noites, beijos da manhã, da hora de almoço, beijos do crepúsculo.

— Amo-te — disse ele, finalmente, recuando.

Kate sentiu os lábios, carnudos e sensuais, maduros como um pêssago. Queria mais dele. As mãos deslizaram-lhe sobre os ombros largos, enterraram-se no cabelo, voltaram a puxar-lhe a cabeça para a sua.

— Eu também — sussurrou. — Eu também te amo.

Ele recuou um passo e os braços dela soltaram-se do seu pescoço. Tirou o chapéu e o fogo lançou reflexos que lhe bailaram no cabelo. Depois, com um gesto simples, caiu sobre um joelho diante dela.

— Dar-me-á, Katherine Daltry, a grande honra de ser minha mulher?

Kate estivera vagamente consciente de que havia homens no jardim, de que Henry atravessara a rua, de que criados e espectadores, e provavelmente a maior parte de Londres, estavam todos de boca aberta atrás das grades. Nessa altura, vindo deles, ouviu um ruído surdo como o som de risos que contagiavam uma cidade inteira.

Estendeu uma mão.

— Dá-me uma enorme honra — disse. Ele ficou onde estava.

— Sim — sussurrou ela. — Sim, sim, sim!

Gabriel levantou-se de um salto e fê-la rodopiar e as faíscas

douradas que voavam através dos ramos escuros balançavam, loucas, no ar, enquanto ela se ria. Henry ria-se também, e Leo estava igualmente no parque nessa altura, e por último Gabriel riu-se igualmente. Um riso profundo, alegre, com uma ponta de triunfo e de posse que fez o coração de Kate bater muito depressa.

— Eu tenho — disse ele, um momento mais tarde — uma licença especial. — E tirou-a do bolso.

Depois, lá estava Henry a abraçar Kate, e Leo também, cheirando a brande com especiarias.

— Amanhã de manhã — determinou Henry. Portanto, tinha de ser.

Para sua vergonha, Kate nem sequer se lembrou de perguntar o que iria sustentar o castelo; estavam todos sentados em volta da mesa do jantar quando Henry abordou o assunto. Kate tentava ignorar o fato de Gabriel estar a esfregar a perna contra a dela.

— Então, príncipe — disse Henry, — como é que tenciona sustentar a minha afilhada, já para não falar nesse seu castelo, de um modo que ela pode, legitimamente, esperar? Agora que não vai casar por dinheiro — acrescentou, lançando um olhar travesso a Kate.

Mas Kate tinha as suas ideias quanto ao momento em que informaria Gabriel do seu dote.

— Vendi um livro — explicou Gabriel calmamente. — Recebi um adiantamento colossal, suficiente para sustentar o castelo e a Kate durante bem mais de um ano, mesmo que ela tenha o capricho de querer sapatos de cristal. Por essa altura, a propriedade circundante já deverá ser suficientemente lucrativa para sustentar o castelo de uma forma simples, se não principesca.

Kate ficou de boca aberta.

— Um livro sobre arqueologia?

— Sobre a escavação arqueológica de Cartago — contou. —

Com muitos pormenores sobre a vida quotidiana das pessoas normais nessa época.

— Esse é o interesse especial do Gabriel — disse Kate a Henry e a Leo. — É um dos poucos arqueólogos que pensa que a vida de um homem comum é tão interessante como a de um rei.

— Isso depende do homem — disse Henry. Mas os seus olhos estavam fascinados. — Eu nem sequer sabia que os editores pagavam a pessoas para escreverem livros. Pensei que elas o faziam — ondeou a mão — por amor a isso ou qualquer coisa do gênero.

— Até eu sei! — disse Kate, fazendo troça dela.

— Há anos que não leio um livro — respondeu Henry, impávida. — Mas vou fazer uma exceção.

— Letras de ouro num conjunto de três volumes — disse Gabriel. — Só por assinatura.

— Nesse caso, decididamente, vou lê-lo — decidiu Henry. — Vou comprá-lo em duplicado. E o mesmo fará toda a gente que eu conheço — garantiu-lhe.

— Você és brilhante — disse Kate, sorrindo-lhe, cheia de alegria.

— Eu estou tão... Estou tão orgulhosa.

— Que diabo aconteceu àquela menina russa? — perguntou Leo.

— Passei-a ao Toloose — informou Gabriel, com orgulho. — Levou-me duas semanas a juntá-los. Depois disso tudo, ele veio ter comigo e disse que tinha de regressar a Londres, porque já não aguentava, portanto, empurrei-o para o labirinto e disse-lhe que desse tudo por tudo. Um dia depois, o tio de Tatiana chamou-me de parte com toda a espécie de desculpas profusas.

Uma mão deslizou-lhe para a anca, por baixo da toalha de mesa.

— Você és praticamente minha mulher — disse-lhe Gabriel ao ouvido. — Isso significa que é permitido apalpar.

— Espantoso como até um príncipe pode assumir a expressão de um vigário travesso

— disse Henry ao marido.

Mas Kate não estava a ouvir.

A meia-noite, Kate voltou a dizer, de você para você, que Gabriel era um cavalheiro. Um príncipe. Claro que ele não ia esgueirar-se pelo corredor da casa de Henry, como se fosse realmente um vigário travesso.

Ela é que tinha uma imaginação depravada, claramente. Ouviu-se um barulho.

Mas não vinha da porta dela.

Correu para a janela e abriu o caixilho.

— Graças a Deus — disse Gabriel, içando-se e passando uma perna por cima do caixilho. — Quase caí no jardim.

— Chiu — sussurrou Kate, puxando-o para dentro do quarto. — Não sei se a Henry e o Leo já estão a dormir.

— Não estão — disse Gabriel. — Estão ali em baixo, na biblioteca, e na realidade amanhã devíamos dizer-lhes que divertirem-se assim no tapete da lareira devia ser com os cortinados corridos.

Kate pôs-se a rir loucamente.

— Não!

A boca de Gabriel também se contorceu, mas o seu olhar tinha uma impetuosidade firme que não deixava muito espaço para o riso. Sem dizer mais nada, começou a desatar o lenço do pescoço.

— Oh! — exclamou Kate, nervosa. E depois: — Não vais contar-me mais nada sobre livro?

— Não.

— A Tatiana ficou triste por te ter perdido?

— Ela viu a minha corrida louca quando tu partiste. Acho que

teve dúvidas quanto à felicidade do casamento e com muita razão. Além disso, o Toloose é muito mais elegante do que eu. Fazem um lindo quadro, juntos.

— Você correte atrás de mim?

O rosto de Gabriel assumiu uma ferocidade tensa.

— Nunca mais volte a deixar-me, Kate. Não conseguiria aguentar.

— Eu não te deixei — protestou ela. — Quer dizer, não tinha escolha. Vais tirar o casaco?

— Vou tirar tudo. E, a não ser que queiras que eu te dispa, podes pensar em fazer o mesmo.

— Não deveríamos esperar por amanhã? — perguntou ela, sentindo uma inexplicável onda de timidez.

— Não.

Estava reduzido à roupa interior.

— Oh! — disse ela, a voz fraca. — Esqueci-me...

— Eu não me esqueci de nada — disse ele com satisfação, estendendo a mão e soltando o laço do roupão dela. Tirou-lhe dos ombros e ela viu um brilho de apreço nos seus olhos. Quando a Kate não apetecia frequentar a sociedade, Henry mandara metade das modistas de Londres a casa para a servirem.

Vestia uma criação tão delicada e, contudo, erótica, que só podia ter sido feita para uma princesa. Visivelmente, Gabriel engoliu em seco.

— Essa camisa de noite é muito, muito arrojada. — Havia um tom de admiração na sua voz.

Kate agarrou o lacinho simples que mantinha toda a confecção de renda e seda transparente a flutuar em volta do seu corpo. Ele não disse palavra, por isso ela desatou-o e, depois, muito simplesmente, deu um passo em frente, deixando-o cair numa nuvem em redor dos pés.

Gabriel pegou ela ao colo e levou-a para a cama, pousando-a tão delicadamente como um dos seus fragmentos de barro partido.

— Eu não me esqueci de nada, de nenhum pormenor, das vezes que fizemos amor — disse-lhe ele. — Mas houve uma coisa que nunca tive oportunidade de fazer então.

— O quê? — perguntou Kate, ouvindo a sua própria voz entrecortada.

— Isto — respondeu ele. E, tendo dito, deslizou as mãos pelo corpo dela e, sem hesitação, apropriou-se das suas partes mais íntimas.

— Que estás fazendo? — gritou Kate, erguendo-se. Mas, quando a boca dele seguiu as suas mãos, ela deixou de fazer perguntas, pois tudo o que conseguia fazer era ofegar. E depois gritar bem alto. E, por fim, guinchar.

Só horas depois é que ela se lembrou do que tinha para lhe dizer. Nessa altura, estava meio atravessada sobre ele, o cabelo espalhado pelo seu peito, a mão dele brincando distraidamente com os seus caracóis.

Estavam ambos drogados e ébrios de amor e prazer e, todavia, nenhum deles queria ainda dormir.

— Tenho de te dizer uma coisa — sussurrou ela.

Ele estava a enrolar os caracóis dela em volta do dedo.

— O teu cabelo parece ouro fiado — disse ele. — Como aquela coisa que o Rumpelstiltskin^[13] fiou com a palha.

— Eu tenho um dote — confidenciou-a, levantando a cabeça para poder ver-lhe o rosto.

— Isso é bom — disse ele, enrolando mais cabelo em volta do dedo. — Sabias que os gregos costumavam deixar um montinho de cabelo nos...

— Gabriel.

—... Túmulos — concluiu ele. — Tens um dote. É ótimo. Eu e o

Wick arranjamos solução para tudo, mas qualquer coisinha ajuda. Sabes até que ponto é que toda a gente no castelo queria que eu te escolhesse a você e não a Tatiana?

— Não — disse ela, sorrindo.

— O Ferdinand disse-me que ia vender a sua coleção de armas. A Sophonisba disse que desistia do brande, embora tenha de te dizer que mais tarde voltou atrás.

Kate riu-se, deliciada.

— E o Wick — disse Gabriel.

— O Wick?

— O Wick disse que iria arranjar emprego em qualquer sítio como mordomo.

Kate sentiu o sorriso a vacilar.

— Oh, Gabriel, isso é a coisa mais bonita que alguém se ofereceu parfazendo por mim. Ou por você, neste caso.

— Por nós — disse ele, puxando-a contra você para poder roçar-lhe a boca.

— O que é uma maravilha — conseguiu Kate dizer — é eu ter um dote.

Os seus seios estavam a roçar no peito de Gabriel e parecia que ele tinha deixado de a escutar, por isso ela soergueu-se e, subitamente, deu consigo sentada no seu peito.

— Mmmm — disse ele, empurrando-a para trás, pelo que ela deslizou um pouco mais para baixo, sobre o seu corpo.

— Não! — disse ela, a piscar os olhos.

— Oh, sim — respondeu ele, a voz uma promessa sedosa.

— Primeiro, ouve o que tenho a dizer-te.

— O que quiseres.

Mas ele não estava a ouvir. Ela inclinou-se, sentindo-se ousada e bela, e disse:

— Gabriel, eu... — Mas, tendo-se inclinado, ficou numa posição vulnerável. As mãos dele moviam-na, com destreza, para aqui e para lá e um segundo depois ela agarrou-se aos seus ombros para se equilibrar, um grito a soltar-se dos lábios.

— Nada de gritos desta vez — disse ele, movendo-se para diante.

— Não — resfolegou ela.

— Há uns minutos, ouvi a Henry e o Leo dirigir-se para uma cama muito bem merecida.

— Não, eu não grito — ofegou. — Por favor, não pares, Gabriel. Ele estava a sorrir.

— Acho que devíamos ter essa conversa. Não ias dizer-me qualquer coisa, querida? Kate semicerrou os olhos e tentou, a título de experiência, fazer alguns movimentos por sua iniciativa. Ergueu-se nos joelhos.

Os olhos de Gabriel assumiram um brilho selvático.

— Não queres ouvir o que eu tenho a dizer? — perguntou ela, rodando suavemente, apenas o suficiente parafazendo o rosto dele ficar tenso com algo semelhante à agonia.

Foi à vez de ele arfar.

— Agora não. Podes só... Sim... Assim.

— Eu sou...

Ela desceu sobre ele, profundamente, avidamente, e depois voltou a erguer-se sobre os joelhos.

— Eu sou uma das mulheres mais ricas...

Ele não estava a ouvir. As suas ancas arquearam-se, mas ela evitou-o.

— Tss, tss — disse ela.

— Kate!

— Eu sou uma das mulheres mais ricas de Londres — disse-lhe

ela, afundando-se, deixando o prazer inundar o corpo.

Ele moveu-se tão de repente que ela guinchou, virando-a, penetrando-a numa convulsão sedenta, profunda, que os engoliu a ambos numa escuridão intensa, quente, onde estavam apenas os dois, desejando, amando, possuindo.

Algum tempo mais tarde, caíram ao lado um do outro, inertes e felizes. Silêncio.

— Disseste aquilo que eu pensei que disseste? — perguntou Gabriel de repente.

Ela fingiu estar a dormir, mas ele conseguiu acordá-la.

E a sua celebração acordou Henry e Leo.

Quatro anos mais tarde

Era o quinto ano da escavação de Cartago. Apesar de o professor Biggitstiff reivindicar que encontrava provas da cidade de Dido pelo menos três vezes por mês, até àquela altura não tinha sido encontrada qualquer prova sólida.

Biggitstiff não desistira. Estava determinado a encontrar essa prova e o insucesso só consolidava a sua determinação.

— Parece que está à espera de encontrar um grande indício, um dia — resmungou Gabriel, deitado de costas e pondo os braços atrás da cabeça. — Uma tabuleta: Dido Dormiu Aqui.

A sua mulher emitiu um murmuriozinho consolador. Estava a pegar no sono, na sesta da tarde.

Muito mais importante do que os falhanços de Biggitstiff, na perspectiva de Gabriel, era que a escavação tinha trazido à luz, meticulosamente, factos fascinantes sobre os habitantes da antiga cidade de Cartago, sobre todas as coisas, desde a sua higiene pessoal até às suas práticas funerárias, desde os seus presentes de noivado até às suas celebrações de aniversário.

Embora ele e Kate assistissem, em pessoa, às escavações durante apenas quatro ou cinco meses por ano, no inverno, os métodos dele tinham prevalecido. Apesar de Biggitstiff o ter combatido a princípio, o sucesso esmagador do seu livro, tanto entre leitores académicos como entre populares, tinha tornado regra as técnicas de Gabriel quanto à abordagem de um sítio arqueológico. Assim, a escavação de Cartago prosseguia com um cuidado meticuloso e dando enorme atenção a todas as questões académicas.

Embora nada estivesse a acontecer naquele momento. Era aquela parte da tarde quente e preguiçosa, quando qualquer

homem são estava deitado debaixo de uma lona, sorvendo uma bebida fresca e abanando-se.

Nem toda a gente em Cartago era sã, como evidenciado pela rápida sucessão de passos em volta do monte de fragmentos que esperavam, ao sol, que os catalogassem.

— Oh, Jesus! — gemeu Gabriel. — Lá está ele outra vez. A ama deve tê-lo deixado à solta.

— Faz qualquer coisa — murmurou Kate. — Eu não me posso mexer.

— Não te mexas — disse ele, pespegando um beijo na nuca. — Fica aí deitada e deixa essa menina crescer saudável e feliz.

— A pequena Merry está assando — disse ela, esfregando a barriga redonda. Não era um gemido lamentoso, já que Kate descobrira que preferia, de longe, o calor soalheiro de Tunis ao frio de um inverno inglês.

— Daqui a uns meses estaremos de volta à Inglaterra e tu estarás a dizer-me que o castelo está muito frio. — Deu-lhe outro beijo. — Tenho a certeza que uma massagem te fará bem... — Deu-lhe uma dentadinha, exatamente na parte macia atrás do pescoço, depois aliviou-a com um beijo.

O que quer que Kate possa ter respondido perdeu-se quando uma pequena figura entrou na tenda, brandindo um fragmento.

— Encontrei uma coisa fantástica, pai! Olhe o que eu encontrei!

Um príncipezinho muito pequeno chamado Jonas largou a correr, seguido de um pequeno cão a ladrar, e pôs o pedaço de barro partido na mão de Gabriel. Tinham-lhe dado o nome do seu tio preferido, Jonas Berwick.

— Veja pai — exclamou ele. — É um pássaro. Encontrei um pássaro!

O seu dedinho curto e gordo traçou um arco que podia bem ter sido uma asa, uma mozza que podia ter sido um olho, uma fenda

que parecia algo como um bico.

— É espantoso — disse Gabriel devagar. Algo na sua voz fez Kate levantar a cabeça.

Sem falar, mas com um rosto muito solene, ele entregou-lhe o pássaro. Mas, como Gabriel, os seus olhos não se fixaram no bico, mas nas letras do grego antigo.

Tentou decifrar aquilo durante uns momentos. Tinha passado os últimos anos a devorar as línguas e os livros a que nunca tivera acesso quando era mais nova, mas o seu conhecimento do grego antigo ainda era inseguro.

— Oh, meu Deus — sussurrou Kate. — Diz DIDO! Gabriel desatou a rir.

— Que é pai? — perguntou Jonas, que andava por ali ao pé-coxinho. — Porque está rindo? Já viu como sou bom a andar ao pé-coxinho?

— Es tal e qual o Biggitstiff! — troçou Gabriel.

— Diz aqui Dido — protestou Kate, deitando-se para trás e pondo o fragmento à luz para o ver melhor. — Tem realmente uma asa, querido.

— Isso não é a asa — disse Jonas com um ar reprovador. — É o rabo do pássaro. Veem tem estado a deixar cair cocô mesmo aí. — Apontou uma marca minúscula na parte debaixo do de Dido.

— E isso — disse Gabriel — é um alfa e não um ômega, como tu pensaste, minha querida. O cocô do Jonas é o traço que transforma um alfa num ômega.

— Então, que significa a palavra? — perguntou Kate, ensonada.

— A minha conjectura é que o fragmento tem metade da palavra didascalos — respondeu Gabriel, — que significa aluno ou discípulo. O que é interessante em você, dado que estávamos a especular sobre se podia ter havido uma escola organizada nestes terrenos.

— É um pássaro — insistiu Jonas, com ar de reprovação, voltando a pegar nele.

— Põe o pássaro a voar lá fora e chama a ama — disse Gabriel, dando-lhe um empurrãozinho. — A mãe precisa de dormir uma soneca. Leva o Freddie contigo.

Salvo o fato de parecer não poder estar longe de um monte de fragmentos quando o via, Jonas era um rapaz bastante bem-comportado, portanto, lá se foi embora, deixando uma tenda poeirenta, um príncipe apaixonado e uma princesa sonolenta.

Que se sentiu tentada... E acordou.

Epílogo

No mundo maravilhosamente variado das Gatas Borracheiras, o príncipe consegue sempre encontrar a sua gata borralheira e leva-a para o seu castelo. Uma vez, as meias-irmãs malvadas são expulsas, outras vezes, tornam-se criadas do castelo e, por altura de uma lua azul, transformam-se em fadas da casa. A madrasta cruel nunca mais é vista, a abóbora apodrece no jardim, e as ratazanas são libertadas para andarem por onde lhes apetecer.

Esta Gata Borracheira particular termina de uma maneira diferente. Evidentemente, o príncipe conseguiu de fato encontrar a sua gata borralheira e levá-la para o seu castelo, à exceção daqueles meses em que migravam, felizes, para climas mais quentes e menos chuvosos. A meia-irmã malvada, que, na realidade, não era nada malvada, mudou-se para uma propriedade no campo com o seu inestimável marido, onde criaram oito filhos.

Nenhum dos rebentos de Lorde Dimsdale era muito brilhante, mas eram todos alegres e extraordinariamente belos. Ainda mais importante, eram todos muito gentis, saindo ao pai e, na verdade, também à mãe.

Não saíram à avó materna, a cruel madrasta, talvez porque raramente a viam. Mariana vendeu a sua propriedade a Gabriel, que a legou ao irmão Wick. Mudou-se rapidamente para a cidade e casou com um próspero banqueiro. Em pouco tempo, adquiriu três vezes mais vestidos do que tinha antes. Morreu de repente, de um padecimento pulmonar, deixando o seu banqueiro empobrecido e bastante menos pesaroso do que ele próprio teria pensado.

Kate e Gabriel estabeleceram-se, juntos, no castelo caótico, encantador, cheio de parentes, crianças várias — eles tinham três — e animais. Freddie viveu até uma idade avançada, viajando de um sítio arqueológico para outro, com toda a serenidade. O elefante viveu ainda mais tempo, embora o leão, infelizmente, tivesse

comido dois sapatos num dia e falecido no dia seguinte.

E agora vou transcrever, de um autor de alguns dos melhores contos mundiais, Rudyard Kipling, o seguinte: Oh, meus adorados, todas as histórias têm de ter um fim.

Deixo-vos com a questão final, crucial: viveram felizes para sempre. Até o cão que comia picles.

Nota histórica

Um conto de fadas existe numa espécie de hora intemporal, apanhada entre hoje e ontem. Por essa razão, permiti-me mais liberdade com a linguagem do que em romances históricos anteriores. O Beijo Encantado, nunca é demais realçar, é um conto de fadas, não um romance histórico. Há muitas maneiras de os príncipes encontrarem esposas, mas é duvidoso que algum deles tenha acabado com um castelo e uma noiva inglesa desta forma. Se tivesse de sugerir uma data, seria provavelmente cerca de 1813, durante a Regência.

A minha maior dívida literária está, obviamente, na versão de Perrault de A Gata Borralheira. Os académicos pensam, em geral, que Perrault confundiu a palavra vair (pele de esquilo) com verre (vidro, cristal); eu reinventei os seus sapatos como sendo translúcidos, por terem sido feitos de tafetá reforçado. Um erro literário semelhante é que

A Escola de Vénus foi erroneamente, atribuído a Aretino durante muitos anos e publicado em Inglaterra com o seu nome; na realidade, foi escrito por um aluno seu Lorenzo Veniero. Além desses cavalheiros, tenho também uma dívida para com O Castelo Encantado de E. Nesbit. Como não tinha nenhum anel mágico para transformar as minhas personagens em mármore vivo, tentei dar ao Castelo de Pomeroy alguma da alegria deliciosa do castelo de Nesbit.

Agradecimentos

Os meus livros são como crianças pequenas; é preciso uma aldeia inteira para conseguir que eles atinjam um estado alfabetizado. Quero apresentar os meus sinceros agradecimentos à minha aldeia pessoal: à minha editora, Carrie Feron, à minha agente, Kim Witherspoon; aos criadores do meu sítio da Internet, Wax Creative; e, por último, mas não menos importante, à minha equipa pessoal: Kim Castillo, Franzeca Drouin e Anne Connell. Estou muito grata a todos vós!

Sobre a Autora



ELOISA JAMES

Autora de vários romances premiados, publicados em treze línguas, Eloisa James é professora de Literatura Inglesa em Nova Iorque, onde vive com a família. Com dois empregos, dois gatos, dois filhos, e um só marido, passa a maior parte do tempo a escrever listas de coisas fazendo — as cartas das leitoras são um grande escape!

Contacte Eloisa na sua página do Facebook

www.facebook.com/EloisaJamesFans

através do seu website:

www.eloisajames.com

ou por correio eletrónico:

eloisa@eloisajames.com

[Star Books Digital](#)



^{1} Referência a uma cantiga de roda inglesa (Sing a song of sixpencé), que remonta pelo menos ao século XVIII e que fala de uma empada de vinte e quatro melros, para ser servida ao rei, que estava no seu escritório a fazer contas, da rainha que estava na sua salinha e da criada que estendia roupa no jardim. (N. da T.)

^{2} Referência a um episódio bíblico (Êxodo 8:1): Deus castiga o faraó com uma praga de rãs. (N. da T.)

^{3} Provérbio relativo à previsão do tempo frequentemente usado por homens do mar: Céu vermelho de manhã, que se cuidem os marinheiros. (N. da T.)

^{4} Jogo de cartas muito popular no fim do século XVIII e início do século XIX. (N. da T.)

^{5} Pila: Willy pode ser um nome, o diminutivo de William, ou significar, como neste caso, pila; é também a palavra utilizada pelas crianças quando se referem ao pênis. (N. da T.)

^{6} 6 Jogo de palavras: Festicle e testicle — testículo. (N. da T.)

^{7} Almack's — clube londrino frequentado pela alta sociedade entre 1765 e 1871; foi o primeiro a admitir homens e mulheres, substituindo as residências da aristocracia para festas e outros eventos sociais. (N. da T.)

^{8} Elgin Marbles — coleção de esculturas gregas clássicas em mármore, da autoria de Fídias e seus pupilos, que faziam parte do Templo de Parténon e de outros edifícios da Acrópole de Atenas; levadas para Inglaterra no início do século XIX, estão expostas no Museu Britânico. (N. da T.)

^{9} Os espinhos e dardos da fortuna cruel. Citação de Hamlet, de William Shakespeare, Ato III, Cena (solilóquio de Hamlet). (N. da T.)

^{10} Referência a uma lenda da mitologia grega: Leda era rainha de Esparta, esposa de Tíndaro. Uma vez, Zeus transformou-se num cisne e seduziu-a. (N. da T.)

^{11} *Trône d'amour*, nó de lenço muito austero, extremamente endurecido com goma, formado por uma única curvatura horizontal à frente. (N. da T.)

^{12} Guy Fawkes (1570-1606) foi um soldado inglês católico que participou na Conspiração da pólvora, na qual se pretendia assassinar o rei protestante Jaime de Inglaterra e todos os membros do parlamento durante uma sessão em 1605. Guy Fawkes era o responsável por guardar os barris de pólvora que seriam

utilizados para fazer explodir o parlamento durante uma sessão. Manteve-se a tradição de celebrar no dia 5 de novembro a Noite das Fogueiras, na qual se queimam, em fogueiras, bonecos que representam Fawkes e se lançam fogos de artifício. (N. da T.)

[{13}](#) Rumpelstiltskin: personagem de um conto de fadas com o mesmo nome, coligido pelos irmãos Grimm, em que uma menina tem de fiar palha, transformando-a em ouro. (N. da T.)